

ANIMAIS EM PROSA E VERSO:

UMA ESCRITA PELA LIBERTAÇÃO ANIMAL



ELDA FIRMO BRAGA, EVELY LIBANORI, REGINA SCHÖPKE (Org.)



GRUPO DE ESTUDOS SOBRE IDENTIDADE
ANIMAL
DTL-UEM/PR

<https://m.facebook.com/gaiuem>



<https://www.facebook.com/NEDA-UERJ-104054817731958>

Copyright © dos autores que compõem este livro.

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos dos autores dos textos literários encontrados neste livro.

Elda Firmo Braga, Evelyn Libanori, Regina Schöpke (Org.)

Animais em prosa e verso: uma escrita pela libertação animal. Rio de Janeiro: Oficina da Leitura, 2020. 276p.

ISBN: 978-65-88848-00-5

1. Animal. 2. Prosa. 3. Poesia.

Capa: Projeto gráfico de Caroline Vasquez <caroline_vasquez@hotmail.com> a partir da arte de Rosane Manfrinato <rosane.manfrinato@hotmail.com>.

Obs.: A revisão ortográfica e gramatical de cada texto é de inteira responsabilidade de seu respectivo autor.



<http://www.oficinadaleitura.com.br>

<http://www.oficinadaleitura.com.br/downloads.php>

À memória de Ariadne, Julinho Francisco, Lucas,
Lupita Penélope, Mateus, Paulinha e Thales.

AUTORAS E AUTORES PARTICIPANTES DESTE LIVRO

Adriana Socoloski
Adriane Cherpinski
Alexandre Marcos de Abreu
Ana Laura de Oliveira Nogueira
Andresa Jacobs
Ângela Lamas Rodrigues
Arthur H. P. Regis
Berg Morazzi
Bruna Araújo
Bruno Bahia
Cássio Figueira
Claudia Usai
Cristiane Guimarães
Daniel Rossmann Jacobsen
David Arioeh
Edilânea Carvalho
Edson Carlos Romualdo
Elton dos Santos Francisco
Erorci Santana
Evely Libanori
Fabiana Burdini Margonato Pacola
Fabiana dos Santos
Fabiana Maceno Domingos Pedrolo
Fausto Penteado
Felipi Yamabe
Fernanda T. K. Yamamoto
Gabriela Regina Soncini (Gaby Soncini)
Gabriela Vidal (Gabi Vidal)
Joaquim Diogo Carvalho Cantarin
Johanns de Andrade Bezerra
Júlia Bessa
Larissa Walter Tavares de Aguiar

Leonilda Gomes
Leonora Lombardi
Luciana Câmara da Silva
Luciano Prado da Silva
Luís Paulo Miguel
Lyslei Nascimento
Maga Lee
Marcella de Paula Carvalho
Marcelo de Oliveira Souza, IwA
Maria Aparecida Faria
Max Kühn
Michelle Joaquim
Mira Magalhães
Odair Flores
Pablo Wolf Oliveira
Paula Brügger
Pedro Panhoca da Silva
Regina Schöpke
Roberta Alves Bello
Saritha Denardi Vattathara
Sasha Otter
Shery Duque Pinheiro
Sigrid Paula Maria Lange Scherrer Renaux
Sinara Foss
Siomara A. da Gama
Stephanye Beatriz Padovani Barbosa
Suélen D.
Tainá Ferreira dos Santos
Tainá Morais
Tamires Ferreira dos Santos
Weslei Candido
Zélia M. Bora
Zetti Nunes

A grandeza de uma nação e seu progresso moral podem ser julgados pela forma como seus animais são tratados.

(Mahatma Gandhi)

INTRODUÇÃO

Do intuito de reunir textos literários que possam contribuir para fomentar uma reflexão crítica acerca do respeito aos animais não humanos, surge o presente livro. Este conjunto de escritos nasceu de uma frutífera parceria interestadual (Paraná e Rio de Janeiro) e interuniversitária (Universidade Estadual de Maringá e Universidade Estadual do Rio de Janeiro), composta pelas professoras Evely Libanori (UEM), Elda Firmo Braga (UERJ), de Literaturas, e Regina Schöpke (UERJ) de Filosofia. Todas veganas, defensoras da Ética Animal Abolicionista e colaboradoras de ONGs protetoras. As três, em suas pesquisas, vêm rastreando a presença de animais não humanos tanto na Literatura quanto na Filosofia.

O referido encontro interuniversitário, que teve início em 2014, resultou em trabalhos diversos como a organização de seis livros¹ publicados: quatro em 2015; um em 2016 e um em 2018. Estas produções advêm dos seguintes eventos: do “I Seminário sobre Representação Animal na Literatura”, realizado na UERJ (nos dias 01 e 02 de outubro de 2015); de dois Simpósios na UEM: “A voz e a vez dos animais não humanos em diferentes ciências”, no V CONALI - Congresso Nacional de Linguagens em Interação (de 25 a 27 de setembro de 2017), e “Animais e Literatura: Poética, Ética, Identidades”, no V CIELLI – Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários (de 13 a 15 de junho de 2018).

O presente livro é uma obra procedente das experiências acadêmicas do Grupo de Estudos sobre Identidade Animal (GAIA) e do Núcleo de Estudos sobre Direitos Animais (NEDA). Estes grupos têm sido vozes ativas e importantes no âmbito da defesa dos direitos e da ética animal, promovendo estudos, palestras, debates com o objetivo de ampliar a consciência das pessoas sobre a forma pela qual a sociedade em que nos inserimos se relaciona com os animais.

O GAIA é um grupo de pesquisa cadastrado no CNPq, coordenado pela professora doutora Evely Libanori, do Departamento de Teorias Linguísticas e Literárias da Universidade Estadual de Maringá/PR e que reúne professores e alunos de várias universidades e de vários cursos. O objetivo do grupo é estudar libertação animal. Portanto, o propósito do grupo é promover o veganismo abolicionista, ou seja, libertar os animais de

¹ São eles: “Representação animal na literatura”; “Representação animal nos estudos literários”; “Representação animal - diálogos e reflexões literárias”; “Representação animal - perspectivas literárias de análise”; “Representação animal em textos literários”; “Animais e literatura - Ética e poética”. Disponíveis em: <<http://www.oficinadaleitura.com.br/downloads.php>>.

todas as formas de exploração que a nossa cultura impôs e impõe a eles. GAIA é uma parceira de defensores da causa animal da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e também da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). O grupo desenvolve ações de socorro a animais de rua e campanhas para arrecadação de fundos para ajudar animais. Seus estudos também auxiliam os alunos que cursam o estágio obrigatório de docência em aulas de Literatura porque, em sala de aula, os alunos trabalham com princípios de respeito e ética para com os animais.

O NEDA é um grupo de pesquisa cadastrado no CNPq, coordenado pela professora doutora Regina Schöpke, do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro/RJ. Tem, pelo menos, dois objetivos principais: produzir conteúdo filosófico e crítico que sirva à causa da libertação animal, e também problematizar, a partir da pesquisa de Schöpke na Pós-Graduação, os fundamentos da opressão humana e animal. Embora a questão de libertação tenha teor político, este grupo não está ligado a nenhuma atividade partidária e nem a ideologias políticas específicas. Também tem ações isoladas e coletivas de proteção animal, seus participantes se reúnem periodicamente, por meio de encontros presenciais e, atualmente, virtuais, para estudar os autores que tratam da libertação animal, entre outros filósofos, tais como Espinosa, Nietzsche e Deleuze, que abriram as portas para novos modos de pensar a questão do homem e do animal. O NEDA concebe a libertação animal como sendo a própria libertação do homem de sua tirania; uma vez que se pauta no veganismo como uma ação micropolítica de negação absoluta a toda forma de exploração.

As produções literárias, aqui encontradas, tecem uma interessante aproximação entre a literatura e a causa animal e têm tantos estilos quanto são suas autoras e seus autores; contudo, todas e todos contemplam os animais, cuja vida possui valor intrínseco e inerente, como merecedores de digno respeito e tratamento ético por parte dos seres humanos. Neste livro, os animais estão presentes em contos, crônicas e poemas, figurando como tema, sujeitos, personagens principais e tendo, também, expostas suas vidas, alegrias e sofrimentos.

Os animais, motivo desta publicação, fazem parte, nesta obra, de uma peculiar fauna literária composta de variadas espécies: abelha rainha, andorinhas, aranha, arara, arraia, atum, avestruz, bacalhau, bagre, baleia azul, barata, beija-flor, bem-te-vi, bezerra, bezerro, bode, boi, borboleta, búfalo, cabra, cação, cadela, camarão, cão, capivara, caranguejo, carneiro, carrapato, cavalinha, cavalo, cobra, codorna, coelha, coelho, colibri, cordeiro, coruja, cupim, dourado, faisão, formiga, frango, gado, galinha, galo, ganso, garça, garoupa, gata preta, gata, grilo, insetos, jaguar, javali, João-de-barro, lagosta, linguado, lobo guará, lula, macaco,

mariposa, marisco, marreco, mexilhão, mosca, onça pintada, ostra, ovelha, pássaro, pata, pato, peixe, perdiz, peru, pintado, polvo, pombo, porca, porco, quero-quero, rã, raposa, robalo, rola, sabiá, salmão, sapo, sardinha, siri, terneiro, touro, truta, tucano, tucunará, urubu, vaca, vagalume, vieira, vôngole, zangão.

Animais em prosa e verso: uma escrita pela libertação animal, coletânea de textos ficcionais produzidos por 41 autoras e 23 autores, em um total de 64 participantes, reúne escritoras e escritores profissionais e não profissionais de diferentes unidades federativas brasileiras – Bahia, Distrito Federal, Maranhão, Minas Gerais, Paraíba, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, São Paulo – e de dois países – Chile e França. Nesta mesma esteira, três línguas se fazem presentes: o português, o espanhol e o francês.

As escritoras e os escritores participantes desta obra, com idade entre 11 e 77 anos, atuam em distintos âmbitos, são elas e eles estudantes ou profissionais envolvidos em diferentes áreas como a Administração, Agronomia, Antropologia, Arteterapia, Ativismo, Ciências Biológicas, Comunicação Social, Cozinha Vegana, Direito, Ecologia, Educação, Enfermagem, Farmácia, Filosofia, Fotografia, Jornalismo, Letras, Literatura, Matemática, Música, Produção Audiovisual, Psicologia, Química, Roteiro, Tradução, trazendo para o livro um interessante caráter transdisciplinar ancorado na busca coletiva pela libertação de todas as formas de abuso, tirania e crueldade que a nossa sociedade impõe aos animais.

Agradecemos a todos aqueles que contribuíram com esta publicação; em especial, às autoras e aos autores participantes deste livro; a Alexandre Lamego Bento, pelo auxílio nos trâmites editoriais; à Caroline Vasquez e à Rosane Manfrinato, respectivamente, pelo projeto gráfico e arte da capa. Somos imensamente gratas também à professora Regina Schöpke por aceitar participar da organização deste livro e ainda por nos brindar o Prefácio; da mesma forma agradecemos ainda o apoio de Stephanye Beatriz Padovani Barbosa, orientanda de Iniciação Científica da Profa. Evely Libanori.

Que essa publicação contribua principalmente, para que professoras e professores, educadoras e educadores possam fazer um trabalho direcionado à construção de uma ética que conceba o animal como um ser realmente relevante à natureza, ao sentido da vida e digno de ser protegido de nossas incongruências. E para todos que amam Literatura e Animais.

Dezembro de 2020.

Evely Libanori, Elda Firmo Braga e Viviane C. Antunes

PREFÁCIO

Arte e Filosofia:

O reencontro possível com o animal que nos habita

Regina Schöpke

Quando Nietzsche fala em recuperar “o sentido da Terra”, ele não está pensando em um retorno ingênuo à natureza (da qual somos parte, e não seres à parte); de fato, não existe uma fórmula mágica para voltarmos ao estado de natureza; mas existe, com certeza, uma maneira de fazer valer o que, em nós, resiste e persiste, como força vital, mesmo que tal força se encontre quase sempre submetida a forças bem pouco comprometidas com a vida. Isso quer dizer, antes de mais nada, que recuperar o “sentido da Terra” implica em que nos curemos do adoecimento fatal (que Nietzsche chama de niilismo) que nos fez entrar, desde tempos imemoriais, em guerra com a natureza (e que, por fim, significou também entrar em desacordo com nós mesmos, já que não existimos fora dela). Um adoecimento cuja causa está na própria negação do que somos. Não é sem razão que Albert Camus, em um arroubo mais nietzschiano do que propriamente existencialista, afirma que “o homem é a única criatura que se recusa a ser o que é” – o que, no fundo, quer dizer, simplesmente, que a humanidade buscou, desde sempre, negar tudo o que nela é natural, animal e mortal.

Sim, para o bem e para o mal, esta fuga da realidade, esta negação de sua própria natureza, produziu o mundo humano. Mas, enquanto os poderes se preocupam em perpetuar este adoecimento, esta despotencialização crônica, estruturando-se de modo a manter a humanidade em um desencontro perpétuo consigo mesma (uma boa maneira de fragilizá-la e, assim, dominá-la melhor), eis que um filósofo ousa dizer que, em vez de procurarmos subterfúgios em ideais e quimeras, é preciso tomar a vida nas próprias mãos, “é preciso ser o esteta da própria existência”, e isto só é possível recuperando a potência e a plenitude que nos foi roubada desde o berço. O resgate não é o da natureza roubada. A natureza continua em nós. O resgate é da nossa potência de ser, de existir, de viver, que Nietzsche vê em seu estado mais puro e exuberante exatamente no animal que insistimos em negar em nós.

De fato, por mais intensos e inteiros que possamos ser, estamos longe da inteireza e da

intensidade do animal; perdermos isso no chamado “salto para a cultura” e assim nos tornamos até “melhores” em muitos aspectos, diz Nietzsche, e também mais hábeis e capazes de dominarmos a matéria e toda a natureza, mas à custa, diz ele, de perdermos a nossa potência de vida, ou seja, à custa de perdermos a própria vida em sua plenitude. No fim das contas, sobrevive-se mais do que se vive autenticamente. E não sem motivos, este ser que perde sua intensidade, perde sua alegria, caminha a passos largos para a impotência, que, por fim, gera o ódio de si mesmo e de tudo o que existe.

O mais inusitado, no entanto, é que acreditamos ser mais plenos e livres do que qualquer animal, mas não passamos quase sempre de uma imagem pálida de sua beleza e exuberância; animal que, nas palavras do próprio Nietzsche, encontra-se tão profundamente imerso na vida, no “aqui e agora” da existência, que “ignora o que foi ontem e o que é hoje” e, dia após dia, vive “ligado ao seu prazer e à sua dor, ao impulso do instante, sem melancolia nem saciedade”. E, então, dando prosseguimento à Segunda Consideração Intempestiva, e parecendo desvendar os desvãos mais sombrios da alma humana, Nietzsche completa de modo contundente: “É duro para o homem ver isso, porque ele se orgulha da sua humanidade quando se compara com o animal, cuja felicidade, entretanto, ele inveja”.

Inveja inconfessável e, por vezes, oculta nos próprios desejos megalômanos de uma espécie que acredita representar o ápice da criação. Para Nietzsche, no entanto, somos a espécie que perdeu “sua saudável razão natural”, que adoeceu. E é assim que quanto mais nos afastamos da natureza, quanto mais nos voltamos contra ela, quanto mais reafirmamos o matricídio original, mais confusos e frágeis nos tornamos. De fato, há, ainda hoje, quem defenda que os animais se mantêm acorrentados a uma vida repetitiva e mecânica, diferente de nós, que seríamos dotados de sensibilidade e espírito; porém, trata-se de uma falsa afirmação, de um preconceito arraigado nos próprios saberes constituídos, e é a própria ciência – que tanto se manteve calada com relação à sciência animal (que ela própria não poderia ter deixado de perceber no uso de cobaias) – que hoje descortina, reconhece, cada vez mais, o quanto somos devedores de nossa animalidade.

Explicando melhor, a sciência é a capacidade de sentir, de ter emoções, sentimentos, e de percebê-los com algum grau de consciência, e é isso que foi injustamente, para não dizer criminosamente, negado aos animais. Não há dúvidas, o animal está muito longe de ser a “máquina sem alma” da tese cartesiana. E, felizmente, não foi preciso esperar demais para que a refutação desta tese emergisse, porque no mesmo século de Descartes, um filósofo como Espinosa trouxe belamente a imagem do *Deus sive Natura* (Deus ou Natureza) que faz de

todos nós, homens, animais, plantas, todos os seres, dos menores aos maiores, partes de um mesmo ser, modos de existir de um Deus imanente que é pura potência criativa, pura produção. Um Deus que nos coloca a todos, que coloca todos os seres, em um mesmo plano de existência, inaugurando, já ali, no século XVII, um pensamento que dissolve a hierarquia dos seres (e isso quer dizer, simplesmente, que não existem seres superiores ou inferiores em si).

E, para sermos ainda mais justos, se realmente desejamos reparar o mal que fizemos aos animais, precisamos também admitir que o mesmo universo simbólico que tanto nos define se encontra presente no animal, ainda que de modo mais limitado. E aí estão a etologia e a neurociência para provarem que Schopenhauer não errava ao dizer que “o mundo é minha representação” e que isso valia tanto para os humanos quanto para os animais, embora apenas em nós as representações gerem ideias gerais (ou seja, nossa capacidade de abstração pode ser bem maior, mas isso não significa que eles não a possuem). Sem dúvida, faz diferença a complexidade de nossa linguagem, a capacidade de articularmos uma multiplicidade de sons e de produzirmos sentidos igualmente múltiplos, ou seja, a inigualável amplitude de nossa comunicação, mas, ainda assim, nem mesmo a esfera simbólica pode servir de marco divisor radical entre o homem e o animal; porque o que existe, afinal, não é uma distinção de natureza e, sim, uma distinção de grau.

Seja como for, vivemos aprisionados pelas próprias ficções que criamos e, em nossa redoma de cristal, chamada cultura, seguimos anestesiados e, às vezes, levando uma vida mais repetitiva e mecânica do que aquela que costumamos atribuir aos animais. É claro que, mais uma vez, Nietzsche acerta quando diz que o homem é um animal essencialmente mentiroso, é o animal artista, por excelência. É que ele precisa da arte, diz o filósofo alemão, ou da ficção mais propriamente dita, para poder triunfar sobre a vida. Ou seria melhor dizer que ele precisa da ficção para poder suportá-la? Sim, de fato, enquanto Nietzsche ainda estava sob o efeito da filosofia schopenhaueriana, ele também pensou a arte como uma forma de embelezamento da vida, uma espécie de consolo metafísico para uma existência repleta de dores e sofrimentos. Mas a arte, diz ele, posteriormente, não é um consolo para a vida, é, antes, um transbordamento da própria vida; é a mais bela e exuberante afirmação da existência; porque é quando a dor e o sofrimento, e outros tantos aspectos sombrios da existência, se transmutam em alegria e criação.

Afinal, é quando cria que o homem mais se aproxima da natureza, mais está em consonância com ela. Porque ele não cria porque é superior a ela; ele cria exatamente porque

é parte dela. É assim que Nietzsche traz a imagem do filósofo-artista, para se contrapor à do filósofo-sacerdote, senhor de uma verdade inquestionável. E, nesta perspectiva, a filosofia seria, por assim dizer, a irmã (talvez mais séria, mais sisuda) da própria arte. E mais séria por ser mais intencional, já que a filosofia seria a ciência que produz os conceitos, enquanto a arte produz “afectos e perceptos”, como dizem Deleuze e Guattari. Em poucas palavras, a arte fala diretamente ao coração, aos sentimentos, enquanto a filosofia sintetiza os saberes e produz os conceitos com os quais a razão e as ciências, em geral, vão operar. Mas a arte e o pensamento (mais do que a filosofia) são, ambos, produtores de mundos, criadores de novos modos de existir. Enquanto potências criadoras que são, elas existem como um suspiro da própria vida, como um suspiro da natureza; existem como forças de transformação, sem as quais o campo social tenderia a estagnar-se, tenderia a se repetir atavicamente, sem qualquer problematização e reflexão. Porque, afinal, o campo social se organiza e nos organiza para servir aos seus propósitos; ou, mais exatamente, para servir aos poderes estabelecidos, que nos produzem segundo seus interesses próprios e quase nunca a partir do que realmente necessitamos para alcançarmos uma vida mais plena.

Dizer que a arte pensa, ou que produz pensamento, a partir dos afectos e dos perceptos, ou que a própria obra de arte é um bloco de afectos e perceptos, é dizer que ela está longe de poder ser entendida como uma mera produção egóica a serviço do artista. Sem dúvida, a arte e o pensamento são forças que singularizam, ainda que não existam plenamente fora da relação com os outros, pois tudo está sempre em relação. No entanto, as forças que atravessam a arte e o próprio criador vão além do seu ego e do seu desejo puro de criar; elas representam, repetimos, as forças mais potentes da própria natureza, representam o ar puro que nossa redoma insiste em querer manter “de fora”.

Antes, entretanto, que alguém diga que só a humanidade tem o poder de criar, temos também Deleuze e Guattari para mostrarem que até nisso os animais nos precedem, pois nada poderíamos criar sem a capacidade, mais animal do que humana, de nos desterritorializar. Sim, é o animal em nós que mantém viva a potência de se desterritorializar e se reterritorializar, porque é ele que tem inscrito em seu ser esta capacidade de viver no devir do mundo sem criar subterfúgios nem trapaças. Ele vive na mudança perpétua; e não é uma questão de mera adaptação; é uma questão ativa de busca por novos territórios, novos agenciamentos de forças – para falar como Deleuze e Guattari. E não se passa diferente com a arte e a filosofia. Não se trata de se “colocar de fora” das coisas, num mero exercício abstracional (não é algo apenas mental ou racional; é bem mais do que isso); significa que tais

forças fazem “bailar” as ideias, retiram as sensações e as percepções de sua área de conforto; nos tiram da fixidez lógica da razão e de sua esfera representativa sedentária para nos devolver ao mundo, ao movimento do mundo, fazendo-nos fluir em novas composições e decomposições, tal como um animal selvagem que vive tendo que abandonar seu território em busca de outros, sempre tendo que desfazer-se das antigas coordenadas para criar novas e, assim, se desterritorializando e se reterritorializando continuamente. Mas o que é a vida senão este incessante movimento, que impede a estagnação de tudo o que existe?

Seja como for, não se trata apenas de uma aproximação aqui. A estrutura da arte e do pensamento estão dadas pela natureza, pelo próprio caráter nômade do animal, este mesmo animal que nos habita. Sim, muitos antes de qualquer agrupamento humano nômade, o animal é o verdadeiro andarilho, o eterno viajante, e sua casa é o “mundo inteiro” (algo que traiçoeiramente roubamos dele). Mas, só para ilustrar um exemplo de arte na própria natureza, é preciso conhecer os pássaros do compositor, organista e ornitologista francês, Olivier Messiaen, ou seja, o seu famoso “Catálogo de Pássaros”, onde podemos encontrar transcritos milhares de cantos de aves do mundo inteiro; cantos que nunca deixavam de surpreendê-lo, sobretudo, o canto que o filósofo e professor Cláudio Ulpiano, em uma de suas inesquecíveis aulas no Rio de Janeiro, chamava de “gratuito”, por oposição ao “canto amoroso” e “orgânico” da primavera. É que este segundo canto nós podemos chamar de canto genérico da espécie, o canto da vida que deseja se conservar. Sim, Ulpiano fala no “sonho da vida”, a vida que quer se perpetuar (como diria Schopenhauer), eis porque este canto está associado às necessidades do próprio organismo, enquanto que o primeiro, belo e sem aparente finalidade, é apenas um canto exuberante, que não sem razão Ulpiano chamará de “estético”. Estético porque, ao contrário do canto reconhecido da espécie, ele é sempre um canto original e distinto, que não se repete, feito ao entardecer, como se aquela determinada ave saudasse extasiada o esplendor do crepúsculo.

Como, afinal, não chamar de estético este canto singular; como não chamar de arte esta força que atravessa o pássaro e parece, como diz o próprio Cláudio Ulpiano, ir além do desejo de conservação da espécie. A este desejo de beleza, de êxtase, a este transbordamento de vida chamamos de arte; sem dúvida, também o corpo deste pássaro parece expressar uma potência de vida que vai além do desejo de meramente sobreviver.

E assim se dá também conosco. Estas forças de vida e de criação, que estão na base da arte e do pensamento (que nunca deve ser confundido com a representação nem com a estrutura demasiado lógica da razão) são virtualidades, são potências que nos atravessam e

que nos fazem ir mais longe. No caso humano, tais forças irrompem como um grito da natureza, um grito da vida que foi sufocada em nós, mas também é como êxtase e transbordamento que estas forças irrompem no mundo, mesmo naqueles que muitas vezes ainda se mostram capturados, sujeitados. E são elas que nos tiram do embotamento, do anestesiamento que os poderes estabelecidos nos lançam para que possamos servi-los sem questionar seus fins, para que possamos obedecê-los sem qualquer reflexão. Tais forças nos devolvem ao devir da vida, ao movimento incessante do próprio existir, onde tudo sempre está em profunda transformação, onde nada permanece, como dissemos mais acima, paralisado, estagnado, pois estagnar é morrer, é já ir morrendo em vida.

Ao nos descentrarem do nosso mundo, ao nos desterritorializarem de nossas certezas, a arte e a filosofia, ou a arte e o pensamento, nos permitem rever o que está estagnado em nós mesmos e no próprio campo social, e é assim que eles se convertem em um perigo aos poderes tirânicos e às forças mais reativas, que trabalham tão somente pela sobrevivência dos poderes constituídos e não pelo bem real da humanidade ou da vida em geral. Eis por que a arte e a filosofia se convertem em verdadeiras forças políticas, mas que perdem, quase sempre, sua intensidade e espontaneidade quando servem intencionalmente a causas ideológicas e partidárias. As forças expressivas da arte e do pensamento são necessariamente forças livres, nômades, libertárias, que servem sempre, antes de qualquer outra coisa, à vida, mais do que à sobrevivência humana. O artista e o pensador são apenas seus intérpretes; são os veículos de tais forças.

Para além de tudo, nunca é demais reler as passagens onde Nietzsche, em seus “Cinco prefácios, para cinco livros não escritos”, fala da vontade de conhecer do filósofo, que se contrapõe ao desejo de sonhar da arte. É claro que se trata de um texto enigmático, repleto de sutilezas, cuja crítica incide sobre a metafísica e à sua noção de verdade absoluta e abstrata – e não sobre a filosofia vista como criadora de conceitos e prática de vida, da qual Nietzsche tanto nos fala. Afinal, de nada vale o pensamento se ele não é capaz de transformar a existência, se não nos torna mais fortes e plenos para a própria vida. Em suma, a crítica de Nietzsche é aos que fazem do pensamento um dogma, paralisando-o e fazendo-o servir a interesses meramente humanos.

O homem, “agarrado a sonhos, como sobre o dorso de um tigre”, é esta bela imagem que também encontramos no prefácio dedicado à verdade. E aqui, como mostra Nietzsche, a arte e o filosofia entram em choque: “Deixem-no agarrar-se, grita a arte. Acordem-no, grita o filósofo, no pathos da verdade”. Mas “a arte é mais poderosa que o conhecimento”, diz

Nietzsche, “pois é ela que quer a vida, e o conhecimento alcança apenas, como última meta, o aniquilamento”. Sim, a vontade de saber no homem sempre foi uma vontade de poder, e isso nos mostrou muito bem Nietzsche e Foucault. Afinal, da verdade mesmo ninguém nunca quis saber. Sim, não é pura e simplesmente o conhecimento que nos faz verdadeiramente fortes (a não ser quando se confunde forte com tirânico), senão o pensamento que tem na arte a sua maior aliada.

Em um sentido bem preciso, talvez pudéssemos dizer que a arte também pensa enquanto sonha e que o pensamento também sonha enquanto pensa. E que a arte e o pensamento possam sonhar e pensar juntos, para libertar a humanidade de seus próprios grilhões, pois só assim ela mesma poderá libertar todas as vidas que aprisionou e aprisiona (animais e humanas) em nome de um falso progresso, pois embora o homem possa tanto tecnicamente, é fato que, em termos éticos e vitais, a humanidade ainda se encontra mergulhada em uma profunda sonolência.

Reencontrar o animal que nos habita significa romper com o déspota que também vive em nós. Sim, há também um tirano que nos habita, mas este foi introjetado pelos poderes reativos. Para nos libertarmos e libertarmos todas as vidas deste jugo, precisamos enfrentar este tirano “de dentro” antes mesmo de enfrentarmos os tiranos “de fora”. A liberdade, no fundo, não é um sonho humano, é um sonho do animal que nos habita, é o sonho da vida que nos atravessa!

Rio de Janeiro, Primavera de 2020.

**A voz dos
animais em
PROSA**

Adriane Cherpinski

ELE

É somente a noite que ele vem. Não em qualquer noite, mas nas mais nimbadas e escuras. Chega lentamente... poc tó, poc tó, poc tó... Observo do alto ao longe sua silhueta aproximar-se, reluzente mesmo sem a luz dos astros noturnos. Cada vez mais próximo diminui o ritmo como se estivesse tímido ou cansado, impressão esta minha que se dissipa na medida em que se faz cada vez mais perto. O hálito quente que suas narinas exalam assegura a mesma força e vitalidade de seus ancestrais.

Não sei o motivo de suas vindas e talvez nunca o saiba. Quem sabe seja porque eu o compreenda, pois sempre ouço com atenção e, claro, com um pouco de prudência. Prudência porque sei do seu instinto selvagem. Nisso, o silêncio quase sempre recorta suspiros ou responde perguntas suspensas. O próximo instante já não sei, pois dependo dele.

Ainda que no momento seguinte ele me surpreenda com longas histórias, relatos do que fez ou do que foi obrigado a fazer, há uma conexão tão profunda em nossas confidências que nem meus hóspedes costumeiros, para os quais sirvo de leito e lar, são despertos do sono. É mágico. Nos entendemos. Eu e ele. Uma vez, soube de uma ucraniana que escrevia e pintava, ela também entendia e tinha profunda conexão com a espécie dele... Diamante negro.

Já sei tanto sobre ele e seus ancestrais... quanto sofrimento, escravidão, sangue derramado... às vezes passo vários dias murcha de tristeza ao pensar no que ouvi... imagina ele e seus iguais! Que tormento!

Há milênios foram capturados, na Ásia Central, eu acho. Para não morrerem de fome ou agonizarem de tanto apanhar tinham que obedecer. Assim, puxavam cargas e mais cargas, muitas vezes mais pesadas que o próprio corpo, por caminhos longínquos e acidentados, cheios de perigos. Sede, fome, ferimentos ou cansaço eram ignorados. Muitos não aguentavam e morriam na labuta. Os filhos, desde pequenos já eram domados à vida “civilizatória”. A dor da separação do bebê e da mãe não compadecia a ninguém. Muitas fêmeas tinham como função procriar, eram estupradas, obrigadas a gerar novos filhos para a mão de obra escrava. Durante o relato dele, rico de detalhes, percebi que lágrimas silenciosas reluziam na madrugada, encobrendo a face de um ser que sentia a dor do outro ao expor um cenário típico de guerra.

E foi na guerra, numa outra noite ele me contou, que seus ancestrais mais uma vez foram expostos sem dó nem piedade. No confronto com o inimigo, eles eram colocados na linha de frente, assim, os tiros lançados atingiam primeiro eles, protegendo atrás uma espécie de seres antropomórficos. Como peças de dominó, um a um ia tendo a vida ceifada, servindo de escudo dos seus sequestradores.

Diferentemente de qualquer outra espécie da fauna e da flora, os sequestradores eram, e são, seres que me parece ter como objetivo dizimar o planeta. Não vejo outra explicação. A cada fato novo que ele me contava eu me restringia, pasma, a ouvir.

Quando a lua se retirou por dentre as nuvens já era madrugada adiantada, pensei que nem viesse. Veio, como de costume a passos lentos. Desta vez, não se sentou; entendi, pois estávamos em julho e o chão já estava forrado de galhos, as folhas secas poderiam espinhá-lo. Ficou ali, quase estátua. Quase porque eu percebia cada movimento dos seus fortes músculos. Até então, ele parecia seguir uma ordem cronológica em suas histórias. Mas nesta noite houve um salto grande pelos séculos, o que não impediu a compreensão do relato.

Os seres perigosos de vento em popa na destruição do planeta, desenvolveram muitas tecnologias e, dessa forma, os ancestrais do meu fiel amigo já não eram tão úteis como

outrora. Uma sensação de felicidade dissipou-se rapidamente, pois pensei que seu povo fora libertado da escravidão. Mas não. A saga continua.

A produção de alimentos aos seres antropomórficos já não era feita unicamente pela espécie do meu amigo, agora máquinas dominavam o campo, derrubando tudo para ceder lugar ao plantio. Ah... como sei disso, até porque me tornei uma espécie em extinção... Mas a minha história é outra história. Agora vamos nos deter nele.

Ainda que monstros de ferro realizassem o trabalho dele e de sua espécie, os seres antropomórficos, sempre arrogantes e maldosos, logo encontraram novas e múltiplas formas de continuar a escravidão...

Cocoricó! Cocoricó! Cocoricó!

De súbito ele, altivo, deu meia volta e sumiu nas trevas que, em poucas horas, cederiam lugar ao sol escaldante. Eu fiquei curiosa, como assim? O que os seres antropomórficos fizeram? E ele? Sua família? Seus iguais? Tomara que volte na próxima noite...

Justamente por estar tão curiosa, o dia demorou a passar, ficou mais longo. Que angústia! Cogitei diversas continuidades para o relato. Cheguei a misturar histórias. Em pensamento, passei e repassei várias vezes o Sansão, de George Orwell... De repente me vi tal como Dom Quixote, dando vida à imaginação tendo como companheiro Rocinante!

Finalmente o dia deu os primeiros sinais do sono. As sombras anunciavam a noite. Que bom. Estou ansiosa. De todas as histórias, essa terá o melhor final. Afinal, toda história tem um final feliz, não é mesmo? Será hoje que ele termina de contar? Tomara...

Os 12 sinos soaram. O assustador silêncio corta a noite. Esse silêncio é a fonte de onde impera ele, majestoso, indomável, forte! Desta vez senta-se aos meus pés, sem se importar com os sapés pontiagudos. Permaneço imóvel mesmo com a insistência de leve brisa. Chega uma coruja que se acomoda ao lado da gralha anil que dorme profundamente.

Ele ficou ali em silêncio por muito tempo. Não sei quanto. A respiração compassada. Via-se que seus pensamentos eram de preocupação pelo remexer dos nervos da face. O olhar fixo no nada. Respeitei.

Inesperadamente, após um relincho mudo, com as gengivas à mostra, como se limpasse os dentes de algum resto de pasto, retornou ao relato da noite anterior. Sua espécie fora predestinada a servir com dor e sangue aos seres antropomórficos. Muito mais do que Sansão.

Disse-me que alguns ainda não estavam totalmente livres das cargas, outros eram confinados na melhor ração até atingirem determinado peso e serem carneados, constituindo alimentação sanguinolenta dos seres antropomórficos. Já outros, escravos da medicina, serviam como fonte de antídotos, cosméticos e até mesmo de produtos, como, por exemplo, explicou-me ele, cílios, ornamento utilizado esteticamente por humanas nas pálpebras; neste caso, os melhores, mais longos e brilhantes pelos eram retirados do ser vivo, sem nenhum tipo de anestesia. De imediato ficou claro o quanto os seres antropomórficos são racistas e especistas, entre si e em relação aos demais da fauna... Ora, selecionando, de forma performática, raças ditas “melhores” para algumas práticas e outras piores para práticas “menos importantes”...

Ele narrou que algumas raças da sua espécie movem milhões de cifras no mercado dos antropomórficos por meio de uma prática chamada de esportes, porém, ao sofrerem alguma lesão ou alcançarem certa idade, quando já não servem mais na obtenção de prêmios, são

descartados em locais chamados abatedouros, onde são mortos de forma vil; alguns, ainda vivos, são mutilados, tendo o couro, cascos e outras partes do corpo retiradas com o bater já lento do coração. Ele tinha mais a contar, contudo fez sinal que parasse. Eu não aguentava mais. Nem ele.

Levantou, deu meia volta. Arqueou o pescoço e vomitou. Nojo dos antropomórficos. Dei-lhe uma pinha para mascar e tirar o gosto ruim de vômito da boca. Não quis.

Trotou seis passos em direção a leste. Parou e se voltou a mim. Silêncio. Empinou. Seis relinchos agudos. Silêncio. Empinou. Mais seis relinchos agudos. Virou-se e foi. O som dos cascos estalando numa pedra ou noutra diminuiu até se tornar inaudível. Eu sabia que jamais voltaria. Poc tó, poc tó, poc tó... sumiu nas trevas da noite...

Não, não é o Bri de Nárnia. Nem Pégaso, nem Corcel Negro, nem Bucéfalo, nem Marengo, nem Palomo, nem o puxador de carroças, nem... mas ele representa a dor de todos!

Ângela Lamas Rodrigues

O OUTRO

“animais”, digo e me viro. eu olho o espelho e corto: a realidade que eu não entendo. eu corto a carne de que me alimento. eu não entendo a carne que digo: carne. porque digo o que não devo dizer. porque como o que não devo comer. os animais que falam, os animais que eu não ouço, os animais: outro. os animais que eu corto em silêncio, enquanto eu digo: “animais”.

Berg Morazzi

O MACACO QUERIA UM CIGARRO

Um amigo me conseguiu um papel num curta metragem de um diretor em ascensão. O cachê era baixo, o roteiro meio confuso. Mas o diretor foi premiado nos seus dois únicos trabalhos realizados até então. Além de precisar do dinheiro, era uma chance para eu pegar carona no sucesso.

Quando entrei no elevador, dei de cara com a velha chata do 501. Mostrei um sorriso amarelo, acenando com a cabeça. Antes que ela abrisse a boca para falar algo, coloquei o fone de ouvido, para ignorar qualquer palavra dela, que só sabia reclamar da vida o tempo todo.

Ao chegar no térreo, mostrei o mesmo sorriso amarelo, sem tirar o fone. Saí apressado para a rua, parei na porta do prédio, o clima estava com jeito de chuva.

Virei para voltar. A velha ainda estava parada perto do elevador, mexendo em sua bolsa.

– Esqueci meu remédio na cozinha. – resmungou sozinha, apertando o botão para chamar o elevador.

Olhei para as nuvens carregadas do lado de fora, olhei para a velha do lado de dentro. Disse a mim mesmo:

– Não vou voltar para buscar um guarda-chuva.

Segui em direção ao metrô. Desci quatro estações depois da minha, de lá peguei um ônibus. Ainda não estava chovendo, talvez eu estivesse com sorte.

Fui informado de que o produtor cedeu a própria casa para que fizéssemos de set de filmagem. Ao chegar, pude notar que se tratava de uma enorme mansão, bem dessas de filme.

Uma mulher me conduziu até a sala onde estavam alguns membros da equipe, incluindo o anfitrião. Era careca, roliço e falava muito alto.

Cumprimentei a todos, logo sentando no sofá com minha cópia do roteiro em mãos.

– Gostou? – um homem apontou para as folhas.

Pensei em ser sincero. Por sorte não o fiz, pois aquele era o roteirista. Afirmei com a cabeça, sem emitir nenhum som. É mais fácil mentir sem falar.

Ao lado do roteirista estava uma mulher fazendo vídeos com seu celular.

– Oi, gente! Daqui a pouco vamos começar as gravações. Vou mostrar agora para vocês o set e a equipe. Lembrando que mais tarde vou fazer uma live respondendo às perguntas de vocês sobre meu trabalho.

Ela se levantou e foi mostrando um a um dos presentes naquela sala, inclusive a mim, que mostrei pela terceira vez no dia um sorriso amarelo.

Esperei ela terminar seu vídeo para perguntar ao produtor:

– Quem vai fazer nossa maquiagem?

– Vocês mesmos. – ele respondeu. – Não contratei equipe de maquiagem. Contenção de gastos, era isso ou pagar uma pós produção ruim.

Isso me irritou, pois eu não tinha levado nada além do roteiro. Além de ser péssimo para fazer minha própria maquiagem. Pedi ajuda a atriz que iria contracenar comigo, que

recusou, dizendo que tinha que cuidar da dela. Então a operadora de som se aproximou de mim, dizendo:

– Não sou profissional nisso, mas acho posso te ajudar.

Pegou sua própria maquiagem na bolsa e começou me preparar. Era uma caracterização difícil, um personagem pálido, que estava com câncer em fase terminal. Quando ela finalizou, olhei no espelho. Tinha ficado ótimo. Agradei.

O resto da equipe também elogiou o trabalho que a moça fez em meu rosto.

Sentei e esperei o diretor chegar. Estava meia hora atrasado. A chuva começou a cair. Estava leve, mas dava para ouvir de onde estávamos.

Mais vinte minutos de espera, nem sinal do diretor. Propus que começássemos a ensaiar enquanto esperávamos. O produtor concordou. Comecei a passar o texto com a atriz.

Quase uma hora depois o diretor chegou, sem cumprimentar ninguém, sem se desculpar pelo atraso. Começamos a gravar.

Os rostos cansados demonstravam que era hora de fazer uma pausa. Todos foram para a cozinha. Peguei um copo de café e fui para a área externa no fundo da mansão. Havia lá um mini zoológico. Arara, coruja, tucano, macaco, cobra e alguns outros animais exóticos. Cada qual em uma jaula. Aproximei-me da coruja. Ela abriu as asas e gritou para mim.

Recuei alguns passos, assustado.

Enfiei a mão no bolso para pegar um cigarro. Fiquei fumando em silêncio, olhando os animais. A chuva havia cessado.

– Se o macaco pudesse, iria querer um cigarro.

Olhei para o lado para ver quem tinha falado aquilo. Era uma criança de aproximadamente cinco anos de idade.

– Por que você acha que o macaco iria querer um cigarro?

– Porque minha mãe disse para o meu pai que cigarro mata.

Ri da resposta da garotinha, que parecia não saber do que estava falando. Talvez não soubesse o significado de morte.

– Então se mata, ele não iria querer.

– Iria sim. Ele não é feliz aí. Se ele pudesse, preferiria morrer que ficar preso.

Fiquei assustado com a resposta. Até me esqueci do cigarro aceso em minha mão.

– Ele tem água, comida, um lugar para se proteger da chuva... Por que você acha que ele não é feliz?

– Você gostaria de ficar preso?

– Claro que não! – respondi.

– Então por que você acha que ele gosta?

A criança me encarava sem desviar o olhar.

– Ele é bicho, não é igual a gente.

– É igual sim! Quando ele está triste, olha igual uma pessoa. Todos os animais são iguais a gente. Todos eles sentem medo, dor, alegria... Olha para a arara. – apontou para a ave cabisbaixa.

Retornei à cozinha sem nem me despedir da garotinha, remoendo suas palavras em minha cabeça.

Quando o produtor me viu, falou:

– A equipe está terminando de comer para voltar a gravar. Tem sanduíche de peito de peru. Vai querer?

Pensei nas jaulas e nos animais. Com os olhos abaixados, sussurrei:

– O peru é igual a arara.

– O que foi?

Olhei para o produtor comendo seu sanduíche de cadáver.

– Não quero sanduíche, prefiro uma fruta.

Bruna Araújo

O SENTIDO DA VIDA

No início, era quente, úmido e eu me sentia segura. Até que aconteceu. Eu senti fortes ondulações, eu estava sendo expulsa do meu universo. Eu percebi que rapidamente tudo estava mudando e algo grande estava prestes a acontecer. Tão rápido quanto tomei consciência de que estava viva, ouvi uma bolha explodindo e senti o ar frio do mundo concreto. Primeiro eu existi e então eu nasci. Não conseguia abrir os olhos, mas eu sabia que eu era apenas uma pequena partícula frágil em um mundo imenso e isso me aterrorizou num primeiro momento.

A única coisa que me acalmava era sentir o sabor do leite quente que saía dos seios da minha mãe. Minha mãe, meu lar. Eu não estava só e isso era tudo para mim. O cheiro da minha mãe era como o de um imenso jardim. Eu descobri o que era paz e segurança quando me aninhei ao corpo dela e dormi ouvindo sua doce respiração. Nem tudo era perfeito. Além de mim, minha mãe trouxera ao mundo outros bebês. Felizmente, havia leite para todos nós e eu não precisava ficar sozinha quando mamãe saía em busca de comida.

Ela costumava sair por pouco tempo algumas vezes ao dia, mas nunca demorava. Mamãe sabia que não conseguíamos dormir sem ela. Às vezes, ela quase não tinha leite para nos alimentar, acho que nem sempre ela encontrava o que comer. Quanto isso se tornou constante, meus irmãos e eu notamos que ela começou a demorar cada vez mais em suas saídas em busca de comida. Imagino que ela decidiu explorar locais cada vez mais distantes. A fome dói. Ah mãe, como eu queria que você nunca precisasse passar por isso.

Um dia, após nos dar banho e nosso leite matinal, mamãe não suportou mais a dor do vazio em seu estômago e partiu em busca de comida. As horas passaram lentamente e eu percebi pelas diferentes tonalidades do céu que o dia passava. Minha mãe, minha única razão de estar no mundo, onde estaria? A noite chegou e pela primeira vez descobri o que era a fome. Meus irmãos e eu choramos. Estávamos completamente sós. A noite era escura, mas sobrevivemos a ela. Mal tínhamos nascidos e já sabíamos: nossa mãe não voltaria.

O momento era de dúvida. Superar a saudade que sentíamos de mamãe e a força que precisávamos buscar em nosso interior para continuarmos vivos. Não havia mais tempo para temer, chegara o momento em que precisaríamos finalmente explorar o mundo e nos separar. Arriscar-nos seria o termo mais correto. Eu andei por um longo tempo, nunca soube para onde ir, mas me sentia impelida a ir em frente, sempre. Logo descobri que o mundo não era um lugar amistoso para uma gatinha com a pelagem completamente preta.

Eu estava duplamente em desvantagem. Finalmente entendi todos os riscos que mamãe corria ao sair em busca da própria sobrevivência. Alguns dias, quando a fome era intensa e a apatia crescia, eu só conseguia imaginar em como seria bom que aquilo finalmente terminasse. Toda a solidão, ansiedade e incerteza em relação ao futuro. O mundo era um lugar confuso e eu não me sentia parte dele. Não havia lugar para mim. Meu único e verdadeiro lar partira há tanto tempo, nem sabia precisar quanto.

Rápido eu aprendi que é preciso tomar muito cuidado com aquilo que se deseja. Era um domingo à tarde. Senti cheiro de algo gostoso em um saco de lixo, a fome gritava, e minha única atitude reativa daquele momento foi rasgá-lo com toda a força que eu ainda possuía. Eu estava quase alcançando aquilo que garantiria minha refeição em dias, mas eu ainda não compreendia o perigo de viver entre os seres humanos até que uma grande pedra me atingiu em cheio no rosto. Um pedaço do meu dente se partiu.

Quando dei por mim estava correndo desesperadamente. Eu corria e meu coração pulsava descontroladamente. Pensei que ele ia explodir. Medo, dor, fome, cansaço e todo tipo

de sensações terríveis tomavam conta do meu ser até que toda a minha energia de fugir acabou e eu sentei em uma calçada. Eu não conseguia mais me mexer. Carros e pessoas passavam por mim, mas eu simplesmente não conseguia me movimentar. Meu sofrimento era invisível. Eu poderia morrer naquele momento, mas, felizmente, sobrevivi.

Quando minha resiliência estava por um fio vi que alguém vinha em minha direção. Eu tive medo, mas estava paralisada, exausta. Quando percebi estava sendo carregada por uma humana. Encontrarei a paz e talvez reencontre mamãe, pensei, mas entramos em uma casa. As lembranças são vagas. A humana me colocou no chão, ele era revestido com pisos brancos e frios. Magicamente diante de mim apareceu um pote de água e outro com grãos que possuíam um cheiro muito agradável.

Com a pedrada que fui vítima, tive muita dificuldade de comer. A humana percebeu e de repente surgiu um alimento em forma pastosa diante de mim. Eu nunca comera tanto. A última vez em que me sentira tão satisfeita foi quanto sugava o leite quentinho da minha mãe. A saudade voltou com força e pensei em como seria bom se meus irmãos e mamãe estivessem aqui para comer aquela coisa tão gostosa. Eu farejei todo o ambiente e logo percebi que havia outro gato naquela casa.

Eu não o vi a princípio, mas entendi que aquele lar já tinha um dono. Com a barriga cheia e a minha sede satisfeita, esperei uma brecha e fugi para a rua. Eu não sabia o que esperar dos humanos, eu não sabia como reagir. Assim que parti da casa da humana que me alimentou percebi que estava em um lugar desconhecido. Eu, possivelmente, percorri uma longa distância enquanto fugia após ter sido agredida. Não conseguia encontrar meu próprio cheiro. Eu estava perdida.

As horas passaram e eu senti fome novamente. A noite finalmente chegou e eu procurei um lugar para me abrigar. Teria mais um longo dia pela frente. A dor causada pela pedrada estava mais suportável, mas meu coração ainda não voltara ao normal, era como se o medo estivesse circulando em minhas veias. Quantos iguais a mim estariam nas mesmas condições naquele momento? Muitas reflexões me atingiram, mas o olfato me distraiu momentaneamente. O cheiro daquele alimento do dia anterior dançava nas minhas narinas e eu não resisti, o segui.

Em poucos instantes estava parada em frente à casa da humana que me alimentou e me deu água. Subi o muro e não vi nenhum sinal de vida, mas a porta estava aberta. Continuei seguindo o cheiro e com bastante temor entrei na casa e encontrei uma tigela com água e outra com comida. Reconheci o cheiro do outro gato, mas não o vi em nenhum lugar e pensei “por que não?”. Comecei a devorar os grãos o mais rápido que pude antes que alguém chegasse, mas o som da minha gula voraz deglutindo a comida chamou a atenção da humana e ela apareceu. Assustei-me.

Mal terminei de engoli e corri desesperadamente. Logo estava de volta à rua. Sobrevivi mais um dia, mas ainda teria que enfrentar outros. Eu nunca descansava. Nunca deixava de sentir medo. Será que isso é viver? Não, não é. Deve existir algo além de lutar pela sobrevivência diária. Algo além da insegurança. Onde meus irmãos estariam nesse momento? Eu tinha mais vida interior que exterior. Refletir me mantinha alerta, mas existia algo que brincava com a minha sanidade: a fome.

Então, lá estava eu em um lugar conhecido. Muito conhecido. Eu pulava o muro e pé ante pé entrava silenciosamente na casa e comia o máximo que aguentava. Eu aprendi a fazer o máximo de silêncio possível e nunca mais fui flagrada. Um dia, comi tanto que senti uma intensa preguiça. Ainda na casa, fiz uma pequena pausa para descansar um pouco e adormeci. Não era a intenção, mas o sono foi profundo e quando acordei a humana me olhava e pela

primeira vez não senti medo. Ela passou a mão na minha cabeça e uma onda de felicidade percorreu todo o meu corpo e eu me espreguicei e bocejei. Fiz uma amiga.

Daquele dia em diante eu decidi ficar até que alguém me mandasse partir. Nunca mandaram. Passava a maior parte do tempo comendo e dormindo, eu não sentia os dias passando. Meu maior medo era que o gato dono do local e da humana fosse contrário à minha presença lá. Eu quase não a via, ele me evitava. Algumas vezes escutei a palavra “ciúmes”, acho que era o nome dele. Ele tinha longos pelos brancos, marrons e negros e longa calda. Sem dúvidas o gato mais bonito que eu já vi, não me surpreendeu ele ser dono de tudo aquilo e ainda ter sua própria humana.

Após alguns dias morando naquela casa a humana me levou a um lugar com cheiro engraçado. Um homem me examinou e receitou medicamentos. Eu o ouvi dizer que os tempos que vivi na rua causaram danos ao meu estômago e intestinos. Precisei tomar muitas medicações e me ofereciam alimentos especiais, que por sinal eram deliciosos. Assim que melhorei voltei ao ritmo de antes. Quando finalmente engordei um pouco retornei ao que chamam de “veterinário” e tive minha barriguinha cortada e costurada. Foi muito estranho. Ganhei uma roupinha e tive que tomar mais remédios. Felizmente, aquela comidinha boa e especial voltou ao meu cardápio. Ajudou a suportar aquela situação incômoda.

A vida de gata doméstica não era tão fácil. Tinha regras. Precisava fazer minhas necessidades em uma caixinha, fui terminante proibida de ir à rua, ganhei uma tigelinha cor de rosa e não podia afiar minha unha nos móveis da casa. Um pouco da minha insatisfação foi suplantada quando ganhei um macaquinho de pelúcia. Ele tinha cheiro de novo e era fofo. Passávamos a maior parte do tempo juntos. Meus dias se dividiam em tirar longas sonecas com meu bichinho ou comer grãos, também conhecidos como “ração”. Às vezes havia alimentos e petiscos diferenciados. As lembranças da minha vida na rua eram cada vez mais distantes.

Um ano se passou e o gato dono da casa e eu cada vez nos aproximávamos mais. Ele determinava algumas regras como, por exemplo, nunca deitar na cadeira dele ou tentar me aquecer em seu cobertor. Se estivéssemos dormindo próximos um do outro e eu sem querer encostasse em seu corpo, ele ficava de mal humor e reclamava com muxoxos incompreensíveis. Felizmente, ele desviou o foco de mim quando a humana chegou em casa com uma gatinha preta e branca muito doente. Sua futura vítima para o treinamento intensivo de regras territoriais e reclamações ranzinzas. Pobre caloura.

Apesar de todo o conforto, confesso que minha felicidade nunca estava completa. Eu nunca deixei de pensar sobre o que ocorrera à minha mãe ou onde estariam meus irmãos. Meu maior desejo era tê-los comigo, para eles nunca sofrerem com a fome e terem a oportunidade de conhecer meu macaquinho de pelúcia. Também tinha muita vontade de contar para eles que eu tinha um nome: Konga, e que aqui eu nunca fui maltratada. Eu deixei a invisibilidade. Minha vida era quase completa.

Eu tivera a oportunidade de ter experiências incríveis. A humana comprou um novo guarda-roupas com um imenso espelho no centro. Eu notei que subindo na cama ficava exatamente na frente daquela belíssima superfície especular e finalmente podia ver meu pelo completamente negro e reluzente. Meus belos olhos amarelos e minha calda delicadamente equilibrada. Gostava de passar muitas horas ensaiando poses e me olhando de diversos ângulos. Era bom ver meu reflexo. Era bom ter um lar. E, principalmente, era bom conhecer o amor.

Com o tempo, o gato dono da casa aprendeu a dividir seu espaço com a novata e comigo. A caloura demorou a atender que o macaquinho de pelúcia não era para uso público,

mas eu tive paciência. Ela também já passou por poucas e boas, assim como eu. Minha rotina era leve. A primeira coisa que eu fazia no dia era esperar a humana acordar olhando-a pela porta do quarto. Quando ela abria os olhos esticava a mão em minha direção, eu sabia que aquele era o sinal para eu me aproximar e receber meu cafuné matinal.

Às vezes a humana ficava na frente do computador ou no celular. Eu sempre achei particularmente incômodo e muitas vezes tentei educá-la a abandonar estes hábitos dando-lhe mordidas para lembrá-la que eu estava ali e que ela não devia gastar tanto tempo naqueles objetos estranhos. A vida passa muito rápido. Incrivelmente rápido. Mas ela é só uma humana, como poderia entender? A vida em família me deu algum sentido para existir. Salvou-me de inquietações e reveses, no entanto, o destino muitas vezes se revela de formas incompreensíveis.

Eu sempre tive um apetite ávido, mas isso mudou. Sentia-me cada vez mais indisposta e não sentia nenhuma vontade de sair da cama. Não tinha vontade de comer nem comidas especiais que antes tanto me apeteciam. A única coisa que conseguia engolir era água. Muita água. A humana procurou ajuda de uma veterinária, que receitou uma dieta rica em nutrientes e vitaminas. Eu tomava soro e engolia uma papinha por uma seringa a cada duas horas, mas eu não melhorava. Não tinha mais forças para brincar ou atender quando me chamavam. Algo estava errado. Eu me sentia tão cansada, meu único desejo era ficar prostrada em qualquer lugar. Quando a humana tentava interagir comigo, eu preferia me esconder embaixo da cama.

A humana decidiu que não poderia esperar mais e que eu precisava de cuidados intensivos. E para o maior temor de todos, fui internada. Meu mundo mudou em poucos segundos. Eu estava sozinha em um recinto e com uma agulha perfurando meu bracinho. Escutei o veterinário dizendo a palavra “soro”. Coletaram sangue, fizeram ultrassom na minha barriguinha, tomei remédios e recebi alimentos especiais. A humana ia me visitar e segurava minha patinha. Eu pedia para voltar para casa, mas ela ia embora sem mim. Eram longas noites de reflexão. Eu estava só novamente.

Eu sentia a vida se esvaindo do meu corpo, mas cada vez que a humana me visitava e segurava minha patinha, eu sentia que precisava continuar lutando. Os resultados dos meus exames trouxeram notícias negativas. Eu não estava nada bem. No meu íntimo já sabia o que aconteceria, mas a humana dizia que tinha certeza que eu voltaria para casa logo. Por que os humanos gostam de se iludir? A vida é curta, dura. Temos pouco tempo. Coisas ruins acontecem, sem aviso e sem explicações. Felizmente, coisas boas também.

Toda a minha vida passou em poucos segundo diante de mim. A tristeza de viver nas ruas, a chance de ter um lar, meus companheiros felinos, meu macaquinho de pelúcia, minha tigela rosa, a humana, tudo que conheci e amei e trouxeram significado para a minha existência me inspiraram um profundo sentimento de gratidão. Eu fui feliz, mas nunca fui completa, a sombra da perda da minha mãe e a separação dos meus irmãos sempre estiveram comigo. Estou em vias de me reconciliar com meu passado. Estou pronta. Mamãe, logo estaremos juntas novamente.

Bruno Bahia

QUANDO UMA SÓ ANDORINHA FAZ VERÃO

Ao mestre Guimarães Rosa que me renunciou:
felicidade se acha é em horinhas de descuido.

Os primeiros dias de primavera já secavam o solo castigado pelo sol do Cariri. Neste período, a secura lava a mata bem perto da caatinga. O vento seco, parado, move só meus pensamentos nesta noite de lua cheia.

Foi assim. Neste clima de leveza e comunhão entre o fogo do céu e as fendas da terra que ele apareceu. Vim para cá, parar aqui, pra labutar. Cheguei meio de costas para não querer ficar. Mas ele apareceu. E cada dia, cada passo, cada sol, cada rachar – fui com sorriso sempre recebido e aos pulos de tanto querer amar. Assim ele apareceu.

Grande e robusto como a gente desta terra, veio com toda força, a galopes até bem próximo do faro. Cheiramo-nos com delicadeza – como um possível deus e um poeta. Um saber de nós exalava entre os pulmões castigados pela vida e pelo sol. Aquilo que se transformou em *nós* atravessava os limites do conhecido, da mísera linguagem abstrata, para um caminho fresco onde o verde esquecido vicejava os corações aquecidos. Deste modo, apressado e desconfiado como o último suspiro da vida, ele apareceu. Ganhamo-nos um ao outro. E a felicidade se deu.

Foi tanta festa que temi seu término. Foi tanta felicidade que a tristeza quis também se achegar – mas ele não deixou. Seu corpo dançava, jogava, pulava, tremia de euforia. E finalmente sua língua provou-me a fronte. Jogou no chão feroz e carinhosamente como se pedisse para não mais cortar esse laço divino. Rolamos por horas como crianças que não têm consciência da vida – e talvez ele não tenha.

Após esses momentos, soube do inesperado. Mesmo com toda luz que clareava minha vida, seus olhos não reconheciam a luz. Ele não enxergava. E ainda sim, ele me apareceu. Fui abatido pela ânsia de querer ser reconhecido como eu o sabia. Que ele visse meu sorriso, como eu o sorria. Que ele visse meus olhos brotados de lágrimas felizes a cada reencontro. Mas não. Seu sorriso era nosso, assim como seu corpo que dançava de alegria apenas para se abanar. Ele enxergava por dentro e por isso era mais livre – o amor e a amizade construídos sem a clareza dos olhos faziam com que ele visse em mim aquele que, apesar de mim, ele poderia confiar. Soube que fora abandonado por conta da cegueira (e mal sabiam que ele era o que melhor enxergava!).

Passaram-se meses e anos deste encontro mágico. Sem explicação, sem previsão, sem qualquer pretensão... Caramelo, com seu cheirador frio mostrou-me o que era ser amigo. Aguardava-me tantos dias fora, somente para me mostrar o que era ser amado.

O tempo passou tão depressa que não me dei conta. Mas a fotografia deste primeiro encontro está em minha mente para a eternidade – minha e dele, pois foi assim que ele apareceu: eterno. Ele era muito para esse mundo pouco. Seus olhos atravessam o universo das aparências e chegavam onde estavam as estrelas – desta noite de lua cheia. Ele não queria mais lidar com pessoas. Nossa vida inútil o cansava, pois a dele era festa!

Vivemos uma lógica de peste – vida e morte. Vivemos para morrer e morremos para viver. Caramelo se libertara ao me libertar. Salvamo-nos um ao outro.

O tempo foi cruel comigo, mas foi seu amigo. Deu-lhe aquilo que ele precisava: alguém para conduzi-lo a um colo quente. E tirou-me aquilo que sempre esperei: meu melhor amigo. Foram dezesseis anos.

Hoje, retorno aos primeiros dias de primavera que secam o solo castigado pelo sol do Cariri. A mesma lua cheia com o vento seco, parado, movendo meus pensamentos. Passo por onde nossas almas se trançaram... onde a secura lava a mata bem perto da caatinga. Foi assim que ele apareceu.

Claudia Usai

OS MONSTROS

Acordo mais uma vez de um breve cochilo. Por sorte, não tive sonhos. Pra que sonhar nessa vida breve? Sonhar cansa, prefiro a escuridão do sono profundo... Mas esse sono é impossível com tantos gritos à minha volta.

O Monstro chega para nos buscar. É hora de nos ligar às máquinas, sem elas não vivemos. Elas nos sugam, mas, enquanto estão ligadas, sabemos que somos úteis. Minha colega ao lado me parece cansada hoje... Temo por ela, pois os Monstros e as máquinas não admitem espera ou reclamações: ou você serve, ou você é lixo.

Acabo de me lembrar que hoje faz duas semanas desde que perdi meu filho. Os dias de dor são todos iguais, acabo perdendo as contas de quantos dias ou quantos filhos foram... Ele não servia para os Monstros, me foi tirado do ventre e mal pude olhar em seus olhos. Ouvi seu choro e o de vários outros, como ouço todos os dias, mas não há o que fazer: isso já aconteceu tantas vezes a todas nós que, por fim, nos acostumamos com nossas famílias sendo despedaçadas.

Ouçó um barulho. Minha colega caiu de exaustão. Levanta, minha amiga, antes que seja tarde! Anda, o Monstro vai te ver... Você já sabe o que acontece! Não adianta, ela não consegue mais se levantar. Suas feridas físicas e psicológicas a paralisam no chão. O Monstro vem, chuta suas costelas na tentativa de convencê-la a levantar pela dor, mas é o fim. Ela é levada embora, arrastada pelo chão, para ser descartada. Adeus, querida, você finalmente ficará em paz. Quem sabe encontrará seus filhos? Quem sabe... Amanhã, uma novata entrará em seu lugar, apenas mais um número como nós.

As máquinas param e acaba mais um dia, mais um dia para ver as nossas almas serem vendidas sem termos escapatória. Um dia serei eu. Afinal, nossos cascos não aguentam para sempre e o leite que deveria ser de nossos filhos acaba secando, então os Monstros nos buscam para vender e comer nossas carcaças exaustas. Todos eles, Monstros, sedentos por hambúrguer e queijo.

(Escrito em 14/01/2017)

Cristiane Guimarães

BRUXA MACABÉA

Macabéa, mal sabia ela, já carregava no nome a marca de um fim.

Mas enquanto o fim cavalgava do além ao seu horizonte secreto, Macabéa cresceu sorridente e brincante, no bairro da Trindade, num alegre repente por um jovem casal em ebulição. Ela foi resgatada numa ninhada de gatinhos num esgoto amigo.

Lembra-se atônita do dia que viu o mar pela primeira vez, agarrada e afoita nas roupas de sua humana, ao cruzar o mirante do Morro das Pedras. Quanto mar. Quanta água. Quanto brilho a ofuscar uma vida gatuna que tão pouco esperava. Sem que percebesse, já estava ela imaginando quantas ondas pegaria na Armação, quantos gatinhos beijaria nas noites enluaradas à beira da praia, quantos filhotinhos cuidaria, amorosamente, como uma mãe dedicada naquela nova vida que se abria em flor.

Até que um dia, depois de algumas noites e algazaras, chegara um momento que não conseguiu entender. Espantada, pode apenas sentir, em suas entranhas tão jovens, uma faca afiada como laser roubar-lhe a vida inteira. Levaram todos. Levaram todos os gatinhos. Todos mortos, moles, quase quentes. Não entendeu. Apenas, de novo, sentiu a agulha cruzando-lhe a pele e costurando sua vida rasgada para sempre.

Inconsolada, olhava aos seus como quem pedia alguma desesperada explicação. Por que fizeram aquilo com meus filhinhos? Por quê? Por quê?

Macabéa não entendeu. Não perdoou. E saiu desvairada pela mata escura, sem rumo. Correu dias e noites sem parar, procurando algum fio de sentido para sua existência agora violentamente roubada por uma faca amolada que corta até as palavras mais secretas.

Não queria parar de correr até que, sôfrega, sentiu fome e sentiu seus pontos abrindo e pedindo socorro.

Tentou voltar para casa, mas não conseguiu.

Conta-se que, até hoje, mesmo depois de terem recolhido seu corpinho jovem de mãe, massacrado pelo ônibus ao sair desfalecida da floresta, ainda é possível ouvir, nas matas da Costa de Dentro, os miados ancestrais de Macabéa, marcada pela morte no dia de seu nascimento, em busca dos filhos roubados do seu ventre encharcado de amor.

Daniel Rossmann Jacobsen

SAINDO DO ARMÁRIO

Tiago era filho de Mathilde e de Luís Cláudio. Um menino de ouro, como se diz no interior. Notas altas e bom comportamento na escola, nunca motivo de comentários, a não ser os bons comentários, claro, que os vizinhos não cansavam de fazer.

Motivo de surpresa foi o anúncio que Tiago certa noite fez à mesa de jantar, antes de todos se servirem.

— Preciso contar uma coisa.

Luís Cláudio olhou para Mathilde com cara de pânico, já tentando antecipar o rumo da conversa. Mathilde olhou atônita, do marido para o filho. As irmãs de Tiago, Luiza e Tina, não deram atenção demais. Aos seis anos, as gêmeas não estavam nem aí, só queriam o jantar.

Como ninguém disse nada, Tiago continuou:

— Eu estive pensando e acho que vocês não vão ficar felizes com isso.

— Pode dizer, meu filho. – A mãe tinha medo do que iria ouvir, mas queria que o menino continuasse.

— Aqui no interior não se vê isso, então não sei como vão reagir. Tenho medo de decepcionar vocês.

O pai, prevendo que o filho iria sim decepcioná-lo, começou a se fingir de surdo e se servir com fartas colheradas do arroz disposto à mesa.

De fato, no interior tudo seguia sempre o mesmo ritmo, sempre as mesmas normas, sempre os mesmos comportamentos esperados. Se diferenciar demais não é considerado bom. Gera muita fofoca e olhares tortos.

Na cabeça da mãe passavam mil possibilidades, especialmente uma possível declaração do filho adolescente e essa declaração ela temia mais que todas as outras.

— Eu não sou igual a todo mundo, mas não é minha culpa. – Tiago seguiu falando, mas estava nervoso tanto quanto os pais. – Tipo, eu não escolhi isso, eu só sinto isso dentro de mim.

Luís Cláudio engasgou com um grão de arroz e tossiu em cima do prato. Mathilde normalmente chamaria atenção do marido, mas estava usando todas as suas forças para segurar o choro. Luiza e Tina despreocupadas comiam macarrão direto da travessa que estava sobre a mesa, já que a mãe ainda não havia enchido seus pratinhos.

Tiago respirou fundo e soltou as palavras:

— A partir de hoje não quero comer mais carne. Virei vegetariano.

— Você virou o quê?? – Exclamaram juntos o pai e a mãe.

— Vegetariano. Não acho legal comer bichos. Matar um bicho que andava e respirava só pra gente poder comer? Não faz sentido pra mim, então decidi que não vou mais comer carne. Aos poucos vou cortando outros ingredientes e, daqui a um tempo, vou parar com ovo e leite também.

De tudo que esperavam, isso foi ainda pior. Mathilde e Luís Cláudio nem falaram mais nada. Só se perguntavam, no silêncio de seus pensamentos, onde foi que erraram. Luís Cláudio culpava Mathilde, Mathilde culpava a Internet e, nesse vai e vem de pensamentos culposos e culpadores, uma barata saiu voando do armário da cozinha e caiu na travessa de

carne ensopada, enojando a todos. E assim, por vontade ou por necessidade, pelo menos naquela noite todos na família foram vegetarianos.

David Ariocho

VAGANDO DE UMA ESQUINA À OUTRA

Desconcertados, com olhos perdidos, vagando de uma esquina à outra, revirando os sacos de lixo que logo mais os catadores recolheriam. Àquela hora da tarde, sempre uma oportunidade. Tudo ficava ao chão; era a chance de encontrar alguma coisa comestível que pudesse aplacar a fome.

Quando alguém se aproximava, os sacos de lixo viravam esconderijos, pelo menos para os pequeninos. Os maiores só tinham tempo de correr (os mais agitados) ou se encolher em vão (os mais assustados).

Um deles trazia no dorso o carimbo doloroso de uma sola. Se pudessem, acho que gostariam de ter dois olhos que pudessem mirar coisas diferentes – a comida e quem se aproxima. É difícil escolher entre comer ou correr, porque das duas ações dependem a sobrevivência.

Os mais fracos vão resfolegando na correria – imunidade baixa que se intensifica. As costelas à mostra revelam mais do que fome – medo, terror, desamor. A miséria estimula solidariedade entre alguns e violência entre outros. Personalidades distintas, assim como o peso do trauma.

Passam-se os olhos de lá pra cá, e de cá pra lá. Dizem que falta tempo ou dinheiro. “Não é problema meu nem seu” – mantra da omissão. Os corpos vão se acumulando e apodrecendo em qualquer lugar. O mau cheiro revela mais sobre nós do que sobre eles.

Hoje havia dois misturados aos entulhos em uma caçamba – dizem que foram atropelados de madrugada enquanto rasgavam sacos de lixo numa esquina.

JOANA DO MATADOURO

Enquanto as crianças choravam, Joana abriu a porta da geladeira e viu que não havia nada lá dentro, a não ser um pouco de água em uma garrafa pet. Ela já sabia disso, mas talvez por motivo de fé acreditasse que uma porção de alimentos pudesse brotar da porta. Ou, quem sabe, das planas divisórias de plástico, iluminadas por uma lâmpada que tremulava, ameaçando se apagar a qualquer momento, assim como sua própria vida.

Com as mãos no rosto, sentiu o palato arder e se esforçou para não gritar e esmurrar a parede com o pouco de força que restara. Não teve coragem de pedir novamente ao vizinho que “emprestasse” uma xícara de arroz e feijão. Quando o silêncio tomou conta da casa, ela sabia que as crianças já estavam dormindo:

“Eu morreria aqui agora pela salvação dos meus filhos. Eles não merecem sofrer por minha causa”, balbuciou diante de uma vela, a única luz da casa após o corte de energia elétrica no final da tarde.

Depois de receber cesta básica por três meses, Joana não tinha mais a quem recorrer, e por ter sido abandonada, muitos a culpavam, dizendo que ela era um fracasso como mulher – “incapaz de atender as necessidades do marido”. Quando saía às ruas, vez ou outra ouvia alguma ofensa. Em vez de reagir, ignorava. Preferia se preocupar somente com os filhos, e deixar que a vida se encarregasse do resto.

Em uma tarde de domingo, João Batista contou que abriu uma vaga no Frigorífico Areia Nova, onde ele trabalhava como motorista há mais de dez anos.

— Só que é na linha de abate, serviço que pode ser desagradável e pesado às vezes. O salário não é dos melhores, mas já é alguma coisa. Se for do seu interesse, posso levar a senhora lá.

Com a experiência de quem já trabalhou no corte de cana e na colheita de mandioca, a palavra “pesado” não assustava ou incomodava Joana, mas sim a ideia de matar animais para sobreviver. Hesitou por dois dias até concordar em participar do treinamento na linha de abate.

Em uma manhã, pegou carona com João Batista e, na cabine do caminhão, sentiu um estranho cheiro agridoce. Notando a reação, o vizinho explicou:

— Deram nos córneos dum boi fujão aí que a gente foi buscar lá pelas bandas da Pedra Gaiteira. Ele não queria vir por bem, tivemos que arrasta na pancada. Quando deitou lá trás, já tava desmaiado. A boca do bicho sangrou que nem bica de mina. Nunca vi coisa igual. Só machucaram a cabeça; deram choque nele. Não podia exagerar pra não estragar o couro. Agora esse cheiro que ficou aí é dele, e taí pra mais de semana. Não sei se a senhora acredita em sortilégio, mas acho que esse bicho morreu antes da hora, e o sangue taí pra lembrar a gente toda hora.

Joana não disse nada, mas sentiu um calafrio que começou na ponta dos pés e terminou na nuca. “A morte nunca cheira bem”, ecoou na consciência. O silêncio foi mantido até a chegada ao matadouro, onde outros caminhões estacionaram para descarregar a boiada.

Joana testemunhou os passos lentos e pesados da manada – parecia cortejo fúnebre. Nunca tinha visto de perto tantos animais reunidos em um mesmo lugar. Em pouco tempo, todos estariam mortos; incapazes de sentir o frescor da manhã outonal, de trocar olhares com os seus, ou de simplesmente matar a sede que já não existiria mais. Seria o fim de tudo que se

movia sob quatro patas naquele pedaço de terra vermelha onde diziam que tudo dava, menos o direito à vida bovina.

Sob ordens humanas, e em meio a olhares mecânicos, naturalizados pela prática cotidiana, pouco a pouco o gado seguiu até um corredor estreito – de vinte metros de comprimento e quatro metros de largura. “Se fosse gente, davam com os cotovelos um no outro. Que lugarzinho apertado”, comentou Joana com João Batista, que respondeu com um sorriso amarelecido.

Daquele lugar, nenhum dos ruminantes corpulentos fugiria. Seria preciso machucar um companheiro para conseguir espaço; e nenhum deles parecia disposto a ferir alguém. A boiada continuou atravessando o corredor. Conforme os animais desapareciam da fila, mais adiante ouvia-se barulhos estranhos de metais, algo se chocando contra o piso, alguns mugidos curtos e outros mais longos.

Sem tempo para cordialidades, um dos encarregados gritou o nome de Joana e falou que se ela quisesse o trabalho teria que acompanhá-lo. “Seu trabalho aqui vai ser na caixa, mas antes vamo vê como se sai no treinamento”, avisou Oliveira, o responsável pelos magarefes. Ela o seguiu até um local onde um boi branco foi colocado dentro de um caixote. Quando o animal entrou, ele olhou para Joana e, sensibilizada, ela desviou os olhos. “Você tem que ver o serviço. É pra isso que você tá aqui, não é não?”, questionou o encarregado.

Ele mostrou uma pistola para Joana e disse que o processo é bem simples, mas é preciso atingir o ponto certo no crânio do boi. “É nessa altura aqui, tá vendo? Nem pra cá, nem pra lá. Não tem segredo. É um serviço quase sempre limpo.” Enquanto Joana prestava atenção, o boi recebeu um tiro de pistola disparado por Oliveira. Depois que o dardo atravessou o cérebro do animal, ele deu um mugido lamurioso e desabou no chão, fazendo a caixa tremer.

— Seu serviço basicamente é esse. Colocar o bicho pra dormir. O resto é com a outra equipe. A não ser que você queira colocar a mão na massa. O que acha?

— Não, senhor — respondeu, se esforçando para velar o impacto que aquela cena teve sobre ela.

Depois de conhecer todas as etapas do trabalho no matadouro, e de ser aprovada no treinamento, Joana foi contratada na semana seguinte. O salário de mil e trezentos reais custaria muitas mortes ao final do mês. Para não pensar tanto nisso, ela sempre olhava uma foto dos três filhos com idade entre 3 e 6 anos, deixados aos cuidados da avó enquanto trabalhava.

Em uma manhã de segunda-feira, após três semanas de serviço, Joana sabia que seria preciso abater o primeiro boi sem a supervisão de Oliveira. Antes de sair de casa, se ajoelhou diante da cama e orou, pedindo a Deus que garantisse que tudo corresse bem em mais um dia de trabalho.

Como de costume, Joana assistiu mais uma vez a chegada da boiada, foi ao banheiro vestir o uniforme e umedeceu o rosto diante do espelho. Estava pálida e assustada. Ainda não tinha se acostumado a segurar uma pistola; nem a testemunhar a queda daqueles dóceis animais que em poucos segundos sucumbiam com os cérebros dilacerados. Não choravam como nós, mas choravam como eles, na quietude da incompreensão, trazendo nos olhos cristalinos a inocência de quem da humanidade espera a redenção.

Tão logo Joana ouviu um barulho, um boi foi empurrado para dentro da caixa. A cena se repetiu muitas vezes naquele dia e em muitos outros. À tarde, um dos animais levantou a cabeça e observou os olhos de Joana. A ausência de som e de movimentos por parte do boi a

chocou mais do que se ele tivesse reagido e tentado fugir – porque a mansidão significava que ele confiava nela.

As mãos de Joana tremularam até que ela ouviu um grito ao fundo: “Vamos agilizar isso aí que hoje a fila é grande.” Joana posicionou a pistola e disparou contra a cabeça do animal. O dardo não penetrou o cérebro, mas fez um furo no crânio, por onde o sangue desceu. Longe de se entregar ao próprio fim, o boi começou a mugir e a tentar escapar da caixa, mas não sem antes confrontar os olhos de Joana, mostrando que ele sabia que ela tentou matá-lo. Desesperada, se afastou e começou a gritar por ajuda.

Oliveira interveio e assobiou para dois rapazes. “Deu merda! Deu merda! Vamo! Vamo! Rápido!” Eles entenderam e se apressaram carregando duas marretas. Mandaram Joana se afastar e intercalaram marretadas na cabeça do boi. Agitado, respingava sangue e mugia como se sua vida dependesse dos seus berros. Diante da cena, e do boi lutando para sobreviver mesmo depois de inúmeras pancadas, Joana ficou chocada. Havia sangue em seu uniforme, cabelos e pescoço.

Não conseguia mais negar a si mesma que tinha tomado parte em um tipo nefasto e lancinante de violência. O tiro de pistola, que parecia limpo, até então serviu apenas para mascarar um fato imutável – não há romantismo na morte de quem não quer morrer, independentemente do método. A constatação fez seu coração disparar. Mais constrangida e abalada do que nunca, se afastou e correu até o banheiro sem pedir autorização. Vomitou tanto que sentiu dores intensas na garganta. Vendo o estado de Joana, Oliveira a dispensou, permitindo que ela fosse para casa.

— Você tem doença, Joana. E não é doença de brincadeira. É coisa séria — disse Oliveira.

— Como assim?

— Você tem a doença do “não matará”. Pode ir pra casa. Aqui não é lugar pra você. Vou dar um jeito de garantir que receba o salário do mês pelo seu esforço.

Antes de deixar o matadouro, Joana tomou um banho demorado e, quando terminou, se encolheu nua em um canto. Através do ralo, por onde a água descia, ela viu um pedaço de carne bovina que se liquefazia. Os olhos do boi morto a marretadas a espiavam entre os frisos do ralo. Por minutos, Joana viu tudo girando, mas não conseguiu chorar.

Em casa, à noite, ainda sentia o cheiro agridoce do sangue do boi que respingou em seu corpo. Perguntou aos filhos e à sua mãe se eles notaram algum odor diferente nela, mas ninguém percebeu – só Joana. Depois de um jantar sem carne, caminhou até o quintal e falseou sorriso ao ver os filhos brincando.

— Olha, mãe! Eu sou o boi Tadinho, o Guilherme é o boi Chorinho e o Gabriel é o boiadeiro Marquinho. A brincadeira é correr e não deixar o boiadeiro pegar a gente — contou Gustavo, o filho mais velho, com expressão doce e quiescente.

Joana simulou mais um sorriso e se sentou em uma cadeira sob a jabuticabeira. Quando seus filhos e sua mãe dormiram, ela retornou ao quintal, observou o céu estrelado e uma fazenda que começava onde seu bairro terminava. Em seu colo, havia um embrulho. Ela desenrolou um revólver calibre 38.

— Que a justiça seja feita aqui e agora, que meus filhos e minha mãe superem essa perda e que Deus me perdoe por todo o mal que fiz.

Joana tirou a arma do colo e colocou o cano gelado dentro da boca. Fechou os olhos e as lágrimas desciam pesadas e silenciosas. Prestes a acionar o gatilho, ouviu um barulho,

abriu os olhos e tirou a arma da boca. Um bezerro pardo, que trazia um coraçãozinho branco de pelos no topo da cabeça, começou a lambar a sua mão. Joana guardou o revólver.

Edilânea Carvalho

A HISTÓRIA DE GUARÁ GUARANI, O LOBO DO BEM

CAPÍTULO I

UM LOBO BRASILEIRO

Em uma bela manhã ensolarada, a professora Rita, organiza um passeio ao parque ecológico de reabilitação de lobos guarás, com os seus alunos do 4º ano. E, ao perceber a euforia e curiosidade por parte das crianças, a professora ressaltou:

— Certamente vocês já ouviram falar do lobo mau, mas creio que poucos conhecem a história do lobo Guará Guarani, um lobo brasileiro que não tem fama de mau.

— Então, vamos começar a contação da história do lobo guará Guarani. – Disse a professora Rita, e iniciou a narração:

“No cerrado brasileiro, nasceu e cresceu o lobo guará Guarani. Mas, ao crescer, deu-se conta das dificuldades de sobreviver por lá. Tudo bem, com dificuldades ou não, a vida segue e a luta continua. “Opa! Que cheiro de fumaça é esse?” – Perguntou Guarani para si mesmo enquanto comia algumas frutas lobeiras. Em seguida, o lobo percebeu que não poderia comer suas deliciosas frutas por muito tempo, porque um grande fogo se alastrava devastando o cerrado.

Assim, o desespero tomou conta do cerrado e só se via a correria dos animais tentando se salvar. Contudo, o lobo guará, que por natureza é um animal muito veloz, correu apressadamente e conseguiu se distanciar do fogo. Então percebeu que o céu começava a ficar nublado e, para a alegria dos animais, a mãe natureza anunciava uma tempestade salvadora capaz de apagar aquele grande incêndio.

Porém, antes da chegada da chuva, o fogo queimou muitas árvores, inclusive as árvores lobeiras. Por isso, o guará Guarani continuou a correr até encontrar o que comer. Depois de muito se afastar, ele achou uma nascente de rio e parou para beber um pouco de água, afinal, não aguentava mais de tanto cansaço, sede e fome. Após saciar sua sede, Guarani permanecia faminto, quando de repente avistou, do outro lado do rio, muitas árvores lobeiras. “Que paraíso, agora sim, vou encher a pança!” Pensou o lobo e correu ao encontro das árvores...

CAPÍTULO II

RECLAMAÇÕES DO SACI PERERÊ

Bem, ao chegar por lá, o Guará Guarani ficou muito feliz com tantas árvores lobeiras, então, diante de tamanha euforia, ele uivou:

— Auuuuuuu! Encontrei meu paraíso, vou encher o bucho!

O lobo guará Guarani comeu até sua barriga ficar estufada, ao ponto de não aguentar mais comer. Então, deitou-se à sombra de uma árvore para finalmente descansar. Só que não!

— Como não? – Indagou Dudu, interrompendo a professora.

— Bem, durante o descanso do lobo guará, uma cena inusitada lhe chamou a atenção: o Saci Pererê, que estava sentado à sombra de outra árvore ali perto, murmurava para si mesmo em um tom muito melancólico. “Coisa estranha”, pensou o Guarani.

Embora os lobos guarás tenham fama de antissociais, o Guarani não resistiu à curiosidade de saber o porquê da tristeza do Saci, e perguntou:

— Saci, qual o motivo de sua tristeza? Logo você que nunca leva nada a sério!

O Saci o olhou bem tristonho, baixou a cabeça e por fim, respondeu:

— É que ultimamente venho me sentindo desanimado, nem tenho mais vontade de entortiar agulhas, azedar leite, queimar feijão, e muito menos de espantar galinhas.

— Vixe! Por essa eu não esperava... Mas, nessa história toda, o que me causa mais espanto é o fato de você não querer mais espantar galinhas. O que houve? – perguntou o Lobo curioso.

— É que na semana passada fui ao galinheiro de uma fazenda aqui próxima, como de costume, mas, ao chegar lá, além de dividir o galinheiro com a dona raposa, fui obrigado a disputar ainda mais o espaço. E adivinha com quem!

— Ora, eu não sou adivinho! Diga logo com quem você disputou o galinheiro. – Retrucou o lobo guará Guarani.

— Ora com quem?! Com o seu irmão, Lobo guará Guaraci! E o pior é que o dono do galinheiro percebeu uma movimentação diferente por lá e chegou sorrateiramente para espiar o que estava acontecendo. Aí, ao invés de eu espantar as galinhas, ele que me espantou com os tiros da espingarda. Depois disso, foi pena voando pra todo lado, raposa se escondendo e lobo guará correndo. E eu, é claro, dei no pé!

— Pois é, com tantas queimadas e desmatamentos a comida anda escassa no cerrado. Aí precisamos caçar nos galinheiros e às vezes levamos tiros dos fazendeiros. – Ressaltou o Lobo guará Guarani para o Saci.

— Ah, e por isso eu tenho que aturar a família guará nos galinheiros? Poxa vida, que coisa mais chata! – Respondeu zangado o Saci.

— Claro que sim! Nós também temos que viver como qualquer outro animal! – Exclamou o lobo.

— Pois sabe de uma coisa, já que tenho que conviver com mais uma espécie de animal no galinheiro, é melhor eu ir me acostumando. Por isso, vou deixar esse desânimo pra lá, porque embora eu não possa mais espantar as galinhas em paz, ainda vou poder queimar feijão, entortiar agulhas e azedar leite. – Disse o Saci enquanto formava um redemoinho para fazer suas travessuras em outras localidades.

CAPÍTULO III

UM LOBO GUARÁ NA CIDADE

Depois de algum tempo, o guará percebeu que viver “no paraíso recém-descoberto” não era tão fácil assim. A poucos metros das árvores lobeiras existia uma estrada onde transitavam muitos carros dia e noite, e era comum animais serem atropelados. Além do mais, virava e mexia, um caçador aparecia.

Diante de tantas dificuldades, o lobo pensou em se mudar para uma fazenda, mas lembrou da história do Saci Pererê. Por estas e outras, o guará Guarani ficou amedrontado e resolveu ir embora rumo à cidade mais próxima.

Ao chegar lá, percebeu que a vida da cidade é bem diferente do cerrado, pois tudo na cidade é agitado: é um vai-e-vem de gente, carros, poluição, não tem sequer galinheiros, muito menos Saci Pererê, falta até as árvores lobeiras. E tudo isso deixou o lobo guará estressado, porque ele é, por natureza, um bicho do mato. Então, desesperado com a situação, emitiu um uivado:

— AUUUUUUUUU... Socorro, não aguento mais!

Ouvindo isso, algumas pessoas que passavam por lá se assustaram, mas mantiveram a maior distância possível, pois estavam com muita pressa para resolver seus próprios problemas. Outros até se aproximaram, mas, para o espanto do lobo Guará, não foram para ajudá-lo. Sacaram seus celulares e filmaram e tiraram fotos, pois queriam mesmo era exibir o lobo nas redes sociais. E apesar das suas súplicas, nenhum ser humano parou para acudi-lo.

Porém, do outro lado da rua, uma cadelinha chamada Pituca ouviu aquele estranho barulho, então começou a latir:

— Hau! Hau! Hau! Hau! Hau! Hau! Hau! Hau!

Até que o latido chamou a atenção de Grací, a veterinária que alimentava diariamente os animais de rua. E por ter muita sensibilidade com os animais, Grací logo percebeu que o latido de Pituca comunicava algo muito importante, mas não sabia exatamente o quê. A cachorrinha latiu mais ainda e atravessou a rua, indo em direção ao lobo guará Guarani. Enquanto isso, Grací seguiu Pituca para averiguar o que estava acontecendo.

Foi aí então que Grací se deparou com um lobo guará muito assustado e lamentou:

— Que tristeza, mais um lobo guará fugindo do cerrado!

É que a veterinária já havia presenciado outros lobos fujões; afinal, a vida no cerrado estava difícil para os animais diante de tanto desrespeito com o meio ambiente.

Para amenizar a situação, Grací tentou acalmar o lobo, mas Guarani ficava cada vez mais agitado. Então, percebendo que não daria conta de tranquilizá-lo sozinha, solicitou a ajuda dos seus amigos que também trabalhavam no parque ecológico especializado na reabilitação de lobos guarás.

Não demorou muito para eles chegarem para resgatar o lobo. E assim, com um trabalho em equipe, foi possível oferecer ao guará Guarani um novo lar.

CAPÍTULO IV

UM NOVO LAR

Ao chegar ao parque ecológico especializado na reabilitação de lobos guarás, o Guarani inicialmente sentiu-se deslocado, por isso, permaneceu escondido no mato.

Até que, num belo dia, Guarani conheceu Quindinha, uma loba muito dócil, que chegou ainda filhote no parque ecológico, mas, com o passar do tempo cresceu e para a felicidade das crianças, no parque ela permaneceu.

Mas não foram somente as crianças que se sentiram felizes com a presença da loba Quindinha. Pois o lobo Guarani, desde que a conheceu, deixou de se esconder e procurou se aproximar dela. Para se aconchegar mais um pouquinho, o lobo Guarani se mostrou um companheiro fiel, estando sempre presente, cheio de cuidados com a sua Quindinha. Em meio a tanto carinho e atenção, Guarani conquistou o seu coração.

Assim, logo a barriguinha de Quindinha foi crescendo a cada dia e, depois de dois meses de gestação, cinco lobinhos nasceram. Então a mãe loba tratou de proteger seus filhotinhos e se resguardou em uma toca para amamentá-los tranquilamente. Enquanto a mãe Quindinha cuidava dos filhotes, o papai lobo Guarani ia à busca de alimento para sua família.

Ouvindo toda essa história, as crianças do 4º ano se mostravam animadas e curiosas para saber logo o desfecho do conto. Foi então que a menina Lili indagou a professora Rita:

— E a mamãe loba Quindinha, até quando ela vai ficar entocada?

— Após seis meses de amamentação, a mamãe loba sai da toca, Lili, e ao sair começa a caçar e buscar frutas lobeiras, levando consigo seus filhotes. A mamãe e o papai lobo desejam que suas crias se tornem adultos fortes que saibam lidar com as dificuldades apresentadas pela vida. – Respondeu a professora Rita.

Foi então que Dudu ressaltou:

— Professora Rita, eu li em uma revista que o lobo Guará está ameaçado de extinção por consequências de más ações de alguns seres humanos! Depois é o lobo que ganha a fama de mau...

— Mas isso é uma injustiça com os lobos. – Protestou Mariana.

— Concordo crianças, por isso trouxe vocês para conhecer o parque ecológico e assim conhecerem o lobo guará, dessa maneira, desfazendo todo o preconceito e injustiça em torno dos lobos.

Diante do conto, Juliana, que até então não havia se manifestado, expôs uma dúvida que não podia calar, e assim dirigiu a pergunta para a professora Rita:

— Professora Rita, mas por onde anda o lobo guará Guarani?

— Ah, Juliana, boa pergunta! É que ele entrou por uma toca e saiu por outra, e agora quem quiser que conte outra! Há, há, há!

A gargalhada foi geral! Nesse momento as crianças já se preparavam para voltarem para as suas casas, levando na bagagem seus universos infinitos de criatividade, prontos para colocarem no papel uma nova história dando asas à imaginação.

Edson Carlos Romualdo

LUCY

— Lucy! Eu vou te matar, Lucy! Olha aqui o que você fez!

Foi a Negavan do projeto Frida da UEM que me chamou segurando a cachorra:

— Professor, preciso de ajuda com essa cachorra.

De cima da escada respondi:

— Tenho que levar a professora que estava fazendo a fala para os alunos embora. Pode ser depois? A cachorra parece bem.

— Não está não. Desce aqui para você ver.

Realmente, vista de perto, a cachorra estava muito magra, com os ossos aparecendo e cheia de marcas de machucado pelo corpo. Era uma vira-latas típica, de porte médio, dessas amarelas, meio marrom misturado com um pouco de preto. Ela reagiu muito assustada à minha aproximação, querendo escapar da guia improvisada que a moça tinha arranjado.

— Ela está muito assustada. Foi muito difícil conseguir tirar ela do esconderijo que tinha buscado lá no Colégio de Aplicação Pedagógica. Ela tem muito medo de aproximação das pessoas. Demorou para conseguir a confiança dela. Tem um corte na parte de baixo do rabo, bem sério.

Ajudei a segurar a cachorra para passar a pomada, que ela tinha conseguido, no corte do rabo. Era um corte aberto, que dava para ver dentro, bem perto da bundinha.

— Não tem onde colocar a cachorra aqui. Não sei o que fazer. Acho que vou amarrá-la em algum lugar e volto amanhã de manhã para ver o que faço.

Hesitei por alguns instantes e, então, olhando para aquele ser com os ossos aparecendo, decidi:

— Tudo bem. Eu levo ela para casa. Amanhã vemos o que pode ser feito.

A professora que eu tinha que levar embora, minha amiga, chegou, expliquei o que estava acontecendo e ela me ajudou a colocar a cachorra no chão do carro, no banco da frente. Foi difícil, pois a cachorra relutava em entrar e ganiu quando a tirei do chão para pô-la no carro.

Minha amiga veio segurando a cachorra até a minha casa. Achei melhor passar e deixar a cachorra primeiro, antes de levá-la para a casa dela. Tranquei-a no jardim da frente, que é fechado e não haveria jeito de ela escapar, pois o espaço é restrito, com portão alto, grama e arbustos encostados no muro. Assim, ela ficaria segura e separada dos outros três que eu tinha em casa.

Quando voltei a cachorra tinha desaparecido do jardim. Fiquei estarecido. Ué, cadê ela? Como ela escapou? Não é possível! O portão está fechado, o espaço é pequeno, não dá para sair! Passei a procurá-la e a encontrei em um buraco raso que ela tinha cavado atrás dos arbustos, colados ao muro. Estava lá, super agachada, tentando ficar invisível. Puxei-a de lá e trouxe para fora. Entrei para pegar ração e água. Nesse momento os outros cachorros saíram pela porta. O Rei e o Taz ficaram curiosos com ela. A Capitu, como sempre, completamente *blasé*. Ela rosnou com a chegada dos cachorros, mas foi só eles se aproximarem um pouco mais e ela já tentou fugir, ganindo com medo. Eu procurei acalmá-la e tirar os cachorros dali. Coloquei a comida e ela devorou o pote todo de ração. Depois bebeu água e deitou na caminha que eu coloquei ali na parte de baixo da sacada.

Amanhã vejo o que fazer.

Na manhã seguinte, assim que levantei, coloquei mais ração. Ela devorou o pote todo de uma vez. Liguei para o veterinário que cuida da molecada toda e marcamos a consulta já pela manhã.

Colocá-la no carro foi outro sacrifício. A relutância dela era enorme, se agachava no chão, chorava. Tive que pegá-la no colo para conseguir fazê-la entrar. Foi até o veterinário quietinha, deitada no chão do carro.

O veterinário olhou o rabo e disse que teria que amputar, pois estava devorado por dentro pela bicheira, não cicatrizaria. Falou também que ela tinha sofrido muitos maus-tratos, que dava para ver pelas marcas, que ela deveria ter no máximo dois anos.

— Certo. Então faça a cirurgia. Aproveite e já castrate também.

Fui buscá-la perto das seis horas da tarde, quando ela já tinha despertado da anestesia e tinha condições de vir embora.

— Ela está com a doença do carrapato também. Se você não a tivesse trazido, provavelmente ela teria morrido. Já ia entrar em choque. As cirurgias foram muito bem. Dê esses remédios e faça os curativos de manhã e à noite. Também precisa por nela um colar elisabetano, para ela não arrancar os pontos nem lambe os machucados.

— Humm, posso pagar em duas vezes?

Minha rotina mudou. De manhã: carinho, ração, curativo, remédios; tarde: carinho, ração, remédios; noite: carinho, ração, curativos, remédios; de manhã: carinho, ração, curativo, remédios; tarde: carinho, ração, remédios; noite: carinho, ração, curativos, remédios; de manhã: carinho, ração, curativo, remédios; tarde: carinho, ração, remédios; noite: carinho, ração, curativos, remédios; de manhã: carinho, ração, curativo, remédios; tarde: carinho, ração, remédios; noite: carinho, ração, curativos, remédios; de manhã: carinho, ração, curativo, remédios; tarde: carinho, ração, remédios; noite: carinho, ração, curativos, remédios. Cinco dias depois, a cachorra era outra.

Comecei a pensar como chamá-la até que a coisa toda se resolvesse. Pensei primeiro em Lizzy, apelido da protagonista do livro *Orgulho e Preconceito*, da Jane Austen. Depois passei para Lucy, de *Lucíola*, do José de Alencar. Já tinha a Capitu, então Lucy me pareceu mais adequado. A pequena Lúcia, luz, amanhecer, combina com a cor dela. Poético, né? Depois de chamá-la três vezes de Lucy, ela já passou a atender pelo nome. Garota esperta!

Comecei a enturmá-la com os outros cachorros. Não dava para deixá-la só no jardim da frente e, com a melhora, ela tinha ficado agitada, latia para tudo na rua. Logo os vizinhos reclamariam. A presença dela mudou o comportamento dos outros cachorros, numa configuração que eu não esperava. O Rei, sempre brincalhão, assumiu o papel de líder. O Taz, sempre grudado no Rei, passou a tentar fazer amizade com a Lucy. A Capitu, nem aí, como sempre.

Aos poucos ela perdeu o medo dos cachorros. Nos primeiros passeios em volta do quarteirão, levei na guia, enquanto os outros iam soltos. Depois, passei a ensiná-la a ir solta também. Ela rapidamente se aliou ao Rei e ao Taz, cheirando onde eles cheiravam e marcando onde eles marcavam. O mais interessante é que ela fazia e faz xixi nas árvores, em pé, levantando a pata, como se fosse um cachorro macho, acompanhando os outros dois. Nunca vi isso, que estranho! O medo de pessoas não passou logo. Sempre que encontrávamos alguém pelo caminho, fosse homem ou mulher, ela corria para perto de mim.

Um dia, cheguei em casa do trabalho e o controle remoto da televisão estava todo comido, a ponta mastigada.

— Lucy, não pode! Vai lá para a garagem! Não sabe conviver, vai ficar apartada! — gritei. Foi nesse momento que o espaço da garagem ficou sendo o “cantinho do castigo”. Ela deitou no chão, não queria sair. Eu a empurrei para fora.

— Vai ficar aí até aprender que não pode fazer isso! Feia! Sua feia!

A convivência nos aproximou muito e a confiança e o amor que passei a sentir vindos dela me comoveram e me conquistaram. Será que vou conseguir mandá-la para doação? A Verinha diz que as ONGs estão cheias de vira-latas pretos e amarelos, porque esses ninguém quer. Meu Deus, o que eu vou fazer? Onde fui amarrar meu burro?

Um amigo disse que gorda desse jeito, amarelo-amarronzada e pitoca, ela estava parecendo uma corça. E não é que é verdade! Ela já é uma cachorra gorda agora! E como só sobrou um ossinho do rabo, parece mesmo uma corça.

Acabei assumindo que teria que ficar com ela. Tá bem, vamos lá. No fundo era tudo conversa. Eu já tinha me apegado e não conseguiria me separar dela. Comprei a coleira e mandei gravar o nome dela, meu endereço e telefone na plaquinha, como tinha feito com os outros dois vira-latas. Vira-lata perdido ninguém se preocupa em devolver, nem notam na rua. Ela percebeu que a coleira era algo especial. Senti isso quando estava colocando, o jeito como ela se agitou. Ok, você pertence à família agora.

Cheguei um dia em casa e havia folhas de Dracena espalhadas pelo chão da sala. O sofá cheio de pedaços de caule. Olhei no jardim do fundo e um dos três pés da folhagem que eu tinha plantado lá estava destruído.

— Lucy! Não pode, Lucy! Olha aqui! Não pode! Não pode! Já para a garagem! — berrei.

No espaço de duas a três semanas, o processo se repetiu e dos outros dois pés de Dracena só sobraram as raízes.

— Lucy! Não pode, Lucy! Olha aqui! Não pode! Não pode! Sua feia! Já para a garagem!

Meu Deus, quanta energia! Essa cachorra é virada no Jiraya! Corre o dia inteiro, não para de brincar de lutinha com o Taz até o coitado ficar cansado, corre atrás da bola com o Rei. Meu Deus!

No começo, quando íamos passear nos finais de semana no campus da UEM, ela relutava em entrar e sair do carro. Depois, quando o passeio estava quase no final e nos aproximávamos do carro, ela corria na frente e esperava colada na porta. Era a primeira a entrar. Será que ela tem trauma de ter sido abandonada? Talvez tenham colocado ela no carro para soltarem na rua. Deve ser isso. Se não, o que justificaria esse comportamento?

É muito bom ir com os quatro de carro para o passeio. A Capitu, a primeira a chegar na minha vida, vai no banco da frente, sozinha, olhando de vez em quando pela janela. O Rei, o Taz e a Lucy, vão no banco de trás. O Rei, que antes era agitado, agora desempenhando o novo papel na matilha, vai quieto, sentado no banco. O Taz fica em pé, com as patas sobre o meu banco, quase fungando na minha orelha. A Lucy descobriu logo a janela aberta e vai sentindo a brisa na cara. Cada um com seu comportamento. Cada um, um ser diferente, com personalidade diferente, um indivíduo. Cada um com seu encanto. Minha família!

Adoro ver a Lucy pelo espelho retrovisor. Ela tem curiosidade pelo mundo. Vai olhando tudo, investigando, cheirando sei lá o quê que só ela sente no ar. É observadora e

atenta. O Rei também é assim. São felizes e curiosos. Que bom! O mundo é tão grande, com tantas coisas para ver e conhecer! Um começo desgraçado não pode tirar a alegria de uma vida inteira.

Cheguei em casa um dia e havia folhas de figo na sala. A Lucy não apareceu para me receber como fizeram os outros. Corri para o quintal do fundo. O pé de figo que eu trouxe da França, da viagem que eu sonhei fazer a vida inteira, desde que tinha sido aluno de francês na graduação, tinha desaparecido. Meu amigo francês arrancou uma das mudas que tinha plantado, lavou as raízes, embrulhou com papel toalha e eu trouxe dentro da mala, junto com as roupas. Plantei e a muda nem murchou. O jardineiro ordinário veio e cortou, pensando que era mato. Marquei o lugar, aguei todos os dias e o pé de figo voltou a crescer, já estava grande, com mais de um metro, e agora...

— Lucy! Eu vou te matar, Lucy! Olha aqui o que você fez! — Ela correu para a porta da garagem, ficou abaixada nas quatro partas, esperando. Abri a porta. — Sai daqui! Fora! Sua feia! Feia!

Os dias continuavam e sempre eu encontrava minhas roupas pela casa, no chão, em cima do sofá e até no quintal. Por onde ela andava, deixava uma peça de roupa minha. O Rei também tinha esse comportamento no começo, sempre procurando se deitar com uma peça de roupa ou um sapato meu. Conseguia saber onde ele tinha ficado somente pelas peças de roupas espalhadas. Agora era a vez da Lucy. De certa forma isso sempre me agradou. Gostoso saber que eles ficaram com saudade ou se sentiram confortados apenas sentindo o meu cheiro. Nada como ser amado e necessário! Isso aquece a alma!

Cheguei um dia do trabalho e a Lucy estava com um pano branco passado pelo meio do corpo:

— O que é isso Lucy? Vem aqui! — Corri os olhos pela sala e vi que havia várias peças que estavam no cesto de roupas sujas do banheiro espalhadas pela sala. Olhei de novo e, me aproximando, consegui ler: Calvin Klein. Ah não, tinha que ser uma da Calvin Klein, não podia ser uma das mais baratas? Ela tinha rasgado todo o fundo de uma cueca e, não sei como, conseguiu enroscá-la no meio do corpo.

— Tentou vestir, é? Tá contente?

Ela é possessiva. Quando estou deitado no sofá, depois das brincadeiras de bola e lutinha, se começo a acariciar um dos cachorros ela deita sobre o meu peito, lambe o meu nariz e orelha, requer minha atenção. Ciumenta! É um trabalho difícil dividir a atenção entre todos, cada um com uma exigência diferente. Agora já administro isso bem.

Numa quinta-feira complicada, não consegui retornar à tarde do trabalho. Voltei eram mais de onze e meia da noite para casa. Estava cansadíssimo. Ainda bem que era dia da faxineira. A casa estaria em ordem e perfumada, lençol limpinho para deitar. Delícia! Quando abri a porta a Lucy não apareceu. Olhei para a Capitu e vi que as patas estavam sujas de barro. A sala toda estava marcada de patas de barro, o sofá, a escada e até alguns lugares da parede. O que aconteceu aqui? Olhei e vi o vaso grande embaixo da escada todo revirado, quase toda a terra cobrindo a passagem da cozinha para a sala de jantar, o potinho de água jogado também na sala. Como isso é possível?

A Lucy sempre teve atração por água. A primeira vez que ela viu a panelinha grande de água que fica no quintal dos fundos, ela pulou dentro com as duas patas da frente. Ainda faz isso, às vezes. Quando vamos passear e tem poça d'água depois de chuva, ela faz questão de andar dentro. Tem isso com a água e, agora, estava ali, o amálgama da terra com a água: o barro. Fui para o quarto deixar a bolsa e a cama estava cheia de patas. Eram do Rei. Ele é o

único que sobe na cama do quarto. Logicamente pisou na bagunça e foi deitar na cama. Tudo perdido! Fui tomado de uma ira irracional. Não era Lucy de Lucíola, de pequena Lúcia, era Lucy de Lúcifer! Não tinha outra explicação, cachorra dos infernos!

— Lucy! Vem cá, Lucy! Não adianta se esconder! – Ela veio, mas se colocou no meio dos pés das cadeiras da mesa de jantar. Deve ter percebido pelo tom da minha voz que o assunto era sério. Ela também tinha noção de que tinha extrapolado dessa vez.

Eu estava tomado. Era um misto de revolta, de inconformidade, de sei lá do que mais. O cansaço, a expectativa frustrada de chegar em casa e ter conforto diante da realidade contrastante que se apresentou me tiraram do sério.

Puxei ela pelas patas do meio das pernas das cadeiras e a coloquei para fora do portão:

— Fique aí, Lucy, fora de casa! É isso que você merece! – gritei. Assim que fechei a porta, fui tomado de um arrependimento aterrador. E se ela for embora? Meu Deus! Corri para o andar de cima e fiquei espiando-a pela fresta da porta da sacada. Ela ficou um bom tempo lá, deitada na frente do portão. De repente levantou e deu um passo para esquerda:

— Onde a Senhora vai, hein, Lucy? – Ela olhou para cima, em minha direção, e abanou o pitoco. Como trair um amor desses? Como trair a confiança que vejo nos olhos dela quando eu digo, no veterinário, para ficar quieta que tudo vai dar certo, ou quando ela se deita de barriga para cima e se entrega totalmente ao carinho, completamente vulnerável? As lambidinhas de carinho? Isso não tem preço. O amor na forma elementar talvez seja assim, desprovido de interesse, confiável, companheiro!

Ocorreu-me que essa energia toda poderia ter sido o motivo de ela ter sofrido maus-tratos e de ter sido jogada para morrer de fome e doença na rua. Se eu que gosto tanto de cachorros perdi a cabeça e a coloquei para fora do portão, o que faria alguém que tivesse adotado um bicho para diversão e se deparasse com essas coisas?

Abri o portão e ela entrou correndo. Abri a porta da sala e ela entrou correndo e já se colocou deitada em frente da porta da garagem, esperando para ser aberta. Quando abri essa porta, ela correu para a garagem. Sem-vergonha, sabe muito bem o que fez e que merece castigo! Nessa hora a raiva passou e ri por dentro contente de perceber essa esperteza da minha menina. Fui, então, muito contrariado, limpar a casa, passar aspirador, trocar a cama...

Os dias vão passando assim, eu e minha família interespecies, como diz minha amiga Evelyn. Cada dia a convivência com eles me traz novos aprendizados. Cada dia tento ensinar a eles uma coisa nova. Vamos assim...

— Lucy! Eu vou te matar, Lucy! Olha aqui o que você fez!

Elton dos Santos Francisco

A CONSCIÊNCIA VEM DE DENTRO

— Curumim! Não vá tão longe!

— Mas, mãe, é sempre você que me diz para ser como os pássaros, livre. Você já me disse que sabia que um dia eu iria querer criar asas.

— Sim, eu sei disso, mas precisamos reconhecer que aqueles homens brancos querem te colocar numa gaiola, da mesma forma que colocam os passarinhos.

— Ah, mãe! Acho isso muito pouco provável. Eu sou tão esperto, sagaz, conheço essa mata como a palma da minha mão. Olha só, o bem-te-vi já está me chamando! Até mais tarde, mãe!

— Cuidado, meu filho. Cuidado!

— Ah, marido, não quero criar nosso filho com medo e enclausurado somente embaixo das minhas asas e, também, não quero que ele corra o perigo de se tornar como aquele povo da civilização.

— Qual é o seu receio, minha amada? O que aquele povo tem?

— Você sabe... Todos os perigos que eles ofertam para a nossa casa, nosso planeta. Eles vivem para nutrir aquela selva de pedra, vivem para si próprios, derrubam árvores, poluem os rios, caçam animais para utilizá-los como objetos, para deixá-los em exposição. Às vezes, eu sento próxima à beira do rio e fico prestando atenção nas araras voando, livres, sem ter amarras, leis, regras, que as prendem numa moldura, tendo apenas que conseguir seu sustento, sua sobrevivência, e cuidar desse lugar todo que é só delas. Quero nosso filho assim, livre de qualquer padrão social. Quero que ele crie seu próprio sistema de vida.

— Isso é o que todo pai deseja a um filho.

— Então, você concorda comigo?

— É claro que sim.

— Mãe, pai! Voltei!

— Oi, filho! – Os dois respondem.

— Hoje eu estive desbravando mais lugares com o Carcará. Foi uma aventura e tanto.

Os dois pais se olham de forma fraterna, um para o outro, sem precisar dizer uma única palavra, se entendem pelo olhar: “é assim mesmo que o queremos”.

Nessa manhã, Curumim decide ir a outro local da floresta e escuta alguns barulhos metálicos e, curioso como é, decide ir até o som para ver o que são. Ele encontra diversas espécies de pássaros engaiolados em condições muito precárias com o objetivo de serem traficados.

— Não pode ser! – Exclama desesperado.

— MÃÃÃEEE!

— Que foi, Curumim?!

— Acabei de encontrar diversos amigos nossos engaiolados todos juntos para serem levados à cidade grande! Precisamos fazer alguma coisa. Não podemos deixar que os levem!

— Então, rápido, meu filho, avise os outros da tribo!

Precisaram de muita destreza e coragem para conseguir libertar os animais sem que os homens brancos soubessem. À noite, reunidos em volta da fogueira, o pajé da tribo faz o reconhecimento do dia:

— Esse lugar já foi um dia um local de paz, de harmonia, de quietude. Hoje há muito mais com o que devemos lidar e combater, além do que já havia antes. Por sorte, criamos nossas queridas crianças com consciência sobre a realidade que estão vivendo. Sabemos que esses pássaros, que embelezam nossa natureza, que ajudam na plantação de espécies nativas, que nos alegram com seus cantos, estão em constante perigo. Peço, olhando para cada um de vocês aqui reunidos, que não deixem acabarem com nossa casa.

Diante desse momento, pai e mãe de Curumim abraçam-no fraternalmente e sabem que mais um dia está por vir, mais um dia de luta e de cuidado.

Evely Libanori

LUIGI, O GATINHO QUE RÓI

Luigi é um gatinho que tem mais ou menos dois meses. Ele dorme na cama comigo e nunca no mesmo lugar. Ele vai experimentando os cantos da cama, vai pra lá e pra cá até se ajeitar. Hoje é 3 de fevereiro e, quando abri os olhos, ele foi a primeira visão que eu tive. Estava quieto e quentinho do meu lado direito. Uma bolinha cinza, o corpinho enrolado em si. Um gatinho e uma mulher acordando para começar o dia. Ele veio perto da minha mão, encostou a boca, posicionou os dentinhos e começou a me roer suave. O jeito que ele diz “te amo” é roendo levinho minhas mãos e meus pés. Então, eu o levanto no ar e pergunto:

— Luigi, mas você é um ratinho, então? Olhe, pois me enganou bem...

E a gente ri e então nos levantamos para tocar o dia.

O GATO E A GATA

(Para D. Ana Miranda da Silva)

Eu fiquei amiga de um gato que mora no meu bairro. O nome dele é Frederico. É até engraçado quando eu chego no portão da casa e os moradores vêm me receber. Eles me olham e dizem:

— Ah, é você! É visita para o gato! Cadê o gato?

Mas quase nunca é preciso procurar. Frederico vem correndo assim que ouve minha voz. Na casa de Frederico também mora D. Ana.

D. Ana está com 81 anos e tem problemas de mobilidade. Então, ela passa os dias sentada na varanda de casa. Ela e Frederico são muito amigos. Um dia eu cheguei para a minha visita costumeira. D. Ana me viu no portão e disse:

— Pode entrar, você veio visitar o gato e a gata?

Eu não entendi...

— Que gata, D. Ana?

E ela:

— Eu.

Eu ri e me juntei à alegria dela e de Fred. Aí, éramos três gatos na varanda conversando, conversando em um sábado à tarde.

LIA

(Para Eduardo Libanori)

Ele estava triste naquela tarde. Era época de combate com pessoas e leis. Estava machucado, cansado. A coragem que a vida pede da gente para simplesmente tocar em frente. Sem nada querer de mais, apenas as forças vitais. Forças. Ele caminhava olhando as poças d'água da chuva recente. Sua rua não tinha asfalto e isso não o incomodava. Na verdade, até gostava, e por isso foi caminhar. Para ele, caminhar na terra é estar em conexão com a vida. A terra fria sob seus pés o vivificava. Ele era alto, bonito, forte. Por fora, a força de um touro. Ele apenas andava e, de repente, viu. Viu não sabia muito bem o quê. Um vulto. Uma coisinha com vida, com pelo, da cor da terra e do barro passou em sua frente. Rápida, muito veloz, tentou entrar na casa da vizinha. O homem se aproximou do bichinho que tremia. O menor e o maior ser do mundo. Um diante do outro. Ele pegou suave a gata, colocou no colo e examinou. Suja, magra e ferida. A boquinha vermelha saindo sangue. Era uma gata perdida no meio do caminho por onde caminhava o homem sozinho. Aquela coisinha pouco maior do que um grão, nas mãos de um homenzarrão. Ele levou para casa. Cuidou, alimentou, medicou. De repente, o homem percebeu que havia se esquecido de si. Agora, naquela casa, morava, sim senhor, uma dama de olhos azuis. E tão frágil... Um mudava a vida do outro. Naquela casa agora habitava Lia, tinha esse nome porque lembrava Alegria.

A namorada do rapaz ia muito lá, mas com Lia, passou a ir todo dia. Eu não sei se eles perceberam, mas começaram uma família. Foi a namorada que pediu uma cama maior, eles estavam aninhando uma criança não humana. Foi Lia chegar e eles resolveram se casar.

E Lia foi amada assim. Amada tanto quanto se pode amar um gato. E eles foram uma família interespecie feliz por 3 anos quando, de doença incurável, Lia morreu... Deu o último suspiro na mão do homem. Do lado dele, a mulher sofria. Lia morreu nas mãos que tiraram ela da lama. Eles fizeram de tudo, tentaram de tudo. A veterinária explicou que não tinha jeito... Que a gente quer que seja para sempre, mas para sempre não existe. Para sempre, só os números e a eternidade. Lia teve o máximo de felicidade. Ela rolava, pulava, saía, voltava. Lia, agora, é inalcançável. Antes, todo dia aqui no sofá... O absurdo da morte. Que, talvez, tamanha perfeição não seja desse mundo, e o paraíso seja assim: ter toda essa plenitude, só que para sempre. Lia, agora, é outro tipo de vida, outra energia. Ela é um anjo? Um passarinho? As águas de um moinho? Em que espaço e tempo ela está? Não se sabe, isso nunca se saberá. Ela é a essência que para sempre estará conectada ao casal. O homem sente a dor funda e fina de perder sua menina. Ele aceita que seja assim.

Ontem, ele saiu para caminhar. Não era o mesmo homem de 3 anos atrás. Ele tinha dentro de si o amor perfeito, um diamante dentro do peito. Lia. Ela o fizera especial. Ele era agora, mais humano, mais animal. E seguir e seguir, amando e doendo, vendo o que tem pelo caminho, tem gato, tem pedra, tem passarinho. E as mãos que podem socorrer.

Fabiana Burdini Margonato
Pacola

UM CÃO HERÓI: O AMOR QUE VENCE AS DIFERENÇAS²

Eu morava na rua. Lutava todos os dias para ganhar um osso e viver a vida com meus amigos cães. Vivíamos em uma praça, em frente a uma pensão, numa cidadezinha. Uma mulher, que trabalhava na cozinha, jogava restos de comida para nós quase todos os dias. Dividíamos as coisas e cuidávamos uns dos outros. Eu não tinha um humano para cuidar só de mim, mas a vida era divertida e cheia de aventuras.

Um dia, tivemos uma surpresa. A pensão foi vendida. Quando os novos donos chegaram, fizeram de tudo para nos expulsar de lá. Certa vez, um homem grande, com uma espingarda na mão, deu uns tiros para o alto lá na praça e ameaçou até acabar com a nossa vida. Eu e meus amigos corremos cada um para um lado diferente. Fui correndo, correndo, correndo até que entrei num parque que ficava meio longe dali. De repente..... Pimba!!!! Tudo se apagou e não enxerguei mais nada!

Quando acordei, já era noite e eu estava no meio de uma mata. Ai que medo!!!! Meus amigos sempre falavam que ninguém de nós deveria entrar naquele parque, pois lá morava um homem muito mal, conhecido como homem do saco. Diz a lenda que ele adorava fazer churrasco de cães. Mas eu não tive opção. Para fugir do grandalhão da espingarda, o único jeito que achei foi seguir aquele caminho. Sangue! Ah, não, tinha sangue escorrendo da minha cabeça. Socorro!! Estou machucado!!

— Psiu, tenha calma! Eu estou aqui! – Ouvi uma voz junto com um barulho que veio da mata.

— Meu Deus! Socorro! O homem do saco vai me comer vivo!

— Psiu... Fique tranquilo, só quero ajudar! – Disse uma macaca imensa, com cara de filme de terror.

— Onde estou? Por que tem sangue na minha cabeça? O que você vai fazer? Você é a mulher do homem do saco? Vai acabar comigo?

— Não vou fazer nada de ruim. Quando entrou no parque, correndo desesperadamente, você bateu a cabeça em um tronco de árvore que estava caído e desmaiou. Eu te peguei e trouxe aqui para dentro da mata. Lavei seu corte com a água do riacho e fiz curativos com as ervas que os índios me ensinaram.

— Mas você não come cães?

— Não. Apenas vivo na mata, ajudo a cuidar dos animais que moram aqui.

— Ai, ai, ai! Minha cabeça dói! De repente... Pimba!! Tudo escuro de novo.

Quando acordei, eu estava muito alto, no galho mais alto de uma árvore imensa. Meu Deus! Estou no céu! Será que morri? Acho que não, estava tudo muito quentinho, quentinho e gostoso demais para eu estar morto.

— Você acordou meu bebê!!! Que maravilha! Para você não morrer, te coloquei aqui, bem juntinho do meu coração. Aprendi isso com os índios. Ouvir os meus batimentos faria você acordar mais rápido! – Ah, não! Era a macaca com cara de terror de novo.

— Nossa, por que você está cuidando de mim?

² A história do conto é verídica e aconteceu em 2019.

— Não sei não. Só sei que quando te vi, senti o sangue pulsar nas minhas veias, como há muito tempo não sentia! Tive uma imensa vontade de cuidar de você, meu bichinho!!

— Nossa, ninguém nunca cuidou de mim assim. Sempre tive amigos na rua, mas ninguém que me abraçasse de um jeito tão quentinho... Será que... Será que...

— O que foi, menino? – Disse a macaca.

— Nada não, deixa quieto...

— Fala, quero saber!

— Será que... Será que... Será que posso te chamar de mãe?

Emocionada, a macaca respondeu:

— Sim, também te quero como um filho. Fique comigo e vamos ter muitas aventuras aqui na mata!

Nem mesmo questioneei. Que presente me foi dado! Uma coisa que eu jamais tinha sonhado! Ter uma mãe!!! Uma mãe!!! Mãe, mãe, mãe, mãe!!! Quero gritar essa palavra mil vezes! Uma que pudesse ser chamada de minha! Só minha!! Meu Deus! Não mereço tudo isso!! Para mim, isso era privilégio só dos cães de raça, aqueles playboyzinhos....

A vida seguiu. Fui vivendo aquele sonho. A mamãe me carregava para todos os lugares. Eu aprendi com ela a comer banana e todas as frutas que encontrávamos. Até a matar insetos para comer ela me ensinou. Tudo estava perfeito. A única coisa que me incomodava, era que depois que a minha mãe começou a cuidar de mim, muitos macacos não quiseram mais ficar perto dela.

Eles falavam que uma macaca forte e poderosa como ela não deveria ficar perdendo tempo na vida carregando um ser tão insignificante como eu. Um cãozinho vira-lata, pequeno, que não colocava medo em ninguém. Achavam-me uma total perda de tempo...

Mas a mamãe fazia de tudo para que eu não ouvisse esses comentários. Ela não queria que eu ficasse chateado. Uma vez eu lhe perguntei:

— Mãe, por que você cuida de mim? Não sou um macaco exuberante, não imponho respeito a ninguém. Seus amigos evitam você quando estou por perto! Deixa-me ir embora para a cidade!

— Não, filho! Não ligo para isso! Se eles agem assim, é porque têm inveja do grande amor que sinto! Minha vida vale muito mais a pena depois que te conheci!

E a minha também valia. Como eu me sentia amado...

Um dia, eu estava tirando o meu cochilo da tarde e a mamãe estava tomando banho no rio. Acordei assustado, com dois macacos me agarrando e um outro amarrando a minha boca com um cipó para que eu não conseguisse latir. Eles me levaram para longe dali e começaram a me bater e a me arranhar. Eu chorava muito, pensei que fossem acabar comigo. Um deles me disse:

— Não vamos te matar agora, porque não queremos sujar as mãos com um cãozinho que não vale nada! Mas o aviso está dado: suma daqui e nunca mais apareça! Deixe a Mana – esse era o nome da minha mãe – viver a vida como ela merece! Desde que você chegou, só atrapalhou a vida dela! Na próxima vez, não vamos te deixar vivo!

Então me soltaram e eu saí correndo. Voltei para a cidade. Perto da praça, um homem me viu e tirou o cipó da minha boca. Que alívio! Conseguia de novo latir e respirar aliviado.

Fui para a praça. Meus amigos estavam lá e disseram que o homem grande da espingarda havia se acalmado. A vida estava como antes.

O tempo foi passando, eu comia e me aventurava, mas o coração apertava cada vez mais. Meus amigos não me entendiam. Nunca tinham tido o amor de uma mãe. Mas eu guardei muito bem guardado o que os macacos me disseram. Eles me queriam longe. E eu queria que a mamãe fosse feliz. Além disso, também queria continuar vivo.

Mesmo assim, todas as noites, eu ia lá do lado de fora do bosque e ficava escondido tentando ver a mamãe de longe. Estava com muita saudade. Era difícil ficar longe dela. Uma noite, senti um cheiro estranho. Prestei atenção... O que era aquilo? Fumaça!!!! Um incêndio! A mata estava pegando fogo e a minha mãe estava lá! Comecei a latir, mas o fogo só aumentava! Os animais ficaram agitados e eu não tinha o que fazer!

Então, tive uma ideia. Corri até o corpo de bombeiros, que ficava na praça, e comecei a latir. Lati, lati, lati do lado de fora, na calçada. Era de madrugada, estavam todos dormindo. Depois de uns mil latidos, eu estava até ficando rouco, o capitão apareceu. Ele me disse:

— O que está acontecendo?

Eu tentava explicar, mas ele não me entendia. Fui andando e ele me seguiu. Até que chegamos ao parque e ele percebeu o que estava ocorrendo. Pegou o seu walkie talkie e chamou ajuda. Em pouco tempo, o incêndio, que estava apenas começando, já havia acabado. Graças a Deus! Ninguém ficou ferido! Vi de longe que a minha mãe estava bem.

Voltei para a cidade e me senti feliz por ter evitado uma tragédia. Peguei no sono tranquilo. Estava tão cansado, que nem percebi o que aconteceu enquanto eu dormia: os macacos vieram lá na praça e me carregaram de volta para a mata. Quando acordei, estava no colo da minha mãe. Achei que estava sonhando. Mas era verdade!

Perto de nós, os macacos fizeram uma fogueira. Estavam preparando para mim um churrasco de ossos!! Mamãe me disse:

— Filho, que saudades!! Tenho muito orgulho de você! Sua coragem salvou a todos nós! Nunca mais saia de perto de mim.

E me deu um abraço muito, muito quentinho...

— Mas mãe, eles não me querem aqui!

Um dos macacos grandões não me deixou acabar de falar e disse:

— Você vai ficar aqui! Somos muito gratos pelo que fez e queremos pedir desculpas pela nossa covardia naquela outra noite. Você nos ensinou que cada um tem o seu valor, mesmo que existam diferenças. E você é muito importante para nós! Além de uma mãe, conte com muitos irmãos. Nós, macacos, lutaremos e te defenderemos com unhas e dentes sempre!

Mal acreditei! Que surpresa maravilhosa a vida me preparou! Sou muito feliz e todos os dias vivo uma vida de aventuras com minha mãe e meus irmãos macacos.

Fabiana dos Santos

O RESGATE

Não, não sei se você vai acreditar na história que ouvi recentemente, mas ao contrário, do que diz o ditado popular “quem conta um conto, aumenta um ponto”, serei fiel em partilhar todos os detalhes conforme me disseram.

A caminho do trabalho, encontrei um velho conhecido que não via há um bom tempo. Para ser bem sincero, demorei a lembrar do seu nome. Depois de um esforço, veio claro! Era o Paulo, o popular Zé Biroca. Na época da escola, Zé Biroca era o terror da sala de aula, a mãe dele, coitada, era chamada para conversar toda semana, até que um dia sugeriram que ele buscasse um novo colégio, e foi assim que perdemos o contato.

Confesso que fiquei muito feliz em reencontrá-lo, os anos se passaram e agora éramos homens feitos. Cada um a seu modo, construímos nossos caminhos. Eu, casado, pai de dois filhos, formado em Administração trabalhando há pelo menos dez anos na mesma empresa.

Diferente da época do colégio, o Paulo, tornou-se um homem responsável. Contou-me que levava uma vida simples sem grandes recursos. Também casado tinham uma bebê recém-nascida, disse que a filha era linda, assim como a mãe, brincando com espontaneidade. Para descontraí-lo, e relembrar as brincadeiras de tempos passados mandei “que sorte teve sua filha! Ainda bem que saiu parecida à mãe”, e gargalhamos juntos. O seu “ganha pão” era no frigorífico mais conhecido da capital, o São Francisco de Assis. E, como vocês sabem chegar ao trabalho na capital é quase uma maratona, e foi assim que tivemos tempo para colocar a conversa em dia.

Sempre tive muita curiosidade sobre os bastidores da indústria da carne. Quis conhecer detalhes de suas funções no frigorífico, saber se tudo o que a gente ouve é verdade. Metralhei o Paulo com tantas perguntas, desde as mais comuns, por exemplo, como são feitos os embutidos? Até especificidades em relação ao abate dos animais. Paulo, com toda a paciência do mundo ia me explicando com detalhes.

Falou-me que sua função era como estoquista da câmara fria, e que sua equipe era formada por dois homens e uma mulher, que se dividiam em dois turnos. Seu parceiro era o Pedro, mais conhecido como Bocão. Pedi desculpas, mas dei muita risada desse apelido. Ele mais que depressa falou:

— Vou te dar uma dica... Por que você acha que chamam ele de Bocão?

Não me contive e soltei uma enorme gargalhada, por um instante, esqueci que outras pessoas nos rodeavam. Então arrisquei:

— Tem a boca grande? Sei lá, diz aí!

— Nada disso! O cara é um tremendo fofoqueiro. Adora uma confusão, mas é gente boa. Se rir do Pedro Bocão espera até saber o apelido do Thiago, acho que nunca acertaria!

— Nossa! O que pode ser pior que Bocão? – indaguei o colega.

— Tá preparado?

— Claro! Manda vai! Estou sentado mesmo!

— Então tá, é... Thiago Urubu. O Thiago é um cara boa pinta, solteiro, não pode ver mulher. Quando chega uma funcionária nova, vai logo dando em cima.

Respondi mais que depressa:

— Fazia tempo em que não me divertia tanto ouvindo apelidos tão esdrúxulos. Logo pensei, imagina como chamam a moça, e porque uma mulher no grupo, confesso que fiquei surpreso.

Antes que perguntasse, Paulo começou a falar de Clara, a moça que tirava turno com o Thiago Urubu.

Ela era novata na empresa. Estava há menos de um mês, e por motivos bem tristes, digamos de passagem.

Clara morava sozinha na capital. Deixou a família no interior na tentativa de conseguir realizar seus estudos e se tornar nutricionista. Era estudiosa e dedicada. Escolheu nutrição para ajudar outras pessoas, veganas, assim como ela, a terem uma vida “normal”. Digo normal, pois quando descobrem que um ser humano saudável não come carne soa quase como um insulto, logo querem saber se é por questões de saúde, restrição médica, colesterol, qualquer coisa, menos por consciência animal ou por uma ideologia.

Tudo corria dentro dos planos de Clara. Fez vestibular e foi aprovada. O que não contava era perder o emprego como estagiária na empresa anterior. Como não é novidade para ninguém, nosso país passa por uma crise, que tem exterminado empregos, e claro, os estagiários são prejudicados nessa leva.

As coisas foram ficando difíceis para Clara. O dinheiro apertado, quase nem conseguia suprir as despesas com comida. Passava o dia procurando outro trabalho, andava horas sem grandes expectativas e novidades.

Três meses se passaram, e o que Clara não queria aconteceu. Foi um banho de água fria, uma sequência desenfreada num misto de desgosto profundo. A correspondência chegou dilacerando seu coração. Sem chão viu-se sem rumo. Nas mãos o aviso de despejo do quarto onde morava. Estava prestes a ficar sem água, luz e, o pior, a família sem condições de ajudá-la. Não via outra saída a não ser voltar para o interior e esquecer de vez essa história de nutrição. Revoltou-se. Queria apenas, como tantos outros, estudar. Ter um futuro diferente das gerações de mulheres de sua família: todas se casaram cedo e eram submissas aos maridos e aos serviços domésticos. Queria escrever uma nova história, seguir carreira acadêmica, pesquisar, fazer concurso, sei lá! Tantas eram as opções, mas que aos poucos se esvaíam como a água entre os dedos.

O que prendia Clara na capital era a companhia de seus amigos. Ajudavam no que podiam para que ela não fosse embora. Num dia desses, conversava com uma amiga, quando passou por elas o Thiago Urubu. O rapaz, ao ver sua amiga em comum, conversando com “carne nova” no pedaço, parou mais que de depressa. E foi assim, que Clara conheceu o Thiago.

Ele percebeu que elas estavam cabisbaixas e que alguma coisa estava errada. Por um instante, Thiago acabou esquecendo o seu interesse de macho e demonstrou solidariedade com a situação, tendo de imediato, uma ideia que poderia ajudar, e ao mesmo tempo, tirar vantagem. Virou-se para Clara e disse:

— Eu posso te ajudar. O frigorífico onde trabalho precisa de um funcionário para o turno da noite, no setor de estoque da câmara fria. O que você acha? Topa trabalhar comigo? Eu e você juntinhos a noite inteira...

De cara, Thiago ouviu não num tom de desespero. O frigorífico seria o emprego impensável para Clara. Onde ficariam seus princípios? Sua ideologia? Não queria compactuar com a morte. Só de pensar sentia arrepios, calafrios e todas as sensações horríveis que pudesse imaginar. Mesmo assim, agradeceu a preocupação de Thiago, mas que não aceitaria.

Andou a semana toda de forma incansável e nada de arrumar emprego. Com a noite avançada, Clara via diante de si, a chama da vela esvaindo e com ela seus sonhos. Ao dobrar o casaco que deixara na cabeceira da cama, encontrou no bolso o contato de Thiago. Estava aflita, desesperada para ser mais exato. Que dilema. Pensou que trabalhando no frigorífico pudesse conscientizar as pessoas. De fato, sem saída, encurralada via-se entre a cruz e a espada. E sem pensar acabou ligando para Thiago.

— Alô? Thiago? É você? Sou eu, Clara, lembra?

— Oi gata! Ainda não estou louco para esquecer você. Pensou melhor? Aceita o emprego? Por sorte não preencheram a vaga.

— Aceito.

Uma única palavra mudaria a vida de Clara para sempre. Estava convicta, por um mês, preciso pagar essas contas e o adicional noturno vai me ajudar.

No outro dia, chegou no horário combinado ao turno das 22h às 7h. Entrou como um punhal adentra as entranhas, dilacerando as vísceras lentamente. Não se conformava em estar ali. Era uma traidora.

Sua função era conferir o estoque todos os dias na entrada e saída do turno, verificar a temperatura do ambiente garantindo a qualidade dos produtos. E assim ela fazia. Logo na primeira semana, Clara, percebeu algo estranho. Barulhos, que não conseguia identificar vinham da direção da câmara fria. Parecia um pedido de socorro abafado, sem vida. A princípio ficou furiosa e descarregou sua raiva em cima de Thiago:

— Thiago, que brincadeira sem graça é esta? Tá me achando com cara de palhaça? Sabe dos meus ideais, que estou na pior... Vai ficar zoando? Já sei que você está fazendo esses barulhos para me deixar com medo.

Thiago não sabia o que dizer. Não era ele. Relutou e disse:

— Clara, calma! Não sou eu. Talvez você tenha ouvido o motor de alguma máquina e tenha se confundido, só isso! Tem que se acalmar, relaxa mulher.

Clara pediu desculpas. Ficou envergonhada com o acontecido.

No outro dia, tudo parecia normal. Como de costume, chegou em cima da hora, deixou suas coisas no armário e foi verificar o estoque. Contou a primeira vez, a segunda, a terceira. A cada contagem um valor diferente, tinha a sensação que as embalagens se misturavam e que estavam faltando. Os ruídos recomeçavam. Ela virava as costas e eles voltavam abafados.

A moça começou a pensar, o que pode estar acontecendo? Estou doente? O trabalho noturno tem me deixado perturbada? O sono do dia não era a mesma coisa. Precisava ir ao médico com urgência. Estaria ficando louca? Claro que não! Devia ser estresse.

Ao acordar decidiu ir fazer uma consulta. Procurou o pronto atendimento e relatou ao médico de plantão o que estava acontecendo. Ele disse que provavelmente estava com dificuldades de adaptação com os novos horários, que precisava se alimentar direito, e que dificilmente estaria ficando louca. Prescreveu um medicamento para ajudar, mas que por ser forte precisaria ficar atenta à dosagem diária.

Aquele dia foi cheio, quando percebeu era chegada o horário do trabalho. Como de rotina, Clara deixou seus pertences no armário e foi para a contagem do estoque. No meio do caminho parou. Não se lembrava de ter, ou não, tomado o remédio. Voltou, abriu o armário e tomou.

Ao chegar à câmara fria para conferência sentiu seus olhos turvos, sem conseguir enxergar nitidamente o que via. A penumbra à meia luz a deixavam confusa. No fundo da câmara via os animais pedindo socorro, gesticulando entre si, como se confabulassem uma fuga. Seus olhos eram de desespero e medo, quando a viram saíram correndo pela porta entreaberta e sumiram na escuridão. Meio tonta e confusa, Clara contou o estoque e, dessa vez, a diferença foi imensa. As prateleiras estavam quase vazias. Passou as mãos no rosto, não acreditava no que via. As pernas formigavam e a visão cada vez mais turva, encostou-se à porta de entrada e foi deslizando até chegar ao chão.

Alguns minutos depois, Thiago, seu companheiro de turno, a encontrou desmaiada e aparentemente dopada pela medicação. No momento do socorro, Clara, pedia desesperadamente para que Thiago ajudasse os animais a fugirem e que o estoque estava incompleto.

Clara foi levada ao hospital, e Thiago correu até a câmara fria para verificar o que a colega dissera. Ao chegar ao local, não viu nenhum vestígio da fuga dos animais. Tudo limpo, sem rastros e em perfeito estado. As prateleiras cheias, contou as mercadorias e estavam faltando apenas duas embalagens, o que era considerado normal, dentro da margem de erro. Thiago só não se atentou para a prateleira atrás da porta, alguns produtos caídos tinham rasgos, como se tivessem sido pisoteados durante uma fuga.

Ao receber alta do hospital, Clara foi informada pelo médico que seus exames estavam normais, e que não conseguiu diagnosticar em seu sangue a presença de medicação em excesso. Provavelmente, deveria ter tomado o remédio duas vezes, o que causou efeitos colaterais, mas não podia afirmar com certeza.

Clara, muito envergonhada, foi até o frigorífico e pegou suas coisas no armário. Por um instante, hesitou ir até a câmara fria, mas não teve coragem. Não podia mais compactuar com tamanha violência e covardia. Conferir, diariamente, cadáveres dilacerados e empacotados faziam sua vida sombria. Com a bolsa nas mãos, apertando-a contra o peito, virou de costas adentrando ao imenso corredor de acesso à saída, e sem olhar para trás, ergueu a cabeça e se foi em silêncio.

Fabiana Maceno Domingos
Pedrolo

MISSÃO DO DIA

— Que coisinha mais linda! – exclamei!

Não tinha outra forma de expressar minha reação quando a garota apareceu com um filhote de cachorro nos braços na minha mesa de trabalho em plena sete horas da manhã. Todos na escola sabiam da minha adoração por cães e nada mais óbvio que deixar comigo o cãozinho minúsculo encontrado à deriva no meio da rua.

— Deixar aqui? – perguntei desconfiada.

— Sim, só até o fim da aula – respondeu a aluna – ao final eu passo aqui e o levarei para casa.

Concordei, mesmo sabendo que isso poderia me acarretar algum problema, era mais forte do que eu a ânsia de cuidar daquele ser tão inofensivo.

Ajeitei ali mesmo uma caixinha de sapato com um paninho dentro, busquei um pouco de leite na cozinha e deixei a sua disposição. Estava eu como uma babá ao redor do berço situado bem atrás da minha cadeira na biblioteca. Descobri uns minutos depois que se tratava de uma fêmea, a quem nomeei provisoriamente de Clarice, em homenagem à Lispector, de quem sou fã. A pequenina, pouco maior que uma palma da mão só dormia e, quando percebia que eu me afastava, acordava e gritava desesperadamente tal qual o bebê faz com sua mãe.

Queria colo e se afundava no vão entre meu braço e tronco como quem quer se enterrar. Como alguém podia abandonar um ser tão indefeso? Não conseguia compreender tamanha crueldade.

As horas iam passando e se aproximava o momento de eu ter que entregá-la para sua futura tutora, o que dava um alívio pois, mesmo que eu quisesse, não poderia acolhê-la, uma vez que eu morava em um apartamento pequeno o qual já abrigava uma cachorra de porte médio. Em contrapartida, este momento me causava certa angústia também já que aquelas poucas horinhas já haviam sido suficientes para eu me afeiçoar a ela e ela a mim, certamente. Pensei nisso. Engoli seco.

Soou o sinal e lá veio a aluna levar a pequena para casa. Entreguei-a como uma mãe o faz com seu filho para adoção, com dor no coração já dando recomendações do tipo, “cubra-a bem” ou “não a deixe sozinha”. Foi.

Senti um nó na garganta que há muito não havia sentido. Mas esse era o trato e assim foi.

Algumas horas depois recebi um recado da aluna dizendo que a sua mãe não a deixara ficar com a cadelinha e que se ninguém fosse buscá-la, jogá-la-iam na rua novamente. Aquilo caiu como uma bomba sobre minha cabeça e eu só queria resgatá-la a qualquer custo.

Anunciei em vários canais a sua foto para adoção, contatei todos que poderiam me ajudar sem retorno. O aperto no peito só se acentuava num misto de raiva com tristeza. Como pode alguém negar-se a cuidar daquele ser tão pequeno e dependente? Fui buscá-la de carona com uma colega de trabalho que sabia onde a aluna morava.

Quando cheguei lá, meus olhos soltavam faíscas tamanha a intensidade do que eu estava sentindo. Não sou mãe, provavelmente nunca o seja, mas certamente era aquele sentimento que uma mãe tem ao cuidar de sua cria. Peguei abruptamente o filhote do colo da garota que parecia pouco se importar com a situação. Virei as costas e voltei ao trabalho,

depositando novamente o bebê em seu bercinho improvisado que ainda estava no mesmo lugar.

O desespero continuava. E agora? Quem poderia adotar aquela pequena? O tempo passando e eu a oferecia para todos do lugar e também de forma online. Escurecia. Meus olhos vermelhos e o rosto inchado de choro já não escondia a minha frustração e angústia pela situação. Nessas horas a gente se redescobre devota de vários santos, o meu preferido sempre foi o Santo Expedito, e aquela era sim uma causa urgente.

Dizem que todo santo ajuda quando a gente ajuda. Essa tinha de ser uma dessas situações.

Já era passada a hora de eu ir embora e lá estava eu com minha missão do dia. Entendi naquele dia que cada dia que nasce nos reserva uma missão mais ou menos importante. E aquele dia 26 de setembro era um dia em que eu deveria fazer algo fora do comum dos demais dias. Então continuei a esperar a solução.

Uma outra funcionária soube do ocorrido e se interessou em levá-la, após muitas outras negativas recebidas pois a maioria das pessoas despreza vira-latas, infelizmente. Já era noite quando ela se decidiu e tamanha a minha alegria, fui comprar imediatamente tudo que podia para auxiliá-la na adoção: casinha, antipulgas, vermífugo, ração, enfim, tudo que estava ao meu alcance naquele momento para colaborar com a senhora que se prontificou a adotá-la, bem como eu me prontifiquei em ajudar com qualquer coisa que ela precisasse, inclusive a castração. Foi.

Recebi nos dias seguintes muitas fotos dela em sua nova morada, crescia rapidamente, não teria mesmo como tê-la em um apartamento como eu já supunha. Estava feliz e saudável. A missão se cumpriu.

Três meses depois fomos levá-la para castrar, fiz questão de pedir para vê-la, queria matar a saudade. Como cresceu! Desta vez, senti meu peito inflar, já não era apertar como antes, mas inflar, pois, a alegria de ter feito bem para aquela criatura especial me tornava também especial, nem que fosse por alguns instantes. Sorri. Agora sim, missão cumprida.

Felipi Yamabe

AS ASAS DA PRIMAVERA

Um pássaro? Eu nunca tive um animal de estimação antes, mas se eu pudesse escolher, com certeza não escolheria um pássaro.

“O que foi? Não gostou do seu presente?”

“Eu gostei.” claro que não havia gostado, o que eu faria com um pássaro? Não posso dizer a verdade para minha tia, afinal ela só está tentando me animar.

“Que bom, de hoje em diante você terá a responsabilidade de cuidar dele.”

“Entendi.” porque eu tenho que fazer tudo isso? Mal consigo cuidar de mim mesmo, imagine de outro ser vivo, aliás como ela sabe se o pássaro é macho? para mim, eles não parecem ter uma diferença.

“Ele também precisa de um nome, achei que você iria gostar de escolher.”

“Pássaro.”

“Pelo menos é um nome fácil de lembrar, é melhor eu ir andando já estou meio atrasada para o trabalho, não esqueça de tomar bastante água, nessa época é bom se hidratar.”

“Tá bom.”

Minha tia saía todo dia bem cedo para trabalhar no hospital, nós apenas conversamos de manhã e algumas às vezes à noite nos dias que ela não precisava ficar até tarde, não tínhamos muitos assuntos já que ficava naquela pequena casa o dia todo, apenas no horário do almoço uma vizinha vinha me entregar um prato de comida, também tinha minha tutora particular que dava aulas para mim no período vespertino, não era nada demais, ela era bem objetiva para me ensinar tudo que podia no menor tempo possível. No resto do dia eu gostava de desenhar ou ler livros de aventuras, quando eu lia me sentia como se estivesse explorando um mundo no qual eu não poderia ver e os desenhos me ajudavam a ter um pequeno vislumbre de como seria lá fora, tirando isso não havia muita coisa para uma pessoa como eu pudesse fazer, essa era minha rotina até eu ganhar esse pássaro. Não sei dizer a sua espécie, mas ele não cantava e muito menos falava, seus olhos eram bem grandes, parecia que sempre estava me encarando, talvez estivesse me julgando ou quem sabe sentindo dó de mim igual a todo mundo, sua gaiola era tão pequena que eu podia carregá-lo facilmente no meu colo, tinha um formato oval e mal havia espaço para o Pássaro se mexer, acho que entendo como ele deve se sentir, preso em uma jaula sem poder voar, aposto que ele gostaria de estar lá fora sentindo a brisa fresca, só que aqui estamos juntos nesta casa dependo dos outros para sobreviver, no final não éramos tão diferentes assim. Cuidar dele não era tão complicado como havia pensado, praticamente só precisava alimentá-lo e ficar cuidando de sua gaiola, me acostumei rapidamente com sua presença, quando eu falava com ele, sua cabeça virava de um modo estranho para o lado, sinceramente não sabia se o Pássaro estava confuso ou simplesmente não me entendia, talvez ele apenas não compreendesse minha língua, só que algo em seu olhar fixo me dizia que aquela ave podia enxergar através das minhas palavras, de qualquer modo era bom ter alguma companhia para variar.

Não havia percebido que as folhas das árvores do quintal de casa já estavam caindo, ultimamente eu tenho lido bastante enciclopédias sobre animais, queria descobrir mais sobre o Pássaro, descobrir sobre seu lugar de origem, o que gosta de comer e como sua espécie se relaciona entre si. Bem, acredito que ele teve um pai e uma mãe, mas queria saber se ele foi abandonado desde pequeno ou será que seus pais estão fazendo companhia aos meus? Torço para que seja primeira opção, deve ser menos doloroso. De qualquer forma, o Pássaro parece

estar finalmente à vontade aqui, agora ele não ataca mais minha mão quando vou lavar sua gaiola, talvez tenha percebido que não era eu que o prendia aqui.

Estava pensando em um plano para libertar o meu amigo, é estranho chamá-lo desse modo, só que tirando minha tia, o pássaro era o mais próximo de mim, por mais que eu gostasse dele, não podia deixar que ele tivesse o mesmo futuro que eu, preso a uma jaula sem saber o que há no mundo exterior, então eu esperei anoitecer para fugir de casa. Com a gaiola do Pássaro no meu colo e a minha lamparina na minha mão esquerda, eu finalmente saí de casa após meses trancado, nesse horário não havia mais ninguém na cidade, só conseguia ouvir o som do vento e das pedras no chão que batiam na roda, era realmente difícil manusear esse negócio ainda mais que apenas o centro era asfaltado, o resto da cidade era tudo cheio de terra que dificultava minha locomoção, mas eu estava saindo da cidade e indo para um lugar onde meus pais me levavam para fazer piquenique, lá seria perfeito para libertá-lo. Depois de alguns minutos minha mão começou a doer, não aguentava mais ficar rodando, já estava fora da cidade e para minha surpresa começou a nevar, não conseguia ver nada, a lamparina iluminava apenas um palmo à minha frente e realmente estava ficando frio, percebi que até o Pássaro começou a agir de forma estranha. Só mais um pouquinho, só mais um pouco eu chego lá, aos poucos comecei a sentir mais fraco, minha visão já estava embaçada e mal conseguia manter os olhos abertos, o chão estava ficando muito escorregadio e quando menos esperava eu perdi completamente minhas forças e cai da cadeira em uma colina que ficava a beira da estrada, nesse momento só consegui pensar no Pássaro, então eu abracei sua gaiola para protegê-lo da queda, fui rolando morro abaixo e logo perdi a consciência, estava tudo preto agora, a única coisa que sentia era frio. Alguma coisa estava batendo na minha cabeça, aos poucos fui acordando, percebi que ainda estava abraçando a gaiola que havia quebrado, para minha surpresa o Pássaro não havia fugido, ele estava na minha frente bicando minha cabeça, andando de um lado pro outro e parecendo que queria me acordar, depois de tanto tempo juntos e só agora que eu percebi que suas asas eram cortadas, ele era um pássaro como qualquer outro, entretanto não tinha a característica principal que lhe destacava dos demais animais, ele simplesmente não podia voar.

“Entendo, você nunca teve dó de mim por que sabia como eu me sentia, então por que mesmo assim eu senti tanto dó sua? Você e eu, finalmente poderemos ser livres.”

Fernanda T. K. Yamamoto

O CHEIRO

Passando pelo corredor do mercado, senti aquele cheiro, de novo. Nunca vou me esquecer daquele momento. Todas as vezes que passo por essa seção das feiras ou dos supermercados, me vem aquele dia, no qual tudo começou — ou se encerrou. E toda semana vou a esses lugares comprar comida; logo, me lembro desse fato com recorrência.

Assim que percebo esse odor, sou transportada para o estacionamento da clínica veterinária. Foi lá a primeira vez que senti esse cheiro de um modo diferente — não um cheiro diferente, mas o percebi distinto. Com minha filha canina nos braços, toda enfaixada no pós-operatório e exalando aquilo foi que me dei conta que ela cheirava a algo familiar.

Ela tinha sido submetida a uma cirurgia de retirada de tumor na mama. Por prevenção, o recomendado era suprimir toda a cadeia mamária. Sim, uma fileira inteira. Ela, baixinha e esticadinha, teve que ser aberta de cabo a (quase o) rabo. E pra costurar o corpo todo e fechar foi um processo doloroso, mas a vontade dela de viver se encarregou de curar e cicatrizar rapidamente.

Seu cheiro — e seu olhar — após despertar da anestesia foi uma revelação para mim. Aquela atmosfera não me deixou dúvidas. Era um ar gelado, que selava a morte. Sim, era cheiro de açougue. Apesar desse tipo de estabelecimento não me incomodar muito quando eu o frequentava e manipulava pedaços que tinha comprado, embalsamados em sangue, sentia literalmente no ar que havia algo errado nesse tipo de loja. Eu só ainda não identificava o que era.

Bem, ainda no estacionamento da clínica, tentei explicar à cachorra o que tinha acontecido, por que havíamos feito aquilo, como seria sua recuperação, que a dor iria passar, mas que tinha sido para seu próprio bem *et cetera* e tal. A cara dela de autopiedade continuou a mesma após meu discurso. Só pude (tentar) acomodá-la na melhor posição possível no banco do carro e fomos embora. Já em casa, olhando para aquele ser, pedi desculpas por todo mundo que eu tinha ferido na vida (e não era nem para fazer uma cirurgia, mas pelo meu paladar) e prometi, dali em diante, tratar todos como eu a tratava: um indivíduo, com personalidade, desejos, tristezas e alegrias. Aquele olhar de dor e incompreensão só passou depois de uma semana. Imagine ver esse animalzinho, que só te pede comida, carinho e companhia, sofrendo? E cheirando “àquilo”!

É, meu caro, minha cara. Aquele cheiro me fez realizar a conexão, dolorida, mas verdadeira, sobre as consequências das minhas escolhas em mercados e restaurantes. A partir daquele dia, todo animal se igualou a ela, justamente por serem únicos. Na vulnerabilidade de quem só quer viver, foi cheirando seu sangue, igual ao de tantos outros animais, que me dei conta da violência intrínseca para montar uma vitrine de açougue, cozinhar pedaços do corpo dos bichos e comê-los.

E foi, ao compreender esse ciclo, que parei de consumir animais. A racionalização das pessoas atribui essa minha recusa alimentar a um trauma, apesar de cansar de explicar que minha escolha vai além dessa simplificação de tratá-la como caso clínico em um divã. Afinal, como curar-se de um cheiro, que é real e percorre todos nós? Algo que vai além de ideias, conceitos e projeções? É fato, é animal humano ou não humano, é carne, é sangue, é vida e morte.

Só de pensar que ela, a queridinha da família, poderia ser a que estivesse reduzida a partes, pendurada na vitrine, refrigerada, moída ou transformada em um embutido, tornou tudo mais claro para mim: *Quer a coxa* — que ela roçava quando sentia cócegas na barriga? *Tem a picanha fresquinha* — aquele traseiro que ela requebrava contente quando me via!

Mais barato, tem as orelhas — que ela abaixava quando sentia ternura e gostava de receber cafuné. *Ou também o rabo* — que batia e derrubava tudo pela frente quando estava feliz... Enfim, a lembrança daquele cheiro invadindo o carro, o meu corpo, o dela, a geladeira, escorrendo da tábua para a pia, na minha mão, na frigideira, no prato... Não mais. Na ala do açougue agora só passo sem respirar, correndo como quem percorre um labirinto, para sair de lá o quanto antes. Mas, ainda assim, o cheiro me invade. E toda semana me lembro daquela cena, daquele olhar e de tudo que me levou a pensar que devo escolher o que comer, e não mais quem comer. Foi aquele cheiro que me evidenciou que somos todos animais.

Gabriela Regina Soncini

O PEQUENO VALENTE DE PATINHAS COM ASAS

Era uma vez um cachorrinho muito pequeno.

Quando nasceu era o menor dos irmãos, mas nem deu muito tempo de ele brincar e se divertir. Algumas pessoas normalmente não gostam e não sentem paciência e compaixão para seres pequeninos, elas sempre estão com pressa e com olhos nas coisas grandes ou outras coisas que nem são apressadas ou grandes, mas coisas que lhes ocupam a mente, estragam o coração, ou mesmo são pessoas más, pessoas que não conseguem se colocar muito bem no lugar de um cãozinho pequeno, porque elas acham que são muito grandes e que nunca precisarão na vida de uma patinha. Um dia essas pessoas colocaram o pequeno em uma cestinha, seus irmãos e sua mãezinha já tinham sumido, ele era o último, e ele só conseguia pensar que poderia ser uma brincadeira de esconde-esconde, mas como podia saber se era alguma brincadeira se mal teve oportunidade de brincar?

Mas de toda forma não era brincadeira. As pessoas o deixaram perto de um lugar chamado “Gruta dos leões”, as pessoas deixavam ali coisas que não queriam e coisas esquecidas, na esperança que os leões as abocanhassem, porque é mais fácil deixar ali algo e esperar que outro ser resolva e engula um problema que é seu.

Mas o pequenino não era um problema, era uma vida, uma vida pequenina, uma vida grandiosa e das mais bonitas. E tem vezes que até os leões mais bravos são melhores que as pessoas, em uma noite de lua minguante eles saíram da gruta e se depararam com o cãozinho. Era de se esperar que ele tremesse todo, chorasse, fugisse, gritasse ou saísse correndo, mas ele não tinha noção do quanto era pequeno, e latiu cheio de valentia para os leões. Os dois grandes animais se olharam e acharam estranho aquele pequenino latindo, admiraram sua valentia e resolveram que iriam cuidar dele.

Colocaram o nome dele de Valentinho ou Pequeno Valente, pois ele era realmente a valentia e coragem em forma diminuta. Os leões também começaram a achar curioso que as patinhas do Valentinho eram mais velozes que o normal, e perceberam que entre elas começava a nascer um monte de peninhas, como se um dia fosse se formar asinhas ali.

O Pequeno Valente e os leões viveram felizes durante um tempo, brincando e fazendo traquinagens. Valentinho ganhou a amizade de todos os seres da floresta, o tigre Billy, outro animal feroz ficou surpreso com sua coragem, e se tornou grande amigo de caminhadas pela floresta. O Urso Jazz que era chamado assim porque adorava tocar músicas em seu trompete, até dividia o mel que ele gostava de comer com o Pequeno Valente. O lobo Régis ensinou o Valentinho a uivar em noites de lua cheia, dizendo que isso era muito importante para os caninos corajosos, afinal uivar para a lua lembrava mágicas distantes, de quando os tempos eram mais fantasiosos e o céu mais cheio de estrelas.

— Régis amigo, o que há para além da lua? – perguntou um dia o Pequeno Valente.

— Eu não sei, dizem que só os passarinhos chegam lá hoje em dia.

Assim, Valentinho fez amizade com um passarinho, para ver se ele conseguia chegar para além da lua, pois em seu coração começou uma grande curiosidade pelos caminhos de lá.

— Irmãozão – pois era assim que começou a chamar o pássaro – o que há para além da lua?

— Não sei irmãozinho, eu não consigo voar tão alto, dizem que somente o deus Hermes consegue.

— Quem é ele?

— O deus Hermes era o mensageiro dos deuses, ele tinha asas nos pés e voava muito veloz, dizem que ele mora em Mercúrio, que é mais longe que a lua.

Foi com a história do deus Hermes nos pensamentos que o Pequeno Valente voltou para a gruta dos leões, mas chegando lá ele teve uma surpresa, seus amigos não estavam mais ali. A gruta tinha sido fechada pelos humanos. Os outros animais contaram que os leões haviam conseguido fugir para a grande floresta e que haviam deixado uma carta para Valentinho, uma carta que dizia assim:

“Pequeno Valente,

Tivemos que fugir, as pessoas souberam que não estamos mais engolindo seus problemas, será um perigo para você ficar com a gente, estamos tristes por não o levar. Fica com o tigre Billy, ele cuidará de você até as asas que você tem nas patinhas crescerem.

Com carinho,

de seus eternos amigos da gruta dos leões”.

Pequeno Valente olhou pela primeira vez com curiosidade para suas patinhas com penas, elas já estavam bem mais crescidas, porém seu coração estava triste, gostava dos leões, eles cuidaram e ensinaram tantas coisas para ele, doía ter que ficar sozinho, por mais que gostasse do Billy. Mas ele sentia que não devia procurá-los, apesar da sua valentia, ele tinha medo do ser humano, e sentia que precisava fazer algumas coisas por ali antes de ir.

O tigre era estranho, às vezes sumia por dias sem falar nada. O urso Jazz dizia que ele conhecia portais encantados e não queria dizer para ninguém. O urso contava muitas histórias, dizia ele que um dia havia machucado a pata, e por milagre ficou curado, do nada, como se fosse algum feitiço de mago, ele achava que tinha sido o tigre que o havia levado para outra dimensão ou outra galáxia distante.

— As galáxias distantes são mais longe que a lua? – perguntou o pequeno valente para o Jazz.

— Sim, muito mais, por isso só se consegue chegar nelas através dos portais – respondeu Jazz.

— Os portais chegam até Mercúrio? Até o deus Hermes?

— Não sei, devem chegar.

— Aposto que Hermes nem precisa dos portais para chegar às galáxias distantes, só das suas asas.

— Valentinho eu sou só um urso musical, e tenho as patas doloridas, queria que aquele tigre um dia fosse sincero, mas ele é um pouco falso.

No fundo Jazz tinha um pouco de ciúmes do tigre pelo fato de ele não ter patas doloridas. Billy contou para o Pequeno Valente que ele só sumia porque precisava ficar sozinho e que Jazz tinha sido curado por plantinhas da floresta feitas de chá pela dona coruja.

— Aquele urso velho fala muita besteira! – dizia Billy.

Um dia o Pequeno Valente começou algumas missões de salvamento pela floresta, como era muito corajoso e muito veloz, iniciou uma coleção de histórias para livrar vários seres de vários perigos grandes e também de perigos pequenos.

Sua primeira salvação foi de uma raposa indefesa retirada da garra de muitos animais ferozes. A pobre raposa Milena se viu cercada, e com toda sua valentia e coragem, e uma boa dose das suas patinhas velozes que já começavam a sair do chão, o pequeno Valente salvou a

raposa. Valentinho correu em círculos por volta de todos os brutamontes, que ficaram tão tontos que caíram por fim no chão desorientados. A raposa agradeceu tanto ao Valentinho, porém da mesma forma que os leões, ela foi embora, mas ela foi porque não era dali, e não tinha tanta valentia para aquele lugar, ela se transformou em uma raposinha doméstica, queria apenas um bom pratinho de comida e brinquedos. Foi outra tristeza para o pobre coração do cãozinho que já não aguentava mais despedidas e pessoas ruins.

O seu segundo salvamento foi fenomenal, ele livrou três lobinhos miúdos de um enxame todinho de abelhas, os lobinhos se debatiam e corriam feito doidos pela floresta. Quando Valentinho os encontrou ele agitou suas patinhas com a maior agilidade já vista, e espantou todas as abelhas, que voltaram para o campo de lavandas onde a casa delas estava. Os lobinhos muito agradecidos abraçaram o Pequeno Valente, e disserem que ele era o cachorrinho mais bondoso e rápido do mundo.

Um dia Valentinho se perdeu entre os campos de girassóis, não conseguia encontrar o caminho de casa, teve a ideia então de planar um pouquinho no ar. Lá em cima avistou as paisagens distantes, seu coração começou a sonhar todo, como o mundo era grande, e se só esse mundo era grande imagina todas as galáxias? Logo ele caiu no chão, pois ainda não conseguia planar muito, quem dera voar, suas asinhas ainda não estavam prontas. Apesar da felicidade por ter visto paisagens grandes, ele começou a se sentir menor que nunca, começou a se perguntar se os leões estavam bem, se a Milena estava feliz, se os lobinhos cresceriam fortes, aquele mundo era difícil para viver. Era bonito, mas era complicado.

Nos dias que se seguiram, o tigre Billy começou a sumir mais, o urso Jazz cada dia passava mais dormindo do que acordado, o pássaro Irmãozão voava muito, ficava mais no céu do que na terra, os leões nunca mais voltaram, e ele não tinha mais esperanças que Milena voltasse para ser salva novamente. O Pequeno Valente começou a se sentir sozinho, começou a pensar que talvez seu lugar não fosse ali, talvez seu lugar fosse lá, onde as coisas poderiam ser mais grandiosas até mesmo para seres tão pequenos. E pensando nessas coisas todas, ele dormiu por ali em uma relva macia, e teve um sonho dentro do seu sono, um sonho tão bonito que ele sorria com os olhos fechados enquanto as árvores cantavam uma canção de ninar. Ele sonhou com o deus Hermes.

— Quer conhecer Mercúrio? – perguntou Hermes.

— Quero! Sou muito valente!

E quando acordou, ele não estava mais na relva ali, estava na relva de lá. Ele olhou primeiro as asinhas nas suas quatro patinhas, elas estavam enfim formadas, ele começou devagarzinho a voar com elas, primeiro entre as árvores e pelos campos, quando viu estava voando pelo céu, sem cair de volta ao chão. Encontrou até o Irmãozão que de tão distraído não o viu. Quando menos esperava, se viu frente a frente com a lua. Nossa que bonita de perto era a lua! Mal acreditava no que seus olhos estavam vendo, e logo deu de cara com nada mais nada menos que o próprio deus Hermes em Mercúrio! Era ele, com certeza, com as asas nos pés e tudo, igual a história do passarinho e seu sonho.

— Deus Hermes! É você mesmo?

— Claro que sou! Preciso de um ajudante com asas velozes para voar muito além da lua.

— Eu tenho asas velozes – disse o Pequeno Valente mostrando suas patinhas.

O deus Hermes sorriu e pensou que era o ser perfeito para conhecer mundos, salvar seres pequeninos e nunca se sentir sozinho e desamparado.

E dessa forma, como em um passe de mágica, como as histórias o são, Valentinho tornou-se ajudante de um deus. Voou por planetas, cometas e estrelas, virou também um mensageiro dos deuses, e comia muitos bolinhos em Mercúrio com o deus Hermes que se tornou seu melhor amigo. Ele era veloz e valente, seguia para além de Plutão, que já foi um planeta um dia, mas acharam que ele era muito pequeno para ser um planeta e hoje ele não é mais.

Mas o Pequeno Valente nunca se achou pequeno, se por acaso você estiver andando por uma floresta e vir quatro patinhas voadoras com asas, você teve sorte, viu um vislumbre das patinhas mais bonitas e velozes. O tigre Billy, o urso Jazz, o lobo Régis, o pássaro Irmãozão e a raposa Milena e os lobinhos jamais esqueceram seu amigo, eles tinham vislumbres dele sempre, e um dia vão encontrar com o Pequeno Valente em planetas distante, pois há aqueles que também um dia criam asas invisíveis.

Só não tenho certeza se as pessoas que deixaram o Valentinho e todas as demais coisas para serem engolidas nas grutas dos leões verão esses mundos bonitos, afinal, as pessoas querem que as pequenezas sejam engolidas e os problemas jogados em grutas escuras, as pessoas são dentes raivosos maiores que de feras. Portanto, se um dia você vir o Pequeno Valente ou outro pequeno valente assim, seja gentil, estenda suas mãos para uma patinha amiga e voadora, distâncias “planetais” ainda não conseguimos, mas a distância entre uma mão e uma patinha é bem próxima.

Johanns Andrade Bezerra

DUAS VACAS ESTÃO NUMA SALA DE ORDENHA DE UMA FAZENDA LEITEIRA E COMEÇAM UMA CONVERSA BEM INTERESSANTE

Vaca 1. Eu não entendo porque os humanos não nos deixam alimentar diretamente os nossos filhos, eles insistem em nos trazer para este lugar, todo dia durante mais de dez meses por ano, e essas máquinas retiram o nosso leite, que certamente será todo usado para alimentar os nossos filhos.

Vaca 2. Não, isso não é verdade! Os humanos consomem muito mais da metade do nosso leite, em forma líquida ou em forma sólida, e nesse caso eles o chamam de queijo, requeijão, manteiga, etc.

Vaca 1. Você só pode estar brincando, não é?

Vaca 2. Não, de modo algum. E isso é apenas uma pequena parte do comportamento depravado dos humanos. Os nossos bezerros quase não consomem o nosso leite, os humanos assassinam a maior parte deles, pois os machos nunca vão produzir leite. Com relação às bezerras, estas são alimentadas com o nosso leite, mesmo porque os humanos querem que elas cheguem à fase adulta para poder “presentear-las” com essa vida de escravidão a que nós somos submetidas.

Vaca 1. Que coisa horrível! Mas como isso pode ser verdade se é óbvio que os humanos são tão inteligentes, eles, por exemplo, fizeram todas essas máquinas que nos rodeiam.

Vaca 2. Inteligência e perversidade não são excludentes. Os humanos podem cultivar as duas de modo bem substancial.

Vaca 1. Isso é muito bombástico para mim, estou sentindo uma mistura de decepção, tristeza, revolta, e mais alguma coisa ruim que não consigo expressar em palavras.

Vaca 2. Então, segura firme aí, pois há muito mais sujeira que isso: o que você acha que acontece com as vacas, que após alguns anos sendo sugadas, quase não conseguem produzir leite?

Vaca 1. Deixe-me pensar um pouco... já sei, após muitos e muitos anos servindo aos humanos como escravas e sem reclamar, eles aposentam essas vacas esgotadas num lugar bem legalzinho, numa espécie de santuário com muito capim e água à disposição, além de algum abrigo.

Vaca 2. Você ainda está muito ingênua. A cruel realidade é que os humanos levam essas vacas esgotadas para um matadouro, onde aí elas são assassinadas, geralmente de modo bem cruel, esquartejadas, e depois as partes serão destinadas para consumo e uso humanos. Certos humanos costumam dizer que do boi, e da vaca, eles só não aproveitam o berro.

Vaca 1. Esses humanos são verdadeiros demônios.

Vaca 2. Não necessariamente. Acredito que a grande maioria dos humanos que apoiam diretamente tantas atrocidades às vacas, por exemplo, fazem-no, sobretudo, apoiados por uma certa fraqueza psicológica: Eles são viciados em consumir queijo, por exemplo. Esforçam-se muito para fechar os olhos às crueldades inerentes à produção de queijo, desde o início quando o leite ainda está sendo produzido pela vaca, para poder continuar a viabilizar o seu consumo, com uma certa paz na consciência.

Vaca 1. Mas isso é uma verdadeira insanidade.

Vaca 2. Certamente. E tanto é verdade que a grande maioria dos humanos comedores de carne são bem sensíveis ao sofrimento imposto aos animais não humanos nas fazendas pelos humanos, é que estes evitam muito de ver, nem que seja por alguns segundos, documentários onde há imagens e sons que retratam intensa tortura aos animais, sobretudo no abate diabólico que muitas vezes acontecem.

Vaca 1. Agora percebo com clareza o cenário: Os humanos aproveitam-se, injustamente, da nossa natural ingenuidade e incapacidade para nos rebelar contra essa tirania. Eles insanamente pensam que todos os outros animais nascem suscetíveis de serem escravizados e torturados pelos humanos.

Vaca 2. Isso é verdade até certo ponto, pois há muitos humanos, em todos os países, que pensam convictamente de modo oposto ao pensamento humano ainda predominante. Esses humanos são conhecidos como veganos, e a partir deles, a partir das ideias veganas, poderá surgir uma sociedade humana que concederá a carta de alforria a todos os animais não humanos. Afinal, a base religiosa, que apoia em grande parte o inferno a que os animais não humanos são obrigados a suportar, não se sustenta.

Os humanos criaram este inferno para os animais, inclusive para os próprios humanos, então eles têm a obrigação moral de pôr fim a isso, independentemente de qualquer tradição ou ensinamento sagradamente diabólico.

Júlia Bessa

NA ROTA DO SOL

E nos seus olhos eu vi
Que éramos iguais

Era fim de tarde e voltávamos para casa. O sol se deitava no céu avermelhado, o frescor do sereno tomando o lugar do ar quente, as árvores tortas e solitárias decoravam a natureza nua e encardida das indústrias ao fundo, a estrada vazia. Quase vazia.

Mais à frente, eles – os outros – estavam sendo levados para casa. E foi quando fui percebida pelos olhos da noite que se aproxima, noite de breu, lúcidos, puros, aveludados. Cada lágrima que escorria por seu rosto espelhava o meu, libertando a luz absorvida pela escuridão como o último suspiro de estrelas findas. E nos seus olhos eu vi que éramos iguais.

Eles – os outros – iam para aquela casa no final da rua, de paredes impregnadas do pôr do sol que respinga no teto e escorre pelo chão eternamente encardido de entardeceres passados. Aquela casa que nunca dorme, que se alimenta do sol que vivifica o tempo, o último abrigo ao grito do fim e ao silêncio do vazio. Eu a vi refletida nos seus olhos, paralisados pela compreensão, e reconheci aquela casa – era minha.

Acompanhei-a com o olhar até desaparecer naquele lar desabitado, no qual eu jamais tinha fincado os pés. Depois daquele dia, jurei a ela, em pensamento, que não mandaria mais ninguém para lá. Aqueles olhos ainda me assombam.

Larissa Walter Tavares de
Aguar

O TIO PORCO

Estávamos todos sentados prontos para jantar. Porém, como de costume, minha vó ergueu-se e pediu para que fizéssemos uma oração em agradecimento ao dia, à família à comida, etc.

— Senhor Deus que tanto nos ama, muito obrigada pelo alimento que está em nossa mesa. Obrigada pela família maravilhosa que o Senhor nos concedeu. Agradecemos também pelo dia de hoje e pedimos que nos dê compreensão sobre a vida. Que o Senhor possa iluminar-nos com sua graça para que sejamos sempre pessoas melhores. Amém!

E “Amém” respondemos todos. A vó sentou-se e demos início ao jantar. Não sem antes, é claro, elogiarmos a bela aparência que tinha a comida e derramarmos elogios para as tias que haviam feito toda a refeição.

Bem no centro da mesa, como prato principal, estava um robusto leitão, ou leitoa, confesso que a discussão sobre o sexo do animal rendeu bons minutos de reflexão entre minhas primas mais novas, e a decisão de que era um macho foi unânime após o argumento de uma delas de que os cílios do porco eram curtos demais para ser de uma fêmea; decidida a questão voltamos a vê-lo como comida, não mais como algo que teve vida. Era um belo suíno. Na boca uma maçã, como se via nos desenhos. A pele bem dourada, quase caramelada, efeito dado pela pururuca que só a tia sabia fazer (segredo de família). Quando começaram a servir a comida, Ana, que estava do meu lado, pediu um pedaço do porco, pedido esse que foi prontamente atendido por meu pai que rapidamente espetou a carne branca do porco com um garfo e enfiou a faca para tirar uma lasca.

A faca perfurava o coró com um corte macio, quase respeitoso e olhei para o rosto do animal só para confirmar se ele fazia alguma careta enquanto lhe destroçavam. A expressão era de tranquilidade, fiquei tranquila também e pensei o quão simpático aquele porco me parecia agora. Tinha um ar meio bonachão como têm aqueles tios brincalhões presentes em toda família. Por conclusão deduzi que o suíno me fazia lembrar o tio Juca: o rosto sempre avermelhado e a barriga sempre chacoalhando devido alguma piada que ouvira ou que acabara de contar. Pensei: “Talvez esse Porco seja o tio Juca dos seus sobrinhos”.

Em princípio a ideia me fez rir, mas depois pensei que de fato ele haveria de ter sobrinhos. Como será que ele era enquanto tio? Será que agora a família dele se reúne para lembrar as palhaçadas feitas por ele? Se ele tem sobrinhos, raciocinei, ele tem irmãos e irmãs, será que ele é casado, que tem filhos, será os pais ainda estão vivos?

Gradualmente, enquanto eu pensava na família do Porco eu corria os olhos pela minha. Será que a dele também estava reunida nesse momento? Se estivesse, não seria para comemorar, mas sim para lamentar a morte de um ente tão querido como era ele. Pensei em como me sentiria se levassem o tio Juca para ser servido em um jantar. Me consolariam falando: “Mas pense bem ele será o prato principal, olha que honra”, “é, mas ainda é um prato, ainda será comido, ainda estará morto, ainda estará longe de mim” eu responderia com toda a inocência que minha pouca idade ainda permitiria.

Pensei na oração da vó: “Deus que tanto nos ama, muito obrigada pelo alimento que está em nossa mesa”. Será que Deus ama mais a nossa família do que a família do Sr. Porco? “Obrigada pela família maravilhosa que o Senhor nos concedeu”. Será que a família dele não era maravilhosa como a minha, ou será que a minha não era tão maravilhosa como eu e vovó tínhamos suposto? “Agradecemos também pelo dia de hoje”. Obrigada pelo dia que, para comemorar nossa alegria, deixamos uma família triste. Mas tudo bem porque a tristeza dessa

família não será em vão, até porque ele será o prato principal. “e pedimos que nos dê compreensão sobre a vida. Que o Senhor possa iluminar-nos com sua graça para que sejamos sempre pessoas melhores”. Acho que foi isso que aconteceu... aquela era uma oportunidade para compreendermos melhor a vida, o pedido de vovó foi atendido, mas mais ninguém percebeu.

Agora, vendo todos com as bocas cheias da carne do tio Porco me batia uma dor tão funda que eu não conseguia explicar onde doía. A vontade mesmo era de chorar pela família do tio Porco.

A conversa familiar, que era muito alegre, ganhou um novo tom quando lembraram do primo Francisco, um primo da minha mãe que havia morrido há alguns meses. Então eu fiquei pensando qual família teria a coragem de comer o primo Francisco que era tão jovem, bonito e legal? E chorei.

Leonilda Gomes

BRUNA

Bruna era uma gata cinza, de olhos verdes. Linda sem fim. Me chegou adulta, vinda sabe-se lá de onde. Não estava magra nem faminta. Apenas chegou em minha vida e em minha casa como reconhecendo que pertencíamos uma a outra. Fomos só ela e eu dentro da vida, da casa, do tempo por 10 anos. Éramos só nós duas e era perfeito. Mas, semana passada, depois de eu ter tentando tanto, Bruna se foi. Não me preparei para a sua chegada, não me preparei para a sua partida. Agora, tudo é dor...

Perambulando pela minha dor eu busco a sua presença, sua companhia, seu carinho, seu afago. Minha saudade. Na minha dor tudo é silêncio, você não transita pela noite, pelo quarto. Eu não consigo ouvir e sentir a sua presença. Eu preciso da paz que seu barulho de comer, tomar água e se movimentar pela noite, traziam durante meu sono, meus sonhos. Na maioria das vezes eu não te via, eu só te ouvia e sentia e sabia que você estava ali, assim como você sabia que eu estava ali. Vou te chamar todos os dias, vou continuar me declarando, vou continuar falando contigo como fazia em todos os momentos que estávamos próximas ou distantes. Você sabia que era contigo que eu falava. Você sabia o significado de cada palavra que eu dizia em todas as circunstâncias. Você sempre queria olhar para mim. Você só deitava de maneira que estivesse próxima da minha cabeça e de frente para o meu rosto. Às vezes eu brigava para você se afastar um pouco do meu rosto. Muitas vezes eu escondia minhas mãos para você parar de se esfregar e dormir. Você e eu aprendemos a declarar nosso amor uma para a outra olhando nos olhos. Eu verbalizava olhando para você e você me olhava como se soubesse exatamente tudo o que eu dizia e sentia. Não tenho a menor dúvida que você foi a criatura para quem eu declarei o meu verdadeiro e sincero amor. E você era segura em saber que era a mais pura verdade. Agora eu preciso estancar essa dor e deixar fluir somente esse eterno amor. A dor de perder a outra metade de mim. Bruna.

Luciano Prado da Silva

Yo tengo un narrador, ese que no calla. A veces quiero callarle o sabrá Dios ahogarle, matarle darle con el hacha en la cabeza, en fin.

Se me parece a un perro que tuve, pues ladra y ladre y ladre si bien no muerde, a veces sí.

Y es cuando yo me acuerdo por entero, yo nunca tuve perro, yo nunca tuve un perro...

Pero es hable and hable y hable, pues que tengo ese narrador quien, yo reconozco, quiere voz, darme un nombre y matarme.

Y SE MURIERON LAS CHICHARRAS

Llegaremos antes de la lluvia. Antes de la lluvia llegaremos, mi hijo. Adónde llegaremos es otra cosa, pero sé que sí llegaremos, mijo.

El viento que vienta viento es fuerte y bravo, pero por si Dios me lo permite yo te tomo en mis brazos y llegamos antes de todo, aunque tanto hayas crecido mientras yo sigo ese muy flaco.

El aire que viene es frío y miedo, si bien también bonito y no para haciendo chirriar el árbol aquel árbol y sus hojas y vainas muy secas, todas secas (¿o son cigarras las que trinan en vez de cantar?).

Llegaremos, sí llegaremos. Adónde yo ya te digo, a nuestra casita, mi hijo. Sí, nos la prestaron. Por cuánto tiempo, es otra cosa. ¿Si hay comida?, te lo repito al igual es otra cosa, ello es otra cosa también.

Pero hay quienes aquellos que no tienen casa, y eso por ahora mientras tanto ello nosotros tenemos.

Llegamos. Mañana pensamos el pan. ¡Abrazame! Abraza a tu padre, mijo. Ve: llueve. Y aquí estamos nosotros. Llegamos.

Luís Paulo Miguel

UMA SOLUÇÃO COMUM

Um animal preso em um cercado, num restaurante perto de uma grande cidade, está o tempo todo rodeado de pessoas interessadas, impressionadas com sua beleza e chocadas com o fato dele ser como é, em seu jeito e compleição.

Ele é um carneiro, branco com manchas marrons, de poucos meses de idade.

Seu espaço, um quadrado de não mais que dez metros quadrados.

O cheiro de hambúrguer percorre o ar.

O público, pessoas comuns, habituadas a ver animais em pedaços congelados, em seus pratos ou em propagandas na TV. Para esse mesmo público, seus *pets* não são animais, mas *filhos*.

Entre os visitantes do lugar, um interesse comum sobre o animal, já que tão distante das definições dadas pelos comerciantes de bichinhos de estimação.

Entre os donos do local, um interesse menor pelo carneiro, já desgastado pelos berros constantes e pelo alto consumo de tempo, alimento e atenção, daquele ovino.

Tudo fluindo no pêndulo do tempo, entre risadas e brincadeiras de mau gosto, feitas por adultos e crianças que não costumam ver animais além de seus *pets/filhos/irmãos*.

Até que, um grito gera surpresa e desconforto aos presentes: “Maus tratos!”, bradou alguém, que visitou o cercado (atual residência do irrequieto ovino) após saborear seu suculento lanche recheado com carne de algum semelhante daquele que, nesse instante, era objeto de *proteção*.

Sem que se notasse, aquele alerta virou coro e, então, as pessoas se convenceram de que não havia mais como manter ali, em tão pequeno espaço, animal tão lindo e exigente.

Aliados, aqueles que entendiam se tratar de violação ao animal e seus donos – agora, mais do que nunca, menos pacientes com os berros da, por ora, vítima – chegaram à solução que trouxe alívio e conforto a todos: no dia seguinte serviu-se hambúrguer de carneiro, naquele restaurante perto de uma grande cidade.

Lyslei Nascimento

AS CAPIVARAS

Para Moacyr Scliar

No passado não, mas hoje, as capivaras são um perigo. Milhares, milhões delas, exímias e contumazes realizadoras de obstinado acasalamento à luz do dia, elas habitam, sem nenhum decoro, as margens da Lagoa da Pampulha. Elas, não sem charme, usam o assobio para seduzir seus parceiros, fazendo estremecer as mansões e seus habitantes, afinal, é sexo e é explícito e elas nadam, desavergonhadas e nuas por ali. Há receio de que queiram, além das margens, invadir os clubes, as clínicas de estética, as igrejas. As autoridades civis e militares, e também quem não tem autoridade nenhuma, lançam no rádio, na televisão, nas redes sociais, sérias advertências a esse respeito. Especialistas são ouvidos. Botânicos, biólogos, construtores de terrários. Tema de entrevistas, a incontável reprodução das capivaras é assunto da conversa de redação, das manchetes dos três jornais ainda impressos em Belo Horizonte, dos telejornais em horário dito nobre nas TVs.

Foi decidido que irão exterminar o maior roedor do mundo! Afinal, elas chegam a medir até 1,30 m de comprimento e 0,50 a 0,60 m de altura e, segundo fontes bastante confiáveis, elas podem pesar até 100 kg. De pelo castanho-escuro, suas patas possuem uma espécie de membrana para nadar. Sabiam? Vivendo normalmente em grupos familiares de duas a trinta espécimes, elas se deixam dominar por um casal, rei e rainha do pedaço, da margem. Imbuídos do desejo de matar, preparam-se, os habitantes da cidade, para o morticínio.

A grande massa das capivaras estará concentrada em frente à Casa do Baile e será destruída com uma única bomba de alta potência, lançada por um avião especialmente projetado para o bombardeiro em dia de sol a pino. Quando o cogumelo se dissipar, contaremos as mortes por intermédio dos vídeos realizados pelos caminhantes com seus celulares. Esses vídeo-amadores, a maioria aposentados, foram convencidos a fazer caminhadas na Lagoa porque, afiançam, aumentará sua expectativa de vida. Também é certo que haverá imagens oficiais tomadas pela imprensa caseira e internacional. O núcleo da comunidade de roedores será esfacelado, mas as capivaras protegerão o casal real. Alguns especulam que mesmo com a morte da fêmea, o viúvo assobiará no funeral, o canto da capivara, mesmo que, pela lei implacável da natureza, outra consorte, mais jovem, mais, digamos, fogosa, lhe será designada. Não consta, nos anais das capivaras, que o casal seja monogâmico. Há rumores de que, antes do morticínio, o viúvo, coitado, já havia instalado, paralelo, o poder de uma capivara amásia ou concubina. Há registros de que a amada morta tenha substituído uma outra capivara, outras capivaras. A fila anda para os roedores.

Além do corpo despedaçado da rainha, rodearão o macho alfa, cerca de treze quilômetros de carne moída, ossos em pedaços e pele ensanguentada. Em frente, do lado de fora, e dentro das mansões, capivaras agonizarão.

A operação será classificada como satisfatória pelas autoridades encarregadas. Porém, como sempre acontece nesse tipo de empreendimento, haverá perigos residuais, imprevistos, que constituirão fonte de preocupação. Um deles decorrerá do grande número de capivaras radioativas que escaparão da explosão e que vagarão, sem rumo e sem senso de direção ou de comunidade, invadindo supermercados e praças no segundo e no terceiro entorno da Lagoa.

É bem verdade que quase metade delas serão mortas por voluntários da pátria ou mercenários, gente de boa consciência que, secretamente, acalenta, ainda, desejo de matar nas semanas que seguirão ao ataque. Os CB, como esses indivíduos são carinhosamente

chamados, contribuirão para as baixas entre as capivaras, o que deve encorajar os peritos, exterminadores do futuro, mais otimistas.

Será necessário recorrer a métodos mais sofisticados para neutralizá-las. Para tal, já se preparou um laboratório para criação e treinamento de carrapatos. Espécies serão planejadas e designadas de “carrapato-estrela” ou “carrapato-troia”. Como se verá, as capivaras se tornarão as hospedeiras preferidas desse artrópode aracnídeo, acarino. As autoridades contarão com mais de 800 espécies desses ectoparasitas aderidos à pele das capivaras para lhes sugar o sangue. Pensarão, os inocentes donos de laboratório, produtos farmacêuticos e drogarias que o experimento lhes renderá muito lucro.

Será, neste relato, muito cansativo entrar em detalhes desse trabalho, aliás, diga-se de passagem, que será muito bem elaborado pela liderança, mas que sofrerá boicote das universidades, da mídia e dos ecoterroristas que defendem, com milimétricas e incompreensíveis explicações, que capivaras, carrapatos e cães danados deverão ser preservados da extinção. Como será de se esperar, o laboratório encarregado dessa nova tentativa de extermínio perderá o controle sobre os carrapatos que se tornarão uma praga automatizada e não obedecerão aos nanocomandos e se hospedarão nas capivaras que vagam, não mais só pelas margens. Desorientadas e controladas por milhares de carrapatos-troia que as cavalgam. As capivaras invadirão câmaras de deputados, senados federais, estádios de futebol, presídios e casas de swing.

A terceira solução para o caso precisará ser pensada, arquitetada e levada a cabo pelas autoridades. Poderosos venenos? Mensagens sonoras que virão, sub-repticiamente, em músicas ouvidas em rádios AM e FM, em super e hipermercados, em lojas destinadas às classes A, B, C, D ou a todo alfabeto social, em escolas técnicas, religiosas ou supletivas da região? Aparelhos ultrassofisticados deverão ser inventados nessa guerra? As capivaras e os seus carrapatos, unidos, serão em maior número e mais inteligentes do que os humanos, que estarão divididos entre margem (ou *márgenes*) e o centro da periferia? O que dizer da cidade universitária? Fará boicote? Preferirá estar asséptica e isenta? E da cidade administrativa? O que esperar? Administração? A comunidade bípede, pensante, se esfacelará diante de capivaras e carrapatos ou outra raça de perturbadores da paz surgirá? Capivaras-centauros, capivaras-canibais ou capivaras-anãs habitarão, agora, os televisores?

O sol amanhecerá na Lagoa. Algumas pequenas senhoras, a maioria com sessenta anos ou mais, de cabelos brancos, cinzas, azuis ou rosas-bebê, que fazem suas caminhadas orientadas por gentis médicos de postos de saúde, sairão de casa com suas facas bem amoladas, facões ergonômicos, pequenas e eficazes serras, canivetes adaptados, machados cortantes. Algumas, distraídas, trarão facas elétricas. Não importa. Estas, depois de limparem bem todas as carnes, distribuindo-as por corte, assarão em concorrido churrasco improvisado, fausto banquete de capivaras, às margens da Pampulha.

Maria Aparecida Faria
Tainá Moraes

UM ATÍPICO DIA DE FEVEREIRO

Era fevereiro. No Rio de Janeiro, costuma ser um mês de muito sol e calor intenso, muitas vezes passando de quarenta graus. Mas este era um dia diferente. Não estava frio, mas a temperatura estava baixa para a época. Estava bastante nublado, parecendo que a chuva não tardaria a cair.

Mas, por muitos motivos, aquele dia era realmente um dia diferente. Eu estava ansiosa para iniciar meu primeiro dia de férias, após lindos anos trabalhando sem o merecido descanso. Fiz inúmeros planos com minha esposa: sair de carro sem destino planejado, viajar, conhecer lugares diferentes, culturas diferentes. Eram férias que eu sabia que seriam marcantes.

Primeiro dia. Acordei animada para o desjejum. Enquanto Tássia preparava o café, fui à padaria comprar pão fresquinho. Ao regressar com o pão bem quentinho, já na rua onde moro, apressei o passo, pois os pingos começaram a cair aceleradamente.

Ouvi um miado. Seria minha imaginação? Tenho mais de dez gatinhos em casa. Minha mente costuma me pregar algumas peças. Sim, deve ser minha imaginação. Dei mais alguns passos e logo percebi que o miado era de verdade. De onde vinha? Olhei debaixo do carro ao meu lado e, por impulso, uma gatinha bebezinha de pelagem tigrada saiu assustada e parou em minha frente. Encaramo-nos. Eu, incrédula, ela, indefesa.

Neste momento, veio uma enxurrada de questionamentos. Será que poderia levá-la para casa? Não havia mais espaço... Como seria a adaptação com os outros? Mas, como deixá-la ali, com a chuva ficando cada vez mais forte, sabendo que essa rua facilmente alagava? A pequena não teria onde se refugiar. E o que Tássia falaria quando me visse entrar em casa com mais uma gata? Quantas dúvidas...

Continuávamos nos encarando. O mundo parecia ter parado ao meu redor. Não poderia haver dúvidas. Eu tinha uma única certeza em minha mente: aquela pequena não poderia de forma alguma ser novamente abandonada. Sim, novamente. Ela já havia sido abandonada ao menos uma vez. Ela não merecia passar por isso de novo. Aliás, ninguém merece este triste destino. Eu não conseguiria dormir sabendo que ela ficara na chuva, com frio, fome, sede, e eu simplesmente não fiz nada, dei às costas para esta triste realidade.

Foi uma mistura de sensações. Eu sempre amei animais, em especial, os felinos. E ela era uma gatinha de pelagem tigrada. Por incrível que pareça, apesar dos dez gatos em casa, ainda não tinha nenhum com esta pelagem. Um turbilhão de emoções tomou-me por completa. E continuávamos nos olhando fixamente, enquanto a chuva nos molhava.

Não resisti. Com o saco de pão na mão esquerda, a abracei com o braço direito e, instintivamente, ela me olhou nos olhos como se dissesse: “obrigada, tia, aqui estava muito perigoso”. Ela fazia um “ronron” (ruído que os gatos emitem quando estão felizes) bem forte e esfregava sua cabecinha em meu queixo como se me agradecesse. Simplesmente mágico. Indescritível. Não tinha dúvidas de que fiz a escolha certa.

Cheguei em casa ensopada, saco de pão encharcado em uma mão e com uma gata molhada em outra. Tentei protegê-la o máximo que pude da chuva. Tássia veio ao meu encontro. O coração gelou. O que ela falaria? Tássia me olhou, olhou para a gatinha, pegou o saco de pão molhado da minha mão, colocou na pia e olhou-me profundamente nos olhos. Naquele momento eu senti. Ela dizia que tudo ficaria bem. A gatinha estava segura agora. Afinal, onde comem dez, comem onze.

Realmente foi um dia atípico de fevereiro. E, sim, foram férias inesquecíveis. Essa pequena se tornou nosso xodó! Tássia, como eu, apaixonou-se por ela à primeira vista. Aliás, ela é extremamente encantadora! E, hoje em dia, quando chego em casa, brincamos de pique-pega. Ela pula de um cômodo para outro, se esconde debaixo dos lençóis, mia, pede carinho e conversa comigo. Muitos não entendem, mas eu sei exatamente o que ela me diz...

Michelle Joaquim

FORÇA DE VONTADE

Foi enquanto minha tia viajava a São Paulo, para visitar sua mãe, que a cachorra apareceu na casa dela, em Maringá. Um amigo que ficou cuidando da casa a encontrou deitada no tapete da área. “Bombom”, decidi o nome pelo tom amarronzado do pelo. Quando minha tia voltou de viagem, ela já era de casa. Entendeu que: se a cachorra havia escolhido ali para morar, quem era ela pra expulsá-la? Mas, se chamaria “Cacau”, sentiu. Agora era castrar pra evitar procriação. Chegando lá, grávida. A vizinha contou depois que um cachorro pequeno farejou sangue menstrual, pulou o portão e trepou nela. 10 filhotes! Tudo tão rápido. Minha tia desesperada com a horta: chuchu, taioba, ora pro nobis, almeirão, tudo se perdendo por conta dos 11 bichos fazendo xixi e cocô em todo o quintal que era estreito e abrigava também a bananeira, um pé de figo modesto, um de jabuticaba e um de limão. Tudo fundamental para o sustento da casa. Também desesperada com o dinheiro da ração, que não vendia. Cacau comendo mais por conta da amamentação, os 10 filhotes que começaram a crescer e a comer também. Nesse mesmo período, vim de Santos para morar com a minha tia e tentar entrar no mestrado. A gente fazia o caminho do centro pra casa, parando de pet shop em pet shop, à caça de pacotinhos de amostras grátis. 10 filhotes! O quintal. A gente devendo no pet shop perto de casa. Todos os abrigos lotados, fazendo todo tipo de pedidos online, ao mesmo tempo em que nós postávamos diariamente fotos deles para adoção.

Cacau tão guerreira. Se dividia pra dar atenção aos filhotes que a rodeavam insistentemente em suas carências infantis. Mas não deixava de cuidar da casa. Ralhávamos com ela pelo exagero da vigília. Não tinha galho que caísse ou pessoa que passasse que ela não avisasse enfurecida e preocupada com o nosso território, o qual ela, fielmente, estava inclusa e cuidada, junto de sua numerosa ninhada. A mais peludinha foi a primeira a ser levada. Lembrava um pouco Cocker Spaniel e os traços vira-lata também eram bonitos para os padrões de raça. A mulher foi em casa buscá-la e contou que assim que entrasse no cio a colocaria para cruzar com seu outro cachorro, rottweiler, pra vender os filhotes que nasceriam. Preciosos. Eu e minha tia trocamos olhares discursivos, mas a situação em que estávamos, e, o provável futuro de todos os outros, não nos dava poder de escolha. Minha tia também conseguiu comover dois de seus alunos que levaram um filhote cada. Ganhou uma advertência da pedagoga, mas voltou pra casa sorrindo. A última foi a Coco Queimado. A Coco ganhou esse nome porque a filha de uma amiga disse que ela tinha essa cor, que era um creme com algumas mechas caramelo. Sabíamos, desde o início, que a casa para a qual iria não tinha um espaço adequado para recebê-la, ainda mais ela, que cresceu bastante.

A situação foi chegando no limite e minha tia disse que seria necessário fazer aquilo que ninguém, nunca, deveria fazer. Pedi ajuda a um amigo frio e que tinha carro. Eu não queria deixar a Cacau sozinha e pedi a minha tia que me deixasse ficar com um, sob minha responsabilidade. Me comprometi com os gastos, inclusive de castração, e também com a tutela, dali em diante, até o fim da vida. Escolhi a Feinha. Ela era a menor de todos. Minha tia contava orgulhosa ter salvado a vida dela, ao perceber que só havia 8 tetas, e que ela ficava sempre de fora na hora da mamada porque não conseguia competir com os maiores. Um dia ela viu a Feinha já desfalecendo, sem força pra buscar o leite. Tirou um cachorro maior e aproximou a boca da pequena à teta da mãe. Fez isso duas vezes e ela já reagiu, recobrando vida. Ficou menor que os outros, e também tinha os pelos espantalhados, fiapentos, ganhando esse nome injusto ou carinhoso, que, inclusive, já tinha pegado. Restava re-significar. Eu já ia logo apresentando ela dizendo essa é a Feinha, linda. E orientava as pessoas a não se confundirem com o nome. Ela e Cacau tornaram-se melhores amigas, e isso me confortava um pouco quando eu lembrava dos outros 5, abandonados por nós na saída da cidade. Demorei muito para esquecer seus focinhos perdidos quando os deixamos. Olhava fundo pela

janela do carro, mais pra dentro do que pra fora, tentando acreditar na certeza ilusionista dada pelo amigo frio de que eram muito bonitos e as pessoas sentiriam pena logo.

A Feinha ficou vivendo ao lado de sua mãe, no quintal que fomos reconstruindo aos poucos. Foi logo castrada. Era tocante ver a ampliação da vida da Cacau, executada pela filha, que repetia, por uma diferença de segundos, alguns hábitos da mãe, alargando os caminhos dessa, como em uma coreografia. Elas gostavam de deitar na sombra da casa. Quando havia qualquer movimentação na rua, saíam latindo alto, disparadas em passos compassados, coisa bonita e irritante de se ver. Ambas ladravam juntas no portão até que o que for que fosse já não fosse mais, quando, já quase roucas, voltavam em trotes lentos para a sombra do telhado, próximo da porta que ficava sempre aberta, perto da gente. Deixávamos que saíssem ganhar rua. Cacau ensinou toda a sua malandragem pra Feinha, e as duas corriam soltas em volta da quadra, brigando com carros e cheirando o mundo do bairro. Depois, cansavam e despulavam o portão. A barriga da Cacau era toda arranhada pelo arame que um dia foi uma tentativa de não a deixar sair. Já a Feinha, saía com facilidade, porque era pequena e magrinha. Tinha uma cara gentil, um latido estridente, e um jeito generoso e ávido de amar e ser amada, mas só pelos mais próximos: era a cachorrinha mais assustada que eu já conheci. Latia com determinação para o portão quando se anunciava uma visita, e corria de volta rapidamente para se esconder embaixo das plantas da área de serviço, ou atrás do sofá, dentro da casa, quando o portão então se abria. Cacau não. Sabe deus o que viveu nas ruas pra ser tão desconfiada. À minha tia, e depois, a mim, dedicava extrema servidão e lealdade, mas, qualquer outra pessoa era suspeita, e precisávamos, sempre, cuidar dela não morder crianças brincando, ou homens muito viris. Fazíamos piada de que era misândrica, porque implicava especialmente com homens que demonstrassem muita masculinidade. Era uma cachorra de porte médio, forte e destemida.

Meu coração se esforçava por tranquilizar. Decidi esquecer o quanto pudesse dos outros e agradecer a vida boa das duas, olhando elas brincarem abraçando-se com as patas e se mordendo sem machucar, como quem beija e ama. Só que essa vida tranquila de sol, sombras, verdes e concretos, não durou muito. Minha tia se mudou pra São Paulo pra cuidar minha avó, e me deixou cuidando da vida (e) da casa. Eu havia sido aprovada no mestrado e tinha aulas de manhã e à tarde, o que me impedia de trabalhar. Ganhava 500 reais do meu pai ausente e teríamos que viver agora, nós três, com esse dinheiro, por 1 ano, até que começasse a ganhar bolsa de estudos. Minha tia foi generosa o tempo que pôde de não me cobrar aluguel, mas eu ainda precisava nos alimentar e pagar as contas fixas com esse valor. Assim como a Cacau ensinara códigos de sobrevivência à Feinha, também aprendi estratégias com minha tia. Cozinhas para todas nós. Comprava pedaços de bacon ou carnes de segunda e fervia junto com arroz e algum legume reciclado na feira. Comíamos as três. Esperava sentir bastante fome para não me incomodar com o tanto de gordura que ficava na comida. Elas adoravam. Mas também passavam aperto quando eu ficava fora por alguns dias, me hospedando e alimentando na casa de amigas que moravam perto da universidade. Deixava elas com a ração mais barata, que também só comiam no limite do estômago, quando a fome já estava maltratando seus sentidos. Sentia pena delas quando enchia os potes e subia o cheiro daquilo que não deveria ser a comida de animais carnívoros, cujos ancestrais se alimentavam de carne e sangue em florestas escuras e milenares. Continuei fazendo a via sacra dos pet shops, mas nunca era suficiente. Nesses momentos de dificuldade eu evocava a lembrança dos outros filhotes, e me confortava com a ideia de que, apesar de tudo, estávamos juntas.

Um dia, vi um anúncio de duas amigas protetoras dos animais, que haviam resgatado uma gata grávida, a Pandora. Cuidaram dela até que desse cria a um gatinho. Mas o caos também saiu de dentro da caixa: Pandora tinha muita dificuldade de adaptação e era agressiva com os outros gatos resgatados que viviam na casa: 12. A necessidade de tirá-la do convívio

com os outros era tão grande, que elas ofereciam ajuda com a ração pra quem aceitasse levá-la. Decidi peremptoriamente adotá-los. Afinal, eu tinha espaço no quintal e não teria que arcar com os custos da comida. É bem verdade que minha situação na casa da minha tia era instável e temporária, e que eu não podia me responsabilizar por mais uma vida, além da das cachorras. No mesmo momento enviei mensagem pra elas comunicando minha vontade de adotar a Pandora, desde que o filhote viesse junto. A partir de então, essas duas amigas se tornaram protetoras da nossa família: eu, Cacau, Feinha, Pandora e o pequeno Itamar. Elas traziam ração, remédios que eu acabava por aproveitar também nas cachorras, e também cuidavam de mim, de forma sutil, mas, intencionada. Nesse mesmo período, outra amiga não sabia mais o que fazer com a gata dela, que passava o dia inteiro sozinha, trancada em sua quitinete, enquanto ela trabalhava. Ofereci abrigá-la também, desde que minha amiga se responsabilizasse por custear todas as despesas. Trouxe enfim pra casa, a gata Lucie. Éramos 6. No inverno, dormíamos todos juntos dentro de casa, inclusive as cachorras. Deixava a Feinha que tremia muito dormir no pé do colchão. Era fácil perceber como ela se sentia agradecida nesses momentos de maior intimidade.

Com a certeza de que minha tia não voltaria tão cedo, aluguei um quarto vago na casa para um casal de mulheres. Elas me ajudavam com as contas e davam restos de comida, muitos ossos e pedaços mais difíceis de comer de carne para as cachorras. Aquela fase terrível em que eu podia sentir a dor de fome delas havia passado e, com o dinheiro de alguns bicos, também conseguíamos comer melhor e gastar com necessidades de segunda ordem. As coisas começariam a melhorar. Mas um moleque do bairro jogou uma pedra na Cacau. Ela teve hemorragia interna e ficou entre a vida e a morte. Endureci e amarguei como fazem aqueles que se veem repetidamente diante das mesmas situações impossíveis. Praguejei contra os gatos que não devia ter adotado e chamei a Feinha de covarde por estar ainda mais amedrontada do que de costume. A Cacau deitada no chão com o olhar débil e eu morrendo de medo que ela morresse por falta de dinheiro. Nesse momento, a Pandora deitou em cima da barriga dela, com tanta precisão e leveza, que soubemos estar cuidando da cachorra e de nós. Era domingo e 22h da noite, só havia um veterinário aberto, o mais caro. Depois de uma sequência de olhares silenciosos uma das moradoras disse, finalmente, que emprestaria o cartão de crédito e depois levantaríamos o dinheiro para pagar. Respirei. Levamos então a Cacau que precisou de transfusão de sangue, exames e medicamentos. O total da conta deu \$700 reais. Minha amiga só podia passar \$300 no cartão. Menti de forma enfática e lamuriosa que eu era protetora de animais, que havia encontrado a Cacau na rua há pouco tempo e estava abrigando ela em casa, até que alguém a adotasse, além de estar desempregada e não ter como pagar o restante. Com um pouco de relutância, mas obrigada pela situação, a veterinária disse que o máximo que podia fazer era uma nota para eu pagar depois. Aceitei agradecida sabendo que nunca pagaria. Não foi difícil me convencer que era justo, vez ou outra, essas clínicas de elite fazerem um trabalho social, como o que fazem as protetoras, na maioria das vezes, com muito menor condição.

Cacau sarou em algumas semanas. Pedimos doações na internet para pagar a conta da veterinária, mas acabamos por usar o dinheiro na castração do Itamar. Minha prima tinha moto e o levamos dentro de uma mochila, nas costas. A gente ria bastante, mais pra se ajudar a enfrentar essas situações do que por falta de entendimento da gravidade. Parecia que agora ficaria tudo certo e, se nenhum carrapato atravessasse nossos caminhos, os bichos viveriam suas vidas tranquilas no nosso quintal de sol e sombra, verdes e concretos. Mas os problemas humanos... Minha irmã veio do Sul morar em casa, pois não conseguia mais criar a filha sozinha, do jeito que vinha fazendo. Embora nesse mesmo período o casal tivesse se separado e partido cada uma para um canto, minha tia voltou de São Paulo e a casa ficou pequena para nossos antigos transtornos familiares. Eu e minha irmã tivemos pouco tempo para encontrar

uma casa antes que, como das outras vezes, fôssemos mandadas embora. Nenhuma de nós quatro sabíamos como coabitar os traumas e as escassezes que formaram nossos espíritos.

Nos mudamos para uma casa de madeira, com portão e muros baixos, velha, mas confortável. A primeira que encontramos de aluguel direto com o proprietário. Levamos os gatos e deixamos a Feinha junto com a Cacau. Os gatos já viviam soltos e assim continuaram na nova casa. A gata Lucie era a mais independente, passava dias, semanas fora, e depois aparecia, às vezes inteira, às vezes machucada, como se voltasse de um compromisso inegociável com a liberdade. Sua tutora providenciava o que fosse preciso. Outros dois gatos nos adotaram pela fartura de ração, que continuava sendo doada pelas amigas protetoras. O gato amarelo, sempre sujo e machucado, arisco e dono de um miado choroso que denunciava uma dor mais permanente que a fome, e o gato cabeçudo, corpulento, com uma cicatriz de cima a baixo do rosto, que cruzava seu olho esquerdo. O gato amarelo demorou a permitir aproximações, e quando o fez, eram muitas escassas. O outro nunca foi visto senão em cima do telhado. Minha irmã brincava que ele parecia ser um boxeador aposentado. Eu gostava de imaginá-lo tomando *whisky* em um bar escuro e esfumaçado. Também dizíamos que o constante choro do gato amarelo era pelo amor não correspondido da gata Lucie, que, evidentemente, era de outra estirpe. Planejávamos levá-lo ao veterinário para descobrir o que tanto lhe doía, mas, nunca conseguimos juntar dinheiro suficiente pra isso.

Nesse meio tempo, a Cacau morreu de uma doença misteriosa no fígado. Minha tia a levou no hospital veterinário da universidade, que não conseguiu salvá-la. A gente acha que foi o tanto de ração ruim que ela comeu. Minha vó teve uma piora na saúde e minha tia teve que voltar novamente pra São Paulo. Alugou a casa com a Feinha dentro, que ficou aos cuidados da nova inquilina. Passou a se chamar Maju. Fiquei coisa de 3 meses sem conseguir visitá-la. Quando cheguei no portão ela latiu como latia para estranhos. Comecei a chamá-la como fazia sempre: “sou eu Feia, sou eu”. Então ela me reconheceu abanando o rabo de forma vibrante. Pulou com euforia nas minhas pernas e ficou durante toda a minha visita deitada perto de mim.

Mas os problemas humanos continuariam a nos atropelar. Minha irmã e eu também não conseguimos coabitar os traumas e as escassezes que formaram nossos espíritos. Brigamos uma briga triste e violenta, muito parecida com as que vivenciamos na infância, só que agora, quem fazia o papel dos adultos éramos nós. Me mudei para o apartamento de uma amiga onde a vida animal não humana era proibida. Não muito tempo depois, minha irmã caiu de bicicleta e quebrou o punho. Forçosamente fizemos as pazes e eu passei a limpar a casa dela uma vez por semana. A casa estava sempre suja por conta do telhado velho, dos bichos e das crianças que ela cuidava. Eu tinha estado lá há dois dias, quando minha irmã ligou para dizer que um carro havia matado o Itamar. Ele era um gato gordo e mole. Exceção felina que se deixava acariciar por muito tempo. Eu o jogava nos meus ombros e ele ficava lá, pendurado, sem pressa ou inquietação. A gente dizia que ele era derretido e sedutor: seria o namorado da minha prima, se pudesse ser transformado em gente, e ríamos. Até hoje sinto uma pontada no peito quando penso que ele era jovem e teve sua vida interrompida por uma máquina veloz e desumana, enquanto voltava pra casa, depois de observar a rua, de cima da árvore vasta que, preguiçoso, visitava tão raramente.

Alguns meses depois, a inquilina saiu da casa da minha tia e disse que estava deixando a Maju. Eu e as protetoras buscamos a Feinha e a levamos para a casa da minha irmã. A Feinha aparentava estar em casa novamente, parecendo até um pouco menos medrosa. Eram 5 bichos em uma casa ideal para dois, no máximo três. Com muita relutância, minha irmã vivia um estado depressivo. Tentava terminar uma relação conturbada e estava tão sozinha agora como quando viera do sul. Quis adotar ainda mais um gato, um filhote que outras amigas haviam resgatado, e que taparia buracos de sua alma como só nenéns e crianças costumavam

tapar. Já tinha até nome, Draculaura. Estava só aguardando o desmame para levá-la pra casa. Antes disso, Draculaura também morreu atropelada. Tendo decidido firmar residência perto da mãe cada vez mais senil, nossa tia veio pra Maringá vender a casa agora vazia. Percebendo o abandono da sobrinha, convidou-a para ir junto a São Paulo. Com o dinheiro da venda da casa pagaria as despesas da mudança, e ela poderia morar junto com nossa prima, que também tinha se mudado para fugir de uma relação violenta, e já estava estabilizada lá. Era um apartamento. Apenas a Pandora e a Lucie poderiam ir junto.

Tudo aconteceu muito rápido. Minha irmã tratou de arranjar a mudança com a eficácia própria de quem já havia precisado se salvar muitas vezes. Não consegui encontrar, na mesma velocidade, alguém que pudesse acolher a Feinha temporariamente, e me vi na situação de deixá-la no quintal, até que conseguisse encontrar um lugar pra ela. Mesmo sentindo que não, me convenci de que ficaria tudo bem. Eu viria todos os dias dar carinho, comida e água e logo ela estaria na casa de alguém que não lhe mudaria o nome e esperaria, até que pudéssemos, eu e ela, voltarmos a viver juntas, como as amigas que éramos. No mesmo dia da mudança, antes que eu fechasse o portão, a Feinha escapou. Saiu correr rua, como era acostumada sempre que via portão aberto. Corri atrás dela por toda a Sophia Rasgulaeff. Quanto mais eu corria mais ela se distanciava. Parei sem fôlego e o namorado da minha irmã apareceu, sem saber que ela tinha ido embora, e alcançou a Feia. A pedido da minha irmã, disse pra ele que não sabia onde ela estava. Ele disse que ficaria na varanda esperando ela aparecer. Quando fui sair, a Feinha me implorou, segurando meus braços com as patas, que não a deixasse. No mais fundo de mim eu soube que aquilo era imperdoável.

No dia seguinte, o namorado da minha irmã, que havia voltado lá procurando por ela, me ligou dizendo que a Feinha tinha fugido de novo. Colei cartazes com fotos dela, divulguei em grupos de internet. Me perguntava se alguém a adotaria, Feinha. Nunca mais. No mesmo dia que chegou em São Paulo, a gata Lucie fugiu num lapso de segundo em que a porta do apartamento foi aberta. Acreditamos que deu conta de si. A Pandora segue cuidando de nós. Mora com minha irmã, numa casa também pequena, com outros três gatos. Continua territorialista e exigente. Mas, desde a morte do Itamar, se permitiu mais carinhos interespecies. Talvez, como o professor de matemática, eu um dia consiga compensar de alguma forma minha falta. A gente pode fadar uma vida, se não tem maturidade emocional para se responsabilizar por alguém que nos dedica confiança. Continuo morando em apartamento e nunca mais adotei nenhum bicho. Não tem uma só vez em que eu passe por aquele bairro, que não procure, sem esperanças e com o coração pesado, o corpo leve e saltitante da Feinha.

Mira Magalhães

IGUALDADE ENTRE OS SERES VIVOS

Em uma cidade, Mira e Frederico formaram um grupo chamado “Igualdade entre os seres vivos” e começaram a debater os assuntos nas faculdades, escolas e igrejas. Segundo eles, todos os seres vivos foram criados pelo superior Criador dos céus e da terra. E para mais um debate, dessa vez na Universidade Federal do Maranhão-UFMA, Frederico e Mira vão ao local designado para mais uma palestra sobre Libertação Animal.

Frederico pegou o livro de Peter Singer e leu alguns trechos para os alunos que, de boca aberta, ficavam impressionado lhe ouvindo:

— Todos os animais são iguais e devemos ter igual consideração para com os animais. Essa crueldade que fazem aos animais, esta tirania que traz dor e sofrimento a seres inofensivos é inaceitável. Não basta comer de sua carne, ainda usam de seus sofrimentos para diversão humana. Isto é imoral demais para presenciarmos e aceitarmos de braços cruzados.

Um dos alunos se manifestou e disse:

— Assisti a uma exposição de tourada onde eles derrubavam o boi puxando pelo rabo até quebrar o rabo do boi que urrava de dor, e todos aplaudiam o torturador. Isto é desumano, crueldade, tirania. Devemos lutar contra o sofrimento e os maus tratos. Não podemos mais permitir que os animais sejam tratados de forma tão impiedosa e cruel pelos humanos. Vamos lutar para que todos os animais tenham direito de não serem torturados.

Frederico olhou para Mira que o ouvia emocionada. E ela disse:

— O que mais me entristece é o fato desses seres tão explorados de forma tão cruel e tirânica não poderem, por eles mesmos, protestar contra o tratamento que recebem.

— É. Temos de ser nós a falar em nome daqueles que não podem fazer isso por si próprios. É com nossos protestos e mudanças de nossos hábitos alimentares que podemos fazer com que essas crueldades cheguem a um fim.

Um dos alunos disse:

— É muito difícil eu convencer minha família a deixar de comer carne.

Frederico disse:

— Por isso todos aqueles que são consumidores de carnes são cúmplices do massacre dos animais por estarem, através do consumo da carne, relacionados com a crueldade dos matadouros. As pessoas que são consumidores de carnes não acham que estão cooperando para tal crueldade e também não sabem que substituir a carne por legumes mudará completamente sua saúde.

Mira complementou:

— A comida que ingerimos além de estar a fazer outros seres vivos sofrerem, traz com isto a consequência de inúmeras doenças que podem ser evitadas com a mudança de hábitos alimentares. Deixar de comer carne pouparia uma dor imensa a milhões de animais e você ainda é agraciado com uma saúde que só pode ser bênção do criador por nossa atitude em cooperar com a libertação dos animais.

Os alunos questionaram a respeito da diminuição ou escassez de cereais, com a extinção da alimentação por todos de carnes.

Frederico citou um argumento de Peter Singer em seu livro *Libertação Animal*, onde ele diz que “se cessarmos de criar e matar animais para consumo, poderemos disponibilizar

tanta comida para os humanos que esta, distribuída de forma correta, erradicaria a fome e a subnutrição do nosso planeta. A Libertação Animal é também a Libertação Humana”.

Todos aplaudiam. Frederico aproveitou o momento de empolgação dos estudantes e disse:

— As pessoas que demonstram preocupação pelos animais devem começar por ler o livro de Peter Singer que considero a “bíblia” do movimento de libertação animal, devem se tornar ativistas, veganas, abolir de vez o consumo de animais como alimentação humana e se recusar também a preparar refeições para terceiros. E ao fazer um aniversário compartilhado com amigos, aproveite a oportunidade para oferecer um almoço ou jantar totalmente vegano. E assim, esses seus amigos começarão a desejar mudar seus hábitos alimentares, depois centenas, depois, milhares e, mais tarde, milhões farão parte do movimento de Libertação Animal, que agora é um movimento mundial. E cada vez mais através de cada ativista que irá mostrar a realidade do que fazem aos animais até eles se tornarem a carne do churrasco de sua diversão, todos quererão tornar-se veganos, revoltados com o que fazem aos animais. Assim mais pessoas tomarão conhecimento dessa realidade e da forma como esses alimentos causam dor e sofrimento aos animais. E que cada um de nós prestemos mais atenção se aquilo que ingerimos não vem da cruel, exploração, maus tratos, torturas e sofrimentos a seres que, como nós, têm os mesmos sentimentos que os humanos. E que dão lucro aos seus algozes capitalistas.

Todos aplaudiram e Mira complementou:

— Não sejamos mais omissos com o sofrimento desses seres. Lutaremos a favor da extinção da caça, da prisão dos pássaros em gaiolas, da indústria dos curtumes e das peles, do abuso dos animais de estimação, dos rodeios, dos jardins zoológicos, dos circos, das touradas, das cavalgadas, do uso de carroças como exploração de trabalho animal, da produção alimentar de carnes, dos laboratórios que infligem sofrimento aos animais.

Mira continuou seu discurso dizendo aos mais de 5 mil estudantes que lhe ouvia:

— A terra era sem forma e vazia, havia treva sobre a face do abismo. Deus decidiu então povoar a terra com todas as espécies de seres. Cada um com sua missão no ecossistema do universo. Criou o ser humano à sua imagem e semelhança, com a missão de cuidar dos animais domésticos e respeitar os selvagens como criaturas de Deus.

Um dos estudantes com acesso ao microfone perguntou:

— O que você tem a dizer sobre Abel que imolou um animal e ofereceu a Deus?

Mira, olhando diretamente para este aluno, disse:

— Uma boa pergunta. Abel foi o primeiro a cuidar de todos os animais, por isto Abel era o preferido de Deus. Caim, por sua vez deixou que a inveja dominasse seu coração, sendo então o primeiro assassino no mundo. Decepcionando Deus e pagando, posteriormente, as consequências de seu erro. Porém, o assassinato cometido por Caim foi também consequência do erro de Abel em matar um animal para sacrificar a Deus, ato que Deus não consentia, pois ao criar o Jardim do Éden decretou uma Lei “De todos os frutos comereis, mas a carne do animal não permitirei, pois todos são criaturas feitas por minha criação para povoar a terra e viverem todos livremente”. Eva ouviu os conselhos do diabo e matou um cordeiro e o comeu, dando também a Adão. Pagando gravemente pela consequência de sua desobediência. Tudo que nos diminui a força física enfraquece a mente e a torna menos capaz de discernir entre o bem e o mal. Ficamos menos aptos para escolher o bem, e temos menos força de vontade para fazer aquilo que sabemos ser justo. Foi isto o que aconteceu com Eva após desobedecer a ordem expressa de Deus.

Todos aplaudiram. E ela continuou falando para todos:

— Nada mais agradável a Deus do que ver todos os seres vivendo em liberdade e amor uns pelos outros. Seria especismo de nossa parte, afirmar que Deus ama mais a humanidade do que as outras espécies de sua criação. Deus ama a todos, sem distinção. E vê os animais sendo explorados e maltratados pelos homens, o que fere o coração amoroso de Deus. Trazendo consequências ao mundo pela maldade humana.

Frederico falou por sua vez, apresentando o movimento “Não mate”:

— O movimento “Não mate” vem desenvolvendo uma filosofia muito coerente de saúde da população por meio da ideia de que a própria natureza contém suas bases curativas para a humanidade e para os animais, e assim ensinando o uso de alimentos naturais para a saúde e incentivando a criação de indústrias de alimentos naturais. Como Hipócrates muito antes havia ensinado.

Os alunos queriam saber com mais detalhes sobre o uso de alimentos naturais e enfatizaram os alimentos cultivados com agrotóxicos. Frederico explicou:

— Cereais, legumes, hortaliças, frutas, etc, são alimentos fundamentais para a alimentação saudável tanto para os humanos quanto para animais. O capitalismo vem menosprezando a força do solo para obter maiores lucros e vem fazendo uso de agrotóxicos na lavoura. O que vem prejudicando a saúde de todos os seres humanos. Deus fez tudo perfeito. Se determinada fruta só dá em determinada época, isto tem um propósito, naturalmente cada fruta tem sua época, como por exemplo, a melancia nos meses de setembro a dezembro, o morango nos meses de agosto a outubro. E assim, cada espécie de fruta em seu devido tempo. A natureza segue a ordem de um superior, de quem a formou e ordenou que fosse assim.

Todos aplaudiram Frederico. E Mira mais uma vez falou ao microfone para a multidão:

— A mudança de hábitos alimentares traz melhoria para a saúde, e também, mudando nossos hábitos alimentares, nós estaremos libertando outros seres da exploração e morte, pois não é necessário que animais morram para serem alimentos nossos.

Mais uma vez todos os alunos ali presentes aplaudiram e Mira continuou:

— Podemos melhorar nossa qualidade de vida, melhorando nossa saúde, evitando outras tantas doenças causadas pelo consumo de carne e acabar com as injustiças e violências com as outras espécies que também são criaturas de Deus.

Frederico aplaudiu e retomou a palavra

— Os animais foram criados para a função do equilíbrio do ecossistema socioambiental e não como vem agindo o homem, fazendo das outras criações de Deus objeto, recursos alimentares à disposição dos humanos.

Frederico expôs um vídeo no telão de tv que havia sido instalado ali para este objetivo. Um vídeo onde mostrava cavalos trabalhando excessivamente nas carroças até tarde da noite, animais sendo explorado nos rodeios, nas vaquejadas, nas cavalgadas, nos pontos turísticos, nos circos, briga de galo, tudo isto na maior crueldade para diversão humana. Este vídeo mostrava as condições em que os animais vivem nas explorações pecuárias que produzem a carne que maioria consomem nas suas alimentações e em suas diversões em churrasco. Pausou em uma cena cruel onde um dos matadores cruelmente degolava um bezerro, o qual berrava por sua mãe e sua mãe chorava ao assistir seu filhote sendo degolado.

Ele pausou e disse:

— Não acredite na ideia de que Deus está indiferente a esta situação de exploração animal e da natureza, o sistema da terra está ameaçado, e todos pagarão pela consequência dessa exploração, pois todos se tornam cúmplices de uma maneira ou de outra, quando permanecem consumindo carnes e produtos da exploração e crueldade dos animais. O grito dos explorados chega até Deus.

Deu prosseguimento ao telão onde mostrava uma frase de Leonardo Boff³: “é preciso acrescentar a ameaça que pesa sobre o sistema Terra. A aceleração do processo industrial faz com que a cada dia desapareçam 10 espécies de seres vivos e 50 espécies de vegetais. O equilíbrio físico-químico da Terra, construído sutilmente durante milhões e milhões de anos, pode romper-se devido à irresponsabilidade humana. A mesma lógica que explora as classes oprime as nações periféricas e submete a Terra à pilhagem. Não são somente os pobres que gritam, grita também a Terra sob o esgotamento sistemático de seus recursos não renováveis e sob a contaminação do ar, do solo e da água...” (p. 9).

Todos os alunos aplaudiam e gritavam:

— Salvemos o planeta Terra. Salvemos os animais. Salvemos a agricultura ecológica!

Mira falou de uma proposta de alteração constitucional, através de Lei complementar para se incluir na nossa Lei Magna novos direitos. Os animais passariam a ser vistos como sujeitos de direitos, e não como mera condição de coisa, como é atualmente.

Alguns alunos que tinham também acesso ao microfone falaram que, no direito penal, havia um artigo sobre maus tratos aos animais. Mira disse:

— Sim, no Direito Penal apenas criminalizam os maus tratos e o abandono dos animais domésticos, mas deixaram de fora, injustificadamente, a maioria dos animais. O que queremos é que o direito constitucional e civilista inclua novos artigos, dando direitos e tratamento justo para todos os animais. E uma lei especial no ramo de Direito Animal. Conceder verdadeiros direitos aos animais. O sofrimento e morte a que os animais estão sujeitos são inaceitáveis. A proposta é criar leis que garantam aos animais direito à vida, à liberdade e à integridade corporal.

Mira falou de um projeto de lei engavetado que ela tinha sobre este tema, onde pretendia abolir o uso de carroças, as diversões com os animais, como a cavalgada, a tourada e a vaquejada. Este projeto de lei defende o abolicionismo animal, isto é, o fim da “escravatura” animal. Seria o fim da Exploração animal para a diversão humana, que submete a dor, o sofrimento ou a morte dos animais, e o fim do trabalho escravo, que é o caso dos carroceiros. As carroças puxadas por cavalos seriam substituídas por carroças motorizadas. Mira explicou que a única maneira de abolir a exploração dos animais será concedendo direito a estes.

Frederico disse:

— Além da criar mecanismo de fiscalização, o projeto deve também abranger a caça, a experimentação animal, o mundo do espetáculo animal, a agropecuária etc, enfim, conceder dignidade jurídica à vida dos animais.

— Exatamente, Frederico! Não podemos olhar o animal apenas como um “objeto” que nos serve, mas dar a ele o direito de uma vida feliz, evitando a dor e o sofrimento a todo o custo, a todas as espécies. Devemos eliminar todas as atrocidades que o homem submete os

³ BOFF, Leonardo. *Ética da Vida*. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

animais. E punir aquele que puser em prisão (gaiola) pássaros que têm o direito de ser livres e voar.

Os alunos aplaudiram euforicamente e Mira bateu palmas e voltou a falar:

— Com essa lei contribuiremos para o fim do sofrimento de milhões de animais em gaiolas, em abandono, em matadouros, em jaulas de experimentação científica, em espetáculos de exposições de animais e jardins zoológicos, na escravidão do serviço forçado etc. Sendo de competência do Estado Federal legislar sobre o bem-estar animal, incluindo-se todas as espécies animais. Pois é preciso uma transformação de vida planetária e o homem começar a pensar na natureza não apenas como fonte de riqueza, mas como fonte de vida criada pelo criador para que toda sua criação viva nessa Terra sem maltratar outros seres. É este o plano de Deus quando fez o mundo. Mas o homem sempre com seu livre arbítrio fazendo da forma errada. O veganismo prega o respeito para com todos os animais embora não seja uma religião, mas é a literalidade do mandamento universal prescrito por Deus, não matarás.

Mira falou pensadamente como se tivesse se dado conta disso só agora, até esqueceu que estava ao microfone:

— De fato Frederico, quando Deus escreveu este mandamento dentre os dez, ele não especificou e nem disse que era válido apenas para os humanos. Ele deixou explícito: não matarás. Isto engloba toda a sua criação.

— Sim, Mira, concordo totalmente. Gandhi define a palavra *Ahimsa* como sânscrita, que significa não violência, respeito à vida animal. Cujo sentido leva a um princípio ético religioso que ensina que não devemos causar mal a nenhum ser vivo.

No final da exposição, Mira e Frederico como os organizadores das reuniões e palestras convidaram a todos para no final assinarem uma lista deixando seus e-mails e whatsapp e participarem do grupo NÃO MATEM. Frederico deu a cada um dos participantes um livro de Peter Singer *Libertação animal* e anunciou o próximo encontro, cujo tema seria a alimentação vegana.

Mira deixou o endereço de seu bar e restaurante vegan, onde também tinha um espaço que vendia livros veganos, citou alguns livros: *Introdução aos direitos dos animais*, de Gary Francione, um grande intelectual vegano, que trata a respeito do movimento da libertação animal, a importância do veganismo para tornar os animais como sujeito de direitos e não vítimas de exploração humana; *O Estudo da China*, do Dr. T. Colin Champbell, onde ele fez um estudo de 20 anos pesquisando sobre proteína animal, o qual afirma que são as principais causadoras de câncer nos seres humanos, doenças cardíacas e outras doenças. E a partir dessa pesquisa prega a alimentação vegana como totalmente saudável para nosso organismo. Outro livro bem interessante é *Skinny Bitch*, de Rory Freedman e Kim Barnoin. Trata-se de um dos melhores livros sobre veganismo. Os autores narram algumas histórias dos matadouros que farão você deixar de comer carne porque são histórias perturbadoras. Falam também de receitas para mulheres grávidas e como se alimentar sem usar nenhum tipo de carnes. E eu não poderia deixar de citar o *Food For Life*, do Dr Neal Barnard, um livro que trata como a dieta ajuda a prevenir doenças. Segundo o autor, a dieta vegana baseada em grãos integrais, feijão, legumes, verduras e frutas é a dieta mais saudável para nós. Ele cita um estudo prático que mostra pessoas que aderiram ao veganismo ficaram curadas de doenças cardíacas, colesterol e diabetes. E o livro da Pamela Rice, *101 razões para eu ser um vegetariano*. Este livro leva de fato a quem ler decidir ser vegano. Ele fala também a respeito da saúde, da agricultura industrial e sobre o meio ambiente.

Frederico deu por encerrado a reunião distribuindo livros de líderes dos movimentos de libertação dos animais: Gandhi, Martin Luther King e Peter Singer. E encerrou a discussão lendo um trecho de um dos livros de Peter Singer quando ele confessa ter tornado-se vegetariano:

“A minha complacência foi perturbada quando conheci Richard Keshen, um colega de estudos em Oxford que era vegetariano. Durante um almoço, perguntei-lhe por que não comia carne e ele começou a falar das condições em que vivera o animal cuja carne eu estava a comer. Através de Richard e da sua mulher Mary, a minha mulher e eu travamos conhecimento com Roslind e Stanley Godlovitch, também vegetarianos, a estudar filosofia em Oxford. Nas longas conversas havidas com estes quatro – e, em particular, com Roslind Godlovitch, que tinha estabelecido a sua posição ética com um pormenor considerável – convenci-me de que ao comer animais participava de uma forma sistemática de opressão de outras espécies pela minha própria espécie. As ideias centrais deste livro tiveram origem nessas conversas”⁴

⁴ *Libertação Animal*. Peter Singer.

Odair Flores

EU, O PEIXE

Como sempre fazia pela manhã, saí de entre as pedras e me aventurei rasgando as águas, buscando algo para matar a fome pois a noite havia sido fria e nessas "nadanças" quem sabe encontrasse algo! Lá em cima, para além da flor d'água, o céu estava azul, onde alguns predadores alados encerravam por algum motivo superior disfarçado de fome, a vida de muitos de nós! Esquivei-me de suas vistas e fui cortando correntes submersas enquanto pensava em como era tranquila minha vida nesse oceano, onde a única restrição era o cuidado em me livrar de um ou outro predador, o que minha vida até aqui tinha me ensinado, através da experiência!

De repente algo colorido me chamou a atenção e notei que junto havia um bom pedaço de algum alimento que balançava, aguçando-me a curiosidade! Mais que depressa, empurrado pelo estômago vazio, abocanhei a comida e de imediato, senti a dor terrível de algo que me estraçalhava a boca! Tentei de todas as formas, livrar-me daquilo, e por mais que tentasse, mais preso ficava! Agora, aqui estirado, com a dor do anzol na mandíbula, começo a sentir a agonia da falta de água em minhas brânquias, tirando-me a possibilidade de respirar! Como eu queria nesse momento poder transformar minhas guelras em pulmões, quem sabe assim eu pudesse com o alento do oxigênio, debater-me mais um pouco, e escapar dessa humilhante e fatal situação. Meus olhos, fixos, eternamente arregalados, não demonstram minha agonia, o que ajuda a tornar mais frio e indiferente, aquele bípede ser que me tirou do meu reino! Meu tempo está acabando, meus movimentos vão pouco a pouco se paralisando, mas ainda consigo ver o orgulho estampado na cara daquele que me tira a vida e a admiração de algumas pessoas que me olham como se eu fosse de outro planeta!

Mas lá, um pouco afastado, notei que alguém, uma única pessoa, me olhava penalizado e fez uma oração por mim. Talvez sem saber que sua contrição, fará as vibrações de amor da deusa do mar, minha rainha, abençoá-lo nas estradas da vida!

Pablo Wolf Oliveira

EXPLORADOS EM OUTRO MUNDO

I. OS SUMIÇOS

O delegado Renan Neves, em seus oito anos de carreira, nunca havia recebido tantos casos de pessoas desaparecidas. A cidade do Rio de Janeiro foi tomada por uma onda de sumiços.

— Meu filho foi para a escola e não voltou mais – disse uma mãe aflita.

— Ele estava sozinho? – perguntou o delegado.

— Acho que sim, ele costuma voltar para casa sozinho.

Um pai, também aflito, relata:

— Minha filha saiu com as amigas para uma festa de aniversário. Elas saíram juntas. Não voltaram até agora.

E vários relatos como esses apareciam em diversas delegacias. Pessoas sumiam, de várias idades, homens e mulheres, sozinhas ou acompanhadas, em muitos locais da cidade.

Várias facções criminosas estavam sob investigação, mas não havia evidências que ligassem alguma delas aos estranhos sumiços relatados. Renan, assim como outros delegados e investigadores, não sabia mais por onde conduzir as investigações.

II. UM ESTRANHO RELATO

Renan teve uma surpresa em um dia de trabalho.

— Luana, que surpresa encontrá-la aqui. Você está aflita! O que aconteceu? – perguntou nosso amigo delegado.

Renan e Luana fazem parte da Associação Vegana por um mundo melhor, local onde vários ativistas trabalham em prol dos direitos dos animais, para oferecer uma boa alimentação vegana à população e para doar alimentos veganos aos mais necessitados.

— Eu saí ontem com Diego, meu namorado. Estávamos próximos ao Museu de Astronomia de São Cristóvão e, de repente, vimos um portal. E tinha a imagem de um frango assado. Diego fez uma cara lembrando um cachorro ávido por comida, percebi movimentos intensos em suas narinas e ele saiu correndo para lá. Ainda gritei: “espere Diego, não vá!”, mas não adiantou. Diego entrou no portal, que se fechou imediatamente e desapareceu.

Renan ficou surpreso e disse:

— Amiga, difícil acreditar nesta história. Muito estranho. Olha, eu sei que você é muito dedicada à causa animal, mas acho que você está se envolvendo tanto que começou a ver coisas.

— Por favor, Renan, acredite em mim – suplicou Luana –, não faça como as outras pessoas, que ficaram rindo quando contei essa história.

— Bom, é a primeira vez que uma pessoa acompanhada desaparece sem o acompanhante. Estranho. Faremos o relato da situação e procuraremos seu namorado.

— Obrigada.

III. O PORTAL

No dia seguinte, Renan passeava com Vítor, seu namorado, pelo Jardim Botânico, e contou o estranho relato do dia anterior.

— Imagine só, a Luana só pode ter tido uma alucinação.

— Pois é, e como você falou, ela está tão envolvida nessa Associação que vê carne em tudo quanto é canto.

— Por falar na Associação, estou esperando você aceitar o convite para ir lá conhecê-la.

— Olha, eu até posso ir, mas não vou virar vegano. Eu adoro uma picanha, um contrafilé, um galetto assado e um peixinho frito.

— Ah, essa é a ilusão do sabor. A maioria das pessoas fica tão envolvida com o prazer da carne que não presta atenção em como a indústria da carne, do leite e dos ovos é cruel com os animais e com o meio ambiente.

Os rapazes andaram e conversaram mais um pouco. Um foco de luz apresenta-se diante deles e um portal se abriu.

— Nossa, que cheiro delicioso! – exclama Vítor – que pedaço de carne assada suculento! Olha, churrasco no espeto! Já estou indo comer.

— Espere, Vítor!

Mas Vítor foi mais rápido. Com muita avidez e desejo, o rapaz entrou no portal, que se fechou em um breve instante. Renan desesperou-se.

— Vítor, não! Cadê você? Por favor, não se vá.

IV. A MISSÃO

Renan foi até a casa de Luana contar o ocorrido.

— Agora você acredita em mim, certo, amigo?

— Sim. Depois de ter visto com meus próprios olhos não tenho como duvidar. Desculpe, Luana, por não ter acreditado em você.

— Tudo bem. Eu no seu lugar acho que também não acreditaria.

— E agora precisamos traçar um plano, urgente.

— O que podemos fazer?

— Andarei pela cidade à procura de um portal e entrarei nele.

— Mas é perigoso. E se você não conseguir mais voltar?

— Preciso arriscar.

— Também quero ir.

— Certo. Então vamos!

Renan e Luana andaram por bastante tempo. Já era madrugada. Finalmente, um pouco distante de um aglomerado de pessoas que andavam no Centro da cidade, o portal aparece, chamando com um grande prato de peixe frito.

— Nossa, finalmente – disse Renan.

— Renan, você se sente atraído por esse prato a ponto de entrar apressadamente para dentro do portal?

— Não, Luana, não me sinto, mas lembro do Vítor entrando desesperadamente.

— Também não me sinto. E olha que eu adorava comer peixes antes de ser vegana. Diego também entrou desesperadamente. Parece loucura, mas posso apostar que nós veganos não somos atraídos por esses portais.

— Quem sabe? Então, vamos nessa. Precisamos achar nossos namorados e as demais pessoas desaparecidas.

V. LUGAR TERRÍVEL

Renan e Luana foram arrastados por um enorme labirinto pela ação de uma força gravitacional para outro planeta. Eis que um portal se abre ao fim do caminho. Na entrada havia vinte pessoas indo em direção a uma esteira rolante, onde recebiam uma máscara na cabeça conectada a um cilindro nas costas cheio de ar. Dois soldados, com corpos semelhantes a humanos e cabeça semelhante a cães, controlavam a entrada e colocavam máscaras nos humanos que entravam. Renan e Luana esconderam-se perto da entrada.

— Precisamos entrar lá sem que nos vejam – disse Luana.

— Sim. Vamos esperar para ver se eles dormem ou saem daqui.

Quando todos os humanos entraram, os soldados deixaram a guarda da entrada, entrando também. Nossos corajosos amigos os seguiram, devagar e silenciosamente, percebendo que o portal havia se fechado. Eles ficaram parados, esperando os soldados se distanciarem.

— Estou sentindo falta de ar, disse Luana.

— Eu também.

Imediata e impulsivamente, Renan avista várias máscaras com cilindro de ar, dá uma para Luana e veste outra.

— Provavelmente precisamos disto para respirar por aqui – disse Renan.

— Espero que seja o suficiente enquanto estivermos por aqui.

Andaram por um longo corredor e finalmente chegaram a uma grande sala. Encontraram várias pessoas com suas máscaras e cilindros de gás amontoadas em jaulas onde pouco podiam se mexer.

— Meus Deus! Que horror! E o Diego pode estar aí.

— E o Vítor também. São as pessoas que sumiram!

— Vamos salvar todas essas pessoas.

— Sim, mas precisamos saber onde estamos, como proceder e o que está acontecendo. Caso contrário, podemos ser pegos e colocaremos tudo a perder.

Um grito vem de uma das jaulas.

— Socorro! Quero sair daqui.

Um dos soldados diz:

— Pare de gritar, seu terráqueo. Lembre-se que se o seu ar acabar antes da próxima recarga, você morrerá. A atmosfera deste planeta é irrespirável para vocês.

Renan e Luana ficaram assustados.

— Renan, nós morreremos se não agirmos rápido.

— Calma, Luana, precisamos ficar calmos para agir e para economizar o ar que temos.

Eles ficam parados, pensativos. Luana corta o silêncio.

— É incrível, estamos em outro planeta, e ainda assim conseguimos entender o que esses extraterrestres estão dizendo.

— Eu sinto que aqui ocorre algo do tipo transmissão de pensamento. Enquanto estávamos em silêncio eu prestei atenção em você e percebi que você estava pensando em sua família e pedindo a Deus para que esse pesadelo acabe.

— É verdade, todos devem estar preocupados comigo e eu também estou muito preocupada com tudo isso.

Renan e Luana veem dois extraterrestres entrando em uma sala, aproximaram-se com cuidado e ouviram a conversa.

— Meu caro sócio, vejo que lucraremos muito com esses terráqueos.

— Creio que sim, já testei a carne de um deles e é muito saborosa.

— Mas também usaremos esses terráqueos como escravos, não é mesmo?

— Com certeza. Aboliram a escravidão aqui em nosso planeta. Mas se tratando de seres de outro planeta, o governo e a sociedade não farão oposição, tenho certeza.

— Mas precisamos de uma forma de economizar ar. O custo das viagens para irmos até a atmosfera da Terra coletá-lo não é baixo. Mesmo sintetizando os gases em nossos laboratórios, teremos custos altos.

— Bom, não sei se será mais vantajoso, tendo em vista a qualidade da carne terraquiana, matá-los com facas, ou com pistolas, ou asfixiados, logo na entrada do portal, para obtermos a carne. Com relação aos escravos, não tem jeito, teremos que investir em produção gasosa para que eles trabalhem, em cirurgia para troca de aparelho respiratório e circulatório ou, de acordo com o andar das pesquisas, em um conversor que transforma amostras de nossa atmosfera em atmosfera terrestre. Assim eles conseguirão respirar em nossa atmosfera. Quando o terráqueo não servir mais, ele será morto e vendido no açougue.

— Perfeito. Teremos bastante trabalho pela frente. E a propósito, compraremos mais chips iguais aos que temos em nossas orelhas?

— Certamente, para que em nosso planeta possamos absorver a língua que os terráqueos falam. Tem funcionado com a gente, não é? Os chips absorvem a língua falada pelos terráqueos e quando os usamos ela passa para nós. Teremos mais possibilidades de expressão e não ficaremos limitados à transmissão de pensamento. Já estamos usando essa linguagem em nosso trabalho neste laboratório e futuro matadouro. Em breve, venderemos muitos chips e seremos muito ricos.

— Bravo. Tenho mais uma informação: pesquisas com terráqueos apontam que eles não falam apenas uma língua.

— Exato. Mas essa língua é mais homogênea se os capturarmos na mesma zona de portais.

— E por falar em capturar, amanhã traremos mais terráqueos, certo?

— Certo, meu caro. Os técnicos já estão preparando mais fragrâncias de carne animal para os terráqueos cheirarem e serem atraídos para cá.

— Muito interessante. Eu fico me perguntando: Por que eles caem nessa ilusão e entram no portal?

— Meu caro. A fragrância interage com a carne dos animais e com derivados deles que os terráqueos comem. A não ser que eles não tenham comido carnes e derivados por um certo tempo e tenham no máximo resíduos insignificantes no corpo, a fragrância os atrairá fatalmente. Agora vamos comer e descansar. Amanhã teremos mais trabalho pela frente.

VI. A FUGA

Renan e Luana passaram dois dias observando tudo escondidos. Os passos, os planos e os trabalhos dos extraterrestres do estranho planeta situado a 5 anos-luz da Terra. Tiveram que recarregar o cilindro uma vez. Descobriram que o dia da matança e da escravidão se aproximava. Aprenderam a controlar os portais e a abertura das jaulas nos sistemas de controle.

O mal-estar no ambiente era nítido. As pessoas não podiam se mexer no curto espaço e com a necessidade de economizar ar. A urina e as fezes incomodavam bastante e a vantagem do uso de máscaras consistia em não sentir o cheiro decorrente. A alimentação era dada em forma de ração, cuja composição ainda não foi possível descobrir, que era deixada para os prisioneiros pegarem com a mão e comerem com cuidado para não ficarem sem ar enquanto cada um tirava e colocava a máscara.

Finalmente, enquanto os extraterrestres descansavam, cilindros foram recarregados por Renan e Luana, as jaulas e portais foram abertos, e todos saíram apressadamente. Ao lado de Renan, apareceu alguém que ele logo identificou ser o Vítor. O mesmo aconteceu com Luana e Diego. Renan havia programado o tempo de fechamento do portal de saída, programou para que o portal de entrada para a Terra que dá acesso ao bairro carioca de São Cristóvão fosse fechado em três horas para dar tempo de todos voltarem, e bloqueou os demais portais terrestres para que mais ninguém fosse levado. Todos que estavam vivos conseguiram deixar o local, um ajudando o outro mais debilitado. Infelizmente, nem todos resistiram ao tormento daquela prisão.

Um soldado acordou com certo barulho, apesar de os fugitivos tentarem se movimentar em silêncio, acionou o alarme e dirigiu-se ao portal. Outro soldado acionou o alarme e mais dez soldados correram atrás de nossos amigos. Renan e Luana abriram diversos cilindros de ar e envolveram o ambiente com o ar terrestre, ocasionando o desmaio dos extraterrestres.

Enfim, todos os sobreviventes estavam de volta ao planeta Terra.

VII. NOVA CHANCE, NOVOS HÁBITOS

Ao contrário do que Renan previra e programara, cada um dos sobreviventes chegou à Terra pelo mesmo portal por onde havia entrado, após as máscaras e cilindros terem sido desintegrados no caminho. Não havia sinal de sujeira, nem de abatimento. Retornaram da mesma forma que saíram.

— Renan, cadê todo mundo? Será que não conseguimos fazer o resgate?

— Não sei, Luana. Não estamos mais vendo o portal. Todos estavam na nossa frente, não é possível que tenham ficado para trás.

— Bom, vamos voltar para casa e descansar um pouco.

Os jornais da cidade começaram a noticiar a volta de muitas pessoas sumidas. Entretanto, elas não se lembraram do que ocorrera. Renan e Luana, percebendo que as pessoas voltaram sem as devidas lembranças, decidiram não contar os fatos. Luana estava muito feliz por seu reencontro com Diego. Podemos dizer o mesmo com relação a Renan e Vítor.

Na noite do dia seguinte, Renan e Vítor saíram para jantar em um restaurante.

— Fico feliz por estarmos juntos novamente – disse Renan.

— Não me lembro o que aconteceu depois de nosso passeio ao Jardim Botânico, acho que foi ontem, mas tenho a sensação de que foi a mais tempo.

— Não se preocupe com isso.

O garçom traz a comida.

— Olha, não conseguirei comer esse prato que pedi. Eu adoro carne assada, mas não conseguirei comer. Eu comecei a sentir aversão só de pensar em qualquer tipo de carne e agora ao ver esse prato fiquei mais enjoado ainda. Vou pedir um prato como o seu.

— Engraçado, acredita que hoje minha amiga Luana telefonou dizendo que o namorado dela teve a mesma reação que você na hora do almoço?

— Estranho, não? Será que todo mundo resolveu virar vegano?

— Tomara. Vamos falar sobre direito dos animais e veganismo?

Paula Brügger

ANIMALICÍDIOS NÃO DOLOSOS

Nós, animais humanos, engendramos todo tipo de dano e sofrimento aos animais não humanos, mesmo que inadvertidamente. Vegana que sou, discorrer aqui sobre as atrocidades cometidas no âmbito da pecuária, ou da experimentação animal – temas que mais discuto no universo acadêmico – soaria clichê.

Prefiro abordar duas fontes de danos mais sutis: piscinas e vidraças, ainda que existam outros incontáveis contextos exterminadores de animais.

Bem, vidraças são um tanto quanto óbvios matadouros não intencionais de pássaros, insetos e mesmo outros tipos de animais⁵. Insetos e pássaros, por exemplo, perdem a vida simplesmente por ficarem presos no lado interno das janelas. E antes de morrer sofrem um bocado. Em suas tentativas frustradas de fuga batem as asas, desesperada e incessantemente, até esgotarem suas forças. A coisa piora se houver sol incidindo sobre os vidros, já que o calor, por si só, pode matá-los. Incontáveis são as vezes que “caço” borboletas, zangões e uma variedade de outros insetos a fim de conduzi-los até uma abertura naquelas muralhas translúcidas, incompreensíveis para eles.

A morte pode ocorrer também por colisão. Alguns estudos apontam inclusive que o número de aves que sucumbe dessa maneira é maior do que a quantidade que colide em instalações de energia eólica⁶, ou seja, as vidraças matam sem sequer produzir algo de útil, a não ser embelezar fachadas e proteger das intempéries as habitações dos humanos.

Eu mesma tenho em casa uma enorme janela envidraçada, virada para o sol nascente, que é bastante perigosa para pássaros e insetos. Consegui reduzir muito o número de colisões da avifauna na tal vidraça adicionando-lhe adesivos decorativos. Ainda assim, ocasionalmente, um ser desafortunado se choca contra ela, às vezes de forma fatal. Quem se deliciava com esse mecanismo acidental de caça era a minha gata Felícia. Mal ouvia o som característico desse tipo de impacto e já saía disparada, escada abaixo, para colher a sua presa-surpresa, e lá ia eu também, correndo feito louca. Como não poderia deixar de ser chegava bem depois dela, mas tempo o suficiente para salvar muitas vidas: à minha felina faltava um sentido que na nossa condição de animal humano desenvolvemos de forma aguçada: o da visão, sobretudo em nosso contexto cultural ocidental, dominado pela razão instrumental.

O historiador francês Michel de Certeau, em sua magnífica obra *A Invenção do cotidiano*, afirmou que a nossa sociedade canceriza a vista, mede toda a sua realidade por sua capacidade de mostrar, ou de se mostrar, e transforma as comunicações em viagens do olhar...

É claro que a minha disputa visual com Felícia se dava em torno de coisas paradas, como era o caso dos pobres pássaros desfalecidos. Caso se movessem – e ela os visse – era sentença de morte na certa. Nesses casos procurava me consolar com o clássico argumento da cadeia trófica, inválido para nós humanos nas sociedades industriais, mas justificável para os gatos, ainda que com uma ajudinha do destino. De resto, Felícia chegou por aqui na fase adulta, sabe-se lá de onde, e já era uma exímia caçadora. Ficou por sua própria vontade, pois era livre para ir e vir. Embora isso envolvesse diversos riscos, foi a escolha que fizemos. A

⁵ Veja, por exemplo, matéria publicada no site Agência de Notícias de Direitos Animais “Milhões de aves morrem em colisão com janelas todos os anos” <<https://www.anda.jor.br/2016/01/milhoes-aves-morrem-colisao-janelas>>.

⁶ Wind Power Results. In *Very Few Bird Deaths Overall*. Disponível em: <<https://cleantechnica.com/2018/02/21/wind-power-results-bird-deaths-overall>>

única intervenção de maior monta foi castrá-la. E aqui viveu por mais catorze anos e meio, saudável e feliz, vez por outra fazendo pequenos estragos na avifauna.

E as piscinas? Vou direto ao ponto: piscinas são lagos mortais porque não têm extremas naturais. Suas bordas são estruturas retas, abruptas e frequentemente lisas. Não raro têm até ângulos negativos em suas rígidas estruturas, os quais acabam por tornar impossível a já dura escalada de qualquer náufrago para fora da água.

Na natureza todos os lagos têm algum tipo de fronteira entre as interfaces água/terra – sejam plantas, sejam estruturas rochosas, ou aclives arenosos – que permite que os animais nadem até uma “praia”, ou alcancem algum tipo de substrato que possa lhes servir como salvo conduto para o ecossistema adjacente.

Isso me faz lembrar outra passagem de Certeau daquele mesmo livro. Ao tecer interessantíssimas distinções entre o escrito e o falado, no universo da linguagem, ele propõe a metáfora de que as fronteiras são mais fluidas do que as linhas nos mapas: Onde o mapa demarca, o relato faz uma travessia. O rio, a parede, ou a árvore faz fronteira. Não existe aqui o caráter de não lugar que o traçado cartográfico supõe no limite. Há um papel mediador, completa ele.

É tentador pensar que bordas de piscinas sejam – à semelhança de um traçado cartográfico – uma espécie de não lugar. Como diria Certeau, não fazem fronteira, apenas demarcam um limite brusco e extemporâneo⁷.

As piscinas podem ser mortais mesmo para excelentes nadadores: na ausência de margens naturais estes têm que nadar à exaustão, até a morte, sem jamais conseguir chegar em “terra firme”. Algumas piscinas têm escadas em forma de degraus não verticais. Esse paliativo de travessia é capaz de garantir o não afogamento de animais maiores, como cães, que podem até ser ensinados a nadar na direção de tal patamar e saírem da água com segurança. Mas esses degraus podem salvar apenas as vidas de animais cujos membros sejam grandes o suficiente para caminhar sobre eles.

Esse não é, todavia, o caso dos batráquios. Houve um verão durante o qual muitos morreram afogados numa piscina que frequento. Consegui salvar algumas vidas, mas foi um verdadeiro trabalho de garimpagem procurar aqueles corpinhos flutuantes e correr para tentar resgatar o maior número possível. A tarefa demandava perspicácia pois todos ficavam boiando, imóveis, à deriva – como que esperando um milagre ou, quem sabe, já entregues à desesperança – e a diferença entre os ainda vivos e os mortos não era nada evidente.

É claro que já vi, ainda que raramente, animais afogados no mar. No que tange aos insetos, especificamente, fico a imaginar como foram parar lá. O mais provável é que tenham sido impelidos por fortes ventos contra os quais não conseguiram lutar. Mas nada se compara à quantidade de cadáveres que boiam em piscinas. A piscina a que me refiro é um lugar pacífico e silencioso, rodeado por uma linda paisagem. Não há vez, porém, que esteja a nadar em suas lindas e perfeitamente oligotróficas águas e não sinta o desconforto de ver tantos pequeninos corpos a balouçar... Paraíso para uns, morte para outros. Nadar de costas é um jeito de ficar alheia a tudo isso. Mas quando nado no estilo cachorrinho, meus olhos ziguezagueiam à procura de vítimas passíveis de salvamento. É claro que todos à volta que percebem tais resgates acham aquilo muito bizarro, ridículo ou até mesmo doentio. Mal sabem eles a alegria que é ver aqueles diminutos insetos que ainda não sucumbiram ao

⁷ Na companhia de Certeau, e de outros autores brilhantes, propus em minha tese de doutorado que a nossa linguagem e alfabeto “técnico” emergem de, representam e ao mesmo tempo constroem uma certa relação com o entorno.

afogamento se agarrarem do jeito que podem aos meus dedos, se ajeitarem, e depois de um tempo alçarem voo novamente. Ainda dentro da água muitas vezes fico admirando meus socorridos recobram suas forças, secam suas asas, contemplam o horizonte... Asseguro ser essa uma experiência linda, religiosa, se tomarmos essa palavra no sentido de respeito pelo sagrado e conexão com o entorno.

Certa vez alguém que presenciou uma dessas cenas me perguntou se aquelas ínfimas formas de vida tinham consciência de estarem sendo salvas. Fiquei chocada com a pergunta. Tudo o que é vivo quer viver, sobretudo as formas de vida sencientes, conscientes de si e dos males que sobre elas se abatem.

É triste ver a reação da maioria das pessoas, inclusive das crianças: no lugar da compaixão, sentem apenas asco pelos pequenos defuntos; pior, sentem nojo daqueles que ainda estão vivos e pulando! Para os humanos, piscinas são apenas locais de diversão. Insetos e sapinhos que morreram em agonia não são nada além de sujeira na piscina. Posso entender isso. De fato, é fácil ficar como inebriado com tanta beleza e sensação de bem estar. Mas como ignorar um sofrimento alheio tão próximo?

O problema é que aprendemos a ser especistas, inclusive nas escolas. A educação formal dominante promove o especismo e a exploração animal aberta, ostensiva, e orgulhosamente em praticamente todos os campos do conhecimento – dos jardins de infância, ao nível universitário. Esse fato não deveria, porém, causar estranhamento. Afinal, como destaca o teórico da educação Michael Apple, as escolas desempenham a função de agentes da hegemonia cultural e ideológica, da tradição seletiva e da incorporação cultural.

As universidades, por exemplo, nasceram e solidificaram seu *savoir-faire* e seus pilares teóricos em consonância com a ideologia da sociedade industrial, legitimando e reproduzindo seus valores e sua visão de mundo antropocêntrica, hierárquica, compartimentalizada e produtivista. Embora seja esse um paradigma entre tantos outros, tal conjunto de valores acabou por se constituir numa verdade quase absoluta, “quase científica”. A maior parte das linhas de pesquisa é aprovada e recebe financiamentos de acordo com esse padrão que é muito mais político e estético do que científico ou ético.

O especismo⁸, como traço cultural marcante em nossa sociedade, não poderia deixar de estar presente. No nível universitário, talvez o campo de conhecimento mais representativo seja o da Zootecnia que é, essencialmente, a ciência e a arte (incluindo a tecnologia) de manejo e “melhoramento” de animais domesticados por meio da nutrição, manipulação genética, etc. A Zootecnia é um exemplo extremo, mas o especismo encontra-se fortemente enraizado em várias outras áreas. As Ciências Biológicas (e da “vida”) banalizam a coleta e o uso de animais como ferramentas de ensino e pesquisa; os currículos de Economia e Engenharia de Produção tratam os animais como meras estatísticas ou *commodities*; na área de Nutrição os animais não passam de elementos constituintes de dietas alimentares; e os alunos de Direito ainda aprendem que os animais são coisas, propriedades, ou recursos.

Até mesmo a nossa linguagem é especista e desvela a concepção de natureza predominante em nossa sociedade: a de oposição cultura-natureza. Dizemos em nosso cotidiano que é “burro” quem tem dificuldade em aprender algo, ou não tem boas aptidões intelectuais; usamos a palavra “porco” como sinônimo de “sujo”; “ave de rapina” e “raposa” para qualificar profissionais desonestos e/ou venais; e empregamos – sem parcimônia e de forma irrefletida – termos como “besteira”, “asneira”, “avacalhação”, “gatuno” e assim por

⁸ A palavra especismo foi cunhada pelo psicólogo e filósofo britânico Richard Ryder, em 1970, para designar formas de discriminação praticadas pelos humanos contra outras espécies animais. O termo foi proposto em uma analogia ao racismo e ao sexismo que também são preconceitos baseados em diferenças moralmente irrelevantes.

diante. Em suma, nossa linguagem revela de forma inequívoca a prepotência subjacente à nossa relação com os outros animais. Isso acontece porque as palavras são muito mais do que uma mera forma de expressão. E, nesse caso, são reveladoras de uma visão de mundo especista.

Mesmo a educação ambiental dominante é especista, pois a ética conservacionista tradicional nela enraizada tem pouca ou nenhuma afinidade com a questão dos direitos animais. Isso acontece porque o *ethos* conservacionista, regido pela mesma racionalidade instrumental que se espalha por todos os campos do conhecimento no Ocidente, foi consolidado em um período histórico em que os estudos sobre senciência animal eram anedóticos e incipientes.

Mencionei antes a sensação de náusea que muitos animais provocam nas pessoas. Nós, egressos das Ciências Biológicas, fomos treinados para não ter esse tipo de melindre. Mas isso não nos livra do especismo. Biólogos podem ser destemidos em manusear animais e transcenderem o tal nojo, “comum nas pessoas comuns”. Mas sua suposta valentia e habilidade estão impregnadas de ranço especista: os animais são meros objetos de estudos de anatomia, biometria, fisiologia, são partes de coleções, etc. O manuseio tem um caráter técnico que não passa, via de regra, por questões de natureza ética. Um animal, individualmente, não é visto como sujeito de uma vida, nas palavras do filósofo abolicionista Tom Regan. Essa frieza emocional e insensibilidade podem inclusive ter desdobramentos desastrosos. Um exemplo emblemático são os programas de televisão *supostamente* educativos que mostram intrépidos biólogos (e outros profissionais) perseguindo animais – *supostamente* na selva – para exibi-los aos telespectadores.

As abundantes informações e conhecimentos de que dispomos hoje sobre senciência e mesmo consciência animal⁹ devem ser traduzidos em uma nova legislação e novas decisões judiciais que proíbam os abusos de toda sorte a que são submetidos os animais não humanos, como o exemplo citado no parágrafo anterior.

Mas o principal vetor de mudança é a educação. Para os filósofos Gary Francione e Anna Charlton a educação deve ser baseada no realismo moral. De acordo com essa postura, fatos e valores morais existem como verdades objetivas independentes de nossa percepção, crenças ou atitudes sobre eles. Se a ciência já demonstrou que uma grande variedade de animais são seres sencientes animados por uma consciência, assim como nós, isso indica a necessidade de uma educação que respeite e honre essas evidências. E esses valores morais e evidências científicas devem conduzir a uma perspectiva educacional abolicionista. É hora de construir uma nova aliança no seio da biosfera senciente. Imagino como seria um curso de graduação em Arquitetura cujos pressupostos filosóficos incluíssem os animais não humanos em nossa comunidade moral. Talvez as janelas fossem menos mortais.

À guisa de encerramento, um alegre *post scriptum*. Um dia antes de terminar a escritura deste texto um dos salva-vidas da tal piscina onde realizo meus resgates insólitos me chamou. O que poderia ser, pensei? Sorridente, ele se aproximou e mostrou em seu celular a foto de um pequeno lagarto, marrom e verde, e disse: “Resgatei ele hoje, assim que cheguei, e logo me lembrei de você!” Para meu deleite, ele descreveu inclusive a expressão do animal ao se acomodar em segurança sobre a sua mão; um misto de medo e alívio, e um olhar furtivo, um tanto desconfiado. Aquilo muito me animou, coloriu meu dia. Brincando, disse ao salva-vidas que aquela noite o pequeno (ou pequena) réptil iria contar pros amigos: “Pessoas, vocês

⁹ Veja, por exemplo, a “Declaração de Cambridge sobre a Consciência em Animais Humanos e Não Humanos”, em: <http://www.ihu.unisinos.br/172-noticias/noticias-2012/511936-declaracao-de-cambridge-sobre-a-consciencia-em-animais-humanos-e-nao-humanos>

nem imaginam...Tava numa roubada, num lago esquisito, sem bordas, pensando que ia morrer. De repente um mamífero gigante me salvou. Sei que era um mamífero por causa daqueles pelos no corpo e aquela temperatura quente característica, sabem? Acho que era um humano!”

Sasha Otter

ZINA

«Il y a un animal dans le fossé, au bord de la grande route... Je crois que c'est un veau, mais je n'en suis pas sûr... Je crois qu'il est vivant... mais je n'en suis pas sûr...». C'était un dimanche matin de décembre pluvieux et froid, dans la campagne bretonne. Encore en pyjama, elle imprimait le texte de la conférence qu'elle devait donner le lendemain et le billet pour le train qu'elle s'appropriait à prendre l'après-midi. Trempé, de son bonnet rouge jusqu'à ses godillots, il rentrait de balade avec leur chienne Emily, essoufflé et bouleversé par cette rencontre dans le ravin. Il lui avait été impossible d'approcher l'animal du fossé car Emily, très spéciste, ne l'aurait pas permis. Elle se dépêcha d'enfiler sa parka et une paire de bottes en caoutchouc. Il lui fallait aussi emporter une couverture, dans le cas où le veau présumé aurait besoin d'être réchauffé ou transporté. N'en trouvant pas de propre, elle repêcha, sur le dessus de la panier à linge, la vieille couverture à imprimé panthère d'Emily et tous les deux se mirent en route. Que faire si l'animal était blessé (il aura probablement été heurté par un véhicule)? Serait-elle capable, si la situation l'exigeait, d'achever le pauvre animal? Et s'il fallait le recueillir? Où l'installeraient-ils? Le toit de la grange n'est plus étanche et Emily, décidément peu ouverte à l'idée d'amitié entre les espèces, ne tolérerait jamais que cet animal, quel qu'il soit, pénétre dans la maison. Les questions grouillaient dans sa tête.

Il gara la voiture à quelques mètres en amont de l'endroit où il avait aperçu l'animal quelques minutes auparavant. Elle se précipita et ne tarda pas à découvrir une toute petite bête noire avec une tache blanche sur le sommet de la tête, tapie dans le fossé, toute mouillée. Avec précaution, elle tenta de s'en approcher en lui parlant doucement, mais terrifiée, la petite se mit à... bêler... de désespoir. « Mais c'est pas un veau! C'est... une chèvre! » Il en rit encore: bien que sensible aux animaux et végane depuis plusieurs années, elle restait une anthropologue et une citadine, visiblement incapable de distinguer une espèce « de ferme » d'une autre. Car il s'agissait bien d'un veau, certes de très petite taille. Ce qu'elle réalisa lorsque l'animal se dressa maladroitement et entreprit de s'échapper du fossé, en direction de la route. Paniquée, elle se hâta de faire barrage au petit veau en brandissant sa couverture panthère, dans un geste évoquant celui d'un torero qui aurait eu soudain des intentions bienveillantes. Le très petit veau retomba lourdement dans le fossé, sur le cordon ombilical qui lui pendait encore au ventre. De toute évidence, elle – car c'est une femelle – avait dégringolé de son pré de naissance, qui surplombait la route. Un instant, elle pensa charger l'animal dans sa voiture et l'emmener loin de là – où? –, loin de l'avenir sombre dont elle savait pertinemment qu'il l'attendait dans cette zone de production agroalimentaire intensive. Mais ils ignoraient tout des besoins d'une jeune velle. N'était-il pas cruel de l'arracher à sa mère, dont les deux grandes cornes pointaient au bord du champ alors qu'elle venait timidement s'enquérir du sort de sa petite? Cette dernière devait d'ailleurs avoir faim, et froid, et ne devait rien désirer d'autre que de se blottir contre sa mère. L'animal survivrait-il au transport – vers où? – ? Et ensuite? C'est ainsi qu'elle, la végane, demanda à son ami de partir à la recherche de l'éleveur afin qu'il vienne porter assistance au petit animal du fossé.

Restée seule au bord de la route auprès de la toute petite vache, désormais aussi trempée qu'elle, elle croyait attendre le retour de son compagnon et de l'éleveur en veillant simplement à ce que le bébé ne s'aventure pas sur la route. Mais toujours terrorisé, c'est le moment qu'il choisit, nécessité oblige, pour apprendre à marcher et fuir loin de cette inquiétante humaine et de sa couverture panthère. Au bout de quelques tentatives et de quelques échecs, la petite velle parvint à cheminer, d'abord lentement, puis de plus en plus vite, le long du ravin, en direction d'une petite route perpendiculaire qui menait à la ferme, son cordon ombilical toujours derrière elle. Escortée par une anthropologue en pyjama,

cheveux dégoulinants et lunettes embuées, dont les automobilistes, qui ne pouvaient pas voir l'animal dans le fossé, devaient se demander pourquoi elle errait ainsi, si tant est qu'ils aient pu l'apercevoir dans la brume.

Lorsque leur petit cortège atteignit le carrefour, la velle parvint péniblement à sortir du fossé. Tremblante, elle s'approcha de la drôle de dame en parka, certainement pas pour le plaisir de faire sa connaissance, mais bien parce qu'il n'y avait qu'elle, et qu'à défaut de pouvoir compter sur sa mère, cette bipède étrange, puisqu'elle ne l'avait pas dévorée jusque-là, pourrait peut-être se révéler utile pour la tirer de ce mauvais pas. L'humaine saisit cette occasion pour caresser la petite, d'un geste mal assuré, comme si elle risquait de la mordre. Décidément, elle ne connaissait rien à ces animaux qu'elle avait pourtant décidé de ne plus manger. Il aurait été si simple – elle n'y pensa que plus tard – de la prendre doucement dans ses bras, de la serrer dans la couverture pour la réchauffer. Mais la vache, même très petite, ne risquait-elle pas de ruer ou de se jeter sur la route? Quoi qu'il en fût, une humaine et une vache à peine née se faisaient maintenant face, avec émerveillement pour la première et horreur pour la seconde, au bord d'une route, en ce dimanche matin de décembre pluvieux et froid, dans la campagne bretonne. La conséquence de cet échange de regards fût une bouse consistante, la toute première de celle qu'on appellerait bientôt Zina.

La jeune velle décida de remonter, au petit trot, la route menant à la ferme quelques 300 mètres plus loin, toujours suivie par une femme aux vêtements tachés de boue. Fascination, pour cette dernière, d'observer que le tout petit animal à peine sorti de sa mère semblait savoir, d'instinct, qu'il convenait de tenter d'entrer dans cette grande étable contre le mur de laquelle elle venait de coller son nez, devinant qu'il y faisait chaud et que des membres de son espèce, plus rassurants que l'humaine-panthère, s'y trouvaient. Elle longea le mur, le nez toujours collé dessus, trébuchant sur de nombreux obstacles – du matériel agricole et de grosses branches d'arbre entreposés là – se relevant obstinément jusqu'à trouver la porte. Avant de pénétrer dans l'étable, elle prit un instant pour se retourner vers cette femme bizarre qui l'avait suivie jusqu'ici (et paniquait complètement à l'idée que la toute petite se fasse piétiner par les énormes vaches qu'elle apercevait dans l'étable). Les oreilles plaquées en arrière par le vent, elle lui lança un petit regard satisfait, visiblement soulagée d'en être enfin débarrassée, et s'éloigna en trotinant fièrement entre ses larges congénères.

L'éleveur vint. Sans hésitation, il saisit la velle, qui s'était installée dans la paille, et la déposa à l'écart du troupeau, l'isolant à l'aide de barrières métalliques. Puis alla chercher la mère de la toute petite vache, pour une réunion qui ne durerait que quelques heures tout au plus. Car c'est ainsi que les choses se passent, dans les élevages laitiers: on sépare les veaux de leur mère peu après leur naissance, car du point de vue humain, le précieux lait est destiné à la vente, et il ne faudrait pas qu'ils le dérobent. L'éleveur les remercia d'avoir retrouvé son « bien », et les deux citadins promirent de revenir bientôt prendre des nouvelles de la petite.

C'est ainsi que se produisit précisément ce qu'elle s'était évertuée d'éviter depuis son arrivée à la campagne. En effet, elle n'avait pas mesuré, en s'installant ici dans le but d'offrir un jardin à Emily, qu'elle, la végane, se retrouverait au cœur de la plus grande région de production agroalimentaire du pays, soit aux premières loges de la souffrance des animaux que l'on dit « de rente ». Les premiers mois, elle s'était contentée de saluer les vaches de loin, en prenant le plus grand soin de ne pas nouer de relations avec elles, qui l'auraient amenée à fréquenter un élevage et à se confronter de bien trop près à ce que subissent ces animaux. Elle avait baissé les yeux devant les cages dans lesquelles il est d'usage, ici, d'enfermer les chiens qu'on ne libère que pour les parties de chasse et s'était contentée de pleurer silencieusement lorsque, au volant, il lui était arrivé de croiser une bétailière, menant vaches ou cochons à

l'abattoir. Elle le pressentait, cette rencontre avec Zina allait l'entraîner dans un voyage dont elle ne reviendrait peut-être pas.

Il y eut d'abord cette rencontre entre deux mondes, deux agriculteurs locaux et deux « néo-ruraux ». Elle l'a tout de suite trouvé charmant, ce couple d'éleveurs, dont l'activité est pourtant tout ce contre quoi elle lutte. Pour le bien de Zina, pour pouvoir continuer à lui rendre visite et à veiller sur elle, il importait de cultiver avec eux de bonnes relations, ce qui supposait de ne pas révéler trop frontalement ses positions. Dans la région, elle est connue comme « l'herbivore », selon le surnom affectueux qui lui a été donné par leur voisin, éleveur laitier à la retraite. Une jeune femme « si sensible qu'elle ne peut manger de viande ». Celle-ci a toujours existé dans les campagnes et y est acceptée. Ce n'est pas le cas de la militante politique animaliste et végane, figure repoussoir au sein du monde agricole, qui serait violemment rejetée par les éleveurs locaux si elle s'affichait comme telle. Cette place de (relativement) jeune femme sensible, bien qu'assez conforme à la réalité – elle devait bien le reconnaître – niait la portée de son engagement politique animaliste et heurtait brutalement ses convictions féministes, mais qu'importe: c'était la seule possible. Pour le bien de Zina.

De semaine en semaine, au fil des visites rendues à sa vache de cœur, elle allait être entraînée, pas à pas, sur le triste chemin qui transforme des animaux en pièces de boucherie. Pourtant, cet élevage, de taille modeste, est loin de constituer le pire de l'élevage laitier. Il est le seul de la région dans lequel les vaches ne sont pas écornées et peuvent sortir librement paître dans les champs ou s'abriter dans l'étable. Alors que les vaches, qui ont une espérance de vie d'une vingtaine d'années, sont abattues à l'âge de cinq ans en moyenne en France, cet élevage garde les vaches aussi longtemps qu'elles produisent ne serait-ce qu'un peu de lait. Elles y sont traitées aussi « respectueusement » qu'il est possible de traiter des animaux que l'ont fait naître, puis que l'on tue, pour les consommer.

Bientôt, plusieurs petits veaux devaient naître à la ferme. Pour la remercier d'avoir trouvé Zina, on lui proposa, comme un honneur, de nommer certains d'entre eux. Elle donna le prénom de Lorna à une ravissante petite velle « de race Normande » et prétendit n'avoir pas d'idées de noms pour deux petits mâles destinés à devenir rapidement « de la viande de veau ». Car comment nommer des êtres que l'on destine à la mort? C'est ainsi qu'elle se retrouva moralement engagée vis-à-vis de deux jeunes vaches, car, c'était certain, elle ne pourrait pas les laisser mourir. Les éleveurs allaient les garder et les exploiter aussi longtemps qu'elles produiraient du lait, les faisant chacune porter un veau par an dans ce but, qui leur seraient enlevés peu après leur naissance, comme ce fut le cas pour elles-mêmes. Mais dès lors qu'ils souhaiteraient s'en débarrasser, elle les prendrait, les mettrait en lieu sûr, quitte à les accueillir dans son salon s'il le fallait!

Chaque semaine, elle revenait rendre visite à Zina. Elle vit ce que d'ordinaire on ne voit pas, ce qu'on choisit d'accepter de ne devoir pas voir. Elle vit l'ennui profond des veaux, enfermés à l'étable durant les deux premières années de leur vie, dans des conditions contraires aux besoins de découverte et de socialisation de n'importe quel jeune animal. Elle les vit accourir à son arrivée pour être caressés, pour recevoir de l'attention, pour que quelqu'un leur parle et reconnaisse leur existence. Elle fit la connaissance d'animaux qui s'apprétaient à « partir », comme dit l'éleveuse sans jamais terminer sa phrase, sans jamais prononcer le nom de cet endroit dont ils ne reviendraient pas: des veaux mâles, des velles de races « bouchères », une vache blessée, une vache âgée. Partis. Un taureau qui avait atteint l'âge de trois ans, celui à partir duquel il allait, a-t-on dit, devenir « méchant ». Parti aussi. Elle joua longtemps avec une petite vache curieuse et enthousiaste, câline et confiante qui, dans son propre langage, avait beaucoup à dire. Une petite vache dont les éleveurs lui expliquèrent qu'ils l'engraissaient pour leur consommation personnelle. Quand elle demanda si elle serait abattue à la ferme, on lui expliqua que c'était interdit et que l'abattoir offrait tout de même

l'avantage de pouvoir placer la viande au congélateur immédiatement après la mise à mort et qu'elle n'en serait que meilleure.

Elle perçut aussi l'ambivalence des éleveurs... A son contact – elle câlinait, embrassait et jouait avec les veaux sans la moindre retenue – elle les vit peu à peu s'autoriser ces gestes affectueux, ces petits mots tendres qui sont moqués et décriés dans le milieu de l'élevage. Car comment garder le sombre cap, comment conserver l'objectif de tuer, quand on se permet la tendresse? Elle les vit affectés de laisser « partir » cette vieille vache, après quinze ans de « bons services ». Elle les vit ouvrir la porte à l'émotion pour la claquer aussitôt. Encore et encore, elle se heurta à ce voile si mince et pourtant indéchirable, entre la conscience et les actes, entre la force de l'habitude et l'empathie. Elle vit l'absurdité d'une situation dans laquelle des êtres humains élèvent puis envoient à la mort des animaux dont nous n'avons plus aucun besoin pour nous nourrir, sans parvenir à vivre décentement de cette activité qui les force à dénier leur propre sensibilité. Elle vit la souffrance des « bêtes », d'abord, et celle des hommes et celle des femmes.

Elle, l'anthropologue, regarda (sur)vivre des animaux et vit se déliter cette vaine recherche du propre de l'être humain, auquel elle avait pourtant consacré tant de temps. Souvent, elle eut envie de « partir » elle aussi. Mas une végane pendue à l'entrée d'une étable serait bien peu utile à la cause animale. Et donnerait même plutôt du grain à moudre à ses opposants, car cela aurait bien montré que « ces gens-là sont un peu dérangés ».

Puis il y eut Jules. Un veau couleur chocolat, minuscule. Tellement petit qu'aucun producteur de « viande de veau » n'en a voulu. Jules, qui lorsqu'elle s'en approcha, posa sa tête sur son épaule et pleura. Peut-être venait-il simplement de se fourrer de la paille dans l'œil, mais il n'en fallut pas davantage pour que l'abandonner à son triste sort devienne tout à fait impossible. Pourquoi lui et pas les autres, nés au cours des semaines précédentes? C'est donc à cela que ça tient, la naissance d'une compassion suffisante à rendre nécessaire l'action? Un brin de paille faisant pleurer l'œil d'un veau? Jules « ne valait rien ». Jules n'était qu'un déchet de la production laitière, dont les éleveurs se demandaient ce qu'ils allaient bien pouvoir faire. Peut-être l'engraisser pour en faire un « bœuf » d'ici trois ans? Beaucoup de temps et d'efforts, pour des éleveurs laitiers dont cela n'est pas le cœur de métier, avec de faibles gains en perspective. Aussi acceptèrent-ils aisément de le laisser partir. Non pas vers la mort, cette fois-ci, mais pour les vertes prairies d'un paisible refuge pour animaux dits « de rente » où elle était parvenue à lui trouver une place. Ce tout petit veau allait pouvoir grandir. Et gambader dans les prés durant la vingtaine d'années qu'il avait à vivre, entouré de plusieurs autres rescapés. Des vaches, des chèvres, des poules et des ânes, qu'il apprendrait à connaître.

Bien sûr, Jules ne représentait qu'une goutte d'eau dans l'océan. Cette jolie histoire ne modifierait rien au sort des trois millions d'animaux terrestres abattus chaque jour en France. Pour lui cependant, tout allait changer.

Le jour du grand départ, l'éleveuse eut cette phrase stupéfiante pour une personne dont l'activité suppose précisément d'envoyer tous les mois des veaux à l'abattoir: « On est contents, parce qu'avec toi, au moins, on sait qu'il sera bien traité ». Une phrase qui révèle, sans les nommer, la maltraitance qui attend tous les autres et le complet vide de sens de l'élevage pour les femmes et les hommes qui s'y emploient aujourd'hui.

Parce qu'il y eut Zina, il y eut Jules. Et Jules allait vivre.

Quelques années plus tard, lorsque je revins dans la campagne bretonne, un dimanche matin de décembre pluvieux et froid, j'aperçus dans les champs une femme en bottes en caoutchouc à côté d'une grande vache noire avec une tache blanche sur le sommet de la tête. Près d'elles, une puissante «Normande» aux larges cornes tenait en respect une chienne qui semblait de fort mauvaise humeur. On refuse souvent de me croire lorsque je raconte cette histoire, mais je jure qu'au loin dans les champs, j'ai bien vu un homme coiffé d'un bonnet rouge, qui caressait une panthère.

Sinara Foss

O NINHO DOS QUERO-QUEROS

Um quero-quero, com plumagem negra orlada de branco na testa e na garganta e uma larga área marrom no peito, corria no terreno baldio de um lado para outro enquanto soltava gritos e batia as asas freneticamente para defender seu ninho. Esse, com três ovos esverdeados e casca salpicada de preto, ficava quase descoberto sob uma pequena depressão no solo ali à vista de qualquer um que passasse pela calçada. Há poucos metros o companheiro também ajudava a proteger o ninho dando voos rasantes nos intrusos.

Um cão surgiu e começou a atravessar o campinho. Os dois quero-queros voaram baixo sobre ele, seus esporões quase tocaram seu dorso ao mesmo tempo em que gritavam alto.

Os dois não entendiam porque pessoas e animais passavam tão perto de seu ninho se tinha tanto espaço por ali.

Não havia construções muito próximas ao ninho. Defronte ao terreno baldio, em uma casa grande, morava um casal, duas meninas, muitos gatos e alguns cães que raramente saíam do pátio. Ao lado, na outra esquina em uma casa amarela, morava um casal de meia idade.

Os quero-queros consideravam aquele um bom local para seus ovos, embora houvesse uma escola mais adiante. Os dois observavam o ninho com mais atenção nos horários de entrada e saída de alunos, quando precisavam ficar mais alertas.

Um vento forte trouxe pingos grossos que empoçaram água na grama. Os dois quero-queros permaneceram no campinho ao lado dos ovos. A chuva continuou sem parar por horas e horas, e a água começou a se acumular formando poças. Os pingos engrossaram e não havia mais locais secos por ali, então uma das aves voou e o outro ficou sobre o ninho. O que permaneceu percebeu que o casal da casa em frente se preocupava com o seu destino. Iam na janela minuto a minuto, observavam a chuva e o acúmulo de água e antes de sair olhavam tristes para a direção deles.

Quando a chuva cessou a outra ave retornou e as duas juntas bateram as asas soltando gritos. O ninho estava a salvo.

Uma nesga de sol surgiu atrás das nuvens grossas e arroxeadas.

Na saída da escola, alguns alunos munidos de garrafas pet cheias de água fizeram uma guerra. Arremessavam o recipiente cheio de água uns contra os outros aos gritos e risadas, na maior algazarra. O contato da garrafa cheia com o chão surtia o efeito de um tiro para as duas aves. Elas voaram baixo batendo freneticamente as asas e gritavam no meio dos adolescentes. Os alunos deixaram o campinho correndo com as mãos na cabeça rindo muito. Um deles, porém alcançou o ninho e pegou um dos ovos arremessando-o contra um outro menino.

Tão rápido quanto vieram, os meninos se dispersaram. O casal de quero-queros voltou para o ninho e como ainda restassem dois ovos, continuaram os cuidados.

Dias passaram e as duas aves, ali, revezavam se no cuidado do ninho com os ovos restantes.

Já era tardinha, quase noite, quando um motoqueiro passou por ali, acelerava rápido e empinava a moto. O barulho era ensurdecedor. Ia e voltava fazendo círculos no campinho e passava pertinho do ninho. Os quero-queros alvoroçados gritavam e voavam baixinho.

O morador da casa em frente correu à frente de sua casa e gritou:

— Hei, olha o ninho dos quero-queros! Saia daí! Isso não é lugar pra andar de moto!!

O rapaz com o rosto escondido pelo capacete saiu do campinho tão rápido quanto entrou. A moto fez um barulho ainda mais alto e desapareceu.

O homem entrou em casa, sacudiu rápido a cabeça de um lado para outro e disse à mulher:

— Quando você ouvir os quero-queros gritando, vá ali. Veja o que está acontecendo. Sempre é alguma coisa.

A mulher secou as mãos no pano de pratos estendido na porta do fogão e virou-se para o marido:

— Eu já xinguei umas crianças ontem, mas tenho medo. Parece que quanto mais a gente fala, mais a gente pede, pior.

— Pois é... Logo os ovos descascam e os filhotinhos já estarão por aí. Precisamos cuidar dos gatos, então...

— Vou cuidar mais! Pode deixar. Por enquanto cuidemos dos ovos. — Ela sorriu. Ficarei atenta aos gritos deles. Eles gritam sempre que alguém se aproxima.

No dia seguinte alguém deixou o portão da casa aberto e dois cães saíram à rua. Correram para a estrada, fizeram xixi na árvore da esquina e dirigiram-se ao campinho. Ao aproximarem-se do ninho, os quero-queros revoaram baixo e gritaram. Um dos cães encontrou o ninho e cheirou os ovos. Deitou-se sobre os ovos e começou a esfregar-se, a rolar-se sobre eles.

As duas aves gritaram muito e tentaram bicar o cachorro. Seus gritos estridentes não os assustaram. Os ovos foram esmagados, perdidos.

A mulher no portão ralhou com os cães e os chamou.

— Lobo! Urso! Venham logo aqui! Lobo!

Os dois correram em direção a casa com o rabo entre as pernas. Quando fechou o portão atrás deles, percebeu que no pelo do Urso havia restos de gemas, claras e cascas quebradas.

A mulher ainda teve tempo de olhar para o campinho e ver os dois quero-queros alçando voo em desistência. Seus gritos foram diminuindo à medida que se distanciavam no horizonte em busca de um lugar onde pudessem pôr outros ovos em segurança.

MEMÓRIAS DE UM CACHORRO VELHO

Os anos passaram por mim e tingiram de branco os meus pelos. Meu corpo, desenhado de cicatrizes, dói. O couro em feridas coça ainda mais no calor. Não me alimento há dias e sei que não terei forças para sobreviver a mais um inverno. Água, bebo quando acumula ao lado da estrada, após as chuvas.

Meus olhos, brancos de ramela, mal enxergam as pessoas que se enjoam ao me avistarem. Umam viram o rosto e apressam o passo, outras me enxotam para que eu me afaste. Pulo, trêmulo, em três patas até um espaço vazio onde eu possa me esconder e deitar. Escuto o vazio e a fome conversarem em minha barriga.

Fecho os olhos e imagino que estou ainda no ventre da minha mãe onde o mal não me alcançava. Eu e meus irmãos brincávamos e interagíamos.

Na hora de nascer, fizemos fila, certos de que entraríamos em uma etapa nova, cheia de amor e respeito. Como a nossa raça só conhece o bem, foi como brincar em um parquinho, num escorregador para a vida. Pensávamos, todos nós, que ao sairmos dali a alegria, a satisfação e o bem estar continuariam.

Éramos oito, cinco machos e três fêmeas. Com os nossos olhinhos ainda fechados e observando o escuro da incógnita, saímos do ninho seguro de nossa mãe e encaramos a luz do mundo onde a humanidade reina.

Era uma fazenda onde o vento fazia a grama se ajoelhar e pedir perdão a Deus por coisas nem sabia. Ouvimos vozes de impiedoso trovão ralhar com nossa mãe. Fui agarrado por uma mão desastrada e bruta. Viraram-me de barriga para cima, mas largaram-me outra vez no calor da minha mãe. Vi que fizeram o mesmo com meus irmãos e senti que depois daquilo, além de mais espaço, sobraram mais tetas.

Eu e os outros machos continuamos a vida, mamando, brincando, mordendo, conhecendo o mundo.

Não nos alimentávamos mais de nossa mãe. Roíamos sapatos, pedaços de lenha, pés de mesa, corríamos por todos os lugares e comíamos o que nos dessem, quando meus irmãos, um a um foi embora. Um deles, o mais gorducho, foi nos braços de uma menina de tranças. Um outro, o menorzinho, foi no colo de um menino cuja voz desafinava, ora grossa, ora fina. Os outros dois saíram amarrados, com grossas correntes, puxados pelo pescoço. Pensei que a sorte, ou a falta dela, estava lançada para eles e também para mim, que não saí de lá.

Não entendia a razão de não podermos ficar juntos. Aqueles que se amam, as famílias, tinham que ficar unidas. Minha mãe chorava e gania sob o apoio incondicional do meu pai.

Na fazenda, logo comecei a ajudar meus pais. O serviço deles era fácil: Latiam para o gado seguir por uma estrada e não podia deixá-los sair da trilha. Homens a cavalo davam ordens aos meus pais com voz ríspida, relhos feitos com couro de gado se agitavam no ar fazendo um barulho que machucava. Era o gemido da vaca que cortava o ar, eu pensava.

Meus pais não sabiam o que fazer para agradar os trabalhadores da fazenda. Eles, no entanto, nunca alisaram meus pais, nunca os chamaram pelo nome com voz suave, apenas com tons de ordem. Eu me indagava se aquilo ali era a vida, aquilo ali era a felicidade que um dia eu sonhara no ventre de minha mãe ao lado de meus irmãos. Perguntava-me também, por que me foi permitido sonhar por algo que nunca ía existir. Será que viver era isso mesmo? Viver era comer restos de comida, sem receber carinho, dormir em um galpão cujas paredes furadas convidavam o vento frio da rua para entrar e arrepiar meu pelo junto ao chão batido?

A vida lá era bem diferente dos sonhos de qualquer um. Presenciei pesadelos que minha fértil imaginação não alcançaria.

A mulher da cozinha, com bastante frequência, perseguia uma galinha e a girava no ar com seu braço gordo. Em completo pavor eu nem me mexia, pensava no dia em que ela iria ali ao galpão fazer o mesmo comigo. Em pesadelos me via dentro de um balde. O pescoço quebrado, caído enquanto ela despejava água fervendo sobre mim pra me arrancar as penas.

Nos finais de ano, escolhiam o leitão mais gorducho. O som de seus gritos agudos e ininterruptos ensurdecia minha esperança e eu só o via depois pela janela, imóvel, sobre a mesa farta, dourado em um prato requintado, com uma maçã na boca.

De tempos em tempos, escolhiam o terneiro mais gordo, levavam até um brete onde a única saída era uma fachada certeira no coração. Ele sabia, eu percebia isso em seus olhos. O sangue jorrava, e ao correr, morno e pulsante, procurava a liberdade em direção ao arroio. Eu imaginava que sua alma ia para o rio e depois para o mar. No bater das ondas, quando o sangue virasse espuma branca, ele teria paz.

Minha mãe pedia que eu me acalmasse e aceitasse. A vida era assim. A humanidade era assim. Nada podíamos fazer. Nosso papel era servir ao homem.

Eu era infeliz, algo faltava, mas eu não sabia o quê.

Quando eu ouvia o chamado para ajudar a tocar o gado que mugia amedrontado em algumas frações pequenas de tempo eu pensava no meu sonho de ser feliz.

Eu olhava meus pais envelhecerem dia a dia, sempre ajudando aquela gente sem nunca receber deles um agrado. Aquele também seria o meu destino até o fim.

Um dia entre tantos outros iguais, enquanto trabalhávamos, o gado se assustou. Corria sem destino, às vezes um de encontro ao outro. Afastei-me sem saber muito que fazer quando um touro pisou no meu pai. Corri para perto dele, minha mãe gania também ao seu lado. Meu pai não movia as patas traseiras, esforçava-se para levantar e não saía do lugar. Seu olhar era dor e desespero.

Um dos homens a cavalo tirou algo da cintura e apontou para o meu pai. O barulho de fogo e fumaça machucou meu ouvido e destruiu a minha alma. Fizeram um buraco ali mesmo e jogaram terra por cima. Tentei cavoucar para salvar meu pai, ele precisava respirar, ele precisava sair dali. Sob o choro de minha mãe, recebi relhadas que doeram menos que o meu peito.

Daquele dia em diante tive pavor deles. Tinha medo até de comer a comida que me davam.

Dias em que o sol queimava mesmo na sombra vieram, seguidos de outros que a geada branqueava a grama e adormecia nossa pata. Eu me espelhava, dia a dia, nas águas do açude onde matava minha sede e apesar de ver uma imagem de um cão preto e forte, eu me sentia pequeno e triste. Por segundos cada vez mais esparsos, a sensação que tive no ventre de nossa mãe, onde estávamos todos juntos, voltava, mas logo fugia. O reflexo do sol na água ainda prometia uma vida melhor que aquela ali.

Coceiras começaram a tomar conta do meu pelo e sangrar meu couro. O homem, que minha mãe ainda respeitava, colocou uma pasta preta, grossa e mal cheirosa nestas feridas, a mesma graxa que usavam nos tratores. Eu sabia que não era coceira de pulga, que eu tinha, essa eu conhecia bem.

A água do açude não me mostrava mais quando eu me aproximava. Espelhava outro, um cão que eu não conhecia, abatido, sem pelo, e cheio de feridas vermelhas e abertas.

Um dia que não demorou muito pra chegar, fui atrelado a uma carroça. Os passos doeram enquanto deixei para trás o único lar que conheci. Minha mãe quis me acompanhar, mas o açoite a fez desistir.

Pensei que iam fazer comigo o que fizeram com meu pai. Andei horas até que caí meio acordado, meio em transe. Soltaram-me, mas a tontura e a fraqueza nublaram minha visão.

Quando acordei, senti fome, olhei para os lados, cheirei o local com odores desconhecidos e vi ao longe, um aglomerado de pequenas estrelas que faiscavam. Tive fé que lá, naquele reluzir de esperança, quem sabe eu pudesse finalmente ser feliz.

Comecei a caminhar em direção à esperança.

Na estrada, três rapazes oscilavam seus passos, sem saber onde colocar as pernas. Deles vinha o mesmo cheiro dos homens quando havia festa no galpão da fazenda.

— Olha um cachorro sarnento!

— Vamos brincar um pouco!

As palavras pesavam e as vozes se arrastavam. Ouvi som de facas. Tentei me esconder, mas um deles, me impediu e decepcionou minha orelha. Corri como pude, tentei me afastar. Queria que ao correr, eu deixasse para trás também a dor. Mas ela insistia e caminhava ao meu lado. O couro coçava, a barriga roncava e o toco de orelha que permaneceu ainda junto a cabeça, sangrava.

Depois de outro dia de caminhada, senti cheiro de comida. Enfeitiçado pelo aroma, entrei em uma casa. A fome, péssima conselheira, deixou-me em pior situação. Voltei à realidade ao som de gritos e vassouradas. Antes de encontrar a saída, a mulher me interceptou com uma panela de água quente.

Cheguei outra vez na estrada ainda mais desolado. Não saberia dizer o que doía mais, a fome, as feridas, as queimaduras, ou o desprezo das pessoas.

Aquele caminho levou-me a um aglomerado muito grande de casas, e onde há moradias, há gente. E onde há gente, há medo.

Comecei a me esconder. O passar dos dias levou o resto de forças que eu tinha.

Meu peito puxa um ar que não chega e espero alívio. Quero respirar e não consigo. Entro em uma espécie de torpor, um lugar entre o sono e a vigília. Sinto o calor e o aconchego da presença da minha mãe trazendo-me libertação.

Siomara A. da Gama

MADOXX

Madox significa “abençoado”. O meu Madox era Madoxx com um X a mais para ter bênçãos a mais. Escolhi chamá-lo assim em homenagem ao filho de Angelina Jolie, um garoto do Cambódia, cuja existência estaria ameaçada se não fosse a adoção.

Gato abandonado ainda bebê, nunca soube como entrou no condomínio, nem como sobreviveu com tanto leite dado, às escondidas, pelas crianças solidárias. Seria totalmente negro se não fosse por um único fio de bigode branco que, tempos depois, caiu e se perdeu pela casa junto a outros milhares de pelos perdidos, embotados sob (e sobre) os móveis todos os dias. Orelhudo, desnutrido, faminto. E lindo, pelo menos para mim, a mãe apaixonada.

Confesso que ao ver a reação ciumenta de Babi, a frajolinha também adotada, pensei em colocá-lo de volta onde o havia encontrado, mas como devolver um filho às ruas? Rua é passagem. Madoxx ficou. Ficou puxando fios do sofá, desafiando o coração endurecido da até então filha única, pulando dentro da bacia do banheiro e fazendo “Parkour” nas paredes e móveis. Também engordou e cresceu feito cachorro de pequeno porte. Nem parecia gato.

Olhos amarelos, brilhantes e limpos como vidros em dia de faxina. Tinha um andar torto, nunca foi ágil o suficiente para se aventurar pelos lugares mais altos. Mimado, confesso. Territorialista, nunca admitiu que outro gato fizesse parte da família. Tentei, mas ele os espantou com aquela boca imensa, aberta e fazendo-o parecer um ser possuído pelo mal. Porém, bastava desistir do invasor de seu espaço e ele voltava a ser doce.

Para fazer graça, me olhava todo dengoso e, lentamente, se jogava no chão, todo desajeitado e me mostrava aquela barriga rechonchuda, me dando o privilégio de acariciá-la. Tinha cheiro de pão quentinho saindo do forno. Insistia em dormir sobre mim. Não pedia a permissão para, sorratamente, me causar dores terríveis nas costas que, só depois de muito tempo, entendi não ser culpa do colchão ou da minha idade. Eram oito quilos de amor acomodados, na minha lombar, da maneira mais espaçosa possível.

Do nada, começou a sofrer quedas repentinas. Exames, acupuntura. Cardiologista. O que significa “sopro cardíaco”? “Nada grave”, disse o doutor, “Está medicado”, continuou. Mas “sopro” nem sempre consegue ser contido. Impiedoso. Brusco. Desnecessário. Doloroso. Não foi sopro, não foi brisa... foi furacão e o arrancou de mim.

Respirou pela última vez nos meus braços em uma manhã de sábado. Parada cardíaca.

Respeito quem considera exagerada a comparação entre filho humano e filho animal, mas será possível racionalizar sentimento? Vida e morte são tão inexplicáveis. Não são?

Para mim, pessoas não são suficientes. A presença de um animal de estimação, recebendo meu afeto sem que eu corra o risco de ser mal interpretada, retira o peso das dores surgidas no decorrer da vida. Meu gato recebeu carinho e retribuiu com pureza, sem medo, sem reservas. Ele me trouxe à consciência o real valor da chegada, mas também da partida.

Dizer “adeus” foi devastador.

Éramos apenas nós dois naquela sala. Nos últimos momentos, agradei a ele pela oportunidade da convivência, pelos afagos e beijos que pude dar, pelo calor do seu corpo gordinho perto de mim nas noites frias, mas, principalmente, por ter me ensinado tanto sobre o altruísmo. Ali, pedi desculpas pela minha ausência justificada pelo trabalho, pelas falsas ameaças quando ele fingia não me ouvir, pelos passeios assustadores dentro do transporte nas idas ao veterinário, pelo que não pude fazer para impedir sua partida, por nunca ter dito “te amo” vezes suficientes para que ele jamais tivesse dúvida.

Não sei ainda por quanto tempo vou chorar por sentir a sua falta, nem até quando estranharei não ser recebida na porta. Acredito que sua morte só acontecerá quando a minha acontecer.

Pouco tempo depois de sua partida, uma gatinha cruzou meu caminho. Seus bebês, nascidos prematuramente, haviam morrido. Imediatamente, buscamos compartilhar a tristeza causada pelas respectivas perdas e nos agarramos à possibilidade de, juntas, voltarmos à vida.

Não há substituição de alguém que tenha partido. Jamais haverá. Bellinha e eu nos encaramos. Mais que isso, nos ancoramos mutuamente. A princípio, foi pela dor, mas foi principalmente pela alegria de nos encontrarmos e termos a possibilidade de seguirmos em frente.

Os meus olhos. Os olhos dela. Salvas. Temos agora olhos limpos como vidro em dia de faxina, ainda que lavados pelas nossas lágrimas.

Stephanye Beatriz Padovani
Barbosa

CARDIALGIA

Já no ônibus, ontem, mal deitada sobre o banco seco, fiz a viagem ser diferente. O corpo indo ao leste, a mente indo ao sul. Visitei um espaço que eu julgava estar mais perto - mas não estava. Onde estava meu coração? Pensei em meu marido e, no mesmo instante, me lembrei de um cachorro – acho que é assim meu amor pelo homem. Nesta viagem interior, achei um pequeno jardim no meio do brutal desmatamento de mim. E lá, olhe!, havia, de fato, um cachorro. Em alegre estardalhaço. Dentro do coração pulsante quem animava o vital órgão era este pequeno ser. É ele que late de alegria quando o vê, meu amor, e chora sua saída horas antes de nos despedirmos. Que anseia sua presença o tempo todo, da maneira mais completa que pode: tocando-o, lambendo-o, mostrando a felicidade em tê-lo, necessitando sua companhia. Eu vi no meu cachorro interior o mesmo fogo que eu vejo no olhar do meu cão quando chego em casa: fogo de amor que queima e consome. Por isso um beijo na chuva ou qualquer coisa banal se torna um alegre alarde de felicidade.

Olhando ao redor com um pouco mais de atenção, eu vi – vi mesmo! – um gato negro, preguiçoso, deitado na parede musculosa do meu coração. Embaixo do átrio esquerdo descansava o gato – e enquanto o cachorro, alegre, abanava o rabo exultante ao me ver, o gato dormia tranquilo. Eu fiquei olhando: que sentimento me dava tanta paz e tranquilidade que fazia com que um alheio gato se encontrasse ali? Tão sem preocupações aparentes, sem necessidades ou problemas, o gato apenas dormia. Foi então que lembrei. Foi você. Mais sorradeira que um felino em caça, você me deu esse novo animal. Enquanto meu amor pelo homem com quem me deito todos os dias é um cachorro impulsivo, meu sentimento por você é um gato tranquilo. É aquele gato que em cima de uma Santa Bárbara, com seus olhos verdes de sabedoria centenária, apenas zela pelo bem de seu dono que nem nota sua presença. É o gato que em sua paz apenas existe.

Na aridez do solo do meu mundo, no desmatamento raivoso dos meus sentimentos, ainda existia algo verde. Algo vivo. Mas, oh, não se engane. Achei em mim, nessa procura primeira, não apenas dois animais. Havia um terceiro. Andando pela grama vasta do órgão que me bombeava para as veias o sangue, com o olhar raivoso, um lindo touro: pelos suaves, negros, manchados de sangue. De onde vinha o sangue, meu Deus? Como poderia eu ter um animal machucado em mim e não perceber? Foi então que vi os chifres pontudos que arranhavam a carne vermelha e sangrava. Eu sangrava, não ele. Como o animal ainda ousava me olhar com raiva se eu quem estava machucada? Eu o olhava e quanto mais o via mais intrusa me sentia dentro de mim. Foi então que entendi. O touro rugia e tremia em ânsia para me mostrar o que eu não queria ver.

Veja! Canino, felino e taurino – quantos amores me existiam? O touro estava envolto em raiva, mas quem o culpava? Eu só o ignorava. Ao contrário do gato que eu nem sabia existir, eu podia senti-lo. Você vê? Todos os animais amados! Ali estava: ele, o touro, era todo o amor ao animal. MEU amor ao animal. Não me culpe quando me repito. Você consegue entender o que não consigo dizer? Ele sofria. Sua raiva e angústia eram minhas! Minhas! Ele sofria por todos os animais que amávamos – e que sofriam muito mais do que nós dois — mas que eu não ajudava. Você entende? Eu não ajudava. Eu os via morrer, sangrar mutilados, os olhares gritando socorro e eu não ajudava. Céus, agora entendo. Eu entendo a dor. E não posso deixar de chorar. Eu não sei como, mas o touro entende meu remorso. Seus olhos, que lindos olhos!, me fazem pensar: quantos animais assim eu já não assassinei? Quanto sangue escorreu por meus pratos antes de eu parar de ignorar esse amor taurino em mim. Pulsante. Forte. Ele estava ali. Eu percebi, eu entendi. Ele, gato e cachorro eram eu. Formavam-me. E não eram humanos, você vê. Porque nem eu sou. Eu não sou. Eu nego toda

civilidade em mim se isso significar fazer o outro sofrer (na companhia de veterinários, meu Deus!, que deveriam protegê-los. Como sentiríamos nós se os médicos que deveriam nos curar nos preparassem para a morte?). Eu me abandono. Eu sou de vocês, meus amores. Seremos finalmente um como devemos ser. Cuidem de mim, a travessia que vejo se aproximar será difícil. Eu lutarei por vocês. Eu serei a voz de todos os que não têm. Eu juro. Eu juro. Eu juro.

Suélen D.

ESTÔMAGO

Todo dia estreio uma nova vertigem. Hoje, por exemplo, acordei desafinada com o mundo... era assunto de uma profunda melancolia inanimada; e um qualquer destampado córrego inunda o tempo, encharca o broto da memória. Penso que é preciso muito mais do que coragem pra levantar da cama. Fecho os olhos e tento, tento desamassar os pensamentos. Estou com náusea no peito, o hálito da penumbra embaça as gravuras mutiladas de alguma coisa que sou e não entendo. Novamente penso, É preciso muito mais do que coragem pra levantar da cama – de fato.

Procuro entre as grutas, entre os gritos, entre os ecos, Qual é a minha precisão? Mas tenho uma sinfonia de desconhecimentos, uma cambada de desassossegos. Amanhecer é uma decisão sem enredo e sequer tenho uma frase pra me inaugurar neste dia. Estou tão cheia de entretantos, poréns e todavias... embaraçada do começo ao fim.

Caí abismo adentro, repartindo a escuridão. Berros gritos desesperos. Ainda sou se, ainda me tremo: sangue e ossos e raízes...

O corpo morto. Dentes que rasgam, filete de sangue, o berro. E no ventre havia um feto – no humano desafeto. A vaca assassinada. A vaca estuprada. Escuto os berros penetrando a janela, desvelando as cortinas. Escuto os berros, os berros, os berros. Me encolho. Que enxurro é este? Pra que nascemos? Temos destino? Temos escolhas? O que é a vida? O que é o humano?

Gritos goelas... gritos, gritos, gritos... A culpa me avessa, me afoga, me fulmina. Turbilhão de vozes. E eu faço tão pouco, tão pouco, tão pouco. Escuto os berros. Holocausto de corpos. E no ventre havia um feto.

É isso que é a vida? A vida! A vida! A morte!

E tranco a janela...

Aí gorjeia o sol num canto miúdo de passarinho... deixo que as reticências cresçam, que o silêncio me faça capim. E tudo que não tem nome é semente soletrada, plantando palavreado numa escrita sem tino, sem questão, que é pra ver se no escondido encoberto do desespero ainda haja humanidade no ser humano. Me escuta! A miséria do mundo me assusta. Seres que nascem pra morte. Fabricadas. Inseminadas. Retalhadas. Seres que nascem sem existência.

Consumindo o corpo morto. A carne estática. Sangra, sangra, sangra. É isso que chamamos de vida? É isso? Crua indiferença a correr, a correr. Passo a vida passando fome. Fome de. A fome dos ignorados, a fome dos desgraçados. A vida passa passando ao meu lado. E eu faço tão pouco, tão pouco, tão pouco. Escuto os berros.

E os olhos ternos, doces, submissão, Clemência! Clemência! A chacina. O abate. Escravidão. Hoje morreram tantas. Amanhã e depois e sempre... o que eu faço? Por favor, o que eu faço? Toda essa desgraça, e eu sou tão pequena. Outras e outras e outras, muitas, morrerão.

A gente nasce pelado. E de repente esta crueza máscara embutida. Devoradores. Desprezos. Ainda escuto os berros, mar de ossos, mar de fetos, mar de gemas, mar de aflição. Tudo se mistura num grito

SOCORRO!!!

Vai, me explica a vida. Espiando o teto, perco o chão. Não alcanço o nó da história, não desato a dor. Fico partida e repartida, sem ponto de partida, Não sei, não sei. Dentro de um minuto vou me levantar e beber café, mas entre o minuto que passa e o café que ainda não tomei, cabem vários mundos e o arrento gemido de um oco. É isso – me adivinho por um instante, Estou oca, tragicamente oca, absurda.

A porca geme, a porca treme, a porca, prantos. Berros. Em mim nada floresce. O estômago é simulacro, lápide de mortos. O açougueiro olhou, a mulher olhou, Um pedaço de carne macia, magra, fêmea, nova. E o açougueiro retalhou, Carne fresca, madame. É de hoje. E no ventre havia um feto. A perna da porca. O bucho da vaca. As costelas. O lombo. O pernil. Corpos transformados em carnes.

Fumegante no molho pardo, o sangue coalhado. A morte disfarçada, cebolinha e salsinha. O estômago pesado não acusa a consciência. Comem.

Aos domingos, sofro de insônia. Segunda-feira, tenho uma úlcera no estômago. Terça-feira, cansaço. E vontade nenhuma de levantar da cama. O cheiro. O berro. O grito. O escárnio senta à mesa. O assassino lambe os beiços. A vaca chora. A galinha sangra. A porca grita. A morte no estômago. E eu ainda escuto os berros

ainda escuto, ainda escuto

ainda ainda

Weslei Roberto Candido

PINGO

“Foi o momento mais difícil de minha vida”. Isso foi dito pelo meu irmão ao cavar, entre lágrimas, a última morada de Pingo. Ele ficou na família por anos. Agora voltava à terra no mesmo lugar em que fora encontrado quando filhote.

A Tekinha, que era outra cachorra que meu irmão tivera, havia morrido há poucos dias, sofrera muito com as dores e, por fim, voltou à terra. No lugar em que fora enterrada, surgiu um novo cãozinho, ganindo, com frio. Alguém o abandonara perto das bananeiras, numa noite de tempestade, na chácara de uma amiga de meu irmão.

A vinda de Pingo foi vista por ele como a reencarnação da cachorra que partiu. Não que ele fosse espírita, mas a coincidência o abalou bastante. Logo, ele surgiu na casa de minha mãe com aquele minúsculo animal e com a promessa de que o cãozinho ficaria por apenas alguns dias. Não ficou, passou dez anos na família.

Quase todos os dias, meu irmão visitava nossa mãe, e também o Pingo, que quando chegou a hora de ir para a casa definitiva se negou a partir. Algumas horas na casa de meu irmão e pronto, o cachorro queria ficar na casa de minha mãe. Foi o que aconteceu, ficou para sempre, naquele para sempre determinado pelo destino, que decide quando romper o fio da vida.

Pingo virou membro da família. Também cresceu. O nome ficou inadequado, pequeno demais para o tamanho do cachorro. Mas, nome é nome e Pingo ficou ali, ocupando os espaços, dormindo pelos cantos, acompanhando minha mãe na hora de fechar a casa e dormir.

Pingo foi um cachorro preguiçoso, doméstico demais para latir contra os gatos. Adotava todo gato que pulava o muro da casa de minha mãe e com eles fazia a maior farra. Deitava sobre os gatos, corria atrás deles para puxar-lhes pelo rabo e não teve jeito. Alguns gatos passaram a frequentar a casa e a dividir a ração com ele.

Meu irmão sempre tem uma hora determinada do dia para aparecer na casa de nossa mãe. Em pouco tempo, Pingo aprendeu a ouvir os sons da bicicleta antes dela chegar ao portão e, então, se plantava ali para recepcionar meu irmão. Reconhecia-o pelo cheiro ou pelos ruídos das pisadas, que nós não percebíamos, mas que para ele indicavam a chegada de seu segundo tutor.

Não foi diferente ontem. Após sofrer por alguns dias, Pingo esperou ansioso a chegada de meu irmão. Durante a manhã ganira um pouco, chorara, recebera o afago de minha mãe. Porém, mais nada restava a fazer a não ser acompanhá-lo nas últimas horas de sua vida.

Nessa tarde de sábado ele não pôde ficar no portão aguardando seu segundo tutor, não ouviu o barulho da bicicleta nem acompanhou os sons dos pés de meu irmão. Pingo, deitado como estava, ficou à espera dele. Recebeu-o de olhar triste, partido o coração por saber que não comeria mais em sua mão.

Pingo morreu ouvindo a voz de meu irmão. Como se não quisesse morrer em silêncio, Pingo ouviu a voz humana até seu último momento na Terra. E assim, entre afagos e sussurros, Pingo partiu, voltou ao local de origem, está plantado junto às bananeiras onde foi deixado em meio a uma noite de tempestade.

Zélia Bora

A CASA AZUL E A LUZ CELESTIAL

Da esquina da rua, a casa azul emergia imponente. Sua construção era irremediavelmente marcada pelas linhas precisas e belas de um desenho harmonioso de arquitetura. Os fatos passados na casa azul misturavam-se com as histórias de gente e de gatos e com os relatos ocasionais dos cachorros. Quando olho da esquina da rua, vejo que só os gatos sobreviveram como testemunhas das histórias humanas. No final, todos são absorvidos pelo tempo, pela morte e pelo esquecimento. Animais e pessoas sobrevivem apenas pela força do relato.

Lembro-me da figura quase insignificante que me levou a escrever essa história contada a mim pelos olhos penetrantes da cadelinha Maru. Encontrei Maru e Alice em meus passeios matinais pela vizinhança, adormecida sob o gentil sol matinal que, timidamente, anunciava as manhãs ensolaradas do Nordeste. A cadelinha Maru, de raça não definida, e os gatos haviam sido resgatados devido à compaixão pungente e incompreendida de uma pequeninha mulher, cujos traços definitivos de seu caráter conheci há muitos verões passados.

Nosso bairro era quase um paraíso, não fossem os inúmeros gatos esqueléticos e cachorros maltratados que eram abandonados no mercado público. A visão dantesca era complementada pelo escandaloso cheiro de sangue de carnes sacrificadas e vendidas sob a indiferença humana e a voracidade econômica. Esses fatos eram justificados com a desculpa da ilimitável necessidade humana. Não sei, ao certo, como se formou minha consciência tardia sobre essas realidades cinicamente ignoradas, que colocaram minha insignificante heroína a empreender uma luta solitária e desesperada no combate contra o sofrimento animal, o que me tornou, para sempre, uma adepta anônima de uma causa pacífica, generosa e justa.

Só os gatos e a cadelinha Maru podem comprovar os fatos que guardam em silêncio. Além de mim, eles tornaram-se testemunhas do fato que vou lhes narrar e que pôs termo aos meus encontros com minha pequenina heroína.

Os poucos gatos resgatados da fome e dos maus-tratos, disse-me, certo dia, Alice, são um milímetro em relação ao sofrimento que experimentam os patos, as galinhas, as vacas, os bezerrinhos, os pássaros e as feras inocentes traficados, quando não deteriorados e assassinados pela degradação causada ao meio ambiente.

— Como não me revoltar com esse horror? Como não sofrer nem sentir essa tristeza cósmica e infinita, Matilde? Perguntou-me Alice. Como ser feliz diante de tanta infelicidade?

Eu não sabia o que dizer. Só escutava olhando, do fim da rua, as pessoas indiferentes que refaziam suas rotinas.

— Tenho vergonha de ser humana, Matilde, de ser parte dessa conspiração humana e desse mal indolor e cínico causado aos não humanos. Quando os comemos, somos cúmplices de cada milímetro desse sofrimento. Ou os seres humanos se reconciliam com os não humanos, reconhecendo seu sofrimento, ou jamais poderemos viver em harmonia com nós mesmos. Quando depreciamos os animais – lembrava uma filósofa – e os tratamos como objetos ou aceitamos com indiferença seu sofrimento, nós nos comportamos com um despotismo que nenhuma religião poderá justificar sem cair em contradição e confundir a administração humana do criado com o direito de dominá-lo sem lhe prestar contas. Ao calar a voz da piedade, cerceamos uma parte de nós mesmos. Esse tipo de piedade que vivemos me repugna. Ela é, na verdade, uma repugnância inata ante o sofrimento de qualquer ser sensível. Se continuamos inertes e indiferentes ao sofrimento dos animais que compartilham conosco a condição de seres sensíveis, nós nos desumanizamos.

Alice dizia essas palavras com os dentes semicerrados e os olhos quase em lágrimas. Em silêncio, eu alimentava meu dia pela revelação daquela verdade incontestável.

Uma agitação constante tomou conta de mim desde então. Depois daquela última conversa com Alice, um mundo de tristeza e de infortúnios manifestou-se diante de meus olhos. A exploração animal em larga escala não dava tréguas aos não humanos. As cenas em que apareciam escravizados, torturados, famintos e doentes, exigiam uma ação contínua. Todas as vezes em que saíamos de casa ou em nossas portas, o sofrimento floresce. Não sabia por onde começar a agir, mas os casos brotavam em minha frente. A temporada de chuvas chegou provocando-me novas reflexões e, finalmente, entendi que os não humanos são sujeitos morais e que devemos ter em conta o que eles têm para nos comunicar e nos ensinar.

Forçada pelas contingências da vida, parti sem me despedir de Alice e de Maru. Naquela época, eu ainda não tinha consciência da força que meu nome encerrava. Quando voltei, a casa azul havia sido pintada de novo, mas me disseram que Alice não mais morava na casa azul, e só os gatos e a cadelinha Maru ainda esperavam por ela.

Vislumbrei, com tristeza, a separação dos melhores amigos. A cadelinha Maru envelhecera e não mais era conduzida por Alice. Maru fez sinais de alegria ao me ver e fez-me lembrar de nossas caminhadas matinais. Perguntei por Alice a Maru, e ela lambeu-me as mãos como se me agradecesse pela pergunta.

A noite caía sobre a casa azul, e os últimos raios da tarde despediram-se do mundo. Imaginei que Maru, apesar de sua velhice, ainda tinha forças para esperar por Alice. Afinal, eu também envelhecera.

Olhei da mesma esquina em que costumávamos conversar, e poucas pessoas estavam na rua escurecida. Enquanto olhava a casa azul, um estranho clarão surgiu sobre ela, iluminando toda a varanda de cima. Tirei do bolso meu celular de última geração, com um vão esforço de documentar a aparição. Estranhamente a lente do celular não testemunhou aquela visão.

Voltei para casa confusa, tentando entender, por eliminação, a natureza do clarão, que não era reflexo de nenhum elemento conhecido que pudesse explicar o ocorrido. Depois de cinco minutos, talvez, o clarão desapareceu de forma quase instantânea. Procurei por testemunhas na rua, porém ela estava deserta. Imaginei que só Maru e os gatos viram, como eu, o ocorrido, pois estavam no jardim aproveitando o frescor noturno. Cheguei em casa, abri a janela do quarto que dava para o lado contrário da casa. Olhei para espelho antes de me despirmo para o banho. Estremeci. Meu rosto não era o mesmo. A cor firme e limpa do rosto escuro de Alice estava sobre o meu. Eu ainda era Matilde, mas era também Alice.

Zetti Nunes

A MOSCA

Era tão bonita que me chamou a atenção e olhei mais de perto: asas transparentes, olhos grandes e brilhantes, ocupando quase toda cabeça, assim como imaginamos um extraterrestre. Seu corpo reluzente era de um azul metálico.

Tenho o hábito de falar com animais e com naturalidade disse: que moça bonita! Perdão: que mosca bonita és! Começou, então, um diálogo inusitado: "Muito obrigado!" Respondeu. "Eu já sabia que você fala com animais, mas nunca obtém resposta". Assustei-me. Não sabia como vinha até mim aquela voz de um ser tão pequeno. Continuou a mosca: "Tenha calma, por favor!".

Era uma voz parecida com a de um robô. "No meu mundo a tecnologia está cem anos mais adiantada. Portanto, não é a mosca que fala, é um robô. Mas deixe pra lá a tecnologia, o mais importante é a evolução da nossa consciência que é extremamente superior a de vocês. É por esta razão que estou aqui: é um alerta. Nós já passamos por crise maior que a de vocês e a superamos". Interrompi minha interlocutora, estava muito curioso: "Mas o que é evolução da consciência?" "É estarmos cômicos do que somos", continuou. "E quem somos?", repliquei. A voz do robô não respondeu e prosseguiu: "Quando estamos neste estágio, abrimos-nos como esta flor aí na nossa frente, desabrochamos, exalamos o amor, como a flor o perfume. É um derramar-se contínuo e intermitente e um respeitar espontâneo à vida, na sua totalidade. Quanto mais se expande nossa consciência, mais abrangência tem o amor. A manipulação, embora exista, é mínima lá onde moro. Você tenta se comunicar com os animais e não os mata. No nosso planeta nos enternecemos pela água, pelas árvores e até mesmo por uma pedra, porque tudo está ligado e nada há que não seja belo. Aqui, ninguém vê nada em nada, estão todos cegos internamente, há um torpor e estupidez generalizada"

"Mas o que é o amor", perguntei. "E como é que um robô diz essas coisas?". "Não se preocupe com a parte tecnológica", respondeu. Ela é apenas e tão somente ferramenta. Aqui no teu planeta a tecnologia e o prazer individual são essenciais e essa é a tragédia. O que é o amor, você me pergunta? É a suprema realidade que está dentro de nós como uma semente. Se não fosse essa imagem distorcida que vocês têm de Deus, poderíamos dizer que é isso. Mas tente ver por si mesmo. Dou-te mais uma pista: descubra primeiro o que o amor não é. Então, verá que no teu planeta, amor é apenas uma projeção refinada do ego e de seus comparsas: o poder, o prazer, a defesa daquilo que dizemos amar. Amor à pátria é amor? Amor que privilegia a espécie humana é amor? Amor que privilegia os humanos, os cães e os gatos é amor? Aqui no teu planeta o amor é apenas uma palavra. Isso é que deve mudar e o resto virá a reboque dessa consciência. Se Deus existe ou não, não tem importância, não é prático. No entanto, se a semente do amor for regada, brotará, e teremos a experiência suprema, não de Deus, mas do amor. Ou, se essa flor expande seu perfume sem nada excluir, aí, se você quiser, terá o direito de chamá-la Deus, Amor, Realidade Suprema, ou outro nome".

"E por que vocês estão se comunicando comigo e não com outra pessoa?", perguntei. "Estávamos monitorando algumas pessoas e nos chamou à atenção a tatuagem da tua mão esquerda. Duas palavras que expressam a realidade fundamental de todo o Universo: SOMOS UM".

"Por coincidência, lembra-se da pergunta que, propositadamente, não respondi? Foi quem somos não foi?" disse ela "Sim, lembro-me! E, então, quem somos?". "Acorde, meu caro Zetti!" Respondi: "Escutei bem e estou muito atento. Desculpe, diga pra mim: Afinal, quem somos?". Aquela voz mais nítida ainda, agora, me deixou feliz e envergonhado:

"Pela terceira vez você pergunta o que você mesmo já respondeu! A indissolúvel conexão está presente tanto no micro quanto no macro universo. Nosso diálogo só foi possível devido à resposta que está na sua mão. De onde viemos e para onde vamos, não é urgente saber; quem somos, sim, é prático".

"Tenho que ir", disse a voz de robô. "Não, fale um pouco mais, por favor!", eu pedi. "Sim, só um pouco mais", disse a moça, quero dizer a mosca, quero dizer a voz de robô.

"Estamos, você e eu, cada um no seu planeta. Mas a separação é aparente. Da mesma forma, na Terra, é ilusão pensar em vida animal, vegetal ou mineral. Nos vegetais é ilusão pensar na separatividade de uma árvore e de um tomateiro. E na árvore, seria ilusão ver os galhos separados da árvore e num galho, suas folhas e assim por diante. A UNIDADE É UMA REALIDADE, não é teoria. Dizer que SOMOS UM aí na sua mão é muito significativo porque os dedos fazem parte de uma unidade, a mão. E partindo daí, poderemos percorrer o caminho inverso: a mão, o braço, você, o núcleo familiar, a comunidade, a etnia, a espécie humana, as espécies animais e vegetais, o planeta Terra, os planetas, as galáxias e tudo o mais, conhecido ou desconhecido que chamamos Universo. Portanto, a fraternidade universal é que me trouxe aqui e nossa tecnologia não é e não será usada para dominar vocês vizinhos ou outros irmãos da galáxia. Evolução da consciência é a evolução da vida como um todo." A voz silenciou...

"Continue, por favor!", supliquei. "Nas cidades em que monitoramos o comércio de vocês, causou-nos espanto quase tudo o que vocês vendem como alimento. Semeiam alimentos insanos e, depois, sentem estranheza ao colherem a doença. E não só foi estranho e espantoso como nos assustou, o fato de depararmos com seres mortos, pendurados, lá nos tais açougues. É bem mais que crueldade, é uma estupidez inacreditável. Digo isso cá entre nós dois porque quem precisa ver não quer ver e até se ofende".

A voz novamente silenciou.
Eu estava emocionado e insisti:
Por favor, não me deixe só!

Ela continuou: "Então, Zetti, olhe aí na sua frente as montanhas cheias de vida e beleza da Serra do Mar. Imagine outra montanha ao lado, não de vida, mas feita daqueles corpos desnudos dos açougues. Os animais que morreram hoje, somente hoje, são essa montanha! Semeiam a morte, colherão o quê?".

Tanto quanto possível, até os minerais e vegetais devem ser poupados. Nas tais floriculturas de vocês vi os tais buquês de flores: por que cortar as flores se no jardim ou pelo menos nos vasos, é seu habitat? Quem é sensível, nada discrimina. Além, muito além do instinto, está a compaixão, privilégio justamente daqueles que não querem ser privilegiados. Já é tempo de voltar ao meu lar-planeta porque a energia que move essa mosca artificial é limitada. Querido amigo da distância: Ilimitado é o amor! E ilimitada é tua imaginação!".

Falou rindo e esperou... "Como sabe?", perguntei. Qual foi a primeira frase que você me disse? — Que linda mosca, respondi. "Não! Você engoliu mosca e disse moça! Só pensa nelas, meu caro amigo? — Voltarei quando puder, talvez disfarçado em outro animal. Paz para todos: SOMOS 1".

Em mim
fundiam-se dois em um,
o choro e o riso
a práxis da unidade estava ali.
Sentei-me na grama
para absorver tudo aquilo.

E você leitora (or), se puder,
absorva este texto
assim como toda esta obra.
Não é um "quebra-cabeças", mas podemos
encaixar cada pedaço e perceber 1 todo.

O MUNDO E EU

(Detalhes de nós dois)

As leis
que protegem
a natureza
e os animais

são importantes, naturalmente. Entretanto, vagarosa e superficialmente caminha a humanidade, porque não atenta para o espírito das leis. Típica é a libertação dos escravos que ainda não se deu no coração de muitos que teimam em manipular e dominar outros.

As leis? Ora, as leis!

O que é mais importante, afinal: as leis ou a capacidade de sentir a vida e ligar-se a ela?

Uma pétala caiu da flor e está na sua mão: ali, na palma de sua mão, inteirinho, o Universo! E se você não colhe a flor e a deixa no seu habitat, no contexto da beleza do jardim, então, isso não tem importância? Olavo Bilac ouvia estrelas e você teve a ventura de ouvir os apelos daquela flor e o que ela disse foram sussurros que cheiram à paz.

Que me desculpem os juristas, tecnocratas, tecnólogos ou sei lá o quê: salvar um sapo de ser esmagado no trânsito, sem que a lei o exija, como fez nossa amiga Sula, é mais importante que a frieza de todas as constituições e toda tecnologia do mundo. O maior terrorismo não é aquele do 11 de setembro: são as experiências feitas em animais, nos laboratórios científicos. Por que lembro dessas crueldades referendadas pela ciência? Porque têm o beneplácito das leis.

O raciocínio frio, separado da sensibilidade para com a vida, é filho do ego, o ego criou as culturas, as nações, os países, os grupos, pequenos ou grandes. Para defender o quê? Interesses. E aí começa a violência. Inteligência se usa para criar a letra de uma música; sensibilidade e intuição fazem a partitura. Essa unidade propicia a beleza.

As leis?
Ora, as leis!

Bioética em relação aos animais? Está bem. Em vinte anos, com a escassez da água potável, não haverá uma ética para a água? Ela se derrama para todos. Não nasceu nas torneiras, mas nos seios da mãe terra. Uma pequena queda d'água que vem da montanha e é música para ouvidos sensíveis, isso não tem importância? E justamente foram aqueles que não deram ouvidos a essa música que encobriram as grandiosas Sete Quedas para criar Itaipu. Sem hidrelétrica, sem eletricidade, dormiremos mais cedo e acordaremos para ver outra luz – a aurora. Quem não quis ver as Sete Quedas, não quer ver a aurora.

Então, digam-me: isso não tem importância? Luz elétrica? — Está bem. Bom também é a luz do luar e, na relva, a vaca, ruminando essa luz cor de prata. Melhor ainda é não ver pedaços de vaca pendurados nos frigoríficos movidos à eletricidade. Tecnologia? — Está bem. Mas desde que seja em função da vida e não da morte. Em função da vida é quando na luz a mãe amamenta seu bebê e ambos se olham em comovente cumplicidade.

Em função da vida é a vaca que lambe seu recém nascido. Todos deveriam ver esse instante. Em função da vida é quando a porca se deita para amamentar seus dez leitões. É lindo, veja, ao menos na internet. E tem a galinha que chama seus dez pintinhos quando chega a noite e os agasalha debaixo de suas asas. Tenho que repetir: é lindo!

Da próxima vez em que você vir asas no prato, saberá que felizes estariam os pintainhos debaixo delas. Da próxima vez em que você vir no prato um bife, lembre-se das lambidas da vaca no seu filhote. No próximo Natal, talvez você veja um leitão assado na mesa: é um daqueles dez que mamava na porca.

Não se sensibilizou?

Está bem.

Falemos, então, de espelhos, chamas e *icebergs*: Espelhos e chamas há na sua casa. E os *icebergs*? — Estão longe? Nem tanto: há um, enorme, aí dentro de sua casa: é você. Em qualquer espelho que você olhar, lá estará ele: a tua frieza é o *iceberg*. E as chamas? Teu fogão tem chamas, mas e a do coração? Ponha chama aí, que derreterá o *iceberg*. Atentos aos detalhes é uma vacina contra a insensibilidade que gera a morte. Tudo serve para ver. Atentamente – observe.

Rir, chorar à toa,
Pato nadar na lagoa.
Detalhes que me liberto,
Por que chego bem mais perto,
Do menino passarinho;
Ruflando as asas pro ninho.

E tem o passarinho que não encontrou seu ninho. Quando desmatam e queimam para a monocultura do milho, soja ou sorgo, quantos ninhos desfeitos! Isso não tem importância?

Quantos animais a fugir! Quanta vida trocada por paisagem monótona da monocultura! Monotonia – monocultura – manicômio. Meu coração e o do passarinho são um só e nós dois questionamos: um só ninho que fosse desfeito, devia ser razão para não desmatar. Um só ninho, repito: eu sou o passarinho e ele sou eu. SOMOS UM.

Suas asas de liberdade são minhas asas. Sua dor é minha dor. Então, essa dor não tem importância? Edgar Kupfer-Koberwitz não fala “detalhes”, mas “pequena escala”, no caso em que se aprende a não ser sensível: “Enquanto estivermos matando e torturando animais, vamos continuar a torturar e a matar seres humanos – vamos ter guerra porque matar precisa ser ensaiado e aprendido em pequena escala; enquanto prendermos animais em gaiolas, teremos prisões, porque prender precisa ser aprendido em pequena escala; enquanto escravizarmos os animais, teremos escravos humanos, porque escravizar precisa ser aprendido em pequena escala.”

As leis?

— Está bem.

Já que são importantes, quero propor algumas, continuando os estatutos do poeta Thiago de Mello: — Dora em diante fica decretado que toda Natureza esteja em seu coração. Parágrafo único: não havendo espaço, fica estabelecido que esse órgão tenha o tamanho do mundo.

— Quando este artigo for cumprido em relação aos animais, fica decretado que ao olhar nos olhos de um animal, meus olhos estejam limpos e sem culpa.

— Fica decretado que quando os animais invadirem todos os corações, o paraíso é aqui mesmo e não precisamos de outro.

— Fica decretado que, quem navega pela internet, olhe pelo menos uma vez na vida pela janela e navegue por entre as estrelas.

— Fica decretado que o ser humano seja mais sensível que o próprio Deus esse deus com "d" minúsculo que abençoa os pratos com bicho morto.

— Fica decretado que, ao menos uma vez na vida, sem qualquer ansiedade, nos embrenhemos na floresta e escutemos o palpitante silêncio.

— Fica decretado que nas leis dos congressistas, O CONGRAÇAMENTO DOS HUMANOS COM OS OUTROS SERES, É FUNDAMENTAL.

— Fica decretado que, ao menos uma vez na vida se experimente a beleza de colher somente as folhas dos vegetais folhosos, sem arrancar a planta, para que sua sensibilidade seja ampla, total e irrestrita.

— Fica decretado que não faz mal para os olhos o pó da borboleta que você pegou. Fica decretado que você faz mal para a borboleta.

— Fica decretado que todos nós sejamos juristas entendidos nas leis do amanhecer, do entardecer e do enternecer.

— Finalmente, fica decretado que todos sejamos nomeados advogados de defesa dos que não têm voz.

— PARÁGRAFO ÚNICO: Fica subentendida a ausência de voz nos bichos. Revogam-se as disposições antropocêntricas em contrário. Essas leis entrarão em vigor e de forma irrevogável, no dia, hora e minuto em que você se sentir irmão de todos os viventes e chorar por pequeninos detalhes.

**A voz dos
animais na
POESIA**

Adriana Socoloski

O CLAMOR DE UMA VIDA

Chega de crueldade
Não suporto tanta maldade,
Eu só quero ser feliz nesse mundo em que me condiz.
Eu quero conhecer a luz do dia
Quero viver em esplendor da alegria!
Para com essa fixação de maltratar meu coração.
Não tira a Minha vida,
Não apaga a Minha luz,
Não maltrata meu corpinho, eu sinto dor igual a Você!
Não tira a Minha liberdade eu só prezo pela lealdade.
Humano cruel
Micróbio ambulante!
Quer ser superior.
Chega de ser cobaia do seu sucesso
Testa no seu corpo essa droga para garantir o seu sucesso
Porque sacrificar minha vida para garantir o seu futuro.
Chega resíduo humano
Para de covardia
Antes de querer ser sensato esvazia este cemitério que carregas na barriga.
Por favor, Cessa essa dor
Meu corpo clama por amor!
Deixa-me viver.
Criaturas maléficas que trituram almas inocentes
para elevar o seu ego e saciar sua ira
Seres impuros
Alimentam-se da dor
Carregam o esplendor da tortura e do terror.

Alexandre Marcos de Abreu

PERIPÉCIAS FELINAS

Ser noturno, que no silêncio habita
Tantas cores, tantos tons de pelos
Tua forma não me engana
Você, felino, que se aproxima
Bichano sorrateiro, mas quando grita
Mais parece que faz um apelo
Seu miado exagerado emana
Tua presença muito se estima

Se ainda é dia, tu repousas
Se está ventando, já te agitas
Quando há chuva, tu te espantas
Trovão? Nem pensar, tu já te escondes
Banho surpresa? Tu não ousas!
Ração de ontem, nem cogitas!
O que quer ganha, pois encantas
Com charme que veio não sei de onde

Ser noturno, imponente, sério
Olhos belos, de cor sempre forte
Majestoso, companheiro do lar
Gracioso, carinhoso por natureza
O que pensa é sempre um mistério
Quando para, tem um belo porte
Manhoso, adora mesmo cantarolar
Ah, felino, ser de total beleza e pureza!

Ana Laura de Oliveira Nogueira

DEIXA AQUELES QUE TAMBÉM SENTEM DOR

Deixa aqueles que também sentem dor
e temem a morte. Deixa, já não precisas
Já não necessitas objetificar e negociar
aqueles que sentem
Já não és bruto, já não és mudo
Já não és incapaz de conhecer
tudo aquilo que fizestes
Não precisas nutires de sofrimento
ainda que seja anestesiado e ao seu ver, cuidado
Não podes condenar a outra vida pelo teu crivo.
Perdeste o juízo? Ou és cego e não enxerga a dor?
Há dor no outro. Há eu no outro. Há vida no outro.
E toda vida quer viver.
Se não queres você, quer o outro.
Vives em casa de pedra, não bruta, trabalhada.
Vives entre fiações que logo não mais existirão.
Vives entre trabalho duro para tornar
menos árduo o sobreviver dia a dia.
Pílulas, hospitais, água canalizada,
jatos de íons, infravermelho, raio-x,
televisores e celulares.
Esteiras ergométricas já mostram
o quanto perdeste de sua natureza livre.
Confinate-te a ti, se queiras. Não o outro.
O outro também tem pelos, patas, penas,
asas, barbas, sebo, alguns suor.
Sentem calor, dor e medo.
Sentem pulsão de manter a vida.
E se não sentem,
assim como muito de vós, estão adoecidos.

Deixa-te de egoísmo. Livra-te de doenças, de fenótipos,
estereótipos e tomas até psicotrópicos para ver-te bem.

Livra também o outro da dor de uma vida confinada
e precocemente tirada. Livra o outro que também sente.

E livra-te da morte no prato.

Pedes paz, alimenta-te de morte.

Pedes igualdade, mas não vê como igual

o outro coração que bate.

Não é porque falas, pensas e constrói que és melhor.

O que és tu além de nada?

Nasce de sêmen e óvulo, sofre dores,

fome, frio, medo e pulsão de viver

como qualquer outro. Não significas nada,

não és melhor do que o outro.

Há dor no outro mas não há preço.

Há sabor em viver, mas,

se não vês sabor na tua morte,

então porque ainda ceifas a vida de outro?

Andresa Jacobs

CURA PASSARINHO

Esses dias um passarinho me salvou
De uma tristeza que rasgava o peito
Ele vida frágil
Eu frágil coração
Me pegou no colo
Me embalou em sua sede de viver
De não desistir de ser passarinho

Pequenino
Com nome de troglodita*
Só porque todo buraco pra ele vira ninho

Força fenomenal
Que me fez transcender
As dores do mundo
Que também são minhas
E que ferem a alma

Daí veio o passarinho
Daqueles que conversam com gatas
Daquelas gatas que não caçam passarinhos
Só conversam e avisam que um caiu do ninho
Uma gata além

Daí tudo ficou lindo
O real resplandeceu
O que faz sentido
A vida chamou e firmou o pezinho
E mais um passo à frente
O ensaio de um voo
O cuidar das peninhas
Os gritinhos de fome e frio
Uma ciscadinha no cabelo

Uma lição

Uma missão

Uma cura na forma de passarinho.

*Trata-se da corruíra, pássaro da família Troglodytidae

Arthur Regis

CRIA

A minha cria se cria,
Bípede, sem rabo e com poucos pelos,
Telencéfalo desenvolvido e polegar opositor,
Sensibilidade, beleza e amor,
Sou o criador.

A tua cria, eu crio,
Alimenta a minha cria,
Que necessita crescer e multiplicar,
Tua cria é fonte de recursos,
Corporais e financeiros.

Apenas a tua cria,
Bela aos teus olhos,
Sensível pela conclusão da ciência,
Não me sacia,
Meu apetite é voraz,
Minha fome contumaz.

Meus métodos são obscuros,
Maus-tratos e tortura são recorrentes,
Meus resultados eficientes,
Suas crias?
É só enganar e mentir,
Depois morte iminente,
É apenas um número em minha mente.

Quatro patas, duas asas,
Com ou sem rabo,
Não faço distinção,
Lucro é a questão.

Tomba bicho grande,
Desaba ser pequeno,
Criatura adulta para a fritura,
Jovem animal para a tritura,
Sem perdão,
Capitalismo é a direção.

Minha cria se cria,
É a grande preocupação,
Pelo menos enquanto houver recursos,
Na terra plana e sua imensidão,
Prazer, sou a civilização.

SOLIDÃO NO COSMOS

Um universo, supostamente,
Galáxias na imensidão dos trilhões,
Planetas nos mesmos quinhões,
Bilhões de seres com mentes.

Uma Via Láctea,
Oito planetas no Sistema Solar,
Duzentas e quatorze luas a rodear,
Apenas um planeta com vida há.

Seis continentes na Terra na presente era,
Europa, América,
Oceania, Antártida,
Ásia e África.

Alguns mares nomeados,
Há o Índico,
O Pacífico e o Ártico,
Assim como o Atlântico e o Antártico,

Vários biomas,
Oceanos e rios,
Tundra, floresta temperada e tropical,
Campos, desertos e também floresta boreal.

Cinco são os Reinos dos seres vivos,
Reino dos Fungos e Reino Vegetal,
Reino dos Protistas e Reino das Moneras,
E ainda o Reino Animal.

O contexto está apresentado,
Os números estão postos,
A situação delineada,

O ser humano e o seu fantasmagórico reinado.

No pálido ponto azul,
A humanidade bruxuleante e dominante,
Sobre todas as criaturas,
Impondo seu rompante.

O planeta é compartilhado, os seres são passageiros,
A vida diversa é a regência,
Mas o especismo é o que prevalece,
E a chaga está em purulência.

Os danos causados,
Ao terceiro planeta ao sol orbitante,
Talvez não sejam mais cicatrizantes,
Haverá cura para os maus perpetrados?

Cássio Figueira

UM

Uma formiguinha, árvore, porco, boi
Bactéria, flor, peixe, pessoa, passarinho
Uma gigantesca baleia azul...

Há um fogo ardendo dentro de todos nós
Da mesma forma... Com a mesma intensidade...
Colocando-nos todos na mesma condição comum:

Seres Vivos

Existência inanimada... Silêncio mineral...
Eis o caminho mais fácil do universo
Mas alheio a tudo isso... Contrário a qualquer lógica
O grito ensurdecedor e uníssono desse fogo
Carboniza os tímpanos da razão

CAMINHÃO DE PORCO

Aqueles olhos curiosos

Olhos tão vivos... Tão assustados

Tão sem maldade... Olhos tão assustados...

Aquela viagem certa pra morte

Aquela existência curta de tempo contado

Aquela vida inteira de injustiça e sofrimento...

Aquele microssegundo em que me vi naquele caminhão

Em que senti na alma o peso brutal de toda aquela violência

Aquele microssegundo... Mudou toda a minha vida!

O TRAIADOR

Ninguém confia mais em nós que os animais

E o que fazemos dessa confiança?

Os tratamos como meros produtos gerados em série

Objetos sem sentimentos... Sem laços afetivos

Como se não sentissem dor... Medo... Sofrimento

Renegamos suas existências e percepções do mundo

Roubamos deles qualquer direito a uma vida digna

E bem diante de seus olhos puros e indefesos

Despejamos sobre eles o que de mais brutal há em nós:

Nossa mais profunda falta de compaixão.

Claudia Usai
Max Kühn

O BANQUETE¹⁰

Churrasco, buchada, salsicha, cheesecake,
Sushi, sashimi e chantilly
Coxinha, quindim, queijo coalho e kibe,
Kani e catupiry

Acarajé, canja, carré,
Cachorro quente, croquete,
Hambúrguer e bacon, presunto,
Galeto no espeto

Fondue, feijoada, fritada, rabada,
Vatapá, foie gras com caviar,
Em tanta vontade,
Mal sabem a verdade,
Pra quem é a isca?

O que é que você come?
De onde vem sua fome?
No prato o passado some,
Da sua sede qual é o nome?

Moela, miolo, miúdo
E tudo até o pescoço,
Não resta osso
Os pés já não andam,
As asas não voam mais

Na existência singela
Que padece na cela que é a panela,
Onde coração não pulsa, não

¹⁰ Letra de música homônima lançada em 01/11/2019.

O que é que você come?
De onde vem sua fome?
No prato o passado some,
Da sua sede qual é o nome?

Marisco, marreco, arraia, rã,
Bacalhau, javali, siri, faisão
Lagosta, ostra, truta, atum,
Tucunaré, avestruz, perdiz, peru

Porco, pombo, polvo, pato,
Pintado, dourado, linguado
Búfalo, lula, bode, boi,
Garoupa, ganso, robalo, galo

Caranguejo, cabra, coelho,
Camarão, carneiro, cordeiro
Vôngole, bagre, vieira, codorna,
Cavalinha, sardinha, galinha

Mexilhão, salmão, cação
E o sangue dos Olhos de Cão

O que é que você come?
De onde vem sua fome?
No prato o passado some,
Com sua sede de sangue quem perdeu o nome?

Onde nasce a fome?
Quando surge a sede?
Onde brota a fome,
Nesse teu banquete?

Erorci Santana

PRECE DE UM PRIMATA ASSASSINO*

A Celso de Alencar.

Senhor, se me ouves da orquestra macabra,
se distingues minha voz roufenha e emplastrada
de sangue entre os urros lancinantes,
perdoa-me, pois comi as Tuas criaturas.

E se fui tão longe, a ponto de inventar a prece
pelo horror ao sangue que eu mesmo fiz jorrar, Senhor,
seria justo ter meus ossos triturados pelos séculos,
numa dor mais funda que a de Prometeu no Cáucaso.

A morte segue meu rastro, Senhor!

Eu conheci os prodígios da flora
e soube sintetizar a proteína,
mas preferi comer toda forma viva:
todo flanco exposto ou epiderme incauta
teve a marca infausta dos meus dentes:
a que tinha fenda nos cascos, corria
nos prados ou galgava os montes,
e que minha flecha colheu num salto;
aquela de vermelhas guerlas rompidas
com o arco do anzol; a de garras retráteis
e inúteis, nadadeira vã ou asa rota e ímpia,
bico córneo ou focinho inodoro e insípido.

Eu as abati de toda forma, Senhor!

Com marreta e funda, com punhais e lanças,
eu lhes arrei ciladas na alvorada
e na noite densa. Com a trapaça
do grito e a estratégia do estouro,
fartei-me com sua carne,
vesti-me com seu couro.

E com o tempo aprendi a não sonhar
com seus uivos, guinchos, mugidos,
balidos e bramidos, seus estertores desesperados:
inventei o amor, as árias, as cantatas,
o poema e a hipócrita noção da ternura.

A uns capturei, a outros criei em redis
para a sentença inapelável da marreta
sobre as indefesas cabeças; sangrei-os,
torci os seus pescoços
e chupei seus ossos
depois de decepar seus membros.

Uns eu degolei com cimitarras,
outros depenei na água fervente
sem asco, enquanto me amparava
em teus desígnios
como criatura eleita.

Se com lança na arena,
se com rifle na savana,
por ódio ou diversão,

fastio ou fome, comi

o nominado e o sem nome:

o que rastejava agraciado no chão,

o que, triunfal, ruflava as pandas asas

no Teu céu, o que de leve andadura

ou pesada estrutura, sem apelo,

virou no espeto empalado

ou virou guisado.

E o fumo que subia da chama

das cozinhas, dos bivaques,

vinha da queima do lenho

e da tosta dos seres luzidios

e anafados, que tanto louvava

Ulisses, o mais astucioso e destro

dentre nós, irredimidos assassinos.

Desta sorte má, Senhor, nasci condenado e temo

que me abrigues em Teu seio, me redimas.

Melhor que me expulses de Tua boca, me vomites.

A volúpia do sangue não me bastou, Senhor.

Não fui feliz com tanta dor e estou exausto

de tantos lamentos.

Crava a Tua lança em meu peito, Senhor,

pois não quero esse céu de assassinos!

Fausto Penteado

FORTES E FRACOS

Vencem os fortes os fracos
Começam pelas bordas
Como ao mingau quente comem

Primeiramente podam gentilmente
Cada galho que esteja ao alcance
Das pesadas indelicadas mãos

Aberto o caminho começam a escalada
Onde continuam a podar
Como quem desbrava

E se aventura no desconhecido
Qual uma formiga saúva
Em inútil voracidade

Seguem cortando tudo que podem
Tudo que não devem
E ao último galho

A ridícula pose do conquistador
Que olha sem ver
O inexistente horizonte

Patética figura em sua inútil vida
Destrutiva criatura
Escravo rastejante

Deita a serra estridente
Ao tronco vivo
Sangra-lhe a vida

Vende-lhe a alma
Por trinta moeditas

Malditas!

Desmonta a vida

Pedaço a pedaço

Em tirânico deleite

Do mandante ao mísero inseto

Demasiadamente humana

Destrutiva criatura

Incapaz de construir

Qualquer coisa

A não ser a destruição

A qual orgulhosamente batiza

De “progresso” da humanidade

O mais curto dos horizontes

Utópico delírio da inexistência

Acelera o mortal brinquedo

Maneja-o temerariamente

Por pouco a seiva não se tinge

Em vermelho sangue

Verde vida vereda ide

Lançada à caçamba

Catacumba móvel

Restos, só restam

Onde agora irá o sabiá sabiar?

No vazio sob o todo

Raia a luz

No azul do límpido céu varonil

Quantas moradas ali não habitavam?

Agora dissipadas

Expostas ao nada
Mas já era podre a árvore
Doente estava

Carcomida por dentro
Cupinizada criatura
De nada servia

Ah! Que alívio
O que era certo foi acertado
Por sorte, pura sorte

Desta vez a ira dos espíritos da natureza
Permanecerá suspensa
Nas cordas que içaram os troncos

Quem pode julgar
Quem ousará
Quem deixou a doença se instalar

Quem adoeceu

Onde mora o saber?
Luz da vida iluminai
Antes os corações às mentes

Fazei crescer os germens
Que fortalecem os fortes
Para que eles possam sobreviver aos fracos

Que precisam empunhar as armas
Com as quais camuflam a covardia
Mas a forte árvore que tomba

Traz a luz que fere a pele fraca
Dos brancos cupins

Que acostumados à escuridão

Dos esconderijos subterrâneos

Perecem diante da exuberância da vida

Tombam o forte, depois os fracos

A eles segue-se incessante

Fluxo eterno – impassível

Transubstanciada substância, permanece

Aos corpos que se vão

Diluindo a sua passagem

A memória de cada existência

Gravada nos corpos

Lavados pelo tempo

Levados pelo esquecimento

Assim é.

O tudo continua todo

O nada inexistente

O vivo ainda vive

Na memória de quem permanece

Alerta aos fracos – atento a si mesmo

Maus encontros, bons encontros

Aquilo que potencializa e despotencializa

Assim disse Baruch

Oculto a verdade na simplicidade evidente

Quase impossível de ser encontrada

Dá-se a conhecer infalivelmente

No último suspiro

Na entrega devoluta

– Esquece-te a ti mesmo

Aprendida a lição

Finda o curso

Apagam-se as luzes

Atravessam todos os tempos

Os sábios em uníssona voz

– De que vale aprender quando já...

Para que esperar?

Iluminai agora tua vida, tua existência

Abre as janelas do pensar

A morte não é mestra alguma!

Viva, aprenda com tua própria existência

A conviver em harmonia

No pulsar da vida

Seus afetos e afecções

Em busca do amor que abraça a beleza

(25/06/2005)

UM BELJA-FLOR SE FOI

Ainda produz o néctar

A flor ansiosa

Que sob o sol escaldante

Aguarda o doce abano

Das ligeiras asas

Que refrescam a colorida beleza

E o perfume na brisa esparrama

Já é tarde e o beijo não chega

Anoitece, dorme o silêncio

A doçura transbordante curva a triste flor

Chora a beleza

Lágrimas adocicadas que em nada lembram o mar

Cortam o sal da terra

E tecem um manto

Que para sempre abraçará

As verdes leves penas – brilhantes

No sabor da memória que nunca se apagará

Até que as mesmas friasafiadas lâminas

Ceifem a beleza da vida

Até que a ferrugem lhe remova o fio da existência

No final de todo o ciclo perverso de destruição

Ressurge resplendorosa a vida – que nunca se cansa

Mas o que já foi feito

Permanece na “memória do tempo”

Que jamais esquece de retornar

(20/05/2003 – SP/SP)

FILHOTES FELINOS

És tão belo quanto vivo
Força incomensurável
De quase um palmo
Atento a tudo a todo o momento

Força elástica e sinuosa
Calma e contemplação que acalmam
Ao sono dos justos se deitam
Quando despertos se fartam com a parcimônia

Nada acontece sem que não saibam
Lá ao alto onde o ar é mais puro
Olhares que à distância não atenuam

O amor de fêmea nutre mais
Que o doce deleite emaranhado
Imponente orgulho de tê-los lindos

(08 de março de 2002)

TEMPO E VIDA

Em teu olhar vejo o erro
De quem ousou a intencionalidade tocar
Esse instrumento que só ao vento
É permitido melodias extrair

É tão fácil ver e deixar a vida fluir
Que não suportamos tamanha simplicidade
Alquimistas que somos

Transmutamos prazer em dor
Alegrias em sofrimento
Quando nossos pensamentos oriundos do passado

Chocam-se contra a bruta realidade do existir
Dissolvidos na inutilidade fútil de lembranças
Que não de se apagar na fria escuridão

E de tudo o que deixamos,
Não importa se bom ou ruim
Maior é a dor, quando percebemos

Que toda grandeza nunca residiu
Senão em outro lugar além da própria existência
Único valor verdadeiro, única esperança
Única realidade, palpável e bela.

Um poeta não deve viver de sua poesia
Deve transformá-la em algo que o transforme
Cuidar para que ela sempre lhe tenha algo a dizer

Nunca deve se fechar às ondas do sentir
Quando a dor lhe percorrer as veias
Não tardará ao prazer de ver
Um sorriso as lágrimas enxugar

Recriar um novo momento
A partir das ausências que nos fazem presentes
Espaços vazios que de seu não-existir
Moldam e esculpem novas figuras

Que sempre nos parecem mais vazias
Vozes fracas de um novo existir
Que ainda trazem a presença da ausência
De tudo aquilo que um dia tocamos e amamos

A inexorabilidade de um tempo
Que parece murchar enquanto caminha
Como uma carroça a derramar o leite
Enquanto a estrada esburacada percorre

Tempo e vida que não cessam
Verdades frias e penetrantes
Neste mundo, quem não ousa
A própria fraqueza enfrentar

Se fartará no banquete de migalhas
Sobras de sua própria existência
Alimentando-se da própria carne

E finalmente, se queres a vida decifrar
– Não creia
Apenas cuide de vivê-la
Isto bastará,

A plenitude então
Preencherá cada espaço vazio
E a dor será dor

A alegria. Alegria
O amor, amor

E a vida seu rumo seguirá
Não sabemos para onde ruma

Talvez isso nem importe
Desde que ela continue a seguir em plenitude
Exercendo sua grande força
Impondo a máxima vontade

Existindo e seguindo com vigor e firmeza inabaláveis
Única crença cuja devoção é merecida
Fé verdadeira em força convertida
Rompe caminhos e constrói novos universos

Do silêncio se faz a música
Da escuridão a luz
A fome do saber ao sábio alimenta
Instruindo-o a jamais cessar

Quem caminha o faz
Não para algum lugar chegar
Mas para um dia retornar

Águas que chovem inundando o ser
Outrora lágrimas, refrescam o suor
Escorrem pela face, tocam o chão

Assim, tudo que é pleno
Pleno se torna
Dos segredos que a vida esconde
Em cada momento ela nos revela

(24/03/2001)

Gabriela Vidal

PÁSSARO

Penso tanto que sou um pássaro
Que até esqueço que sou humana
confundindo minhas condições
comer, defecar, amar

Penso tanto que sou um pássaro na gaiola
Que até perco as chaves do portão
circulando no mesmo quarto
perguntando às paredes quando parto.

E se sou uma ave na garoa
a lógica da eterna chama do cigarro se perde

Qual pássaro não sabe sobre as correntes do ar
Se eu sei sufocar?

COLIBRI

hoje um colibri pousou em um galho fino

de frente para mim

lembrei que não morri.

Tão fina a vida que existi

vertendo, uma haste, imatura viga

não possuo pegada

Sou quase pássaro, quase pele, quase gente

deformada atrás da refração da água ardente.

mas não pouso.

MARIPOSA E BISAVÓ

Mariposa sobre a porta, morte
Bisavó dizia, na casa, cheiro velho de azeite

Mariposa no travesseiro, mariposa alucinação
zumbido dos tons de loucura
indagações da realidade.

Procurar pistas na existência
Você não tem mais oito anos
Seus cabelos não mais enrolam
Seus braços não são mais tão finos
Seu medo não é da história de ontem
Seu medo é da realidade.
Você não está aqui.

Ergo meus olhos para a mariposa na ventania
Sugando em momentos selvagens
Flores gordas frutíferas
Embaixo o gato
Em cima nada, de tanto.

Mariposa sobre a porta, morte
apareceu uma mariposa entre os travesseiros
Mas pensei que o inseto era eu.
De qualquer forma eu achei asas.

Joaquim Diogo Carvalho
Cantarin

PÁSSARO PRESO

Olha um pássaro!
Bem ali,
Na gaiola aprisionado...
Coitado!

Sua asa machucada
Pelo homem foi cortada.
Na gaiola aprisionado...
Coitado!

Um ser inocente,
Não fez nada de errado.
Então por que na
Gaiola está aprisionado?

Dentro da gaiola
Não irá sobreviver.
Um ser tão lindo
Não merece morrer.

Antes de morrer
Deixa seu legado:
Nenhum pássaro na gaiola
Deve ser aprisionado.

Júlia Bessa

1.

Os outros nunca serão livres
Enquanto prisioneiros
Às nossas histórias

2.

A justiça não vê
Espécie

3.

Pesca, senhora
Que faz de oceanos
Desertos molhados

4.

Por mais indolor e inofensiva
Que ela pareça
Por mais que nos beneficie
E nos enriqueça
Nenhuma palavra é capaz de mudar
Sua cruel natureza

5.

Eles nunca serão livres
Enquanto outros forem outros
E nós, divinos

OS SETE PECADOS

Que nossa gula não devore nossa empatia
Que nossa avareza não enterre o que temos de melhor
Que nosso orgulho não nos coroe senhores da vida e da morte
Que nossa ira não extermine futuros
Que nosso prazer não seja a causa da tua dor
Que nossa preguiça não tarde o certo
Que nossa inveja não nos tente a roubar o que não nos pertence
Por mais deslumbrante tua beleza
Por mais que nos enriqueça
Que não sejamos apáticos frente ao mal
Amém

Leonora Lombardi

VACA

También digo sagrada aunque no soy de allá
sagrada mansa de ojos amarillos
de rumeo silencioso
y ubre generosa
yo te distingo entre los pastos
una mancha negro-blanca tras la rama
una mancha marrón-blanca en la ladera
un mugido a la hora del agua si estás presa
un lento avance a las aguas si libre eres
yo he olido la cercanía de los mataderos
donde un golpe seco cierra tus ojos
y mansa hasta el final te desplomas
ni tus ojos mansos ya idos
detienen la mano verduga
que tumba, postea y vende
ni el ternero que muge alejado de ubre
detiene la mano verduga
que tumba postea y vende
levántate, te digo, levántate, sagrada vaca
que liviana de muerte saldremos huyendo
intrusa iré en esa aventura
sin hablar tu lengua, sin saber a dónde
allá lejos, en las lomas, nos esperan
manchones de hermanas, repartidas en el verde
con las pezuñas hundidas en el barro fresco

y la rama verde y el brote al alcance

con las ubres como uvas

que maduran libres

con las ubres como uvas

que maduran libres

allá lejos, en los valles

allá lejos, en las lomas.

CABALLOS

Apilados en un corral ardiente de medio día
los vi desde el raudo bus
en una imagen flecha y desoladora
ahí estaban quietos con sus lomos ardiendo
apilados en un corral ardiente de medio día
al lado derecho, el gran mall
al lado izquierdo, la gran fábrica
no puedo sino empezar diciendo esto:
caballo hermoso, con tu relincho desoído
animal hermoso, con tu pie intervenido
tristes se quedaron las lomas
tristes los valles, con tu partida
quién te llevó tan lejos
donde tu pie golpea el cemento
y a tus ojos escasea la mirada
quién te llevó tan lejos
a obedecer curvas y gritos programados
te olvidaste, dime
de la llanura abierta
del valle infinito
de la playa oriente
del perfumado lago,
yo te acaricio
acerco el heno a tu boca
te pego suave y silbo agudo
para que escapes

un trote

dos pasos

un suave galope

una escapada galopante

solo el viento empujando tu huida

solo la tierra apoyando tu paso

con tus ojos fugados, con tu crin serpenteante

allá vas, allá vas, allá vas, cada vez más lejos

reconociendo el olor de los potreros y más allá los valles

oliendo el pasto fresco, la cercanía de las aguas

y a la hembra bajo los árboles, junto al potrillo

reconociéndose todos

en su amarilla mirada.

GALLINA II

Camina
de un lado a otro del gallinero
en las movedizas nubes
sueña pollos invenideros
con sus plumas bajas
y sus ojos pequeños
da huevos de oro por la mañana
albos al medio día
y ocres al atardecer
la gallina que soy yo
no descansa
exigida de huevos
exigida de rejas
al amanecer abre su ojo asiático
y lo vuelve a cerrar para concentrarse
en su día humano
en su extraño día humano
picotea arena
que se desplaza por la cinta
bebe agua
que se desplaza por la cinta.
a veces sueña
muy pocas veces sueña o recuerda
un campo de espigas verdes
de píos sueltos que la siguen

y la urgen en su día gallinado
con su paso femenino respetado
y su cocoroqueo voluntario
la gallina recorre los campos
baja a las aguas
atiende a sus crías
cuando las nubes se cierran otra vez
se duerme una vez más
entre el enrejado iluminado
y la llegada diaria del camión.

SALMÓN

Si digo preso y envenenado
no habrá lector
en este paraíso de mercaderes.
Si digo que siguió soñando
con el regreso río arriba
me dirán ingenuo, es tu deseo.
Si digo salmón, salmón, salmón
solo a ti te hablo
me dirán
que a ti nada te importa.
Entonces digo
digo
salmón, salmón, salmón
de los canales azules
de los verdes lagos
de este territorio todavía inconquistado
roza con tu panza las blancas arenas
desova calmo en las piedras redondas
sube, sube, sube y elige morir
en la libertad de tu escamada
salmón, salmón, salmón, salmón
haré de tu nombre un ronco tambor
en esta noche de fuegos australes
para ahuyentar a los mercaderes
de estas nuestras soledades
de estas nuestras islas verdes
de estas nuestras flotantes casas.

Luciana Camara

JOGADAS

In memoriam de Duque, Sambara, Lorinho e Puff.

Vidas em jogo,
jogo de vidas
animais em repasse
como numa partida.

Futebol nenhum daria
esta condição:
jogue fora,
tens outra opção.

Humanos se dizem,
reais não sei, mas
a dor causada é
crime e está na lei.

Luz no caminho,
bênçãos de Anjos,
raios e faíscas:
mudanças de planos.

Aqueles ali,
agora, aqui
início de largada,
não há mais parada.

Brilho nos olhos,
imagem cintilante:
faremos disso uma
partida constante.

Luciano Prado da Silva

AL DIARIO

Al fondo, ladran los perros.

¿Qué quieren los perros al ladrar?

Anuncian el inicio y peso del día, todo santo día:

buen día al Hombre en su día a día.

Se lo tomaron el lugar de los gallos

muertos en las riñas,

tomando el lugar de los perros.

"Buenos días"

dijo la viejita a las seis

(siete, tal vez).

AHOGÁNDOME

Entran hojas
por to'los agujeros
por todos los espacios posibles,
to'las rendijas

Entran y se escapan de mi control
a cualquier control
por más que yo insista
con ser su barrendero

Entran secas
y les acompaña ahora
una arañita
y un pelo
no sé si de perro
o de gato,
más tarde me dirá
una alergia

Entran en medio a
y ya mero en el medio
del camino yo desisto,
pues...

se acumulan
y a la suciedad
en fin yo me
entrego

Entran secas
las hojas del desierto,

este espacio inmenso

que hay

y habita en mí...

Maga Lee Vegan

NOS CONFORMES

Consciência cega
Escraviza, mata e alega
Que se apoia nos conformes
Conforme ouviu dizer, conforme o seu prazer
Se nos conformes, então pode ser
Seletiva compaixão
Pede a Deus por um irmão
Mas consome um coração
Coração apavorado, coração apunhalado, coração bem temperado
Nos conformes para um prato requintado
Pregadores da moral
De conselhos elevados
Com discursos exaltado pelo bem e contra o mal
Condenando o egoísmo, execrando o extremismo, maldizendo o cinismo
Mas nos conformes para o especismo
Primitiva tradição
De uma civilização
Que ainda dorme nos conformes
Conforme faz valer a hipocrisia do querer
Se nos conformes, não quero ver, mas quero comer
Tão estranha é a razão
De quem prega a evolução
Mas se cala pra aflição
Aflição dos esquecidos, aflição dos desvalidos, aflição dos excluídos
Nos conformes para o império dos sentidos
Pregadores da moral
De conselhos elevados
Com discursos exaltado pelo bem e contra o mal
Condenando o egoísmo, execrando o extremismo, maldizendo o cinismo
Mas nos conformes para o especismo
Muitas coisas me são lícitas

Porém nem todas me convêm

O “não matarás” te diz o quê?

Diz pra mim que não convém matar ninguém

Todo ser senciente é alguém

Toda vida que suplica compaixão, também

Então, meu irmão, que assim seja

Amém!

O AÇOUGUE

Açougue é necrotério
Congelador congela a dor
Tradição é refrigério
Na ação cruel do matador
No coxão mole acebolado
A relaxada compaixão
No colchão duro amaciado
Adormecida emoção
Tem bisteca e tem moela
Se esquarteja e se congela
Tem peito e coração
Tem costela pro feijão
O forno é crematório
Onde se assa uma vida
A grelha é acessório
Pra dourar pele e ferida
No tempero delirante
Odores entorpecidos
Na fumaça alucinante
O império dos sentidos
Tem coxa e tem asinha
Qualquer parte da galinha
Tem sardinha e camarão
Tem cadáver de montão
A ceia é o velório
Jaz, ali, mais um finado
Ventre é repositório
De um ente assassinado
A família ignora
A sina do inocente
E rezando ela devora

Vísceras de um senciente
Tem entranhas pra buchada
E suína barrigada
Leitãozinho pendurado
Baby beef desmamado
Tem fraldinha e tem paleta
Tem picanha e tem chuleta
Tem torpor e hipocrisia
Nosso pão de cada dia

O CORREDOR

No corredor da inconsciência corre a dor
Processo sucessório do reboque
No corredor há violência e torpor
Da alma cuja mão desfere o choque

No final do corredor há uma sentença
Que se cumpre no transpor de uma porta
No final do corredor há uma licença
Pra que a vida em agonia seja morta

O corredor da convivência é bem seguro
Concreta construção, concreta escravidão
O corredor da prepotência é tão escuro
Antítese de amor e compaixão

Pela densa arquitetura do deus ego
Passa boi e passa toda uma boiada
Tristes réus de um horizonte cego
Onde a vida que suplica vale nada

Do senciente reticente e impotente
A acústica do muro abafa o choro
Alienação sempre tão conveniente
Ao processo tão oculto do decoro

No fim do corredor tinha uma porta
Que para o holocausto se abriria
Depois daquela porta, carne morta
Que a fome do especismo nutriria

BOI, BOI, BOI

Boi, boi, boi, boi da cara triste,
Teu olhar suplica a compaixão, se ela existe.
Boi, boi, boi, boi de sentimento,
Teu coração dispara ao pressentir o vil momento.

E você, que crê que ainda existe compaixão,
Me diz por que permite que mutilem um irmão?
E você, que fala o tempo todo em amor,
Me diz porque aceita e financia tanta dor?

Boi, boi, boi, boi de passo lento,
Teu peso exagerado torna o prato succulento
Boi, boi, boi, boi que quer viver,
Embora você morra por efêmero prazer.

E você, que pede punição ao violento,
Como não vê o sangue a temperar teu alimento?
E você, que com revolta fala de maltrato,
Como não vê a crueldade livre no teu prato?

Boi, boi, boi, boi por ti lutamos,
Ainda somos poucos, mas muito nós te amamos.
Boi, boi, boi, boi és nosso irmão,
Em nome dos humanos, suplicamos teu perdão.

E você, que diz que é defensor dos animais,
Me diz porque se nega a ver que todos são iguais.
E você, que sabe disso tudo e nada faz,
Me diz porque inflama teu discurso pela paz.

Boi, boi, boi, boi o céu é teu,
Tua alma ainda vive e tua morte...
Alguém comeu.

Marcella Carvalho

CACHORRO OLHANDO PARA BAIXO

De toda a mandala de asanas
Talvez o centro seja o *adho mukha*
Desde as mais belas posturas
Como a do dançarino
Em homenagem a Shiva,
O cachorro olhando para baixo
Foi escolhido como o centro peregrino

Voltar sempre a estar em quatro apoios
Olhando para o chão
Igualar pernas, braços e cabeça
No equilíbrio, em contato com a terra
Os olhos para baixo
Não são submissão
Nem o reconhecimento de quem erra
É a captura de toda a força de um cão
Toda sua energia ativa
No seu ensimesmamento
De esticar-se ante a superfície
Escutar nela a espreita do mundo
E das sensações

O *adho mukha* ensina ao orgulhoso bípede
O despudor da imitação de um animal
Antes, a alegria de frequentar esse devir
De consolidá-lo dentro de nós
Como o enigma de uma grande verdade
Todos os dias a repetição da mesma forma
Acompanha o homem em seu trajeto
De plenitude ante o presente

Ali está a recuperação de outros movimentos

Solidariedade com o próprio organismo

Está o aguçamento da mente

Reconexão à natureza

Atravessar os mesmos nós

No abismo da gravidade

É vivenciar os vetores

Da própria vida

Aprendizado mimético

Confrontando Aristóteles

Política aberta à morfogênese

Guardando todo processo

Toda aventura

Da existência

Segredo

Do enredo

Das mesmas substâncias físico-químicas

Microhistória compartilhada

Marcelo de Oliveira Souza

O ÚLTIMO LATIDO

Deu um último latido,
Sofre o cão ferido
Por seu tutor esquecido
Ele na estrada
Foi repelido.

Quando pequeno
Por todos, preferido!
Fofinho, lindo!
A grande, maldito...

Arrancado da sua mãe
Ele foi alegrar um filho
Que sem consideração
Expulsa o bicho, referido.

Ele não entende nada
Como seu amor não vale?
Correndo atrás do seu tutor
No meio daquela estrada.

Com fome e com sede
Ele espera o tempo passar
E num último latido
Seu corpo tomba...
Até o primeiro urubu
Sentir a sua sombra
Festejar entusiasmado
A carcaça do bicho
Que assombra.

Pedro Panhoca da Silva

ANIMAUTOMIA

Não tem sentido

apanhar para aprender

capar pai de família

procriar por negócio

ter a gênese transformada em mantimento

encurtar a coluna por estética

perder o pé por culpa da sorte

equiparar-se a bagagens

(ainda) participar da rinha

ser desejado pelo seu exotismo

sofrer para divertir o alheio

ser caçado sem saber por que

viver sem liberdade e vigiado longe de casa

objetificar-se

a morte equivaler a um pedaço de carne

Eles também querem ser donos de si

Roberta Alves Bello

O ser humano
com toda a sua humanidade
tem tratado os animais
com a mais pura crueldade

Domesticam o lobo
para que com ele cace animais indefesos
e criam, então, o cachorro
com raças, portes e
um monte de adereços
O próprio cão é um adereço!

Aproveitam a docilidade da vaca,
para que o leite lhe possam roubar
E o seu próprio filhote
de sua teta não pode mamar
Foi "feito" para o abate,
sua garganta vão lhe cortar

Os porcos, amontoados,
decerto se mutilarão
Além de todo sofrimento,
o ser humano causa, com isso,
uma catastrófica poluição

E as galinhas, então?
Qual delas deu autorização
para tirar-lhes os bicos,
as penas, os ovos,
e até a própria visão?

Ficam enclausuradas

até não mais prestarem
Elas também são exploradas,
para os seus ovos furtarem

E como alguém pode afirmar
que o peixe não sente dor,
se, quando arrancado do mar,
asfixia-se e tenta voltar
com todo o temor?

O cavalo, por que o monta,
se ele nunca lhe permitiu?
Você não vê que é mais uma afronta
por parte do seu especismo febril

Esse é só um esboço
de tudo o que eu quero dizer
Por isso, cuidado, humano,
pois os bichos também querem viver!

Pensem nas bezerras
anêmicas, inválidas
Pensem nas porquinhas
castradas, não anestesiadas
Pensem nas galinhas
sujas, debicadas
Pensem nas feridas
à custa de nada
Mas oh! Não se esqueçam
Dos seus próprios pratos
Pratos cheios de sangue,
de morte e injustiça
O prato com doença
O prato que apoia
a dor, o sofrimento
dos nossos iguais
A vida que é ceifada
de inocentes animais

Saritha Denardi Vattathara

NOITE SULINA

Ao ver essas manchas escuras
mais pretas que o fundo do poço que contemplava quando menina
correndo e acompanhando minha viagem de volta pra casa
pela janela do carro
me dá triste nostalgia.

Tempos atrás elas escondiam muita vida.

Predadores e presas

- escondidos na noite -

dançavam entre vida e morte,
festivais de selvageria noturna se manifestavam...
Aves e sapos guardiões madrugadores avisavam seus pares
e felinos silenciosos preparavam o bote a algum ser despreparado
os grilos orquestravam e os vagalumes iluminavam
os matos repletos de vida silvestre.

Hoje o silêncio reina durante a noite.

As manchas são regulares e uniformes
não há canto, grito ou grunhido algum,
apenas folhas de soja descansando molhadas.

O solo compacto espaço não tem mais para as larvas
E o cheiro de veneno substituiu o da caça.

A noite engole, mas não emociona mais,
cemitérios substituíram campos vivos,
e as horas mais selvagens da natureza já não diferem mais entre elas
e a lua chora tamanho tédio,
lamenta com saudade o antigo festim de vida e morte,
sangue e saliva,
carne e instinto.

Shery Duque Pinheiro

“O” DE ONÇA

Onça-pintada ou misterioso jaguar

Ah você não sabia ou nunca ouviu falar? Jaguar também é seu nome,
aquele que os indígenas quiseram dar.

É solitária e precisa de grandes territórios para viver

Maior felino das Américas, sempre foi temida e admirada.

Porém agora na floresta,

Homens maus estão à sua caça, matando-as apenas por prazer

Mas nós que amamos os animais não podemos aceitar

Que por ganância ou crueldade,

Maltratam nosso magnífico jaguar!

Antes que ele se torne apenas uma lenda, uma antiga história de um conto secular

Vamos aprender mais sobre ela e a todos falar

Cada pinta de onça pode ser considerada uma estrela na nossa bandeira de azul anil

Pois ela foi escolhida como animal símbolo do Brasil.

Do fundo da mata se ouve um roarrrrr é onça caçando outros bichos, para o equilíbrio ecológico restaurar.

Das estradas, fazendas, caça e tudo o mais que possa ameaçar pedimos aos ancestrais guardiões que as possam desviar.

Venha jaguar com seus dentes poderosos e porte majestoso,

Venha encher nosso tempo de beleza, poder, magia e entre as folhas da floresta silenciosamente brilhar.



Ilustração de Flora Hager.

Sigrid Renaux

três vira-latas
acompanham o catador de lixo
virando latas vazias
na praia deserta

indiferentes aos passantes
as rolas cisca
incessantes
à sombra das árvores
garça à beira-mar à procura de peixe
indiferente aos transeuntes
observa cuidadosa
as marolas à sua volta
olhar atento
o joão-de-barro cisca
incansável
no verde

alerta
o sabiá vigia as folhas da noqueira
à procura da companheira

pousados sobre fios de luz
os pássaros observam o mar

entre gotas de orvalho
e o gorjear dos pássaros
vicejam as andorinhas nas árvores da manhã
o que pensa o passarinho
pousado no telhado
olhando os pinheiros do jardim?

Tainá Ferreira dos Santos

LAGOH PRANO?

Fui jogada

estragada

cheia do úmido ar tropical

infeccionada

Empurram meu corpo feliz ladeira acima em direção aos dentes afiados LAGOH PRANO;
significa ‘CORPO FELIZ’.

“— O homem com a faca não é um inimigo, não está ali para me atacar, mas para me proteger enquanto durmo” – sussurrou o medo.

Uma pequena e poderosa adaga...

“ — Devo usar o apelido que eles têm para mim?

Sou Lagoh Prano

(e isso tampouco foi divertido para quem dormiu comigo)”

Tamires Santos

FRESCOS

Isso depois.

Os nossos peixes ficam numa espécie de vitrine.

Mas antes, ah isso é para que os nossos clientes possam conversar e confraternizar durante a espera.

E depois? comer a carne.

E depois, a cabeça, ainda “crua”, se mexe.

E depois? aquele ambiente com pratos “tudo fresco e feito na hora”.

E depois... o sobretudo sobre ela, e ele já na mesa à espera.

E depois? o casal pronto para o consumo. Cardápio vivo, eles disseram ‘Que delícia!’

Sexta-feira, dia de mesas e cadeiras de madeiras.

Mas antes, havia vidas neles. Isso antes.

Peixes.

(Agora leia de baixo para cima. Este texto/poesia possui duas interpretações/intensidades distintas conforme o fluxo da leitura).

ELES. E O VERMELHO NELES.

Eles e o vermelho neles.

Intactos.

Eles.

Moda viva?

Com certeza.

O vermelho neles e vários gritos de pedido de socorro tipo-quebra-cabeça-feito-para-silenciar/ferir...

Eles.

É.

E sobre todo aquele ambiente.

Seus olhinhos,

Sobre os pratos e os garfos.

O sangue sobre eles e todos aqueles risos,

Humanos.

(Agora leia de baixo para cima. Este texto/poesia possui duas interpretações/intensidades distintas conforme o fluxo da leitura).

Zetti Nunes

MIL VEZES MÃE

Sou aquela mesma senhora
De quatro patas – focinho
Que em dezembro 24
Assam o filho porquinho.
Festival pleno de horrores
Porca madona das dores
Todo ano – me ufano de ser.
Mil vezes te matam, te assam, te comem,
Mil vezes sou mãe
Mãe pata mãe vaca
Mãe gata mãe cabra
Mãe cobra
Coelha, ovelha, galinha
Abelha rainha.
Mãe natureza, Mãe Terra
Mãe!
Em toda beleza que esta palavra encerra!
Barraco lindo, bem-vindos!
Terra – terráqueos
Humanos – batráquios
Como se fossem um só
É pau – é pedra – é pó
Se berra ou não berra se é bicho da terra,

Dos

Ares

Dos

Mares

Com barba ou sem barba

Com rabo ou sem rabo

Com asa ou sem asa

Com teta ou sem teta

É aqui sua casa

Planeta azul borboleta

Primo – primata – macaco

Bem vindos a este mui lindo barraco

Somos todos farinha do mesmo saco.

Mãe natureza, Mãe Terra

Mãe!

Em toda beleza que esta palavra encerra!

MINIBIOGRAFIAS

Adriana Socoloski é graduada em Letras, especialista em Literatura Brasileira e Gênero e Diversidade Escolar, mestranda em Educação na Universidade Estadual do Centro Oeste (Paraná). E-mail: adrisocoloskii21@gmail.com

Adriane Cherpinski é doutoranda em Letras na Universidade Estadual de Maringá (UEM) na linha de Pesquisa Literatura e Construção de Identidades, Mestre em Letras na área de concentração em Interfaces entre Língua e Literatura (UNICENTRO, 2013), Pós-graduada em Literatura e Contemporaneidade (2008) e Gestão Escolar (2011) e Graduada em Letras Português e suas Literaturas (UNICENTRO, 2006). Dedicou-se aos estudos da Ecocrítica, especialmente no campo da literatura brasileira, com ênfase em Clarice Lispector. E-mail: adriane.cherpinski@hotmail.com

Alexandre Marcos de Abreu, 39 anos, nascido em Curitiba, ex-estudante de Letras, optou por ser cozinheiro vegano pelo amor aos animais, não consome carnes e nem seus derivados. É tutor de dois gatos. Escreve quase que diariamente (uma média de 4 a 5 vezes por semana) em seu *facebook*, textos reflexivos, poesias, também cria desenhos ligados à natureza. E-mail: contatoalexandreabreu@gmail.com

Ana Laura de Oliveira Nogueira, 22 anos, é estudante universitária de Letras pela Universidade Federal de Lavras (UFLA). Tem interesse em Filosofia da Linguagem, Discurso e Literatura. Vegana pelos animais. Musicista e poeta nas horas vagas. Tem como maior inspiração a fase modernista da poesia brasileira. E-mail: analaura.no@gmail.com

Andresa Jacobs é bióloga, educadora da área de Ciências da Natureza na rede estadual de ensino. Vegana há 10 anos, atua na defesa dos direitos animais e ambientais desde 2003. Atualmente, reside na zona rural, no Canto Gaia, com seus cães, gatos e plantas. Tem Mestrado em Educação e Ciência pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e possui Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail: andresa.jacobs@gmail.com

Ângela Lamas Rodrigues é ativista e professora associada da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Em sua pesquisa atual, dedica-se às políticas de representação dos animais não humanos nas literaturas de língua inglesa. E-mail: alrodrigues73@yahoo.com.br

Arthur H. P. Regis é Bacharel em Ciências Biológicas (UEPB) e em Direito (UEPB/UniCEUB); Mestre e Doutor em Bioética (UnB); advogado animalista; professor de Direito na Faculdade Processus; coordenador do Observatório de Direitos Animais e Ecológicos (ODAE); membro da Sociedade Brasileira de Bioética (SBB) e do Instituto Abolicionista Animal (IAA); é presidente da Comissão de Direitos dos Animais e Ambientais da Subseção de Taguatinga (OAB/DF). E-mail: prof.arthur.regis@gmail.com

Berg Morazzi, nascido em 17 de maio de 1992, em Minas Gerais, é escritor, roteirista e ativista vegano. Autor dos seguintes livros: *Sobre a lucidez e outras farsas*; *Obsolescência cotidiana*; *Isso nunca foi sobre o amor*, *Enquanto a cidade dorme* e *As flores morrem o ano todo*. E-mail: bergmorazzi@gmail.com

Bruna Araújo, nascida em Niterói, é jornalista formada pela Universidade Estácio de Sá. É membro do Núcleo de Estudos de Direitos Animais da UERJ (NEDA) e protetora

independente de animais. Foi repórter da Agência de Notícias de Direitos Animais (ANDA). E-mail: araujo-bruna@hotmail.com.

Bruno Bahia é apaixonado pelos animais em sua expressão, impressão e instigação – eles o ensinaram a olhar o mundo com delicadeza e encontrar o significado de sua existência. É também professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e, por isso, é amante dos quero-queros, borboletas e capivaras. E-mail: prof.brunobahia@gmail.com

Cássio Figueira, 51 anos, casado, 1 filha, é formado em Ecologia e pós graduado em Ecologia e Recursos Naturais. Professor do Departamento de Ciências Ambientais da Universidade Federal de São Carlos (DCA-UFSCar, Sorocaba). Tem 3 livros de poesia publicados (*A Bordo do Mundo*; *Porta Aberta*; *Parangolepsc: poesia para crianças*). É Vegano há 2 anos (mais 2 anos de vegetarianismo). E-mail: figueiracassio@gmail.com

Claudia Usai, carioca, é compositora formada na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Tem trabalhado como compositora e intérprete de trilhas sonoras e música popular; também atua em outras áreas artísticas, como roteiro e produção de vídeo. Vegana, desde 2015, tenta usar a arte como forma de ativismo e conscientização. Em 2019, lançou música e videoclipe veganos em parceria com o compositor Max Kühn. Site: <www.ClaudiaUsai.com>. *Facebook*: <www.facebook.com/ClaudiaUsai.oficial>. *Instagram*: <www.instagram.com/vegmusicclaudia>. *Spotify*: <https://open.spotify.com/artist/3WjgeyCDVg3GDqhdONIIQV?si=nXd0SCLmTb2QCpdOejf bUA>. **Trabalhos em parceria com Max Kühn**: *O Banquete* (videoclipe vegano): <https://www.youtube.com/watch?v=oY0SQDk6zGo>; *Bug no sistema*: <https://www.youtube.com/watch?v=8TsWhhULXvw>; *Pra onde as flores vão?*: <https://www.youtube.com/watch?v=Qrft1L5LbUo>. E-mail: clausaigom@hotmail.com

Cristiane Guimarães é doutoranda em Educação na Universidade Federal de Santa Catarina (PPGE/UFSC). Licenciada em Letras na Universidade Estadual de Maringá (UEM). Professora de Língua Portuguesa. Mãe do João, Melissa e Flora. Pesquisa as relações entre leitura, escrita, cotidiano e memória nas textualidades contemporâneas. E-mail: turmasdacris@gmail.com

Daniel Rossmann Jacobsen é graduando em Comunicação Social - habilitação em Jornalismo na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Atualmente, integra o grupo de pesquisa Comunicação, Consumo e Semiótica (CNPq/UFES) e o Grupo de Estudos sobre Ficção Seriada (Gefics/UFES). Pesquisa de modo interdisciplinar sobre comunicação, direitos dos animais e veganismo. E-mail: danieljacobsen.ufes@gmail.com

David Ariocho é jornalista e especialista em jornalismo cultural, histórico e literário (MTB 10612/PR). Também é o idealizador do site “Vegazeta - Veganismo em Jornalismo, História e Cultura” <https://vegazeta.com.br>; do blog de culinária vegana “Vegaromba” <https://vegaromba.com> – que deu origem ao livro homônimo e do blog “David Ariocho – Jornalismo Cultural” <davidariocho.com>. E-mail: davidariocho@gmail.com

Edilânea Carvalho é graduada em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), exerceu a docência em escolas públicas com crianças e adolescentes. Após alguns anos, ingressou na Graduação de Psicologia na Universidade CEUMA. Atualmente é psicóloga clínica, autora do livro *Espelho Meu*; idealizadora e coordenadora do projeto Ciranda da

Leitura na Sala de Espera do Centro Social Casa Padre Dehon. E-mail: edilaneacarvalho@hotmail.com

Edson Carlos Romualdo fez sua graduação em Letras, seu mestrado e doutorado na área de Filologia e Linguística Portuguesa na UNESP de Assis e seu pós-doutorado na UNICAMP. É Professor Associado da Universidade Estadual de Maringá (UEM), onde coordena o projeto de pesquisa interinstitucional “Gêneros discursivos, material didático e novas tecnologias” e, atualmente, o projeto de extensão “Frida – uma vida animal na academia”. E-mail: ecromualdo@uol.com.br

Elda Firmo Braga é budista, ecofeminista, ativista e vegana pelos animais. Mãe de 5 gatas, todas adotadas: Frida Florbela; Maya Luísa, Sunny, Aninha e Maria Vitória. Professora de Literaturas e Culturas Hispânicas na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Integra o Grupo de Atividades Interdisciplinares sobre os Animais (GAIA): <<https://m.facebook.com/gaiuem>> e participa do Núcleo de Estudos de Ética e Direitos dos Animais (NEDA): <https://www.facebook.com/pg/NEDA-UERJ-104054817731958/about/?ref=page_internal>. E-mail: elda.firmo@gmail.com

Elton dos Santos Francisco é só mais um rapaz comum com seus 23 anos de existência. Está em constante aprendizado, buscando/descobrendo seu caminho, passando por diferentes estradas. Fez curso Formação de Docentes/Magistério. No momento, graduando Letras: Português/Inglês e Literaturas Correspondentes (Licenciatura) na Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: esf.280496@gmail.com

Erorci Santana nasceu em Governador Valadares/MG, em 1960, e está radicado em São Paulo/SP desde 1974. É mestre em Letras, com proficiência em Língua e Literatura espanholas pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). É poeta, jornalista, tradutor e promotor cultural, tendo exercido os cargos de diretor, secretário-geral e editor do jornal *O Escritor* da União Brasileira de Escritores (UBE). Escreveu e publicou as obras em livro: *Carnavras* (Edição do autor, São Paulo, 1986); *Estatuta Leviana* (Edição do autor, São Paulo, 1989); *Concertos para Rancor* (Scortecci Editora, São Paulo, 1993); *Maravilha e Outros Cantares* (Alpharrabio Edições, Santo André/SP, 2001); e *O tambor subterrâneo*, inédito. Coordenou oficinas de poesia na Oficina Cultural “Luiz Gonzaga” e foi membro da comissão julgadora do Mapa Cultural Paulista, categoria Literatura, nas edições do certame compreendidas no período de 2000 a 2008, ambos projetos da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo. E-mail: erorci55@gmail.com

Evely Libanori é vegana há quinze anos e ativista dos direitos animais. Professora de Literatura na Graduação e Pós-Graduação em Letras na Universidade Estadual de Maringá (UEM). Trabalha com ética animal, poética animal, identidade humana e animal. Em ficção, publicou o livro de crônicas *Nós, Animais* (2014) e *Quem nos habita* (2019). É vice-presidente da Associação para o Estudo da Literatura e Meio Ambiente do Brasil (ASLE-Brasil): <<http://asle-brasil.com>>. Criou e coordena o Grupo de Atividades Interdisciplinares sobre os Animais (GAIA) vinculado à UEM: <<https://m.facebook.com/gaiuem>>. Email: lieveorama@gmail.com

Fabiana Burdini Margonato Pacola é aluna do curso de Letras-Português da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Desde pequena, é apaixonada por livros e histórias. Em 2003, formou-se em Farmácia pela mesma universidade e atualmente trabalha na área de Saúde Mental. Mãe de três meninos: Mateus, Leonardo e Gustavo, tem a contação de histórias como

aliada no desenvolvimento de seus filhos. A autora vê nos livros a possibilidade de apresentar às crianças uma vida repleta de significado. E-mail: fabianamargonato@gmail.com

Fabiana dos Santos é graduada em Letras Português / Inglês, com as respectivas Literaturas pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR - Campus de Paranavaí); Pedagogia e Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Atualmente, exerce a função de Coordenadora Pedagógica no Ensino Fundamental II e Tutora no Ensino Superior. E-mail: professorafabiana05@hotmail.com

Fabiana Maceno Domingos Pedrolo é agente educacional II da Secretaria de Estado da Educação do Paraná; Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Amante dos cachorros e mãe da vira-lata Sharon, adotada em 2013. Embora não pertença formalmente a nenhuma ONG protetora de animais, Fabiana está sempre procurando ajudar de alguma forma a amenizar o sofrimento de animais abandonados. E-mail: fabi.astral@gmail.com

Fausto Penteado é poeta, resenhista, fotógrafo e *freelancer*. Colaborou com os maiores jornais do país, tais como *O Estado de São Paulo*, *O Globo*, *Folha de São Paulo*, *Jornal do Brasil*. Participou em diversas expedições de aventura no Brasil. Foi instrutor de alpinismo no Clube Alpino Paulista (CAP); tornando-se sócio benemérito deste clube em 2019. O contato com a filosofia o fez amar e respeitar ainda mais os animais, a natureza e a vida. Realizou exposições de fotografias no Brasil e no exterior, tendo como principal temática a Natureza. E-mail: fausto.penteado@uol.com.br

Felipi Yamabe é estudante do curso de Letras, deseja aperfeiçoar a sua escrita para poder escrever cada vez mais. Quando sua mente pensa em mil coisas ao mesmo tempo, criar histórias o ajuda a focar em uma linha de raciocínio única, dessa forma, escrever acaba sendo um modo de concretizar seus pensamentos e de relaxar a sua mente. E-mail: felipi_yug@hotmail.com

Fernanda T. K. Yamamoto é vegana desde 2012. Formada em Psicologia na Universidade Estadual Paulista (UNESP), possui MBA em gestão Fundação Getúlio Vargas (FGV) e cursa Pós-Graduação em ensino de português para estrangeiros na Faculdade Unyleya. É consultora acadêmica, criadora de textos e anda se arriscando na arte da escrita literária. Tem um conto publicado na coletânea *Reedificações* (2019), pela editora Fafalag. E-mail: fernandatky@gmail.com

Gabriela Regina Soncini (Gaby Soncini) é mestranda em estudos literários pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), desenvolvendo atualmente um estudo sobre a figura das fadas nos contos maravilhosos e na literatura infantil. Graduada em Pedagogia também pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), tendo realizado na graduação uma pesquisa sobre os espaços das fantasias na literatura infantil, como possibilidades de projetos para o ensino de geografia. Escritora do livro *Fragments de Céu* que se encontra em formato digital na plataforma da Amazon, escritora e ilustradora do blog de fantasia *Uma doce melodia* <<http://uma-doce-melodia.blogspot.com>>. E-mail: gaby.soncini@hotmail.com

Gabriela Vidal (Gabi Vidal), sobrenome ibérico, pele preta. Nascida na cidade de nome de deus indígena Tupã-SP, crescida com os pés sujos de terra, aterrada na cidade de São Paulo. Estudante de Ciências Humanas na Universidade Federal do ABC (UFABC); aprofundando-se em economia política. Budista e bruxa, toda forma de vida para ela é igualmente sagrada e igualmente sábia. E-mail: gabrielavidalri@gmail.com

Joaquim Diogo Carvalho Cantarin tem 11 anos de idade e é estudante do 7º ano do Colégio Pólis, de Ourinhos (SP). Sua disciplina preferida é Ciências. Desde pequeno, sempre demonstrou grande respeito para com todas as formas de vida. Gosta muito do mar, de andar de bicicleta e de desenhar. Em 2019, foi o vencedor de um concurso de desenho que escolheu a mascote do colégio onde estuda, um falcão. Se pudesse ser outro tipo de animal, não humano, gostaria de ser uma raia. E-mail: cantarin@gmail.com

Johanns de Andrade Bezerra é aluno do curso Bacharelado em Matemática na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), vegano e faz parte do coletivo vegano Direito Animal cujo blog é <veganismodireitoanimal.blogspot.com>. E-mail: veganismo.direitoanimal@gmail.com

Júlia Bessa é vegana, tradutora em formação e amante da poesia, literatura e meio ambiente. Nascida em Mato Grosso do Sul, mas criada nos quatro cantos do Brasil, presenciou desde cedo a opressão humana às outras espécies, desde as formas mais sutis às mais explícitas. Traduz em poesia o sofrimento que lhe é relatado pelos protagonistas e autores de sua própria libertação. E-mail: jsilvaportelab@gmail.com

Larissa Walter Tavares de Aguiar tem Graduação e Mestrado em Letras Português pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) e Doutorado em Letras pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). É professora, com atuação no Ensino Médio, Graduação e Pós-Graduação. Todos os seus estudos acadêmicos e profissionais são voltados para a literatura e como se dá a relação entre literatura e sociedade. E-mail: larissa.tavares@colegiosantoanjo.com.br

Leonilda Gomes é defensora de animais e tutora de Lila, cachorrinha vira-lata que adora correr e saltar. Leo e Lila vivem em um canto verde do mundo, junto com passarinhos, lagartos, saguis e sapos. E-mail: leonilda89gomes@gmail.com

Leonora Lombardi es poeta y profesora de Literatura Latinoamericana en la Universidad de Playa Ancha, Chile. Doctora en Literatura por la Universidad de Stanford. Publicaciones: *Cardoscuro* (2013); *Flora y Fauna poética I* (2015); *Flora y Fauna poética II* (2017); *La casa* (2019); *Canto fluvial. Geopoética. Homenaje a los ríos.* (2019). Publicada en varias antologías. En edición: *Canto mineral. Geopoética. Homenaje a las montañas* (2020) y *Canto vegetal. Geopoética. Homenaje a los valles* (2020). E-mail: leonora.m.lombardi@gmail.com

Luciana Câmara da Silva é doutoranda em Literatura Comparada e bolsista CNPq pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pesquisadora atuante, principalmente, nos seguintes temas: literaturas, artes plásticas/visuais, cultura e sociedade. Professora de Língua Portuguesa na Rede Municipal de Ensino de Nova Iguaçu/RJ. E-mail: lhucamara@gmail.com

Luciano Prado da Silva (Rio de Janeiro, 1973) é professor de Didática e Prática de Ensino de Português-Espanhol da UFRJ; autor do poemário *Instantâneos* (7 Letras, 2000) e dos livros de contos *Aneurisma matou berimbau* (Litteris, 2009) e *Ravel – contos delicados* (Oito e

meio, 2011). Seu(s) texto(s) aqui publicado(s) faz(em) parte de sua primeira obra de poesias em espanhol: *Palabras...* (no prelo). E-mail: lucianoprasil@globomail.com

Luís Paulo Miguel é advogado, pós-graduando em Direito dos Animais no Centro Universitário Internacional Uninter; atuante na área Trabalhista; vegano; leitor de tudo o que for relacionado à diminuição ou extinção de diferenças; interessado em alertar a quem estiver perto sobre a verdade em relação aos animais, para além das propagandas. E-mail: lpmiguel.adv@gmail.com

Lyslei Nascimento é professora de Teoria da Literatura e Literatura Comparada na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutora em Letras, bolsista de Produtividade do CNPq e coordenadora do Núcleo de Estudos Judaicos da UFMG. E-mail: lyslei@ufmg.br

Maga Lee é paulista, cantora e compositora. Cantou em vários corais. Trabalhou na área de música do SESC e na Oficina Cultural Oswald de Andrade. É vegana desde 2013 e ativista Vegana desde 2015. Tem feito da poesia e da música uma forma de conscientização. Sua alma e seu canto se veganizaram pela ética e pela defesa dos animais. Canal do *Youtube*: <<https://www.youtube.com/user/mnfortes>>. E-mail: mnfortes@gmail.com

Marcella de Paula Carvalho é professora de Espanhol e pesquisa atualmente ficção científica *queer*. Também estuda as implicações filosóficas da cibercultura e as possibilidades de resistência. Começou a ter contato academicamente com o conhecimento por meio da iniciação científica e da monitoria de Literaturas Hispânicas na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Tem tido experiências fascinantes praticando ioga. E-mail: pcarvalhofdl@gmail.com

Marcelo de Oliveira Souza, IwA, é carioca radicado na Bahia. Duas vezes Doutor Honoris Causa em Literatura; organizador do Concurso Literário Poesias sem Fronteiras e Prêmio Literário Escritor Marcelo de Oliveira Souza e curador da Exposição Permanente que leva o seu nome. *Blog*: <<http://marceloescritor2.blogspot.com>>; *Instagram*: marceloescritor. E-mail: marceloosouzasom@hotmail.com

Maria Aparecida Faria é enfermeira, amante dos animais, em especial dos felinos; ativista da causa animal; protetora desde 1998, idealizadora e gestora do Grupo CAT Felinos - Controle, Acolhimento e Tratamento fundado em 2019, Instagram <<https://www.instagram.com/cat.felinos/?hl=af>>, <cat.felinos>. E-mail: mafariaoliveira@gmail.com

Max Kühn, carioca, é compositor e pianista. Graduado em composição musical pela Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro UFRJ, onde cursa, atualmente, o Mestrado Acadêmico. Ovolactovegetariano desde 2015, lançou em 2019, em parceria com a compositora Claudia Usai, música e videoclipe veganos. Spotify: <https://open.spotify.com/artist/23J2mVyQK8UmbFEARH8uMd?si=sc0BDHrPRY2Krs_sm mfLdw>. **Trabalhos em parceria com Claudia Usai**: *O Banquete* (videoclipe vegano): <<https://www.youtube.com/watch?v=oY0SQDk6zGo>>; *Bug no sistema*: <<https://www.youtube.com/watch?v=8TsWhhULXvw>>; *Pra onde as flores vão?* <<https://www.youtube.com/watch?v=Qrft1L5LbUo>>. Email: max-kuhn@hotmail.com

Michelle Joaquim é escritora, professora e militante. Mestra em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) e graduada em Letras Português/Inglês pela mesma universidade. Publica textos literários de forma independente no formato zine e por meio das plataformas *Medium*: @michellejoaquim e *instagram*: @loucamansa. E-mail: michelletmbs@gmail.com

Mira Magalhães é formada em direito desde 2009; ativista pela libertação animal; vegana. Autoras dos livros: *A filha pródiga de Deus*, pela editora Viseu, *A Lei de Deus ou a Religião?* e *O Clone de Cristo: o grande presidente da República*, estes dois últimos ainda para publicar. Interesse em propostas editoriais. E-mail: efrain_advocacia@hotmail.com

Odair Flores é poeta, radialista, autor de três livros independentes – *Flores em Verso e Prosa*, *Retalhos da minha vida*, *Por detrás das cortinas* – e fortemente apaixonado pela arte. *Instagram* <<https://www.instagram.com/poetaodairflores>>, <poetaodairflores>. E-mail: izabella.flores95@hotmail.com

Pablo Wolf Oliveira é Licenciado em Química, Mestre em Ensino de Química e atua como professor da rede estadual de educação do Rio de Janeiro. Incorporou o veganismo em sua vida há dois anos. E-mail: pablo.wolf1984@gmail.com

Paula Brügger é doutora em Sociedade e Meio Ambiente e autora dos livros *Educação ou adestramento ambiental?* e *Amigo Animal*. Foi professora Titular do Departamento de Ecologia e Zoologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) até 2019. Atualmente, coordena o Observatório de Justiça Ecológica/UFSC. Pesquisa os temas educação ambiental abolicionista; as implicações éticas e epistemológicas do paradigma mecanicista na vivissecção e na sustentabilidade. E-mail: paula.brugger@ufsc.br

Pedro Panhoca da Silva é professor do Centro Universitário Hermínio Ometto (UNIARARAS) e doutorando em Letras na Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). É autor do livro de crônicas auto ficcionais *Traumáticas e Tabus* e de dezenas de poemas publicados em antologias literárias. É também editor-colaborador da revista *Legendary Art Magazine*, resenhista de livros-jogos da revista *Alarums & Excursions*. Aprende mais com animais do que com (pseudo)intelectuais. E-mail: ppanhoca@yahoo.com.br

Regina Schöpke é filósofa e historiadora. Atua como Professora Adjunta na Pós-Graduação e Graduação em Filosofia da UERJ. É Doutora em Filosofia pela UNICAMP, Mestra em Filosofia pela UFRJ, Mestra em História Medieval pela UFF, com Pós-Doutorado em Filosofia pela PUC-PR. É autora dos livros *Por uma filosofia da diferença: Gilles Deleuze, o pensador nômade (EDUSP/Contraponto)* - finalista do Prêmio Jabuti, na categoria Ciências Sociais -, *Matéria em movimento - A ilusão do tempo e o eterno retorno (Martins Fontes)*, *Dicionário Filosófico (Martins Fontes)*, entre outros. É tradutora de diversos livros de filosofia e ciências humanas e foi, durante anos, resenhista em jornais de grande circulação. Criou o NEDA, Núcleo de Estudos de Direitos Animais no final de 2019, o primeiro grupo a abordar a questão da libertação animal no curso de filosofia da UERJ, estando, desde muitos anos, ligada à causa animal, seja no âmbito da produção intelectual, seja atuando diretamente na proteção aos animais em estado de abandono. E-mail: schoepke@uol.com.br

Roberta Alves Bello é graduada em Filosofia pela UERJ e mestranda em Ética e Filosofia Política na mesma universidade. Aos doze anos de idade optou pelo vegetarianismo e há cinco

é vegana. Resgata animais de rua e tenta em todas as áreas de sua vida abordar a questão animal. E-mail: roberta_rpm@hotmail.com

Rosane Manfrinato é um ser em constante processo de reconexão com a natureza. Seu encantamento pela Literatura, incitou-a a cursar a Faculdade de Letras, na qual é graduada, licenciada e mestre, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). É professora do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ). Seduzida pelo crescente diálogo entre Estudos Literários e Estudos Animais, dedica-se à leitura e pesquisa na área. Em consonância, integra o Núcleo de Proteção Animal e Meio Ambiente (NUPAMA). Participa de uma rede de saberes e práticas referentes ao reflorestamento sintrópico. Atualmente, cursa pós-graduação e formação em Arteterapia, uma resposta ao seu ininterrupto transcurso de reinvenção e recriação por meio da arte. E-mail: rosane.manfrinato@hotmail.com

Saritha Denardi Vattathara é agrônoma formada pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e mestranda em Desenvolvimento Rural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Estuda mineração, questão ambiental, conflitos socioambientais e economia ambiental. E-mail: sarithadenardi@gmail.com

Sasha Otter née en 1982, est anthropologue et s'intéresse à la question des marges. Elle développe également des travaux autour de la notion de *mignonnerie* et de ses représentations. Sasha a longtemps vécu à Paris et s'est récemment installée à la campagne, quelque part en France, entourée de chèvres et de poules.

Shery Duque Pinheiro é bióloga e Mestre em Biologia e Comportamento Animal pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Há 20 anos, estuda o comportamento de preguiças que ocorrem no Brasil. Associando o conhecimento científico, o amor pelos animais e sua experiência como professora nos diversos níveis de ensino, vem atuando em diferentes meios para transmitir conhecimento sobre os animais e seu modo de vida, em uma linguagem lúdica e de fácil entendimento. E-mail: sherydpinheiro@yahoo.com.br

Sigrid Paula Maria Lange Scherrer Renaux é Licenciada em Letras Neolatinas na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e Anglo-Germânicas na Pontifícia Universidade Católica (PUC/PR). Mestrado em Estudos Anglo-Americanos na Universidade de São Paulo (USP), Doutorado em Lit. Norte-Am. e Inglesa na USP. Pós-doutorado na Univ. de Chicago, com cursos nas univ. de Montpellier, Oxford, Lancaster e Cambridge. Profa. titular de Lits. de L. Inglesa da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e de Teoria Literária da Centro Universitário Campos de Andrade (UNIANDRADE - Curitiba). Publicou traduções de contos; crítica literária acerca de poetas, romancistas e dramaturgos de língua inglesa. Recebeu o XVI Prêmio Apollo Tabor da França de Lit. 2007 do *Rotary Club*. E-mail: sigridrenaux@gmail.com

Sinara Foss é Mestra em Literaturas de Língua Inglesa pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), tradutora e professora de inglês. Fez oficinas literárias com Assis Brasil, Charles Kiefer e Marcelo Spalding. Tem vários livros publicados com a temática dos animais. Atualmente, escreve contos de Realismo Fantástico. E-mail: sinaragfoss@gmail.com

Siomara A. da Gama é professora aposentada de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira - Secretária Estadual da Educação de São Paulo e Secretária Municipal de Educação de São Paulo. Formada em Pedagogia com especialização em Literatura Brasileira, Educação Inclusiva e Novas Tecnologias na Educação. E-mail: ssaramago@hotmail.com

Stephanye Beatriz Padovani Barbosa é aquela cujo coração sangra por conta de todo sofrimento pelo qual passam os animais. Nascida em 29 de dezembro de 1997, tem 22 anos e é mãe do Pipoca, Bernardo e Quiabo, respectivamente cão, bezerro e gato que lhe acompanham a vida. Vegana, cursa último ano de Letras Português/Inglês na Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: stephanhyebia29@gmail.com

Suélen D. é formada em Letras Português/Inglês. Mestranda em Estudos Literários. Escrever é – sobretudo – transbordar a sua incompreensão do mundo. E-mail: suelendominguesoliveira@gmail.com

Tainá Ferreira dos Santos. A felicidade exige valentia. No RG está por Tainá Ferreira dos Santos, mas se encontra sob codinome beija-flor por Gia Geórgia. Tem 24 anos. Mora na cidade interiorana São Manuel-SP. Vegetariana, mas caminhando para o veganismo. É Design Social e está com amor para a fotografia. Estudou roteiro e produção; cursa bacharelado em Administração na UNIP. É membro do time *Mercy For Animals* em Heróis pelos Animais. E-mail: gia.tats.navidareal@outlook.com

Tainá Morais é psicóloga, amante dos animais, em especial, dos felinos, ativista da causa animal e protetora desde 2014, vegetariana desde 2002, coidealizadora do Grupo CAT Felinos - Controle, Acolhimento e Tratamento, fundado em 2019, Instagram <<https://www.instagram.com/cat.felinos/?hl=af>>, <cat.felinos>. E-mail: tainafms@gmail.com

Tamires Ferreira dos Santos, de nome artístico Char Santos, é vegetariana, tem 24 anos, brasileira, botucatuense, São Manuel – SP interior. Membro do time *Mercy For Animals* – Heróis pelos Animais. *Yes. Because girls don't just want to have fun!* Cursa bacharelado em Administração na Universidade Paulista (UNIP). É Técnica Publicitária, Design Social, Promotora Legal Popular de Botucatu e Produtora Audiovisual. Encantada e avante. E-mail: char_s_publicite@outlook.com.br

Viviane Conceição Antunes é Bacharel e Licenciada em Português-Literaturas de Língua Portuguesa (1997) e em Português-Espanhol (2000), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Mestre em Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2002), e Doutora em Letras Neolatinas (opção Espanhol), Universidade Federal do Rio de Janeiro (2009). Atualmente, é professora de Língua Espanhola da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Dedicase ao ensino de Espanhol, no âmbito da Argumentação e dos Estudos Sintáticos, principalmente no que concerne ao uso pronominal, bem como sua relevância à competência tradutória. Desenvolve seus trabalhos sob o viés do interculturalismo crítico, da decolonialidade e do afrohispanismo. E-mail: vivianecantunes.ufrjr@gmail.com

Weslei Candido é Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista (UNESP - Assis), Pós-doutor em Letras pela Université Lumière Lyon 2 e professor do Curso de Letras da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Autor de *Memória das Palavras (poesia)*, *José de Alencar: sou americano para o que der e vier* e *O instinto de americanidade em Fagundes Varela (1841-1875)*. E-mail: weslei79@gmail.com

Zélia M. Bora é Doutora em Estudos Brasileiros e Portugueses (Brown University USA). Escritora e Poetisa. Autora de *A grande Grande Mãe e Outros Poemas*, *De Heloisa para Abelardo*, *Poemas Nunca Escritos* (2008) e *Poemas das Cidades Mortas e dos Pequenos*

Seres Invisíveis (2013). É professora Titular na UFPB, presidente da Associação para o Estudo da Literatura e Meio Ambiente do Brasil (ASLE-Brasil): <<http://asle-brasil.com>> e **editora** da Revista Interdisciplinar de Literatura e Ecocrítica (RILE): <http://asle-brasil.com/?page_id=647>. E-mail: zeliambora@gmail.com

Zetti Nunes. Desde 1943 que aqui cheguei ainda não me acostumei. É que do planeta de onde vim feijão+arroz não é = a 2, lá, 1+1 é = a 1. No mais, decifre-me se for capaz. Agora, com 77 anos pai de três filhos: *Somos 1 (livro 1)*; *Somos 1 (livro 2)* e *Somos 1 (livro 3)*, dei a luz aos três não do ventre, mas do coração que nasceram. Ouçam o que eles dizem porque eles saíram de minhas profundezas. Blog <<http://zettinunes.blogspot.com>>. E-mail: scorpiaorei27@hotmail.com